

M. J. ARLIDGE

Autor bestseller internacional

**MAL
ME
QUER**

**NEM NO INFERNO
SE VÊ UMA FÚRIA ASSIM**

«Sinistro e de leitura compulsiva.»

THE TIMES

**TOP
SEL
LER**

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

Índice

[Folha de rosto](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Capítulo 80](#)

[Capítulo 81](#)

[Capítulo 82](#)

[Capítulo 83](#)

[Capítulo 84](#)

[Capítulo 85](#)

[Capítulo 86](#)

[Capítulo 87](#)

[Capítulo 88](#)

[Capítulo 89](#)

[Capítulo 90](#)

[Capítulo 91](#)

[Capítulo 92](#)

[Capítulo 93](#)

[Capítulo 94](#)

[Capítulo 95](#)

[Capítulo 96](#)

[Capítulo 97](#)

[Capítulo 98](#)

[Capítulo 99](#)

[Capítulo 100](#)

[Capítulo 101](#)

[Capítulo 102](#)

[Capítulo 103](#)

[Capítulo 104](#)

[Capítulo 105](#)

[Capítulo 106](#)

[Capítulo 107](#)

[Capítulo 108](#)

[Capítulo 109](#)

[Capítulo 110](#)

[Capítulo 111](#)

[Capítulo 112](#)

[Capítulo 113](#)

[Capítulo 114](#)

[Capítulo 115](#)

[Capítulo 116](#)

[Capítulo 117](#)

[Capítulo 118](#)

[Capítulo 119](#)

[Capítulo 120](#)

[Capítulo 121](#)

[Capítulo 122](#)

[Capítulo 123](#)

[Capítulo 124](#)

[Capítulo 125](#)

[Capítulo 126](#)

[Siga Pinguim](#)

[Página de direitos autorais](#)

MJ Arlidge

NÃO ME AME

Conteúdo

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Capítulo 58](#)

[Capítulo 59](#)

[Capítulo 60](#)

[Capítulo 61](#)

[Capítulo 62](#)

[Capítulo 63](#)

[Capítulo 64](#)

[Capítulo 65](#)

[Capítulo 66](#)

[Capítulo 67](#)

[Capítulo 68](#)

[Capítulo 69](#)

[Capítulo 70](#)

[Capítulo 71](#)

[Capítulo 72](#)

[Capítulo 73](#)

[Capítulo 74](#)

[Capítulo 75](#)

[Capítulo 76](#)

[Capítulo 77](#)

[Capítulo 78](#)

[Capítulo 79](#)

[Capítulo 80](#)

[Capítulo 81](#)

[Capítulo 82](#)

[Capítulo 83](#)

[Capítulo 84](#)

[Capítulo 85](#)

[Capítulo 86](#)

[Capítulo 87](#)

[Capítulo 88](#)

[Capítulo 89](#)

[Capítulo 90](#)

[Capítulo 91](#)

[Capítulo 92](#)

[Capítulo 93](#)

[Capítulo 94](#)

[Capítulo 95](#)

[Capítulo 96](#)

[Capítulo 97](#)

[Capítulo 98](#)

[Capítulo 99](#)

[Capítulo 100](#)

[Capítulo 101](#)

[Capítulo 102](#)

[Capítulo 103](#)

[Capítulo 104](#)

[Capítulo 105](#)

[Capítulo 106](#)

[Capítulo 107](#)

[Capítulo 108](#)

[Capítulo 109](#)

[Capítulo 110](#)

[Capítulo 111](#)

[Capítulo 112](#)

[Capítulo 113](#)

[Capítulo 114](#)

[Capítulo 115](#)

[Capítulo 116](#)

[Capítulo 117](#)

[Capítulo 118](#)

[Capítulo 119](#)

[Capítulo 120](#)

[Capítulo 121](#)

[Capítulo 122](#)

[Capítulo 123](#)

[Capítulo 124](#)

[Capítulo 125](#)

[Capítulo 126](#)

Siga Pinguim

1

07.05

Southampton brilhava vermelho sangue. Era uma manhã fresca de outono, a geada ainda era crocante no solo, mas uma luz quente estava caindo sobre a cidade enquanto o sol se erguia no horizonte. Era uma visão incrivelmente bela e Sonia Smalling sorriu para si mesma enquanto dirigia ao longo da tranquila estrada rural. Dias como esse deixavam você feliz por estar vivo.

Sonia trabalhava em Southampton há quase dez anos, mas nunca havia escolhido morar lá, preferindo os ritmos calmos e sem pressa da vida da aldeia. Ela morava perto de Ashurst, nos limites de New Forest, e não gostava mais do que levar os cães para passear ao amanhecer. Seu marido, Thomas, costumava acompanhá-la e, ocasionalmente, os meninos também, quando podiam ser persuadidos a sair da cama. Com o sol baixo no céu, teria sido um dia glorioso para saltar pelos caminhos estreitos e arborizados com seus dois setters vermelhos, mas Sonia teve que renunciar a esse prazer esta manhã. Ela tinha um novo conjunto de filhos a partir de hoje e queria estar no escritório mais cedo para garantir que tudo corresse bem.

Não foi um trajeto difícil, apesar do trânsito inevitável na A336, e quando Sonia estava voando pelas estradas do interior assim, ela estava perfeitamente feliz. Ela tinha sua estação de rádio favorita tocando, o aquecimento estava no máximo e ela estava curtindo o barulho de seu novo Audi. Estranhamente para ela, ela não tinha

optado pelo modelo básico, saqueando suas economias para comprar a versão esportiva. 'Viva um pouco' foi o seu argumento para o marido bastante perplexo.

A estrada estava limpa, então ela pisou fundo. Apesar da geada, seus pneus aderiram à estrada e o carro acelerou. Ela olhou para o relógio - 7h05 - e percebeu que estaria no trabalho ainda mais cedo do que o normal hoje. Isso deve manter seu chefe longe dela.

Ela ergueu os olhos e imediatamente congelou. Uma mulher estava parada na estrada, bem à sua frente, gritando e agitando os braços. Instintivamente, Sonia pisou fundo no freio. Mas ela já sabia que era tarde demais - ela batera na mulher e seria sua culpa por dirigir muito rápido. Naqueles poucos e preciosos segundos, ela viu a coisa toda - o impacto horrível, seu corpo despedaçado - mas para sua enorme surpresa, o carro parou de repente, a poucos centímetros da mulher apavorada.

Sonia ficou imóvel, o coração batendo forte, a cabeça latejando. Mas a mulher já havia contornado o carro e estava batendo na janela.

'Por favor, me ajude . . Você *tem* que me ajudar.'

Sonia se virou para ela, tentando entender o que estava acontecendo. A mulher estava vestida com calças de combate e um sobretudo. Pela viseira aberta de seu capacete, Sonia pôde ver um pequeno filete de sangue escorrendo pela têmpora.

'Meu namorado, ele desceu da bicicleta. Ele não está se movendo . . '

Sonia deu uma olhada na estrada e teve seu segundo choque da manhã. À frente deles estava uma motocicleta amassada e ao lado uma figura, imóvel no meio da estrada.

A mulher estava chorando, tremendo e desesperada, então, gesticulando para que ela se afastasse do carro, Sonia soltou o cinto de segurança e desceu. Sonia ainda estava bastante abalada, mas como havia sido treinada em primeiros socorros, era seu dever ajudar. Olhando para trás para verificar se a estrada estava livre, ela correu para o homem, rezando para si mesma para que os ferimentos não fossem graves. Ela tinha visto muitas coisas em sua vida, mas nunca teve ninguém morrendo por ela.

'Você pode me ouvir?'

Ajoelhando-se na pista fria, Sonia rolou suavemente de costas. Sua viseira estava quebrada, seus olhos fechados e Sonia já temia o pior.

'Ele está ok? Ele vai ficar bem? '

Sonia ignorou a namorada tagarela, levantando a cabeça dele do chão. Ele ainda se sentia quente, o que era alguma coisa, mas permaneceu indiferente, com a cabeça pesada na mão dela.

"Tudo vai ficar bem", ela continuou para o homem ferido.
- Mas preciso que você fale comigo.

Ainda sem resposta. Sonia tentou aliviar a viseira, mas ela não se mexeu.

- Você consegue ouvir o que estou dizendo?

Ainda nada, então ela tentou novamente, mais alto.

'Você pode ouvir o que estou dizendo para você-'

Seus olhos se abriram, fixando-se nos dela.

- Alto e claro, querida.

Então ele dirigiu seu punho em seu rosto.

2

07.08

O estacionamento subterrâneo estava escuro e sombrio. Em pouco tempo, estaria cheio de jovens profissionais correndo para seus carros, mas àquela hora estava sem vida e hostil, iluminado apenas pelas luzes piscantes. Helen Grace era uma figura solitária enquanto caminhava pelo concreto manchado de óleo, as luzes fluorescentes dançando sobre suas roupas de couro de bicicleta.

Ela caminhou rapidamente até sua nova bicicleta, que ficava orgulhosa na baia 26.

Helen não era propensa a extravagâncias, mas decidiu tratar-se por conta de seus problemas recentes. Ela havia recebido uma grande quantia em compensação, após sua prisão e prisão injusta, e decidiu fazer uso dela. Ela doou a maior parte do dinheiro para uma instituição de caridade infantil local, mas desperdiçou o resto em uma única compra - uma nova Kawasaki Ninja.

Ela estava feliz com sua companhia esta manhã. A prisão não a quebrou, mas deixou uma marca profunda. Ela lutou para dormir, descobrindo que o silêncio em seu apartamento no último andar era sufocante e, quando conseguiu cochilar, foi atormentada por pesadelos terríveis. Nesses sonhos, ela estava de volta à cela, assustada e desesperada. Às vezes, os fantasmas de Holloway desfilavam diante dela - os presidiários assassinados castigando Helen por não ter conseguido salvá-

los. Em outras ocasiões, era sua irmã, Marianne, que vinha até ela, apelando para que Helen se juntasse a ela

na morte. Horrorizadamente, Marianne parecia não ser como Helen gostava de se lembrar dela, mas sim como estava no final - o buraco de bala em sua testa estava úmido e brilhante.

Helen acordava desorientada e suando, seu medo persistindo muito depois que essas visões terríveis tivessem desaparecido. Ela sempre amou seu pequeno apartamento, mas nove meses depois de sua libertação, muitas vezes parecia pequeno, até opressivo. Helen sabia que estava tudo em sua cabeça, que sua casa aconchegante sempre tinha sido seu santuário, mas não havia como negar que sua respiração rasa ou as batidas furiosas de seu coração quando ela acordou assustada com esses sonhos febris. Helen não tinha tido um ataque de pânico total ainda, mas ela sentiu que um estava chegando, então sempre que sentia seus níveis de ansiedade aumentarem, ela fugia. Desceu para o porão e seguiu para sua bicicleta. Somente quando ela estava montada, seus sentimentos sombrios começaram a recuar.

Ela não era mais uma prisioneira, mas às vezes ela só precisava *sair* . Razão pela qual ela ansiava pelo amanhecer, quando o dia era novo e esperando para ser aproveitado. Saindo do suporte, ela esperou que o portão subisse, então, puxando o acelerador para trás, rugiu para fora e para a luz.

07.09

Ela correu para trás o mais rápido que pôde, lutando pela pista. Suas pernas estavam arranhadas, as unhas rachadas, mas Sonia continuou avançando, enquanto seu agressor avançava sobre ela. Sua cabeça estava girando, seus olhos estavam cheios de lágrimas e ela podia sentir o sangue escorrendo de seu queixo.

Tudo o que ela queria fazer era deitar e chorar - mas o instinto a impulsionou. Ela tinha que se afastar dele.

Ela ficou tão chocada quando ele abriu os olhos que não conseguiu ver seu punho voando em sua direção. Tarde demais ela percebeu o perigo e momentos depois sentiu que estava caindo para trás. Seu nariz estava quebrado com certeza e a parte de trás de sua cabeça estava pegajosa também, onde havia batido com a estrada. Ela queria vomitar, podia sentir o vômito subindo em sua garganta, mas forçou-o de volta para baixo, enquanto lutava para escapar.

Ela tentou se virar, ficar de quatro, mas a bota dele acertou seu peito com força, forçando-a a ficar de costas mais uma vez. Ainda assim, ela continuou se movendo, mas sua cabeça de repente foi preenchida com visões do que ele poderia fazer com ela nesta estrada rural tranquila - coisas que ela tinha lido nos jornais, coisas que ela havia encontrado em seu ramo de trabalho. Ela havia encontrado tantas vítimas em seu tempo, mas ela nunca pensou que ela iria realmente *ser* um.

Ele estava rindo agora. A mulher também. O ódio se espalhou por Sonia. Eles *não* tinham o direito de fazer isso com ela. Para atraí-la de seu carro. Para vencê-la.

Para intimidá-la dessa forma. Ela era uma mulher adulta com um trabalho responsável - um trabalho que rendeu. Ela também era uma esposa, uma mãe . .

Suas costas estremeeceram fortemente com algo atrás dela, tirando Sonia de seus pensamentos amargos. Virando-se, ela registrou que colidiu com seu próprio carro, bloqueando sua rota de fuga. Aterrorizada, ela voltou seu olhar para seu agressor, que agora parou a alguns metros dela. Ele parecia perfeitamente calmo, até relaxado. De repente, Sonia ficou petrificada, sua postura parecendo apenas ameaçar coisas ruins.

'Eu posso te dar dinheiro . .' ela de repente se viu dizendo. 'Eu tenho dinheiro, cartões de crédito . . Leve o carro, se você quiser . .'

Ela gesticulou para o Audi atrás dela, um sorriso fraco e implorante no rosto. Mas o homem não reagiu absolutamente, olhando para ela intensamente.

- Tenho uma joia, um anel de diamante, um colar. Pegue-os, você pode vendê-los, por favor . . *por favor* , deixe-me ir . . '

O homem olhou para ela por um momento, então balançou a cabeça suavemente.

'Não posso fazer isso, infelizmente . .'

Enquanto falava, ele puxou algo de dentro de sua jaqueta e apontou para ela. Para seu horror, Sonia percebeu que agora estava olhando para o cano de uma espingarda serrada. Ela tentou falar, mas perdeu o fôlego e só conseguiu ouvir impotente enquanto ele concluía:

'Este é o fim da estrada, querida.'

07,17

O vento soprou sobre ela, esbofeteando seu corpo. Helen estava confortavelmente excedendo o limite de velocidade, mas ainda assim ela não cedeu. A estrada estava limpa e ela estava no comando, de sua máquina, de si mesma.

Sua vida era tão complicada, seu trabalho tão exigente, que esses momentos do início do dia eram os únicos que ela tinha para si mesma. Seu chefe anterior, o detetive superintendente Jonathan Gardam, havia deixado a polícia logo após a libertação de Helen da prisão. Isso foi um grande alívio para Helen, que não tinha vontade de enfrentá-lo, mas não previra as complicações que se seguiriam. Nove meses depois, os poderes constituídos ainda não haviam apontado seu sucessor, deixando Helen para cobrir aquele cargo, assim como o dela.

Anteriormente, ela poderia ter encolhido os ombros, apoiando-se nas pessoas abaixo dela para ajudar a carregar o fardo. Helen sempre foi uma líder de equipe popular e eficaz, mas desde sua prisão tudo mudou. Um ano atrás, Helen havia sido investigada e presa por sua própria equipe, o detetive Sanderson liderando a acusação de levá-la a julgamento por um triplo homicídio. Talvez tenha sido feito com a melhor das intenções, mas abalou Helen profundamente. Sua equipe - a quem ela havia inspirado, encorajado e, em alguns casos, promovido - se voltou contra ela. Muitos dos envolvidos ainda trabalhavam em Southampton Central, mas agora eles lutavam para olhar nos olhos dela. Charlie Brooks foi uma exceção notável - sua fé em sua amiga nunca vacilou -, mas Helen achava que trabalhar

com o resto da equipe era profundamente difícil. Eles eram obedientes, responsivos, até leais - mas era difícil para Helen confiar neles, seu senso de traição ainda era agudo. Talvez ela devesse ter mudado, mas Southampton era sua casa, então ela decidiu ficar. Mais e mais nos dias de hoje, ela estava questionando a sabedoria dessa decisão.

Foram esses momentos que a mantiveram sã. Quando ela poderia rasgar ao longo das estradas rurais tranquilas, quando fosse apenas ela e os elementos. A velocidade sempre foi sua amiga, parecendo alterar o mundo ao seu redor, diminuir sua importância. Ela amou a sensação que andar de bicicleta deu a ela, como se ela estivesse flutuando -

Saiu do nada. O hatchback preto rugiu em sua direção, sem intenção de parar.

Helen só teve um segundo para reagir, mas largando o corpo e puxando o guidão para a direita, ela conseguiu se esquivar do impacto com um bigode. O carro passou rápido, seu jato desestabilizando Helen ainda mais, enquanto sua bicicleta balançava em direção à beira da estrada. Ela estava a apenas alguns segundos do impacto agora, mas puxando os freios, ela pisou com o pé esquerdo, mais em esperança do que em expectativa. A moto empinou e balançou, os pneus cantando enquanto ela derrapava na pista, antes de finalmente parar perto da margem gramada.

Helen lançou um olhar furioso para o carro que se afastava, cujo motorista parecia totalmente despreocupado com este quase acidente. Girando sua bicicleta, Helen se preparou para rugir atrás do veículo ofensivo, com a intenção de levá-los à justiça. Mas, ao

fazê-lo, algo a fez parar. Em sua visão periférica, ela viu uma forma na estrada à frente. Seu primeiro instinto foi que provavelmente era um texugo ou uma raposa, ceifado pelo motorista imprudente, mas quando ela se virou para

observá-lo corretamente, Helen percebeu que era uma mulher, deitada de costas no meio da estrada .

Sem hesitar, Helen deu meia-volta com a bicicleta e correu em sua direção. Ela devorou o chão em segundos, saltando da bicicleta e correndo até a figura deitada.

Com o capacete removido, Helen se abaixou para ministrar à mulher ferida, cujo rosto estava generosamente manchado de sangue.

'Tudo bem. Eu sou um policial. E estou aqui para ajudá-lo - disse Helen baixinho, apoiando a cabeça da mulher com uma das mãos e puxando o rádio da polícia com a outra.

A mulher tentou responder, mas uma grande quantidade de sangue jorrou de sua boca. Ela estava sufocando agora e Helen tentou levantá-la, para aliviar a pressão em suas vias respiratórias. Ao fazer isso, o coração de Helen deu um pulo.

Observando os ferimentos da mulher totalmente pela primeira vez, Helen viu que havia um enorme buraco em seu peito. Não foi um acidente de viação.

Mantendo seu domínio suave, Helen pediu ajuda pelo rádio, mas ela já sabia que era inútil. Os ferimentos da mulher eram muito graves - Helen a alcançou tarde demais. A mulher estava se agarrando à vida, tentando sussurrar algo para ela. Ela ergueu a cabeça, seus lábios ensanguentados murmurando uma palavra sem fôlego e

incompreensível, então de repente ela caiu para trás, desabando sobre si mesma.

Helen continuou a abraçá-la, mas a luta acabou.

A mulher estava morta.

5

07,21

Seu café estava frio e sua carreira ainda mais fria. Emilia Garanita sentou-se curvada sobre a mesa, olhando para o monitor, incapaz de reunir forças para terminar o triste artigo em que estava trabalhando. Era cedo, mas o escritório do *Southampton Evening News* estava se enchendo rapidamente, os níveis de ruído aumentando continuamente, enquanto os jornalistas reunidos começavam a trabalhar. A maioria das pessoas achava a atmosfera amigável, até empolgante, mas ela não. Se você tivesse dito a ela há um ano que ela voltaria a este lugar, ela teria rido da sua cara. Seguindo seu furo no infame caso de assassinatos S&M, que levou diretamente à prisão de Helen Grace, ela fugiu para Londres para fazer seu nome. Um futuro brilhante esperava . . até que descobrimos que ela apostou no cavalo errado. Às vezes Emilia desejava sinceramente nunca ter cruzado com o irreprimível detetive inspetor.

O trabalho para os jornais havia acabado primeiro, mas logo depois os tabloides se cansaram dela também. Quando ela ficou sabendo da vida de Helen Grace na prisão, todos queriam falar com ela, imprimindo avidamente os artigos que evisceravam o bom nome de Grace. Quando ficou claro que o oficial injustiçado era totalmente inocente, as pessoas não conseguiram largar Emilia rápido o suficiente.

Ela tinha ficado na capital pelo tempo que os fundos permitiam, mas como seus numerosos irmãos ainda moravam em Southampton e dependiam dela

financeiramente, ela foi forçada a voltar para casa para implorar ao antigo editor que voltasse seu antigo emprego.

- Como você está indo com esse artigo?

Emilia se virou e encontrou seu chefe parado na porta de seu escritório, olhando para ela.

- Não falta muito - respondeu Emilia, amaldiçoando em particular seu coração negro.

Ele não havia devolvido a ela seu antigo emprego, é claro, pois o cargo já havia sido preenchido. Mas ele encontrou outra coisa para ela - um trabalho de trainee glorificado - para que ele pudesse se gabar de sua queda em desgraça. Sua sucessora recebia todas as histórias de crimes picantes, enquanto ela se contentava com artigos sobre esquemas de Vigilância do Bairro ou demonstrações de segurança doméstica. A cópia na frente dela era sobre uma recente onda de graffiti em Southampton - não algo para deixar o pulso do leitor - ou de Emilia -

acelerado.

Batendo no relógio teatralmente, o editor dela retirou-se para o escritório. Ele sabia que ela estava lutando com seu artigo e só queria que ela soubesse que ele sabia. Ela esperou até que ele fechasse a porta, então colocou os fones de ouvido de volta. Isso não era apenas para desencorajar os colegas de conversar; era sua maneira de se divertir. Recentemente, ela localizou a frequência

da rádio da polícia local e passou o tempo ouvindo, enquanto tentava conjurar as palavras para terminar seus tediosos artigos. Isso não a ajudou muito, já que ela não deveria seguir nenhuma das pistas interessantes que ele lançou, mas permitiu que ela confundisse seu sucessor casualmente fazendo referência a notícias recentes das quais ele nada sabia.

O tráfego do rádio estava quieto novamente esta manhã. Southampton parecia ter estado em coma de notícias ultimamente e Emilia estava debatendo se deveria preparar uma terceira xícara de café, quando ouviu algo que a fez parar.

- Todas as unidades devem prosseguir para Barton Lane. Tiro fatal. Perpetrador desconhecido ainda foragido . . '

Emilia não se preocupou em desligar o rádio - simplesmente jogou os fones de ouvido no chão e saiu correndo.

6

07,44

"Ela é casada."

O detetive Charlie Brooks olhou para o cadáver brutalizado. Ela correu pela cidade para se juntar a Helen e rapidamente começou a selar a cena. Provas importantes podiam ser perdidas por meio de trabalho policial casual e Charlie havia escolhido cuidadosamente o caminho até o corpo, seus olhos imediatamente fixos na grossa faixa de ouro que se agarrava ao seu dedo indicador.

- O nome dela é Sonia Smalling.

Helen se juntou a ela, entregando a Charlie uma bolsa transparente de evidências.

Dentro havia uma bolsa, um telefone e um cordão com a identificação de trabalho da vítima anexada.

- Ela é casada, mãe de dois filhos, trabalha para o serviço de liberdade condicional local em Totton.

Uma imagem de sua própria filha - a criança obstinada Jessica - imediatamente surgiu em sua mente, mas Charlie a afastou. Ela ficou profundamente abalada com a visão do corpo da pobre mulher, mas teve que se concentrar no trabalho que tinha pela frente.

- Como ela veio parar aqui?

"De acordo com a DVLA, ela possui um Audi A3 preto. Não há sinal dele agora e quase colidi com um correndo para longe da cena. Alertei a sala de incidentes, veremos o que eles descobrem.

'Onde ela mora?'

"Ashurst."

- Então, ela está indo para o trabalho - respondeu Charlie, fazendo as contas de navegação.

'Presumivelmente.'

- Então o que diabos aconteceu?

Helen se virou e foi embora, gesticulando para que Charlie a acompanhasse.

Charlie olhou para o cadáver por mais um momento, então o seguiu. Helen apontou para uma equipe de

policiais forenses amontoados em volta de uma motocicleta, escondida na folhagem a poucos metros da estrada.

'Foi roubado do centro da cidade de Southampton ontem à noite e parece ter sofrido alguns danos.'

'Então, o que você está pensando? Acidente? Algum tipo de alteração?'

'Talvez . . .' Helen respondeu, embora ela não parecesse convencida.

- Um roubo, então?

- Nesse caso, foi um trabalho bastante amador. Eles deixaram dinheiro, telefone, cartões de crédito . . .'

- Um roubo de carro?

As duas mulheres se entreolharam. Era a explicação mais provável, mas isso era inédito em Southampton.

'Talvez tenha sido um ataque pessoal,' Charlie continuou. 'Se ela trabalha para o serviço de liberdade condicional . . .'

- É uma possibilidade, mas ela trabalha com ladrões de lojas e vadios, não com assassinos armados.

Charlie se afastou de Helen para olhar para o corpo, como se a própria Sonia Smalling pudesse fornecer as respostas, mas agora estava escondido da vista pela tenda erguida às pressas . As razões para esse assassinato selvagem foram igualmente obscurecidas - uma matança tão brutal em uma estrada rural tranquila desafiava a lógica e a prática. Isso também levantou

algumas questões inquietantes para Charlie e o resto da equipe.

Onde o assassino conseguiu a arma? Qual foi o seu motivo? E, o mais importante, onde ele estava agora?

7

07,59

Ele tamborilou os dedos no volante, enquanto esperava as luzes mudarem. Eles haviam feito um bom progresso em Southampton, mas estavam chegando à hora do rush matinal e agora estavam presos em uma fila de funcionários de escritório e múmias deliciosas na rotatória de Charlotte Place. Ele estava usando luvas e gostava da sensação de couro contra couro, enquanto batia os dedos no volante costurado à mão, mas ainda estava ansioso para ir embora. Ele nunca foi conhecido por sua paciência.

"Olhe para essas aberrações."

Um enorme SUV prateado parou ao lado deles. Uma mulher de aparência eslava, que mal tinha saído da adolescência, estava ao volante. Atrás dela estavam seus pupilos - dois garotos assistindo telas de TV, fones de ouvido bem colocados.

'Fodidos zumbis . . .'

Como se sentisse sua desaprovação, um dos meninos se virou, olhando diretamente para o homem. Ele olhou para trás e o menino desviou o olhar rapidamente, alarmado com sua expressão hostil. Rindo, ele voltou sua atenção para os outros na fila. Homens de terno, mulheres de terno, mães estressadas, babás que não

davam a mínima - todos presos em sua rotina diária, totalmente alheios às pessoas ao seu redor. O que eles pensariam se pudessem ver o que ele pode ver? Um par de espingardas bem no pé, habilmente serradas, preparadas e prontas para a ação? Eles gritariam? Eles iriam correr? Ou eles pediriam uma selfie?

- Muppets . . - seu companheiro concordou, enquanto ela vasculhava o porta-luvas do carro, descobrindo um pacote de Polo pela metade e um A - Z surrado .

Baixando a janela, jogou-os na estrada, para evidente desaprovação do aposentado do carro vizinho.

O homem se afastou dela e sua atenção foi agora atraída por algo ao lado da estrada. Uma câmera de tráfego foi fixada em um poste próximo, lançando seu olhar sobre este trecho movimentado da estrada. Parecia estar apontando diretamente para ele, como se sozinho percebesse quem estava esperando pacientemente na fila. O homem olhou para ele atentamente, perguntando-se o que ele poderia ver. Isso poderia distingui-lo? Ele poderia vê-la? Quão boas *eram* essas câmeras?

Ele não era uma daquelas pessoas que ansiava pelos holofotes. Ele sabia que muitas pessoas gostavam, principalmente garotas, mas aquela nunca tinha sido sua bolsa. No passado, ele só estava no radar das pessoas quando algo deu errado, quando ele estava pronto para algo. Mas agora, pela primeira vez, ele agradeceu a atenção.

Inclinando-se para a frente, ele olhou para a câmera e, lentamente, levantou o braço, antes de estender o dedo médio de forma que ele apontasse diretamente para a lente. Ele tinha vivido nas sombras por tanto tempo,

ignorado por um mundo insensível e cintilante, mas tudo isso estava prestes a mudar.

Logo todos saberiam seu nome.

8

08.01

- Já temos alguma coisa?

A voz do detetive Sanderson ecoou na sala de incidentes, levando o detetive Edwards a levantar os olhos de seu terminal.

- Nada ainda - respondeu ele tristemente.

- O uniforme viu alguma coisa?

- Muitos lugares da Audi, mas nenhum do nosso veículo até agora. Temos certeza de que nosso perpetrador se dirigiu para a cidade? Ele não largou o carro e saiu correndo?

- Era isso que eu esperava que você me contasse - retrucou Sanderson, dirigindo-se ao escritório de Helen.

A ligação de Helen havia chegado pouco depois das 7h20. Sanderson ainda estava em seu apartamento, mas chegara ao Southampton Central em tempo recorde.

Helen já estava na cena do crime e Charlie foi direto para lá, deixando Sanderson como o oficial mais graduado do MIT no prédio. Conseqüentemente, ela correu para os escritórios da Equipe do Incidente Principal no sétimo andar e começou a estabelecer uma sala de incidentes - procedimento padrão para um crime dessa magnitude.

Edwards já estava dentro, assim como McAndrew, e mais oficiais apareciam a cada minuto. Todos podiam sentir que esse seria um grande número - pelo menos porque o atirador ainda estava foragido. A perícia, depoimentos de

testemunhas e CCTV local cairiam para Helen e os outros policiais no local. O trabalho de Sanderson era rastrear o fugitivo, o que, a curto prazo, significava encontrar o Audi desaparecido.

Ela havia iniciado imediatamente uma Pesquisa Automática de Reconhecimento de Placa de Número. Assim que uma câmera de tráfego desse uma boa olhada nas placas Audi, ela faria um ping em seu sistema. O sistema não era infalível, pois havia um pequeno atraso e, se o veículo estivesse se movendo rapidamente, era difícil determinar sua localização *exata*, mas diria a eles aproximadamente onde estava e para que direção estava indo. poderia então ser implantado, junto com o helicóptero e as Unidades de Resposta Armada, para trazer seu fugitivo.

Essa era a teoria, pelo menos. Mas até agora eles não tinham avistado ou sinalizado. Sanderson questionou se eles deveriam colocar um alerta geral, mas Helen rejeitou a ideia, insistindo que ela não queria que membros do público se envolvessem, quando o nível de ameaça era tão alto. Era um argumento justo, é claro, mas o vigor com que fora elaborado havia perturbado Sanderson.

A verdade é que as coisas não estavam bem entre ela e Helen desde a libertação desta da prisão. Sanderson tinha desempenhado um papel fundamental em ajudar Charlie a trazer o sobrinho de Helen para a prisão, garantindo assim sua libertação, mas isso não poderia disfarçar o fato de que antes disso ela acreditava que seu chefe era capaz de assassinato a sangue frio. Durante a investigação dos assassinatos S&M, a suspeita recaiu sobre Helen e Sanderson correu com ela, sem perceber que seu chefe estava sendo incriminado.

Inconscientemente, ela ajudou a condenar uma mulher inocente a três meses de inferno na prisão de Holloway. Ela havia investigado o caso com honestidade e profissionalismo, mas Sanderson fora promovido por trás disso, assumindo o emprego de Helen temporariamente. Além

disso, implicava uma falta básica de confiança em Helen, que era difícil de apagar da memória coletiva.

Uma equipe CID é uma unidade compacta e, embora, logicamente, Helen devesse ter aplaudido seu oficial subalterno por seguir as evidências, emocionalmente as coisas eram bem mais complicadas do que isso. Aos olhos de Sanderson, Helen se apegava ainda mais a Charlie agora, excluindo os outros, ela mesma de forma mais perceptível. Sanderson não era do tipo paranóico e ela tinha certeza de que não estava imaginando as constantes desdém e o aparente desprezo por suas habilidades. Ela estava sendo congelada, punida por sua deslealdade.

A equipe parecia totalmente engajada em suas tarefas, então Sanderson agora entrou no escritório de Helen. Tinha sido dela por alguns meses, mas era de Helen mais uma vez, todos os sinais da breve ocupação de Sanderson tendo sido removidos. Sanderson suspeitou que *ela também* poderia ser removida em breve, da equipe, talvez até da Polícia de Hampshire. É por isso que ela agora tirou um envelope de dentro da jaqueta e colocou-o cuidadosamente na bandeja de entrada de Helen. Ela gostou da equipe aqui, ela gostou de Southampton e alguns meses atrás nunca teria se imaginado entregando um pedido formal de transferência. Mas as circunstâncias mudaram e ela sabia que teria que deixar seu amado Southampton

Central se quisesse prosperar. Não era o que ela queria, mas não havia nada a ser feito. Então, com o coração pesado, ela se virou e saiu do escritório de Helen, fechando a porta silenciosamente atrás dela.

9

08,13

'Eu não estou pedindo um tratamento especial. Eu só preciso de cinco minutos- '

- É exatamente isso que você está pedindo. E isso não vai acontecer. '

'Vou ser discreto. Algumas fotos da cena e então - '

'Você está louco? Você viu quantos policiais estão lá? Você estará algemado antes de chegar *perto* do - '

- Deixe- *me* correr esse risco.

- E voltou à minha cabeça? Não, obrigado. '

Emilia reprimiu uma carranca, fingindo um sorriso. Ao chegar ao cordão policial, ela ficou satisfeita em encontrar o policial Alan Stark presente. Ele havia sido muito útil durante as investigações anteriores, sempre disposto a trocar informações por dinheiro. Hoje, entretanto, ele estava sendo surpreendentemente não cooperativo.

- Podemos voltar a isso - continuou Emilia animada.

'Vamos apenas organizar o básico por enquanto. Eu sei que temos uma fatalidade, uma vítima de tiro - '

- Como você sabe disso?

'O que eu não tenho é um nome . . .'

- Está planejando ligar para a família, não é? Oferecer suas condolências? '

Emilia o encarou. Ela não gostou do desprezo que estava rastejando em seu tom -

ele nunca tinha sido assim com ela antes. O fato de que era *exatamente* o que ela estava planejando não estava aqui nem ali.

'Olha, Alan, este é um mal necessário,' ela continuou. - Portanto, não vamos tornar isso mais difícil do que precisa ser. Eu tenho dinheiro e - só desta vez - posso aumentar sua taxa, então ambos lucraremos com . .

- Não quero seu dinheiro.

'Mesmo? Teve uma mudança de sorte, não é? Os cavalos finalmente foram bons para você . . ?'

- Eu bati na cabeça.

Agora Emilia estava sem palavras. Alan Stark era um jogador inveterado, constantemente preocupado com os corretores de apostas. O dinheiro de Emilia o tirou de uma série de situações difíceis no passado e ela ficou surpresa por ele estar recusando suas esmolas agora.

- Vamos, Alan, sei que não entramos em contato há algum tempo, mas não há necessidade de ser assim. O que você quer - duzentos, trezentos? Eu preciso desse nome. '

Emilia alcançou sua bolsa em busca de sua bolsa, mas Stark agarrou seu pulso, parando-a e puxando-a para

perto.

- Por que você não me escuta? ele sussurrou asperamente, sua voz tremendo de emoção. 'Eu não faço mais isso. Eu fiz uma promessa . . para minha esposa, para minha filha . . e não vou quebrar minha palavra por você, ou qualquer outra pessoa.

Então, por que você simplesmente não dá o fora e me deixa em paz.

Com isso, ele a empurrou com força. Emilia podia ver as lágrimas brotando em seus olhos e de repente percebeu o quanto havia julgado mal a situação, como ele estava desesperadamente determinado a vencer o vício. Levantando as mãos em sinal de rendição, ela avançou pelo cordão de isolamento, desaparecendo de vista entre a variedade de jornalistas, motoristas e curiosos que formavam a multidão crescente. Ela olhou para a estrada, irritada porque a cena do crime estava fora de vista na esquina e frustrada por sua falta de progresso. Ela esperava grandes coisas desta história, mas estava saindo de mãos vazias graças à intransigência de Stark.

Claramente, suas circunstâncias pessoais haviam mudado - assim como as dela.

Antes, quando ela era a estrela em ascensão das reportagens criminais, os policiais ficavam felizes em aceitar seus subornos. Agora que ela era uma trainee glorificada, ninguém lhe daria atenção.

Por agora, pelo menos, ela permaneceu do lado de fora, olhando para dentro.

20/08

Helen fechou a aba da tenda, fechando o mundo. A estrada estava cheia de policiais forenses, vasculhando a beira da estrada e as bordas em busca de evidências, examinando os padrões de piso das marcas de derrapagem na estrada, enquanto tentavam montar uma narrativa dos terríveis acontecimentos da manhã. Dentro da tenda, as coisas estavam mais calmas. Os policiais forenses haviam concluído a varredura inicial ao redor do corpo e agora empacotavam as evidências para análise, deixando o chefe sozinho na tenda.

Helen juntou-se a Meredith Walker, que lhe ofereceu dois cartuchos de espingarda, selados em um saco de evidências.

- São de uma espingarda Webley calibre doze - disse ela, enquanto Helen a pegava.

'Quão comuns são eles?' Helen perguntou, temendo que ela já soubesse a resposta.

'Muito. Eles são usados por fazendeiros, em tiros, em clubes de armas. Eles são uma marca britânica confiável e não muito caros. Provavelmente há mais de vinte mil registrados apenas em Hampshire.

- Certo - Helen respondeu, tentando não soar abatida.

- Se você me pegar a arma, posso ser capaz de combiná-la com os cartuchos descarregados, mas não há como rastreá-la a partir disso, infelizmente.

- Você encontrou alguma impressão nos cartuchos?

- Nada até agora, mas vamos verificar no laboratório.

- O que você pode me dizer sobre os ferimentos?

Meredith se afastou de Helen para olhar para o corpo amassado.

- Ela foi baleada duas vezes, à queima-roupa. O autor do crime estava a menos de um metro e meio dela.

Meredith se posicionou na frente do corpo, levantando os braços e apontando-os para a vítima, como se estivesse disparando uma espingarda.

- Ele atirou diretamente contra ela, os tiros atingindo-a uma, duas vezes no peito, praticamente no mesmo lugar. O impacto teria sido extremo - se o choque não a matasse, a hemorragia interna teria. Teria sido rápido. '

Se isso era para confortar Helen, não o fez. Agradecendo a Meredith, ela deixou a tenda e se afastou pela estrada. Havia pouco mais que ela pudesse fazer aqui, era hora de voltar à base, mas ela ainda hesitou. O sol estava brilhando em Southampton e normalmente esta teria sido uma bela cena, as folhas de outono brilhando na luz quente. Mas, em vez disso, este local tranquilo foi cenário de . . . o quê? Um ataque não provocado? Um roubo brutal? Uma emboscada? O cenário remoto, o uso de uma espingarda . . . isso lembrava Helen dos crimes do passado -

um salteador de estrada à espreita em uma estrada isolada. Mas isso era possível no século XXI? Além disso, se o motivo foi roubo, por que seu agressor deixou seu dinheiro e joias para trás? Sonia Smalling teria visto ou ouvido algo que significava que ela tinha que ser silenciada? Por outro lado, se *foi* um ataque pessoal - algum tipo de vingança - por que roubar o carro dela? Um carro que inevitavelmente seria localizado?

Havia tantas perguntas sem resposta, mas uma era a que predominava na mente de Helen. O assassino tinha deliberadamente decidido matar Sonia Smalling esta manhã ou ele apenas a matou porque *podia* ? Este crime brutal parecia uma execução e deixou os nervos de Helen à flor da pele. Southampton estivera quieta ultimamente, mas como ela estava sozinha na outrora tranquila estrada rural, Helen teve a nítida sensação de que essa paz estava prestes a ser brutalmente destruída.

11

08,46

O rádio ainda estava tocando quando eles pararam em um estacionamento no centro da cidade. O ex-proprietário do Audi claramente gostou de seus sucessos de ouro - sua estação escolhida bombeando uma infinidade de clássicos dos anos setenta e oitenta. A voz de Bob Geldof encheu o carro agora, enquanto "Não gosto das segundas-feiras" ricocheteava nas janelas. O motorista parou por um momento para se divertir, observando seu companheiro balançando no assento ao lado dele, antes de desligá-lo abruptamente.

"Eu estava gostando", ela gemeu.

Balançando a cabeça com bom humor, o motorista abriu a porta e saiu. Enquanto caminhava em direção à parte de trás do carro, ele observou as pessoas que passavam. O sol estava subindo no céu e o que começou como um dia frio agora estava se tornando decididamente quente. A maioria das pessoas já havia se despido e ficado com coletes puffa ou cardigãs e ele sabia que os dois se arriscavam a se destacar com seus sobretudos longos e

pesados, então ele não se demorou, abrindo a bota. Sua companheira se juntou a ele, mas ela não disse nada.

Ela podia sentir a mudança em seu humor.

Lançando um olhar para a esquerda e para a direita para verificar se não havia ninguém por perto, ele removeu o tapete que escondia o conteúdo da bota, jogando-a casualmente no chão. Agora ele enfiou a mão dentro, pegando um punhado de conchas e colocando-as no bolso. Ela fez o mesmo, até que tudo o que restou dentro foi uma grande faca de caça. Pegando-o rapidamente, ele amarrou-o ao peito, então abotoou o casaco, escondendo a arma de vista.

"Você parece algo saído de seus videogames", disse ela, seu sotaque local aparecendo, apesar de sua tentativa de soar americana.

Ele encolheu os ombros, mas ficou satisfeito com o elogio. Ele sempre se imaginou como um guerreiro e agora ele parecia o personagem. Jogando as chaves do carro no porta-malas, ele a fechou e se virou para encará-la.

'Preparar?'

Ela balançou a cabeça lentamente.

'Tem uma coisa que temos que fazer primeiro . . .' ela provocou, puxando uma pequena garrafa do bolso do casaco.

Desaparafusando a tampa de segurança, ela depositou duas anfetaminas em sua mão, observando enquanto ele as jogava descuidadamente em sua boca. Ela fez o mesmo, depois tirou um terço da garrafa meio cheia.

"Mais um para dar sorte."

Com cuidado, ela colocou a pequena pílula branca na ponta da língua. Então, colocando os braços em volta do companheiro, ela o puxou para baixo em sua direção. Ele abriu a boca obedientemente e ela deslizou a língua dentro. Agora eles se beijaram, longa e apaixonadamente, deixando a pílula se dissolver lentamente.

Eles já podiam sentir os efeitos dos dois primeiros chutando e eles se agarraram com força, perdidos na alegria. Então, lentamente, com relutância, ele se afastou.

Ele fez uma pausa para tirar uma mecha de cabelo do rosto dela, passou o dedo pelo nariz dela e se virou, batendo no porta-malas do carro com os nós dos dedos.

- Vamos, queridos, temos trabalho a fazer.

Ele já estava avançando, cheio de energia e propósito. Ela ficou parada e o observou por um segundo, então se afastou rapidamente do veículo, seguindo seu amante em direção ao desfile de lojas.

12

08,57

Ela não tinha certeza do que esperava, mas não era *isso* .

As fotos que acabaram de ser colocadas em sua mão eram de uma mulher deitada nua em uma laje de aço inoxidável. Não suas fotos do dia-a-dia, mas do tipo que Emilia vira com bastante frequência, graças aos contatos cuidadosamente cultivados no necrotério da polícia de

Southampton. Esses, no entanto, eram outra coisa. A pele da mulher era pálida, seus olhos fechados e a imagem quase teria parecido pacífica, não fosse pelo enorme buraco escarlate no centro de seu peito.

Parecia que ela havia sido aberta para uma cirurgia, ao invés de simplesmente assassinada, tamanha foi a violência do impacto.

'Espingarda?' Emilia perguntou.

David Spivack acenou com a cabeça. Ele era um homem magro e careca, vestido com o uniforme de agente funerário. Trabalhando como assistente do patologista sênior, Jim Grieves, ele tinha acesso total ao variado elenco de cadáveres do necrotério - na verdade, ele havia costurado a maioria deles - mas possuía pouco da moralidade ou discrição de seu chefe.

"Alcance à queima-roupa", ele acabou elaborando, olhando por cima do ombro para a saída de incêndio do necrotério. Ele estava com o jornalista na escada de metal e, embora estivesse fora de vista, não tinha certeza de que estava fora do alcance da voz.

- Um tiro ou dois?

'Dois. Quase abriu um buraco através dela.

Emilia sorriu para si mesma. Spivack não era um homem que desperdiçava palavras com sentimentos. Se isso era porque ele era sem coração ou apenas com pressa, ela não tinha certeza.

- Algum abuso post mortem ou agressão sexual?

- É muito cedo para dizer.

- O corpo estava vestido?

'Certo. E eles deixaram sua aliança de casamento e outros objetos de valor com ela.

- Quem a encontrou?

- DI Grace. O assassino passou direto por ela, aparentemente . . '

Outro detalhe saliente, que Emilia esperava aproveitar.

- E sabemos quem ela é?

Spivack rapidamente lhe deu os detalhes, Emilia o interrompendo de vez em quando para verificar se o tinha ouvido bem. Uma mãe casada em um emprego socialmente responsável, morta em uma estrada rural tranquila - se alguma coisa iria perturbar o bom povo de Southampton, seria essa. Melhor ainda, o assassino ainda estava foragido . .

"Isso é tudo que eu sei", concluiu Spivack. - Mas posso lhe dar detalhes de parentes próximos, se estiver interessado.

Seus olhos pousaram na bolsa dela e Emilia não hesitou em abrir o zíper mais uma vez. Ela tinha estado em crise por tanto tempo agora, tão fora do jogo, que ela começou a se perguntar se ela teria uma segunda chance. Mas Sonia Smalling, uma maluca com uma arma e um agente funerário de lábios soltos lhe dera a oportunidade.

Enquanto Emilia colocava outras cem libras na mão de Spivack, ela fez uma prece silenciosa pelos homens fracos em todos os lugares.

09,11

Ele parecia que estava prestes a desmaiar. Charlie acabara de dar a notícia a Peter Smalling e eles estavam agora em sua aconchegante sala de estar, olhando-se em silêncio. Suas mãos tremiam, ele parecia estar com dificuldade para respirar, então, gesticulando para que o Oficial de Ligação com a Família o ajudasse, Charlie o pegou pelo braço, guiando o marido atordoado de Sonia até o sofá mais próximo.

Ele não disse uma palavra desde sua chegada. Assim que viu seus cartões de mandado, ele pareceu saber o que eles vieram dizer. Charlie já tinha feito isso muitas vezes antes e foi direto ao assunto, preenchendo-o com os detalhes básicos, omitindo os elementos mais desagradáveis. Peter ouviu, acenou com a cabeça e entrou na sala de estar. Charlie o seguiu para encontrá-lo parado no meio da sala, aparentemente perplexo quanto ao que fazer a seguir. A FLO tentou obter uma resposta dele, perguntando onde seus meninos estavam e se havia alguém que ele gostaria que ela contatasse, mas ele olhou para ela como se ela estivesse falando algo sem sentido. Ele parecia estar a ponto de hiperventilar, então, depois de colocá-lo no sofá, Charlie mandou o FLO preparar uma xícara de chá. O que Peter Smalling precisava agora era de espaço para respirar.

Dez minutos depois, com a xícara de chá meio bêbado, ele pareceu recuperar a voz.

Ele era claramente um homem tímido, um jornalista de tecnologia que passava a maior parte do dia escondido

em seu escritório em casa, mas Charlie precisava fazê-lo falar e gentilmente o tirou do choque.

'Eu sei como isso é difícil. Agradeço que falar comigo seja provavelmente a última coisa que você queira fazer, mas preciso fazer algumas perguntas, Peter. Isso seria bom?'

- Sim - sussurrou ele finalmente, olhando para o chá.

'Como estava Sonia esta manhã? Ela estava preocupada com alguma coisa, distraída?

'Não, não . . Ela queria trabalhar cedo esta manhã, não teve tempo de passear com os cachorros, mas além disso . .'

- Seus meninos estiveram aqui?

- Sim, e ela os levantou como de costume. Isso leva um pouco de trabalho nos dias de hoje . . '

'E depois?'

- Ela tomou banho, pegou um pouco do café da manhã e foi embora.

'E você?'

'Eu . . eu deixei os meninos na escola, depois levei os cachorros para passear . . '

Bem na hora, dois setters vermelhos barulhentos entraram na sala de estar, perseguidos pelo aturdido FLO.

'Desculpe, eu estava tentando mantê-los na cozinha, mas . . '

'Está tudo bem,' Charlie disse a ela. - Eles estão bem aqui.

Os cachorros saltaram para cima de Peter e o sufocaram de afeto. Ele os preocupou, acariciando suas longas orelhas, e Charlie ficou comovido ao ver as lágrimas se formando em seus olhos. A devoção descomplicada e o amor de seus cães estavam cortando seu choque, revelando a verdadeira extensão de sua devastação.

- E o trajeto que Sônia fez esta manhã, é o trajeto normal dela? Charlie disse, sabendo que ela precisava continuar agora, antes que ela o perdesse completamente.

- Sim - respondeu Peter, enxugando os olhos. - Ela jurou que era a maneira mais rápida.

- E por que ela estava tão ansiosa para chegar mais cedo?

- Ela teve muitos filhos novos começando o Community Payback hoje.

- Esses são jovens infratores, certo?

- Sim, Sonia é oficial de justiça. Ela trabalha com jovens que tomaram decisões erradas e os ajuda a voltar aos trilhos. '

- E ela já teve problemas no trabalho? Ameaças recebidas? Foi vítima de violência . .? '

Peter olhou para ela, aparentemente surpreso com a pergunta.

- Você acha que alguém fez isso . . *deliberadamente* ? ele disse, como se o pensamento não tivesse ocorrido a ele

antes.

- É isso que estamos tentando descobrir. Ela conversou com você recentemente sobre seu trabalho, compartilhou alguma preocupação com você?

'Não, nada disso. As crianças não são confiáveis, ocasionalmente são abusivas, mas . . . elas são apenas crianças. Depois de falar com eles, dê-lhes um pouco de atenção, algo em que trabalhar . . . Sei que as pessoas pensam que são mães podres, mas não são.

'No passado, então? Há meses, até anos?

Peter balançou a cabeça mais uma vez. "Algumas crianças eram melhores do que outras, mas respeitavam a Sônia. Ela os acompanhava quando eles tinham que fazer as pazes com suas vítimas, os ajudava a aprender novas habilidades enquanto prestavam seu serviço comunitário. Eles *gostavam* dela . . . e ela gostava deles. '

- E quanto à situação doméstica dela, então? Algum problema de família?

Problemas com vizinhos?

- Não, não . . . - entoou Peter, parecendo mais confuso do que nunca.

- E seu casamento foi feliz?

'Claro.'

- Sem problemas, sem estresse?

'Não, ela me amava, ela amava os meninos. Ela sentia falta da família na Polônia, principalmente da mãe . . . '

- Então sua esposa não é daqui originalmente?

'Não, e daí? Por que você está me perguntando tudo isso? Deve ser um acidente.

Identidade equivocada ou raiva na estrada. Você ouviu falar desse tipo de coisa o tempo todo nos jornais.

E agora ele desabou, escondendo o rosto nas mãos. A imagem de sua esposa, morta em uma estrada rural, forçou seu caminho em sua consciência e o horror o estava dominando. Os cães estavam captando seu humor agora, girando nervosamente em círculos, querendo sua atenção, mas sentindo que algo estava errado. Peter estava chorando silenciosamente, sua parte superior do corpo convulsionando.

Não havia nada que Charlie pudesse fazer a não ser assistir, enquanto sua vida agradável e ordenada desabava em ruínas. Ela queria oferecer-lhe conforto, mas o que ela poderia fazer? Sua esposa estava morta, seus filhos haviam perdido a mãe e os motivos e os motivos desse crime brutal permaneceram opacos como sempre.

14

09,12

- Não consigo ver direito. Temos algo melhor? '

Helen estava de volta à sala de incidentes em Southampton Central. Uma imagem capturada em preto e branco de uma câmera de trânsito apareceu na tela, mas estava borrada e pouco nítida.

'Os técnicos estão trabalhando nisso, mas isso é o melhor que podemos fazer por enquanto', DC McAndrew respondeu cuidadosamente.

Helen voltou sua atenção para a imagem. Foi tirada por uma câmera na rotatória de Charlotte Place, ao norte da cidade. As fotos mais amplas mostravam claramente o Audi desaparecido esperando no semáforo antes de seguir para o norte em direção a Bevois Mount e Portswood. Este close-up aprimorado apareceu para mostrar o motorista gesticulando em direção à câmera. Mas isso era tudo o que se podia dizer com certeza, já que a imagem era difícil de decifrar, o brilho no para-brisa do carro dificultava discernir suas feições.

- Tem certeza de que é um cara? Edwards saltou.

- Parece que sim - Helen respondeu rapidamente. 'Sua constituição, o comprimento de seu alcance e, aqui, aquela marca em seu pescoço enquanto ele se move para frente -'

"Seu pomo de adão", acrescentou o DC Reid.

'Exatamente. Podemos dar um zoom naquela mancha escura ali? '

Helen indicou uma pequena mancha preta na base do pescoço do motorista.

McAndrew concordou, mas a imagem ainda era indistinta.

'O que é aquilo? Uma tatuagem?' Helen perguntou.

- Ou uma cicatriz?

- Está escuro demais para uma cicatriz.

- Uma lesão, então? Ele está sangrando? ' Sanderson sugeriu, feliz por poder dar alguma contribuição para o debate.

"Não há evidências de que o assassino de Sonia Smalling tenha se ferido no ataque", respondeu Helen. - Então, meu palpite é que seja algum tipo de tatuagem.

Vamos começar a fazer uma lista de todos os estagiários com quem Sonia Smalling trabalhou, enfocando os homens. Olhe para as fotos deles, veja se algum deles tinha tatuagens no pescoço.

Helen sabia que era um tiro no escuro, mas eles estavam se agarrando a qualquer coisa no momento e qualquer pista teria que ser perseguida. McAndrew diminuiu a imagem e Helen estava prestes a continuar seu briefing, quando DC Reid repentinamente interrompeu:

'O que é isso?'

'O que é o quê?'

' Isso , ' Reid insistiu, caminhando até a imagem, indicando uma sombra à esquerda do motorista.

Helen e a equipe se aglomeraram em volta. Reid estava certo, havia uma forma pequena e escura no painel do banco do passageiro.

'Aproxime o zoom.'

McAndrew concordou e a imagem ficou um pouco mais nítida. Era muito escuro para ser pele, muito irrefletido,

mas a forma parecia . . . dedos. Cinco dedos enluvados apoiados no painel do lado do passageiro.

- É melhor você avisar o uniforme que estamos procurando *dois* suspeitos - disse Helen com decisão, voltando-se para Sanderson. - E lembre-os de proceder com extrema cautela.

Sanderson correu para cumprir suas ordens, enquanto McAndrew organizava as tropas para descobrir pistas relacionadas ao trabalho de Sonia Smalling. Eles estavam fazendo algum progresso - ela havia direcionado todos os policiais de ronda uniformizados para o norte da cidade e unidades armadas estavam patrulhando Portswood, St Denys, Bevois Mount e além - mas os perpetradores permaneceram foragidos. A questão era: o que eles fariam a seguir?

Eles iriam correr? Ou eles se esconderiam?

15

09,13

Alan Sansom havia trabalhado em Portswood por mais de trinta anos. Ele tinha diligentemente ajudado seu pai a administrar a farmácia da família, antes de finalmente assumir a administração da loja quando ela se tornou muito difícil para ele. Quando jovem, ele teve a visão de expandir seus negócios, de abrir mais filiais, talvez se tornando o Lloyds do sul. Não tinha funcionado assim, mas ele não era de reclamar, e ainda assim lhe deu uma pequena emoção ver o nome de sua família acima da porta.

Dia após dia, ano após ano, os compradores de Portswood encontraram Alan, sentado atrás do balcão do

farmacêutico em seu jaleco branco, e durante esse tempo ele tinha visto de tudo. Portswood estava lentamente se enobrecendo, mas ainda era um grande ímã para estudantes, imigrantes e outros. Havia um estoque

pronto de acomodação barata e alugada disponível localmente, jovens morando lado a lado em casas mal reformadas. Você conseguiu seus elementos brutos, é claro, e muitos deles encontraram seu caminho para a loja de Alan em algum momento ou outro. Viciados implorando por drogas, pessoas que cuidam da comunidade reclamando de Deus, crianças em idade escolar enchendo os bolsos de doces, a lista era interminável. A vocação de Alan era fazer o bem, mas alguns dias ele realmente se desesperou da humanidade.

Esta manhã seus olhos estavam grudados em um casal que passava pela entrada.

Eles já estavam na loja há algum tempo, mas não pareciam ter pressa em fazer uma compra. A mulher estava de costas para ele e estava vadiando ao lado do estande de óculos de sol, girando-o e rindo enquanto experimentava pares diferentes. Ela parecia estar apenas matando o tempo . . mas ele tinha menos certeza sobre o homem. Ele estava escondido e Alan não conseguia ver o que ele estava fazendo, o que o deixou nervoso. Ele tinha um bom radar para essas coisas e seus instintos estavam lhe dizendo que algo sobre esse par não estava certo. Era um bom dia, mas ambos usavam casacos pesados até os joelhos - uma manobra comum de ladrões de lojas em todo o mundo.

Normalmente, ele poderia tê-los observado por um pouco mais de tempo antes de fazer sua jogada, mas ele estava

cansado e irritado hoje depois de outra noite de sono ruim. Então, levantando a escotilha do balcão, ele caminhou rapidamente pela loja. Era um espaço grande, geralmente popular e bem frequentado, mas era muito cedo para o rush matinal, e Alan esperava lidar com a dupla de forma rápida e discreta. Esta era sua loja e ele não seria feito de bobo.

'Ok, vocês dois, vou ter que pedir para vocês comprarem alguma coisa ou ir embora. Esta não é uma galeria de diversões. '

Ele já havia usado essa frase antes e geralmente surtia o efeito certo. Desta vez, entretanto, não pareceu funcionar. Na verdade, isso só pareceu fazer o homem sorrir. Sansom o acolheu apropriadamente pela primeira vez. Ele era um grande bruto, com a barba por fazer e uma tatuagem no pescoço.

'No teu caminho. Isto não é um refúgio ou uma instituição de caridade e tenho coisas melhores para fazer do que . .

- Calma, cara - respondeu o homem, tirando uma espingarda do casaco e apontando-a diretamente para o atordoado farmacêutico. - Você vai fechar hoje cedo.

Alan ficou imóvel, chocado demais para reagir. Mas a jovem já estava em movimento e, para seu horror, ele a viu estender a mão e girar a chave na fechadura de segurança logo acima da entrada da loja. Com um gemido profundo e metálico, as venezianas de segurança começaram a descer, parando tremulamente quando finalmente atingiram o chão.

09,35

Seus olhos estavam grudados na tela. Os cães estavam ficando inquietos, confusos com a falta de atividade, mas ele os ignorou. A imagem na tela à sua frente exigia sua atenção, embora fosse doentia. Um helicóptero da imprensa conseguiu passar por cima do local do 'incidente policial' e estava transmitindo imagens ao vivo da cena. Peter Smalling acolheu a tenda branca, a equipe forense, os policiais uniformizados que guardavam a área, cheios de propósito e presunção. Tarde demais, pensou com amargura.

Era apenas nove e meia. Quanta vida pode mudar em algumas horas. Ele tinha estado tão contente esta manhã, ele e os cães pulando pela floresta. Ele estava cheio de ideias, cheio de esquemas, pensando em como poderia mandar os meninos para a casa da irmã no fim de semana seguinte, para que ele e Sonia pudessem viajar para o aniversário de casamento. Ele havia trabalhado em sua cabeça, tinha alguns bons B & Bs em mente - parecia totalmente impossível para ele que eles não celebrassem mais um marco.

Ele estava assistindo ao noticiário desde que os policiais foram embora. Ele não ligou para ninguém, embora eles o insistissem para que o fizesse. Eles disseram que as pessoas acham difícil se concentrar quando em choque, que é perigoso dirigir, e gentilmente sugeriram que sua irmã pudesse pegar os meninos hoje. Mas não havia como ele deixar isso acontecer. Era sua responsabilidade dar a notícia a eles, embora não tivesse ideia do que ia dizer. *O que ele poderia dizer?*

O locutor estava dizendo que era um roubo, embora o oficial - DS Brooks - tivesse evitado deliberadamente

confirmar isso. Ela suspeitou que fosse outra coisa - algo mais direcionado - embora ela não dissesse o quê. A cautela dela o enervou, sugerindo motivos mais sombrios. Eles haviam levado o carro dela - talvez estivessem passeando por Southampton agora mesmo - devia ser um roubo, não era? E ainda assim eles *tinham* deixado sua bolsa, suas joias . .

Uma lágrima caiu em sua mão e Peter percebeu que estava chorando de novo.

Sonia nunca gostara de joias chamativas, mas ela valorizava sua aliança de casamento. Eles encontraram uma pequena joalheria em Portsmouth de que gostaram e mandaram fazer seus anéis lá. As iguais em ouro branco, ligeiramente quadradas para as tornar mais distintas, com as iniciais comuns gravadas no interior, para que possam estar sempre próximas uma da outra, mesmo quando separadas.

Os anéis eram muito especiais para eles, símbolos do compromisso tácito que haviam assumido um com o outro. Eles planejaram envelhecer e engordar juntos, mas a mulher que ele amava mais do que a própria vida agora estava morta em um necrotério da polícia. E o anel que ela tanto apreciava estava sendo arrancado de seu dedo por um agente funerário sem rosto.

Foi uma imagem que o atingiu no coração e Peter baixou a cabeça e chorou.

17

09,40

'Nós temos algum avistamento? Temos alguma ideia de qual direção eles tomaram? '

Helen estava ao lado do Audi de Sonia Smalling, ladeada por Charlie e Sanderson.

Um PC com olhos de águia avistou o veículo abandonado em um estacionamento desativado no centro de Portswood e ligou imediatamente.

"Nada até agora", respondeu o PC. 'Nós perguntamos em Sainsbury, um par de jornaleiros e licenças off, mas ninguém viu nada . . .'

Agradecendo ao PC, Helen voltou-se para seu superior, o sargento MacDonald, que estava por perto, flanqueado por um mar de uniformes azuis.

- Quero que seus oficiais visitem todas as lojas, negócios e residências a menos de um quilômetro do carro abandonado. Estamos procurando por dois suspeitos -

eles estarão animados, potencialmente agindo de forma agressiva. Diga a seus oficiais para agirem com cautela. Um ou ambos podem estar armados. '

Quando o sargento começou a organizar sua equipe de busca, Helen se virou para Charlie.

- Existem escritórios de liberdade condicional por aqui?

"Não, eles estão todos em Totton."

- Algum dos estagiários de Smalling - passado ou presente - deste pescoço do bosque?

"Não, ela trabalha com os do sul da cidade."

- Então, por que eles vieram *aqui* ?

Charlie deu de ombros, enquanto Helen olhava mais uma vez para o carro. A vaga de estacionamento em que o carro havia sido abandonado destinava-se a permitir aos clientes com deficiência acesso fácil à área de pedestres próxima, e o olhar de Helen se desviou para lá agora. Ainda era cedo, mas o comércio já estava movimentado, a avenida central entupida de aposentados, mães e jovens profissionais.

'Você e eu ficaremos com a delegacia', disse ela a Charlie. 'É um lugar decente para se perder na multidão, além de haver muitas lojas se eles precisarem pegar alguns suprimentos . . .'

- E muitos reféns em potencial também.

'Exatamente. Nesse ínterim - Helen continuou, voltando-se para Sanderson -, vou precisar que você persiga o CCTV. Tente não pisar na ponta do uniforme, mas alguns negócios por aqui devem ter câmeras. Quero uma boa imagem de nossos suspeitos. '

- Não seria mais útil ajudá-lo . . .

'Agora por favor.'

Relutantemente, Sanderson retirou-se. Helen poderia dizer que ela não estava feliz, mas ela não teve tempo para considerar seus sentimentos - não quando as apostas eram tão altas. Gesticulando para que Charlie o seguisse, Helen atravessou a rua correndo na direção da área comercial. Em vez de deixar Southampton de uma vez, os fugitivos fugiram para uma área residencial densamente povoada e ela queria saber por quê.

09,41

O suor rastejava por suas têmporas, seu coração batia em um ritmo furioso, mas Alan Sansom disse a si mesmo para manter a calma. Ele havia sido treinado para isso e conhecia o procedimento - no caso de um assalto, você faz o que mandam e espera até que os perpetradores tenham ido embora antes de chamar a polícia.

Treinar, entretanto, era uma coisa, a realidade outra. Ele nunca havia sido ameaçado com uma arma de *verdade* antes.

Ele estava ajoelhado, com as mãos firmemente amarradas atrás das costas. O

enorme bruto de um homem marchou com ele sob a mira de uma arma até o escritório e o forçou a abrir o cofre. Ele havia sido devidamente esvaziado e o homem agora estava vasculhando os produtos farmacêuticos que estavam armazenados aqui fora de perigo. Alan recebera ordens de ficar de frente para a parede, que ficava a apenas cinco centímetros de seu nariz, mas pelo canto do olho, ele podia ver o homem trabalhando. Previsivelmente, ele estava ignorando todos os produtos padrão do pântano - ibuprofeno, descongestionantes, pós energéticos -

em favor dos produtos mais valiosos. Metadona, anfetaminas, comprimidos de codeína de força máxima - ele parecia estar concentrando sua atenção nisso, jogando pacotes deles em uma mochila de lona.

A mulher estava parada na porta, de costas para ele, enquanto observava a loja além. Das duas, ela parecia a mais ansiosa para ir, enquanto o homem estava claramente se divertindo. Ele parecia uma criança em

uma loja de doces, pegando as caixas de drogas e beijando-as, antes de jogá-las em sua bolsa.

"Depressa, querido", ela sibilou para o cúmplice, "não temos o dia todo."

Alan sabia que ele era impotente aqui, mas ainda assim fez seu sangue ferver. Esta era sua loja, seu negócio. Que direito eles tinham de entrar aqui, amarrá-lo e dar ordens a ele? Ele era um empresário respeitável, alguém que contribuía para a sociedade e o que eles eram? Um par de bandidos.

De repente, Alan sentiu o desejo de trazer esse par para a reserva, de chamá-los para prestar contas quando chegasse a hora. Ele tinha uma ideia decente de como o cara era, mas não tinha olhado direito para a mulher. Ela havia requisitado um par de óculos escuros de aviador falsos de seu estande, que eram compensados por um boné de beisebol rosa doce. Foi uma maneira bem colorida de esconder sua identidade, mas funcionou. Se lhe pedissem para identificá-la, ele não teria sido capaz de fornecer um único detalhe saliente, além de seu longo cabelo loiro, é claro.

A mulher ainda estava de costas para ele, então ele decidiu arriscar seu braço.

Melhor isso do que ficar sentado aqui como um manequim, pois sua loja foi saqueada. Não seria bom ser pego olhando, no entanto, muito lentamente, centímetro a centímetro, ele começou a girar a cabeça. Com apenas um quarto de volta, ela estaria em sua linha de visão. Ele poderia notar seus detalhes, enquanto ela estava ocupada examinando a loja, então voltar seu olhar para a parede até que essa terrível provação acabasse.

A mulher tinha ficado muito quieta agora, então Alan fez uma breve pausa , com medo de ser detectado. Mas nenhum abuso veio em seu caminho, então ele continuou a se mover.

E agora ele a viu. Mas, para sua surpresa, ela não estava de olho na loja. Ela estava olhando diretamente para ele.

Sorrindo, ela olhou por cima da borda de seus aviadores e disse:

- Você está olhando para *mim* , querida?

19

09,43

'Jesus Cristo!'

Martin Gardener virtualmente cuspiu o café na mesa, enquanto tirava as fotos pré-

autópsia que Emilia colocara diante dele.

- Como diabos você conseguiu isso? ele perguntou.

'Uma jornalista engenhosa tem seus caminhos . .' Emilia respondeu, tentando não soar muito presunçosa.

"Não podemos imprimir-los."

- Obviamente não, mas achei que você gostaria de vê-los de qualquer maneira.

Sonia Smalling era casada, tinha dois filhos, um emprego digno . . e alguém abriu um grande buraco nela. Dois para ser mais preciso, mas parece um porque - '

'Tudo bem, tudo bem ...'

Gardener era um idiota, mas era casado e tinha filhos e foi claramente afetado pelas imagens à sua frente. Com o que Emilia estava contando.

- Alguma coisa do viúvo?

"Ele não está atendendo ao telefone e há policiais uniformizados na frente e atrás da casa."

- Achei que você estava com o trabalho pesado enrolado no dedo mínimo -

comentou Gardener, um pouco sarcástico demais para o gosto de Emilia.

- Mas ele terá que buscar seus meninos na escola preparatória de St George . Emilia ignorou a zombaria. - Então, espero trocar uma palavrinha com ele.

'Certifique-se de tirar fotos.'

'O que você acha que eu sou?'

Gardener se recusou a responder aquela, então Emilia pressionou:

'Eu fiz um esboço para a cópia, mas vou precisar das três primeiras páginas. Na frente, quero crescer na pacífica estrada rural, mulher solitária, tiroteio brutal, morte em um dia tranquilo de outono. Nas páginas internas, vamos nos concentrar nela e em sua família. Obtenha depoimentos de algumas das pessoas que ela ajudou, colegas, amigos e, em seguida, um parágrafo sobre as pessoas que ela deixou para trás, os meninos que cresceram sem mãe. O marido parece limpo -

nunca teve uma multa de estacionamento. Não tenho certeza se conseguiremos muito desse ângulo, então vamos nos concentrar na família dividida em duas, a sensação de choque em sua aldeia . .

' "Nós"?'

- Sim, "nós" - respondeu Emilia rapidamente, magoada com a insinuação. 'Eu fui o primeiro a entrar em cena, esta é a minha história.'

"Mas este é o *meu* jornal."

- Vamos, Martin - ela bajulou, suavizando o tom. - Sei que era um pouco idiota antes, mas sou melhor do que as coisas que me pedem para fazer. Jonathan nem sabia dessa história, até que eu contei a ele. Acho que tenho o direito de ter meu nome na assinatura. Se eu tiver que compartilhar, então que seja, mas - '

- Você não está compartilhando nada - Gardener rosnou de volta. 'Seu nome não estará na assinatura.'

'Mas -'

- Você não é nosso repórter policial sênior. Essa posição é ocupada por Jonathan Simmons. É por isso que *e/le* vai escrever esta história. '

- Isso não é justo - gemeu Emilia, ciente de que parecia uma criança de cinco anos.

- É totalmente justo, dada sua deslealdade a este jornal. Mais do que isso, é o que vai acontecer. '

Gardener deu a volta na mesa, devolvendo as fotos às mãos de Emilia, invadindo seu espaço pessoal.

- Você pode pensar que é um figurão, Emilia, mas saiba disso. Você vai ter que me trazer um monte dessas histórias antes de voltar às minhas boas graças . . . '

Ele fez uma pausa antes de dar a piada:

- Sem trocadilhos.

20

09,44

Helen serpenteava por entre a multidão de compradores, examinando a passarela de pedestres. Charlie estava logo atrás dela, mas estava lutando para acompanhá-la devido à miríade de obstáculos em seu caminho. Os aposentados estavam parando para conversar, as crianças corriam para cá e para lá e as jovens colegiais praticamente trombaram com ela, mal tirando os olhos dos telefones enquanto o faziam. No meio de tudo isso, Helen se ergueu, esticando o pescoço para ver os rostos que passavam.

Tudo parecia calmo, até relaxado. O que ela esperava? Um tiroteio? Um rastro de destruição? Verdade seja dita, eles ainda não tinham certeza do que estavam procurando. Dois homens? Um homem e uma mulher? Eles não tinham nenhuma descrição física, nenhuma ideia clara até mesmo do que seus perpetradores estavam vestindo.

'Ver alguma coisa?'

'Nada', Charlie respondeu, logo atrás dela. 'Vocês?'

Helen abanou a cabeça. A cena diante dela era tão normal, tão cotidiana, que Helen começou a se perguntar

se os assassinos tinham vindo aqui para se esconder.

Talvez eles tivessem amigos que morassem por aqui ou tivessem alugado uma casa, sabendo que precisariam de um buraco de trava? Talvez os instintos de Helen anteriormente estivessem errados, talvez o assassinato desta manhã não tivesse sido planejado - um momento de raiva ou uma aberração terrível - e agora os suspeitos só queriam desaparecer, para colocar suas cabeças no lugar, enquanto eles decidiam o que fazer a seguir.

Mas agora, enquanto Helen examinava a cena, ela o avistou. Este era um distrito popular, onde todas as lojas faziam um bom comércio. É por isso que lhe pareceu estranho que uma das tomadas mais centrais estivesse fechada. As lojas que a ladeavam eram calorosas e acolhedoras, muito abertas ao comércio, mas as venezianas sujas da farmácia de Sansom estavam bem fechadas. Parecia estranho, fora do lugar, como o primeiro dente na boca de uma criança. Alguns clientes perplexos estavam conversando do lado de fora, claramente surpresos que seus planos tivessem sido interrompidos.

Helen mudou de curso abruptamente, indo diretamente para a loja. O instinto a guiava agora, a sensação de que algo estava errado. Ela esperava que estivesse errada, que houvesse uma explicação lógica e mundana para o fechamento da loja.

Mas, ao se aproximar da loja, suas esperanças se extinguíram de repente. Um grande estrondo soou, abafado pelas venezianas, mas ainda claramente audível.

Em seguida, outro, áspero e percussivo. Os fregueses já estavam se afastando, alarmados e confusos com o barulho estranho, mas Helen passou por eles, correndo na direção oposta.

Ela sabia exatamente o que era.

21

09,46

Melissa Hill se agachou atrás da vitrine, mal ousando olhar.

Ela estava se escondendo aqui desde que começou. Ela apareceu na farmácia logo depois do café da manhã, pois eles estavam sem leite artificial e fraldas. A seção de bebês ficava nos fundos da loja, em uma esquina em forma de L, e a princípio ela não percebeu o confronto na entrada. Então ela ouviu gritos e para seu horror testemunhou o dono da loja sendo levado para os fundos da loja sob a mira de uma arma.

Depois disso, as coisas ficaram quietas por um tempo. Melissa não tinha ideia do que estava acontecendo lá - ela realmente não queria saber - mas ela queria sair desta loja. As venezianas de segurança estavam fechadas, no entanto, e ela se perguntou se aqueles que estavam roubando a loja tinham a chave. De qualquer forma, parecia que havia pouca chance de ela chegar à frente sem ser notada - a mulher estava de olho no interior da loja.

Foi uma tortura lenta ficar sentada sem fazer nada, mas Melissa não tinha escolha.

Então ela se manteve fora de vista, balançando Isla gentilmente para cima e para baixo em sua tipóia para mantê-la dormindo. As coisas pareciam relativamente pacíficas lá atrás e por um momento Melissa se perguntou se a situação tinha se acalmado um pouco. Então, de repente, ela ouviu vozes elevadas e, segundos depois, um estrondo ensurdecedor, depois outro, seguido por um silêncio horrível.

Momentos depois, as duas figuras fugiram do escritório, perturbando um carrossel de DVDs enquanto avançavam. Ele caiu no chão com um baque pesado e foi então, quando Melissa se aproximou cada vez mais da vitrine, que Isla começou a se mexer.

'Não, não, não . .' Melissa sussurrou, balançando seu bebê para cima e para baixo.

Mas a reverberação do carrossel caído parecia encher a sala e Isla franziu o rosto, chateada e com raiva por ter sido perturbada. Melissa estava lutando por um manequim. Ela sabia que tinha um em algum lugar e procurou nos bolsos. Se ela pudesse manter Isla quieta, talvez eles não a notassem, talvez eles simplesmente saíssem . .

Isla estava fazendo pequenos gemidos agora, então Melissa procurou cada vez mais freneticamente. O miserável manequim não estava no bolso do casaco, então ela experimentou o jeans, antes de lembrar que o tinha enfiado no bolso lateral da mochila. Empurrando a mão para trás, ela a enfiou na rede e deu um suspiro de alívio quando seus dedos pousaram na tetina de plástico pegajosa. Arrancando-o, ela o levou à boca do bebê.

Mas ela estava um segundo atrasada e Isla soltou um grito agudo e agonizante.

22

09,48

Emilia voltou para sua mesa, amaldiçoando sua vida. Ela sabia que tinha sido imprudente e egoísta às vezes, mas ela realmente merecia *isso*? Suando sob o jugo de um editor medíocre de um jornal regional? Ela tinha mais instinto jornalístico em seu dedo mínimo do que ele em seu corpo inteiro. Ela havia quebrado várias histórias importantes. O que ele fez? Aumentar sua receita de publicidade? Ele era um repórter fracassado disfarçado de editor e isso a deixou mal do estômago.

Talvez fosse hora de sair completamente do jornalismo - ela estava condenada se iria se rebaixar em um papel que era tradicionalmente dado a graduados, que em sua experiência não tinham inteligência nem sabedoria.

O resto da redação estava ciente de seu progresso e de seu humor enquanto ela voltava para sua mesa. Olhando para cima, ela chamou a atenção de Jonathan Simmons, mas ele sabiamente baixou o olhar para o monitor. Ele era nominalmente seu gerente de linha, mas depois de sua primeira tentativa de se afirmar - que foi firme e obscenamente rejeitada - decidiu por uma abordagem suave, delicada. Na verdade, ele agora evitava Emilia, alimentando-se dos restos de histórias que a polícia e outros órgãos lhe contavam, deixando-a à vontade. Emilia suspeitou que sua estratégia era matá-la de fome - e estava funcionando. Sua paciência estava se esgotando e ela estava um bigode longe de colocar a coisa toda dentro.

Aterrissando em sua cadeira com um baque, ela abriu seu laptop. Ela ficou tentada a fazê-lo ali mesmo - escrever uma breve e cortante carta de demissão. Ela tinha fantasiado sobre isso muitas vezes e foi apenas o pensamento de sua família que a impediu. No passado, eles tinham uma vida boa, especialmente quando ela cobrava honorários decentes dos nacionais, mas agora que recebia o salário de estagiária, a vida era consideravelmente mais difícil. Ela tinha vários irmãos mais novos, todos os quais passaram a confiar nela desde que seu pai foi preso. Para Emilia, esse tinha sido um preço que valia a pena pagar - ela odiava o bastardo inútil -, mas a

responsabilidade ocasionalmente a deixava abatida. Ela amava seus irmãos e irmãs, mas eles eram irresponsáveis, aparentemente incapazes de manter um emprego ou contribuir para o funcionamento da casa.

Ela fechou o laptop, sabendo muito bem que não escreveria uma carta de demissão hoje. Chutando o lixo com irritação, ela caiu na cadeira, derrotada. Ela teria que terminar seu artigo hoje, mas de alguma forma ela não poderia enfrentar isso.

Talvez ela precisasse de um cigarro? Ou outro café? Mesmo essas opções a entediavam, então, em vez disso, ela pegou os fones de ouvido, que agora ela percebeu que ainda estavam borbulhando sozinhos. Colocando-os nos ouvidos, ela se recostou e fechou os olhos, querendo se perder no drama staccato de seus despachos.

- Tiros disparados contra a farmácia de Sansom. Todas as Unidades de Resposta Armada devem prosseguir para a área comercial de Folly Lane. Dois tiros foram relatados .

.

Emilia endireitou o corpo. Do outro lado, Jonathan Simmons estava escrevendo *seu* artigo, mas de repente ela não se importou. Pegando seu laptop, ela desligou o feed da polícia, então se afastou de sua mesa na ponta dos pés o mais silenciosamente que pôde.

23

09,49

Helen puxou as venezianas com todo o seu valor, mas ainda assim eles se recusaram a ceder. O proprietário era claramente um defensor da segurança - isso provavelmente o tranquilizou no passado, mas o que isso lhe custaria agora? Helen puxou novamente, mas as defesas teimosas se recusaram a ceder.

Helen ouviu passos atrás dela e ela e Charlie foram acompanhados por dois policiais uniformizados, ofegantes e superexcitados.

"Ajude-nos a abrir essa coisa."

Os oficiais fizeram o que ela instruiu e agora as venezianas rangiam, mas ainda resistiam, como se estivessem determinados a lutar até o fim. Amaldiçoando, Helen redobrou seus esforços e lentamente eles começaram a mudar, subindo alguns centímetros. Não foi o suficiente e Helen os incentivou a se esforçarem mais. Mais alguns centímetros e um deles pode deslizar por baixo.

Enquanto eles levantavam, ela ouvia atentamente os sons de dentro. Mas ela não conseguiu ouvir nada. Isso era um bom sinal ou um mau sinal? Eles chegaram tarde demais? Os atiradores haviam partido? Ou eles estavam à espreita, preparando uma emboscada para eles? Helen

viu uma Unidade de Resposta Armada móvel estacionando no meio do caminho e acenou para que eles se aproximassem. Ela pouco se importava com sua própria segurança, mas até ela hesitou em enfrentar dois assaltantes armados com nada além de seu rádio e cassetete para proteção. Melhor deixar os profissionais tomarem nota disso - Helen tinha a nítida sensação de que seria necessária para lidar com as consequências.

Quatro oficiais armados correram com as carabinas nas mãos. Eles estavam prontos para entrar, mas ainda assim as venezianas se recusavam a subir o suficiente, determinadas a proteger os que estavam dentro da vista. Cada segundo contava, então Helen deu um passo para o lado, ordenando que os oficiais corpulentos ajudassem.

- É com você - ela latiu. 'Eu preciso abrir AGORA.'

24

09,50

'Por favor, não nos machuque. Por favor, não nos machuque . . .'

Melissa não conseguiu se conter, implorando por sua vida, pela vida de seu bebê, enquanto os assassinos pairavam sobre ela. Assim que Isla começou a chorar, Melissa entrou em pânico, deixando cair o manequim e tapando a boca do bebê com a mão. Isso só deixou sua filha mais alarmada e depois disso foi impossível mantê-la quieta. Ela gritou e gritou, ficando cada vez mais roxa, e no final Melissa desistiu de tentar impedi-la, dissolvendo-se em lágrimas em vez disso.

Ela só parou quando ouviu passos, o medo a forçando a engolir os soluços.

Lentamente, casualmente, o homem e a mulher caminharam ao redor da vitrine para ficar na frente dela.

'O que temos aqui?'

O homem - mais de um metro e oitenta, com penetrantes olhos azuis e uma expressão zombeteira - parecia estar se divertindo, apesar do sangue que acabara de derramar. Ele parecia embriagado de poder, determinado a extrair todo o valor da experiência. A mulher, que era significativamente mais baixa e magra, pendurou-se em seu ombro.

- Um clandestino - continuou o homem, sorrindo. 'Nós acordamos baby?'

Melissa olhou para ele, as lágrimas manchando suas bochechas. Ela estava muito chocada, muito apavorada para responder.

'Bang!'

O homem rugiu a palavra para eles, provocando mais gritos de Isla.

- Shh, baby, tudo vai ficar bem - sussurrou Melissa, enterrando o rosto de Isla em seu pescoço, furiosa por aquele homem zombar de sua filha. Que tipo de animal ele era?

- Pegue a bolsa dela - ordenou o homem.

A mulher obedeceu, arrancando a mochila de Melissa dela e vasculhando o conteúdo até que ela encontrou sua bolsa. Fazendo uma careta para o conteúdo insignificante do último, ela o jogou na bolsa, no entanto.

- Bem, terminamos - o homem retomou, lançando um olhar rápido para as venezianas de segurança.

Então Melissa percebeu os ruídos do lado de fora. A loja estava mortalmente silenciosa desde a explosão inicial de tiros, mas agora havia vozes. E com eles o som das venezianas de segurança se apertando. A equipe de resgate havia chegado.

Afastando-se das persianas, Melissa percebeu que o homem estava olhando diretamente para ela. Um leve sorriso apareceu em seu rosto enquanto ele a observava. Ele parecia estar se alimentando de seu medo, apreciando seu desconforto.

'Agora . .' ele disse languidamente. - Qual de vocês quer ir primeiro?

Melissa olhou para ele. Certamente ele deveria estar fugindo? Por que ele demoraria?

'Por favor, não faça isso. Você não tem que fazer isso . . .'

Mas o homem pareceu não ouvi-la, erguendo sua espingarda até o nível dos olhos de Melissa. Encolhendo-se, Melissa puxou as mãos sobre o peito, determinada a proteger seu bebê do tiro. Mas os canos da arma balançaram mais baixo, apontando diretamente para Isla.

'Não, não . . ela é apenas um bebê . . ela não pode contar nada a eles . .'

Os barris balançaram de volta para o rosto de Melissa. Um momento de alívio, então o homem os virou de volta para o bebê mais uma vez.

- Faça o que quiser comigo, mas deixe-a ir.

Melissa estava desesperada agora, rezando para que a equipe de resgate entrasse e a salvasse, mas mesmo assim eles não vieram.

- Talvez sim, talvez não - disse o homem, erguendo os barris de volta à linha dos olhos de Melissa e dando um passo em sua direção.

Melissa estava chorando, seu corpo inteiro tremendo. Ela estava desesperada para viver, mas foi encurralada. Então, protegendo seu bebê, ela fechou os olhos e se preparou para o que estava por vir.

25

09,58

'Voltam. Você poderia, por favor, apenas voltar! '

A voz de Sanderson estava rouca de tanto gritar, mas ela renovou seus esforços, desesperada para manter os curiosos longe da farmácia. A Unidade de Resposta Armada ainda não havia conseguido entrar nas instalações e a situação estava viva, mas, mesmo assim, os compradores que passavam não conseguiram evitar o envolvimento. Alguns deles já estavam com o celular na mão, prontos para começar a filmar, apesar de não terem ideia do que realmente estava acontecendo.

As coisas ainda estavam caóticas lá fora, policiais chegando à delegacia vindos de várias partes da cidade, e com Helen e Charlie na linha de frente cabia a Sanderson organizar os reforços da melhor maneira possível. Ela havia enviado alguns deles para apoiar os oficiais armados, mas havia implantado o resto como um cordão humano, circundando a área fora da farmácia para manter o público a uma distância segura. O número

deles era pequeno e a fila aumentou, mas para seu alívio, Sanderson viu outro punhado de policiais uniformizados correndo em sua direção.

'Reúna-se aqui e traga essas pessoas de volta ', ela ordenou.

Eles obedeceram e agora, finalmente, começaram a obter um pouco de tração, empurrando a multidão cada vez maior para longe do perigo.

'Aqui, cuidado!'

'Fácil agora!'

'O que você está fazendo? É um país livre . . .'

As queixas habituais, acompanhadas dos insultos habituais. Sanderson ficou furioso com o fato de essas pessoas não entenderem - ela estava tentando *protegê-*

los -, mas tudo que os preocupava era perder. Eles realmente tinham tão pouco em suas vidas a ponto de se colocarem de boa vontade em perigo para serem noticiados? Era uma característica da vida moderna que Sanderson odiava - agora todos pensavam que eram testemunhas oculares, todos jornalistas. Hoje em dia, quando as pessoas deveriam intervir para impedir um crime ou, neste caso, sair da merda do caminho, em vez disso, queriam gravá-lo, como se tudo fosse entretenimento para seu benefício.

Um dos policiais localizou alguma fita da polícia e a estava passando ao longo da linha. Sanderson agarrou-o com gratidão e passou-o adiante. Alguns minutos depois, o trabalho estava feito - a cena foi efetivamente isolada. Bem a tempo também, pois, com uma chuva de faíscas e

um rangido de metal, as venezianas de segurança finalmente desistiram de lutar. A equipe havia decidido abrir caminho usando equipamento especializado e, virando-se, Sanderson viu os oficiais da Resposta Armada se preparando para entrar.

- O que está acontecendo aí?

Sanderson se virou para encontrar um comprador idoso que a agarrou pelo braço.

- São essas *armas que* eles estão carregando?

'Eu não posso te dizer nada nesta equipe-'

- Alguém se machucou?

'O que está acontecendo?'

- É o Sr. Sansom?

As perguntas choveram sobre Sanderson. Ela os desviou o melhor que pôde, não lhes dizendo nada, porque não *sabia de* nada. Ela estava tentando - e não conseguindo - obter algum circuito interno de TV dos fugitivos quando Helen de repente passou por rádio, ordenando que todos os oficiais do CID voltassem à farmácia. Sanderson foi imediatamente designado para o dever de controle de multidão, um trabalho para um DC, na verdade, e permaneceu na periferia desde então. Ela estava ciente de que tiros haviam sido disparados - mas quantos e com que impacto ela não tinha certeza.

Cada pergunta parecia sublinhar seu senso de impotência e ignorância, lembrando-a de quão longe ela havia caído na hierarquia. Antes ela possuía a confiança de Helen, mas por meio de suas ações precipitadas havia

destruído todo o seu bom trabalho e nada do que fazia - *nada* - parecia melhorar a situação.

Ela permaneceria no exílio para sempre.

26

10,00

O inspetor Sean O'Neill passou pelo buraco aberto e correu para a vitrine mais próxima. Agachando-se atrás dela, ele fez uma pausa, contando silenciosamente até dez, antes de se mover ao redor da vitrine e avançar lentamente. Chegando ao final, ele estendeu um espelho para espiar pela esquina, então, satisfeito por não haver nenhum movimento, lançou um olhar ao redor.

Tudo estava quieto, a atmosfera silenciosa e pesada. Virando-se, ele acenou para que seu segundo em comando o seguisse. O sargento Ed McGarvey correu para dentro e foi rapidamente até seu colega, antes de sinalizar para os outros dois membros do Time Vermelho para se juntarem a ele. O'Neill observou com satisfação enquanto eles se dirigiam para ele com rapidez, mas com cuidado, aproveitando a cobertura fornecida. Eles haviam trabalhado juntos como uma unidade por mais de um ano e, durante esse tempo, viram seu quinhão de ação.

Nenhum deles teve que disparar sua arma - felizmente, dada a papelada que gerou

- mas eles estiveram em muitas situações tensas. Desarmar um homem com um facão, apreender um carregamento de armas de fogo, trazer uma gangue inteira em um ponto. Essas experiências os uniram, tornando-os uma unidade inteligente e eficaz.

O'Neill voltou para a loja e considerou seu próximo movimento. Normalmente, ele anunciaria a presença de policiais armados e pedia aos presentes que se apresentassem com os braços para o ar. Mas a ameaça de emboscada era muito grande aqui, a evidência do desdém dos atiradores pela vida humana muito evidente para fazer isso. Pouco se ganhava revelando sua posição.

Ele examinou os fundos da loja mais uma vez, então gesticulou para seus colegas se espalharem. Ele tomaria o ponto como de costume, mas eles assumiriam posições defensivas de cada lado dele, devolvendo o fogo se necessário. Eles haviam passado anos treinando para isso e O'Neill sabia que não entrariam em pânico se o som de uma espingarda soasse de repente.

Tirando a trava de segurança de sua arma, ele deu um passo à frente. Depois outro, depois outro. Ele estava agora a par de outra exibição e, agachando-se, girou em torno dela. Sua arma estava levantada e pronta . . mas não havia ninguém lá. Agora ele avançou mais rapidamente, seguido o tempo todo por sua equipe. Havia um depósito nos fundos da loja que ele queria verificar, mas para chegar lá teria que passar pelas vitrines finais, que também poderiam fornecer uma boa cobertura.

Ele avançou com cautela e, de repente, parou de repente. Ele não tinha visto nada, mas havia *sentido um* movimento na parte de trás da loja, à esquerda. Alguém levantando uma arma? Preparando-se para atacar? Ele avançou para a frente, seus olhos disparando de um lado para o outro, calculando onde e quando os atiradores poderiam aparecer. Sua arma foi levantada até o nível dos olhos, ele estava olhando direto para a mira, pronto para puxar o gatilho, confiante de que poderia derrubá-

los se necessário. Ele teve sorte até agora em sua carreira.

Sem uma palavra sendo dita, o quarteto avançou em sincronia, caminhando cada vez mais perto, mais perto da vitrine final. Agora, um pequeno ruído à frente - algo sendo cutucado ou desalojado, talvez - e o inspetor O'Neill não hesitou. Com a velocidade da luz, ele avançou, contornando o final da tela.

'Poli armado-'

Ele foi interrompido por um grito agudo. Na frente dele estava uma mulher trêmula, com um dedo enfiado na boca de um bebê, balançando para a frente e para trás no chão.

- Não atire - gritou ela. 'Por favor, não atire . . .'

Espiando atentamente para a parte de trás da loja para confirmar se a barra estava limpa, O'Neill avançou, pegando a mulher. Ainda embalando seu bebê, ela desabou em seus braços.

'Você está bem? Você ou seu bebê estão feridos? '

A mulher não disse nada.

- Você pode me dizer onde estão os atiradores? Ele continuou.

Mas a mulher apenas se aconchegou mais perto dele e quando ela falou, foi apenas para sussurrar:

'Por favor, não atire . . .'

10,07

'Cuidado! O que você pensa que está fazendo?'

Emilia se virou para o imbecil pesado ao lado dela e lançou-lhe seu olhar mais fulminante, mostrando seu passe de imprensa para ele. Relutantemente, ele recuou, movendo-se alguns centímetros para o lado para permitir que ela avançasse para a frente do cordão.

Ela correu para Portswood o mais rápido que pôde e ficou angustiada ao descobrir que uma grande multidão já havia se reunido do lado de fora da farmácia.

Abaixando a cabeça e os cotovelos para fora, ela conseguiu forçar seu caminho passando pelos carrinhos de bebê e aposentados, mas ao chegar à frente percebeu que tinha sido um esforço inútil. O cordão de isolamento ficava a uma distância razoável da farmácia, uma linha estrategicamente posicionada de policiais uniformizados protegendo a fachada da loja. Por mais tensa que ela pudesse, não havia nada que ela pudesse ver desta posição.

Abraçando a câmera contra o peito, ela se afastou do cordão. Ela agora estava empurrando as mesmas pessoas que ela havia afastado segundos antes, com resultados previsíveis. Ela foi acompanhada por reclamações e abusos durante todo o caminho, mas ela ignorou o seu vitríolo. Ela havia abandonado a redação, deixado seu artigo inacabado e sabia que precisava voltar com mais do que um testemunho de terceira mão se quisesse aplacar Gardener.

Se libertando da multidão, ela olhou para a cena. A fila de policiais perto da oficina estava se estreitando, juntando os braços e puxando sua 'tela' para mais perto.

Atrás deles ela podia distinguir um movimento, embora o que estava acontecendo e quem estava envolvido ela não pudesse dizer. Mesmo assim, ela sentiu que era algo significativo, dadas as reações dos policiais, então ela procurou uma maneira de ter uma visão melhor do processo. Mas não havia soluções óbvias, a fila de policiais, mais os veículos da polícia estacionados, fornecendo uma barreira natural . .

Agora Emilia estava em movimento, tendo notado que o veículo mais próximo, um furgão policial de meia lateral, estava sem vigilância e, melhor ainda, destrancado.

Presumivelmente, na pressa para prender os perpetradores, o motorista se esqueceu de trancar. Emilia marchou em sua direção, abrindo a porta do motorista.

Pulando para dentro da cabine, ela colocou uma mão na parte superior da porta aberta e, em seguida, colocando os dois pés no banco do motorista, subiu com cuidado. Levantando-se, ela plantou ambas as mãos no topo do telhado, então ergueu o pé no painel e empurrou com força.

Em poucos instantes, ela estava no telhado. Ela estaria claramente visível agora para aqueles que estão abaixo, caso eles olhem para este lado, então ela caiu de barriga e se contorceu para frente. Chegando à beira do telhado, ela espiou e ficou satisfeita ao ver que tinha uma visão desobstruída da entrada da loja. Helen Grace estava lá, pairando perto de um buraco que tinha sido aberto nas venezianas de metal, mas ela recuou rapidamente, quando oficiais armados começaram a emergir. Tirando a câmara da bolsa, Emilia tirou a tampa da lente e se preparou para atirar. Ela esperava que os culpados

fossem levados algemados, mas para sua surpresa uma jovem apareceu agora, apoiada por um dos policiais armados.

Clique, clique, clique.

Emilia disparou e ficou maravilhada ao ver que a mulher tinha um bebê amarrado ao peito. A mulher não falava nada, apenas embalava o bebê, mas a imagem dizia tudo e Emilia retrocedeu contente. A mulher estava pálida, seu rosto surpreendentemente branco, e ela parecia muito, muito assustada.

28

10,15

Foi uma visão repugnante.

A Unidade de Resposta Armada declarou o prédio seguro - os fugitivos se foram há muito tempo - então Helen entrou rapidamente na farmácia. Disseram-lhe que fosse direto para o escritório e prosseguisse sem demora, ciente de que uma descoberta perturbadora a esperava. Anos de serviço a haviam endurecido, mas mesmo assim sua mão foi à boca, quando ela entrou na pequena sala. Um homem de meia-idade estava caído de joelhos, com o queixo e metade do rosto arrancados, o sangue e o cérebro decorando o chão ao seu redor. Helen percebeu os detalhes terríveis - a queimadura de impacto, o cabelo desgrenhado, o sangue escorrendo pelo tecido das calças dele - antes de erguer os olhos para o cofre vazio. Por que seus agressores fizeram isso quando seu prisioneiro estava claramente cooperando?

- Eles saíram pelos fundos.

Helen se virou para encontrar Charlie parado na porta.

"Eles empurraram algumas caixas de embalagem no quintal, pularam a parede dos fundos", explicou o júnior. 'Sanderson está lá com uniforme agora, mas . . .'

Helen acenou com a cabeça, voltando os olhos para a cena à sua frente.

"Eles não foram embora de mãos vazias", disse ela finalmente. "Eles esvaziaram o cofre e levaram a maior parte das coisas boas."

'Então, o que são eles? Caçadores de Emoção? Junkies? ' Charlie perguntou, observando os pacotes de anfetaminas que estavam jogados no chão ao redor do cadáver do proprietário.

"Eles certamente gostam de combustível para foguetes. Mas não é isso que os motiva. Tudo o que aconteceu até agora foi bem planejado. Eles ficam à espreita por Sonia Smalling, então a emboscam. Eles se dirigem para cá, se trancam, calmamente cuidam de seus negócios. Eles matam um homem a sangue frio, embora pareça que ele estava cooperando com eles . . ."

- Você acha que eles já mataram antes? Que eles têm experiência nesse tipo de coisa?

"O mundo está cheio de iniciativas automáticas hoje em dia", retrucou Helen.

'Pessoas que querem ser famosas, pessoas que acreditam em uma causa.

Normalmente, eu estaria ligando para o antiterrorismo agora, mas o elemento roubo conta contra isso . . .

- Deve haver maneiras mais fáceis de roubar pessoas, certo? Charlie interrompeu. -

Eles estão procurando sentenças de prisão perpétua aqui.

'Então talvez ele era pessoal. O nome da vítima é Alan Sansom - Helen continuou, olhando para o corpo mais uma vez. "O que o conecta a Sonia Smalling? Este último lidava com drogados e ladrões dia após dia. Esse é o link? Sansom foi roubado em algum momento, ele demitiu algum membro da equipe, alguém tinha rancor dele?

Este lugar fica muito longe da cena do assassinato de Smalling, então é um lugar estranho para onde ir.

- E se eles simplesmente o vissem no caminho? E se eles estivessem fugindo do primeiro assassinato e vissem uma oportunidade de estocar drogas, dinheiro. A chance de se divertir um pouco . . '

'Se for esse o caso, teremos que enfrentar isso, mas por agora quero que procuremos por *conexões* . Nesse ínterim, precisamos de uma descrição melhor dos assassinos. O CCTV aqui está danificado - a alimentação do arame foi cortada -

então teremos que torcer para que nosso sobrevivente possa nos esclarecer.

Assentindo, Charlie se afastou, mas Helen demorou um momento, observando o cadáver brutalizado à sua frente. Ela esperava - rezava - que o assassinato desta manhã tivesse sido único. Mas aqui estava a prova de que agora ela estava enfrentando algo mais sombrio, algo maior. Ela não se sentia pronta para isso, não tinha

forças para isso, mas ela estava mais uma vez sendo sugada para um pesadelo. Esses assassinos eram de sangue frio, clínicos e totalmente sem misericórdia.

Embora ela pudesse não perceber ainda, Melissa Hill acabara de escapar com muita sorte.

29

10,18

'Eu sou a irmã dela! Pelo amor de Deus, deixe-me passar . . .'

O policial que a impedia de entrar tinha dezoito anos, dezenove no máximo e parecia um coelho apanhado pelos faróis.

'Eu não devo -'

- Olhe só para ela, pelo amor de Deus - Emilia persistiu, gesticulando para a jovem mãe, que estava sentada na parte de trás de uma ambulância, ainda embalando seu filho. "Ela precisa de mim."

O policial olhou para a mulher, envolta em um cobertor policial, depois de volta para Emilia.

'Ok, me dê seu nome, posição e número. Vou fazer uma reclamação ao chefe da polícia. Corri todo o caminho até aqui, estive loucamente preocupado, só quero ter certeza de que ela está bem. '

'Tudo bem, tudo bem.' O oficial cedeu e conduziu-a através do cordão. 'Mas se alguém perguntar, não fui eu . . .'

Emilia mal o ouviu. Ela já estava marchando para a ambulância, ansiosa para chegar lá antes que alguém mais experiente a reconhecesse. Subindo nela, ela se sentou no banco - só então a mulher ergueu os olhos.

'Como você está?' Emilia perguntou, preocupada.

'Ok . . estamos bem . .' Melissa respondeu, parecendo um pouco confusa.

- Estou tão aliviado em ouvir isso. Você passou por uma provação terrível.

A mulher assentiu, mas não disse nada, voltando sua atenção para o bebê, que finalmente se acalmou.

'Quantos eram?'

- Dois - respondeu Melissa hesitante, aparentemente desorientada com a pergunta.

'Dois homens? Um homem e uma mulher?'

'Quem é Você?'

Emilia tirou um cartão de sua bolsa - era um de seus cartões antigos, com *o repórter chefe do crime* gravado nele - e o entregou a Melissa.

“Sou jornalista do *News* . Você já passou por um inferno, mas é a única testemunha de uma terrível tragédia - disse Emilia rapidamente, plenamente consciente de que agora estava se divertindo. 'E nossos leitores ficarão muito interessados em ouvir sobre suas experiências. Não precisamos mencionar o nome do seu filho se você não quiser, mas eles vão querer saber como você salvou a vida da sua filha, como você foi corajosa . .

'Olha, eu não estou pronto para falar com ninguém -'

- Cinco minutos, é tudo o que preciso.

"Ainda nem falei direito com a polícia, não posso falar com a imprensa."

'Eu entendo isso e definitivamente podemos pegar isso mais tarde. Que tal eu tirar uma foto rápida de vocês dois e então - '

'FORA!'

Emilia se virou para encontrar um furioso Charlie Brooks marchando em sua direção.

'Charlie. Que bom ver você de novo— '

- Não sei como você entrou aqui, mas está indo embora. Charlie agarrou a manga de Emilia e puxou-a para fora da ambulância.

'Estável ...'

'Sinto muito por isso', disse Charlie, dirigindo-se a Melissa agora. "Não haverá mais intrusões."

Emilia queria dizer a ela para onde ir, mas em vez disso sorriu docemente, quando um irado Charlie se virou para ela.

- É verdade que DI Grace deixou os criminosos passarem direto por ela? Depois do assassinato de Sonia Smalling?

'Saia da minha frente.'

'Algum comentário que você gostaria de fazer? Eu entendo que houve dois criminosos - '

Agora Emilia se sentia impelida para o cordão policial, Charlie a segurava com força pelo colarinho.

- Se eu voltar a vê-lo perto de uma testemunha, mandarei prendê-lo - sibilou Charlie, libertando Emilia repentinamente.

A jornalista tropeçou um pouco, mas recuperou o equilíbrio e a compostura.

Alisando a jaqueta, ela respondeu: 'Não seja um estranho, Charlie. Há mais coisas que nos unem do que nos separam. '

Charlie estava prestes a responder - com força - mas Emilia já havia se virado e se afastado. ganhando ou perdendo, ela sempre gostou de dar a última palavra.

30

10,28

É incrível o que algumas pessoas fazem.

Matthew Pritchard acordou tarde, depois de uma noite de bebedeira. Ele era um estudante de psicologia do terceiro ano na Universidade de Southampton e a noite anterior fora a festa dos Freshers do departamento. Normalmente, isso proporcionava uma boa escolha para os alunos mais velhos, que pareciam sofisticados e experientes aos olhos das jovens que estavam longe de casa pela primeira vez. Muitos de seus companheiros voltaram com companhia, mas - por razões que ele não conseguia entender - ele não. Como resultado, ele engoliu o uísque, afogando suas mágoas, e acordou sentindo-se desidratado, letárgico e geralmente irritado. Três xícaras de chá de erva-doce e um longo banho

ajudaram um pouco, mas ele ainda se sentia exausto. Razão pela qual ele agora estava empoleirado em sua janela do primeiro andar, vendo o mundo passar.

Isso era algo que ele gostava. Todo tipo de gente passava pela rua lá embaixo -

mães, aposentados, estudantes, vigaristas, policiais, até mesmo um ou outro drogado ou prostituta, vagando para casa depois de uma noite agitada. Você poderia dizer muito sobre alguém apenas pela aparência, a maneira como se movia, e Matthew gostava de inventar histórias para eles, imaginando como seriam suas vidas. Ele imaginou onde moravam, suas famílias e inventou lugares para onde estavam indo, coisas que estavam tentando alcançar. Às vezes as pessoas o surpreendiam fazendo algo realmente interessante - vomitando, gritando de tanto

rir, até mesmo tentando roubar uma bolsa - mas os dois na frente dele agora realmente pegaram o biscoito.

Ele os tinha visto quando ainda estavam a cinquenta metros de distância. Algo sobre eles parecia estranho - talvez fossem os longos casacos que ambos usavam, ou sua estranha combinação de aviator espelhado e boné de beisebol rosa. Eles pareciam ter se vestido para o dia com fantasias que não combinavam com a ocasião.

Eles certamente pareciam um problema, andando rápido pela rua, lançando olhares ocasionais para trás. A certa altura, Matthew pensou que eles haviam olhado diretamente para ele e ele se retraiu ligeiramente, mas eles continuaram imperturbáveis, então talvez ele estivesse imaginando isso. Ele esperava que eles passassem direto por seu apartamento, mas para sua

surpresa, eles pararam abruptamente. Então, depois de dar uma olhada rápida ao redor para verificar se a barra estava limpa, eles começaram a arrombar o pequeno Fiat estacionado em frente à sua porta. Ousado como latão. Tendo falhado em abrir a fechadura, o cara de aparência corpulenta agarrou a borda superior da porta do passageiro e começou a dobrá-la para trás. Pareceu ceder com relativa facilidade e logo o homem foi capaz de alcançar e destrancar a porta por dentro. Teria sido mais difícil se o carro tivesse um alarme, mas é claro que todos os carros por aqui eram de estudantes.

Tudo aconteceu tão rápido que só agora Matthew pensou em pegar o telefone.

Pegando-o, ele abriu o aplicativo da câmera, moveu para 'vídeo' e apertou 'gravar'.

A dupla estava em seu visor e ele observou enquanto abriam a porta. Eles pararam para se beijar brevemente, então entraram, o cara imediatamente se dedicando à tarefa de ligar o veículo antigo.

Em dois minutos eles se foram. Matthew parou sua gravação, chocado e impressionado. Ele testemunhou uma série de atos criminosos neste bairro, mas poucos que foram executados com a facilidade praticada. Os ladrões claramente não eram amadores e presumivelmente sabiam quais estradas atacar. Isso apenas serviu para confirmar o que ele suspeitava há muito tempo - você não podia confiar em ninguém nesta parte da cidade.

31

10,31

- Conte-me exatamente o que aconteceu.

Melissa Hill estava segurando uma xícara de chá enquanto se sentava na parte de trás da ambulância com Helen. O bebê de Melissa agora estava sendo cuidado por um paramédico, que balançava a menina para cima e para baixo em seus joelhos.

Ela parecia ter esquecido seu terror e gorgolejava e sorria para o companheiro, o que comoveu e surpreendeu Helen na mesma medida.

- Eu . . . acabei de entrar para pegar algumas coisas para Isla. Fórmula, fraldas, sabe . . . 'Melissa começou a hesitar. 'Eu ainda não tinha nada, só cheguei quando o

dono passou. Nem me viu, ele queria falar com duas pessoas que estavam mexendo com os óculos de sol. '

- Descreva-os para mim.

Melissa fechou os olhos por um momento, seu corpo tremendo ligeiramente. Helen percebeu que ela estava de volta à loja com eles e colocou uma mão reconfortante em seu braço.

'Sem pressa ...'

Melissa exalou - longo e lento.

'Um homem e uma mulher. Ele é alto, um metro e oitenta ou mais, ela é mais baixa, um metro e setenta, um metro e noventa . . .

'Branco, preto, asiático . . .?'

“Ambos brancos. Ele tem cabelo curto e castanho, ela tem cabelos loiros na altura dos ombros.

Helen acenou com a cabeça e lançou um olhar para Charlie. Isso era melhor.

'Quantos anos eles tem?'

- Ele provavelmente tem vinte e poucos anos, ela está no final da adolescência.

- E o que eles estavam vestindo?

- Ambos usavam sobretudos, na altura do joelho, cor cáqui. Ele estava com a cabeça descoberta, ela usava um boné de beisebol rosa e aviador. E ele tinha uma faca . . .

uma espécie de faca de caça presa ao peito.

Lágrimas picaram os olhos de Melissa agora, enquanto o terror tomava conta mais uma vez. Helen acariciou seu braço, confortando-a o melhor que pôde.

- Você está indo muito bem, Melissa.

Melissa deu um sorriso agradecido e tentou se recompor.

- Os dois estavam armados?

Melissa acenou com a cabeça.

- Com espingardas?

- Sim, mas foram serrados.

- Eles ameaçaram você e Isla?

Melissa acenou com a cabeça novamente, segurando a mão de Helen um pouco mais forte.

'Eles . . ele queria me matar. Ele brincou . . ele brincou sobre em quem ele atiraria primeiro, eu ou Isla . . - ela continuou, com a voz trêmula.

'Por que você acha que ele não fez isso? Ele estava perturbado? Nós o assustamos?

Melissa balançou a cabeça vigorosamente.

- Pude ouvir você tentando entrar, *eles* conseguiram ouvir, mas ele não pareceu se importar. Ele ia fazer isso, então *ela* o impediu.

Helen acenou com a cabeça.

'Como ela fez isso?'

'Ela apenas o agarrou pelo braço e disse para ele não se incomodar.'

- Palavras exatas, por favor, Melissa.

Melissa fechou os olhos mais uma vez, relutantemente voltando ao trauma.

'Ela pôs a mão no braço dele e disse:' Vamos, J, ela não vale a pena. ' '

E, com isso, Melissa Hill desabou.

32

10,35

Helen marchou para longe da ambulância, Charlie ao seu lado. Melissa disse a eles tudo que podia, então ela se organizou para se reunir com seu marido e voltar para casa sob a guarda da polícia. Eles teriam que falar com ela novamente no devido tempo - para obter uma declaração formal - mas ela tinha feito mais do que o suficiente por enquanto.

Chegando ao final da área comercial, a dupla cortou à direita, antes de virar à direita novamente pouco depois, levando-os para os fundos da farmácia. A loja ficava em uma rua residencial tranquila, caracterizada por casas vitorianas de aparência bastante cansada e uma série de carros de baixo custo. Helen supôs que esta estrada normalmente estaria morta, mas hoje estava ocupada com policiais uniformizados, batendo nas portas e parando os transeuntes.

Sanderson estava parado no meio da rua, organizando seus esforços. Helen não demorou, marchando direto para ela.

'O que conseguimos?' Helen perguntou.

- Um aposentado do número vinte e dois viu um homem correndo pela estrada cerca de meia hora atrás, mas ela jura que ele estava sozinho. Portanto, é possível que eles tenham se separado. '

- Ela descreveu o que ele estava vestindo?

- Camiseta e jeans, ela disse.

- Carregando alguma coisa?

- Não que ela se lembre.

- Parece um beco sem saída. Nossos rapazes estão bem armados, vestindo casacos longos, carregando coisas que pegaram na farmácia . . E, além disso, não acho que nosso par vá se separar por vontade própria. Provavelmente foi apenas alguém que ouviu os tiros ou as sirenes. Algum veículo foi levado? '

"Uma aluna do número cinco disse que viu um salão escuro se afastar bruscamente. Seria na hora certa, mas ela não foi capaz de ver quem estava no veículo . .

'Faço? Modelo?'

- Ela não tem certeza e não pegou o prato . .

'O que mais?'

"Ainda estamos batendo nas portas -"

- Então não temos ideia de qual direção eles tomaram, nem se estão em um veículo ou a pé?

'Ainda não. Mas dê-nos tempo - '

- Não temos tempo - retrucou Helen. 'Este par matou duas vezes em questão de horas e meu palpite é que eles ainda não terminaram. Consiga-me algumas informações concretas, algo com que eu possa *trabalhar* . . '

Assentindo, Sanderson correu para conferenciar com seus colegas uniformizados.

Helen a observou, fervendo de frustração com a falta de progresso. Dois assassinos estavam soltos em Southampton, cometendo atos de homicídio

impunemente, e ninguém havia testemunhado *nada* . Os perpetradores tiveram sorte ou astúcia? O

tempo diria, mas por enquanto eles pareciam ser capazes de invadir a vida das pessoas, matar e então desaparecer sem deixar vestígios.

33

10,57

O carro parou suavemente e ele desligou o motor. Eles estavam fora de vista agora, estacionados em um beco perto do Hospital South Hants. Uma longa fila de carceragens os flanqueava - carceragens raramente visitadas. Era o lugar perfeito para se esconder por mais ou menos uma hora, até que as coisas se acalmassem um pouco.

Eles ouviram o rádio enquanto dirigiam. Relatórios estavam filtrando sobre um

'grande incidente' em Portswood - ele adorou isso - e jornalistas locais estavam começando a fazer a conexão com o fechamento da estrada anterior perto de Ashurst. As informações eram escassas, mas você podia sentir o medo e a empolgação nas vozes dos apresentadores - algo grande estava começando.

Desligando o rádio, ele saiu do carro. Seu companheiro fez o mesmo, indo até ele rapidamente. Ela o agarrou pelo colarinho, beijando-o com força. Ele respondeu, suas mãos vagando para o traseiro dela, puxando-a em sua direção, quando um barulho repentino o fez parar.

Era um ruído profundo e monótono, alto e repetitivo. *Thunk , thunk , thunk* . Ele ficou perplexo a princípio -

sentindo a primeira pontada repentina de medo - então lentamente começou a levantar o olhar, seguindo a direção do som.

'Olha, querida . . .'

Ela tinha notado e agora ele também. E a visão trouxe um grande sorriso em seu rosto.

'Eles enviaram um helicóptero atrás de nós . . .'

Helicópteros não eram uma visão incomum em Southampton. Houve os poucos atiradores ricos que voaram para as docas e os inevitáveis helicópteros de trânsito.

Mas estes se moviam rapidamente e em rotas bem prescritas - este estava demorando, circulando a cidade, procurando, procurando, procurando . .

O som parecia estar ficando mais alto, então instintivamente ele se retirou, puxando-a com ele. Eles se esconderam sob a borda de um telhado fechado, permanecendo perfeitamente parados enquanto seus olhos seguiam o progresso lento e medido do helicóptero. Pareceu pairar sobre eles, girando em círculos, antes de eventualmente cortar para o oeste, longe dos arredores do hospital.

Nenhum dos dois se moveu até que sua batida suave fosse um som distante mais uma vez.

Ela riu e ele respondeu. Parecia loucura que um helicóptero tivesse sido escalado para procurá-los - estava além do que eles esperavam - e era emocionante pensar que eles eram agora objetos de uma caçada policial. Os policiais circularam descrições deles? O que

eles sabiam? A princípio, ele se arrependeu de deixar uma testemunha viva, mas isso definitivamente aumentou as apostas. Será que eles os pegariam agora que tinham algo com que brincar? Ou os fugitivos continuariam a escapar por entre os dedos?

Ele foi subitamente tomado por uma sensação de poder, de certeza. Como se eles fossem intocáveis. Capaz de fazer o que quiser, *quando* quiser. Virando-se para ela, ele a tomou nos braços. Ela parecia estar sentindo isso também. Talvez tenha sido a parte superior. Talvez tenha sido a adrenalina. Ambos se sentiram animados e livres.

Ela o beijou novamente e desta vez ele não se conteve. Suas línguas travaram e, enquanto ele corria as mãos pelas costas dela, ele sentiu sua excitação crescendo.

Empurrando-a de volta no chapéu, ele tirou seu casaco, abriu os botões de sua camisa e enfiou a mão dentro. Ela respondeu, mordendo sua orelha. Ela estava com fome como ele, alegre. E agora ela assumiu o controle, tirando suas calças e calcinhas em um movimento fluido, antes de puxar seu amante para ela.

34

11,01

As vibrações pareciam ondulá-la, enquanto o helicóptero passava por cima. Anna Sansom estava presa em um engarrafamento, seu carro encurralado e ela sentiu o helicóptero se aproximando antes de vê-lo. Ele estava voando muito baixo, suas lâminas rotativas batiam furiosamente, e todo o carro pareceu tremer ao passar por cima dela e para longe. Seus nervos estavam à flor da pele o suficiente e isso a deixou abalada e inquieta.

Ela estava tentando falar com Alan por quase uma hora, mas suas ligações continuavam indo para o correio de voz. Não era do feitio dele, o telefone de Alan estava sempre carregado e ao seu lado, caso algum fornecedor ou cliente tentasse entrar em contato com ele. Ela esperava que ele simplesmente não tivesse sinal, mas estava começando a se perguntar. Um vizinho apareceu, dizendo a ela que havia ocorrido "um incidente" na área comercial, perguntando se Alan estava bem.

Anna não ouvia muito rádio e no início ficara confusa, mal entendendo o que Joan estava dizendo. Seu vizinho tinha a tendência de exagerar, de criar drama onde não havia nenhum, e Anna estava confiante de que um telefonema rápido para o marido esclareceria as coisas. Mas uma dúzia de tentativas depois, Anna não percebeu. Seria possível que as redes móveis tivessem travado, como aconteceu em Londres durante 7/7? O pensamento a fez estremecer. Certamente eles não estavam lidando com algo parecido com *isso* ?

Mas a presença de um helicóptero policial não era reconfortante. Parecia estar se espalhando do centro de Portswood, voando em círculos cada vez maiores, afastando-se dela e voltando em sua direção mais uma vez. Embora odiasse voar, parte dela desejava estar lá com eles, em vez de ficar presa aqui. Pelo menos ela saberia o que estava acontecendo. Ela havia mexido no rádio, arrastando a frequência do jazz de Alan para o noticiário local, mas havia poucos detalhes em qualquer um dos relatórios. A polícia não deu uma entrevista coletiva, não forneceu informações tangíveis, embora a essência das coisas parecesse ser que tiros foram disparados em uma loja de Portswood e que houve vítimas. Todo o resto era especulação.

Talvez Alan estivesse ajudando, cuidando dos feridos - isso seria bem típico dele.

Ele sempre teve um senso de vocação - embora também tivesse uma cabeça comercial sobre os ombros - e gostaria de usar seu treinamento com bons resultados. Sim, provavelmente era isso. Ela esperava que ele não ficasse muito abalado com isso - ele era muito mais sensível do que jamais demonstrou.

Anna estava com os olhos grudados no helicóptero que voltava e saltou do corpo quando o telefone tocou de repente. Ela o agarrou, respondendo rapidamente, mas ficou surpresa ao encontrar uma ligação feminina do outro lado da linha.

- Sra. Sansom?

'Quem é?'

"Meu nome é Emilia Garanita. Eu estou -"

'Seja o que for, vai ter que esperar. Estou tentando manter esta linha livre para o caso de meu marido ligar.'

Invocar o nome do marido geralmente funcionava, mas a mulher do outro lado parecia não se intimidar.

- Presumo que você tenha ouvido falar do incidente em Portswood.

'O que é que tem?' Anna disse ocupada, repentinamente ansiosa para se livrar dessa mulher.

- Escute, sra. Sansom, sou jornalista do *News* e é meu dever repassar todas as informações que tenho.

De repente, Anna Sansom sentiu um arrepio percorrer sua espinha.

'O que você está falando? Eu disse a você que estou esperando - '

- Lamento muito ter que lhe dizer isso, mas seu marido estava envolvido no incidente esta manhã . . O tiroteio, quero dizer.

'Eu não estou tendo essa conversa.'

- Não quero comentários - continuou a voz do outro lado da linha, um tanto pouco convincente -, mas achei que você deveria saber. A polícia é péssima em entrar em contato com o próximo ki . .

'Não é verdade.'

'Acredite em mim, eu gostaria que não fosse, mas -'

Anna encerrou a ligação. Momentos depois, seu telefone tocou novamente, mas ela o ignorou. 'Número retido'. Quem eram essas pessoas, que ligavam para você do nada, sugerindo todo tipo de coisa . . ?

Anna agarrou o volante com força, olhando para a frente. O tráfego estava começando a se mover agora, policiais uniformizados desviando os veículos de Portswood. Longe de quê? Imagens horríveis inundaram a cabeça de Anna, mas ela as afastou. Alan estava bem. Ela saberia se ele não fosse. De alguma forma ela saberia.

Não é?

11,15

Eles estavam andando rápido pelo corredor, marchando em direção à sala de incidentes. Charlie vinha debatendo a melhor forma de abordar o assunto - ou mesmo se deveria mencioná-lo - mas ainda não havia encontrado uma abordagem sutil ou inteligente. Ela sentiu que tinha que dizer *algo*, entretanto, assim que a sala de incidentes apareceu, Charlie deu o salto.

- Antes de começarmos o briefing, posso falar com você sobre o DS Sanderson?

Charlie disse, mantendo a voz baixa.

'Então e ela?' Helen respondeu, mal diminuindo o passo.

'Acho que ela está se sentindo um pouco exposta no momento, um pouco isolada . . .'

'De quem?'

- Você - disse Charlie rapidamente, ansioso para colocar tudo a público antes de entrarem no escritório.

- E por que ela estaria sentindo isso? Helen respondeu concisamente, finalmente diminuindo o ritmo e se virando para Charlie.

- Por causa de tudo o que aconteceu, a investigação de Robert Stonehill, a parte dela em sua prisão . .

'Nós já passamos por isso. Eu a sentei e conversamos sobre isso - '

- Mas você não a perdoou. - Charlie interrompeu, surpreendendo-se com sua franqueza.

Helen não disse nada, olhando para ela. Charlie sabia que seu chefe não gostava de ser lembrado de sua prisão e de seu tempo atrás das grades - compreensivelmente ela queria seguir em frente, começar um novo capítulo em sua vida - mas Charlie tinha a nítida sensação de que Helen estava punindo Sanderson.

'Eu sei que deve ser difícil para você sentir que pode confiar nela novamente - eu entendo, eu realmente entendo - mas ela é uma boa policial e tem sido uma boa amiga para mim no ano passado', Charlie continuou.

- É daí que vem isso?

'Não, claro que não. Só acho que poderíamos usá-la mais - '

- E essa é a sua decisão, não é? Como implantar minha equipe? '

- Você deveria falar com ela. Se houver um problema entre vocês, então você deve lidar com ele. Para o bem de todos. '

Charlie esperava apresentá-lo como um processo que beneficiaria a todos. E era verdade - ela estava pensando em Sanderson, mas também em Helen. Ela não queria que sua velha amiga e aliada se tornasse amarga, fosse permanentemente danificada por suas experiências traumáticas.

'Olha, Charlie', Helen respondeu cuidadosamente, lutando para controlar suas emoções, 'Eu sei que você está tentando ser útil, mas esta não é a hora nem o lugar.

Talvez haja um pouco de verdade no que você está dizendo, talvez eu dependa demais de você, mas estamos no meio de uma *grande* investigação . .

'É por isso que precisamos de nosso melhor pessoal.'

'Eu vou decidir quem eu uso e quem eu-'

- Não a congele, Helen. Isso é tudo que eu digo- '

- Uma mulher morreu em meus braços esta manhã - Helen interrompeu bruscamente, levantando a voz. - Tentei salvá-la, mas não pude fazer nada. Eu tive que vê-la morrer na minha frente . . '

Charlie olhou para Helen, silenciado por essa explosão repentina.

- Minha primeira responsabilidade agora - minha *única* responsabilidade - é pegar aqueles que a mataram. Até que o façamos, todos os assuntos relacionados ao . .

pessoal terão que esperar. Está claro?'

Intimidado pelo tom áspero de Helen, Charlie não disse nada.

'Está claro?' ela repetiu, mais alto desta vez.

Helen estava olhando diretamente para ela, desafiando Charlie a desafiá-la. Mas ela não o fez, acenando mudamente em vez disso.

- Então vamos em frente - concluiu Helen, abrindo a porta da sala de incidentes e marchando para dentro.

Charlie a observou ir embora, sentindo-se zangado e irritado, então a seguiu.

11,21

'Nossa primeira tarefa é descobrir quem é esse' J '.'

A sala de incidentes estava mais ocupada do que de costume, pois os policiais em licença foram chamados de volta ao serviço. Charlie se juntou a DC Edwards e DC

Reid na frente do grupo, lançando um olhar sobre os rostos dos policiais, enquanto Helen começava suas instruções. A vibração na equipe de incidentes graves estava estranha ultimamente, mas hoje todo mundo estava prestando atenção.

- Onde estamos com a lista de estagiários de Sonia Smalling?

'Bem, existem trinta e quatro homens ou meninos cujo primeiro nome começa com a letra' J ',' DC Reid respondeu, puxando os nomes para a tela grande.

"Isso é demais", Helen disse a ele. - Vamos restringir aos homens de vinte e poucos anos, que tiveram contato com ela nos últimos dezoito meses.

Reid digitou um pouco mais e a lista diminuiu rapidamente.

"Isso nos deixa com oito nomes."

'Agora puxe aqueles que têm um histórico de abuso de drogas.'

'Ok,' Reid respondeu, digitando.

'E vamos priorizar aqueles que foram acusados ou condenados por agressão, roubo qualificado ou porte de arma.'

'Três nomes,' Reid concluiu. 'John MacDonald, Jason Swift e James Bennett.'

'Obrigada.' Helen se voltou para McAndrew. - DC McAndrew, quero que leve as fotos deles para Melissa Hill. Pergunte se ela reconhece algum desses homens.

- Imediatamente - reconheceu McAndrew, recolhendo suas coisas.

- O resto de vocês vai verificar esses três suspeitos - Helen continuou, voltando-se para o grupo mais amplo. - Histórico médico, planilhas de cobrança, antecedentes familiares, locais conhecidos e, claro, qualquer conexão com Sonia Smalling ou Alan Sansom. Vamos entrar em suas vidas e ver se podemos descobrir o que causou essa explosão repentina de violência. '

A sala estava em silêncio agora. Os oficiais presentes poderiam dizer que Helen ainda não havia terminado.

'Haverá sinais de que isso estava chegando. O elemento roubo desses crimes parece um meio para um fim - roubar um carro para levá-los a Portswood, anfetaminas para mantê-los em movimento. Esses assassinatos são sobre outra coisa. Nossos perpetradores estão *zangados* - com suas famílias, seus empregadores, a comunidade em que vivem, por causa das ofensas ou injustiças que sofreram . . . '

- Isso significa que eles não vão parar? DC Edwards perguntou.

- Provavelmente não - continuou Helen. 'Esses caras estão em alta agora - eles foram longe demais para recuar, então provavelmente continuarão até serem

presos ou mortos, ou ficarem sem munição. Eles parecem estar bem armados e com recursos, então a chave é encontrá-los e neutralizá-los o mais rápido possível.

,

Uma atmosfera sombria encheu a sala, então Helen continuou.

'Quando você estiver checando seus registros médicos, procure um histórico de autoagressão ou tentativas de suicídio. Podemos estar diante de um par de assassinos de farra aqui - pessoas que querem criar o máximo de carnificina no menor tempo possível. Se for assim, é provável que seus mundos tenham desabado recentemente por algum motivo. Eles provavelmente estão deprimidos, podem estar sob medicação e é provável que já tenham tentado se suicidar no passado.

Eles não têm esperança e seus crimes podem ser um caso de suicídio se transformando em homicídio. Haverá uma pegada médica apontando-nos em sua direção. Se alguém for sinalizado, mergulhe em sua história pessoal recente. Visite a casa da família, converse com vizinhos e amigos. Nove em cada dez vezes, haverá um incidente específico - um crime cometido, uma briga de família, uma morte na família, algo que significa que não há caminho de volta. Descubra o que é isso.

Descubra com quem eles estão zangados e talvez - '

"Podemos descobrir onde eles vão atacar a seguir", ofereceu DC Osbourne.

'Exatamente. Obviamente, temos uniformes nas ruas, mas é nosso trabalho prever seus movimentos e tentar chegar à frente deles. Se pudermos, temos uma boa chance de trazê-los com segurança. Eles podem muito bem ter cometido atos de vandalismo contra pessoas ou instituições de que não gostam - construindo algo maior - então execute a regra em suas folhas de acusação recentes. Normalmente, assassinos desse tipo exibem hostilidade a todas as formas de autoridade. Então, quem eles têm como alvo e por quê? Eles voltarão para terminar o trabalho? '

'E se seus alvos forem aleatórios? E se eles não tiverem um plano real? ' Edwards perguntou, parecendo genuinamente preocupado.

'Então nosso trabalho será muito mais difícil. Mas se eles estão matando aleatoriamente, por que estão se movendo? Nesses casos, as mortes tendem a ser localizadas - em um prédio, uma aldeia - mas esses caras estão se mudando para diferentes áreas da cidade e estão sendo *cuidadosos* . A perícia não descobriu uma única impressão digital ou vestígio de DNA do Audi, então nossos perpetradores estão usando luvas, eles não estão deixando cair os cabelos. Acho que eles têm um plano que desejam concretizar.

'E temos certeza de que Sonia Smalling é uma conexão importante? Que podemos definitivamente vincular nossos assassinos a ela? DC Osbourne corajosamente saltou mais uma vez.

- Não, mas você tem ideias melhores? Helen respondeu, levantando alguns sorrisos irônicos. - O primeiro assassinato pode ser aleatório, mas eles esperaram por ela e a emboscaram, e meu instinto me diz que ela não foi selecionada por acaso. Diante disso, nossas duas vítimas são muito diferentes - Sonia era casada e tinha filhos, morava no campo, enquanto Alan Sansom não tinha filhos, morava perto do centro da cidade. A vida social deles não se sobrepõe, eles não compartilham os mesmos hobbies, ele nasceu no Reino Unido, ela não, mas... eu acredito que os assassinatos deles estão ligados. Então, vamos sair e encontrar a conexão. '

Helen tinha falado o suficiente e a equipe agora começou a trabalhar. Charlie os organizou, dividindo os oficiais em três grupos separados e direcionando suas energias e investigações da melhor maneira possível. Enquanto isso, Helen voltou

para o escritório, pensando nos acontecimentos da manhã. Ao fazer isso, ela viu o DC Reid se aproximando rapidamente. Ela percebeu pelo jeito dele que ele tinha novidades.

- Acabei de colocar isso - disse ele sem fôlego, segurando um iPad para ela ver.

"Enviado por um estudante em Portswood que ouviu as notícias no rádio."

Helen pegou o iPad e olhou para a imagem na tela. Mostrava duas figuras - um homem alto e uma jovem - roubando um velho Fiat. Eles estavam vestidos com longos casacos cáqui e os olhos de Helen foram atraídos para a jovem - com seu cabelo loiro, boné rosa e óculos de sol.

Finalmente eles tiveram uma imagem de seus assassinos fantasmas.

37

11,59

'Estes são os dois indivíduos que procuramos.'

A voz de Helen soou alta e clara em toda a lotada suíte de ligação com a mídia. A imagem capturada das duas figuras encheu a tela acima da cabeça de Helen.

"Ele tem mais de um metro e oitenta de altura e cabelo castanho claro. Ela tem cinco, dois, cinco e três, com cabelos loiros na altura dos ombros. Ambos estão vestindo sobretudos cáqui na altura do joelho. Eles foram vistos pela última vez na Alma Road em Portswood por volta das 10h30 desta manhã. Acreditamos que eles agora estejam na posse de um veículo - um Fiat Punto marrom, com a matrícula LB05THX. Qualquer pessoa que achar que viu este veículo ou essas pessoas deve entrar em contato com a polícia *imediatamente*. Gostaria de enfatizar que os suspeitos não devem ser abordados. '

- Você está ligando esses dois indivíduos ao incidente em Ashurst e ao tiroteio em Portswood? um jornalista local gritou.

'Sim, nós somos.'

- E para quantas vítimas estamos olhando?

"Não vou entrar em detalhes sobre isso."

- Alguma fatalidade?

'Como eu disse, eu não vou -'

'É relacionado ao terrorismo? IS ou Daesh ou como são chamados agora? '

Houve algumas risadas reprimidas ao redor da sala. Helen foi lembrada do quanto ela odiava esses eventos. Normalmente ela evitava conferências de imprensa, mas não tinha chefe para encaminhá-las agora e, além disso, isso era importante demais para deixar para qualquer outra pessoa.

"Não, essa não é uma linha importante de investigação."

'Então é isso? Duas crianças malucas? Algum tipo de vingança?'

- Eu não os chamaria de crianças - Helen rebateu baixinho. "O suspeito do sexo masculino tem vinte e poucos anos, ela está no final da adolescência. Eles são jovens adultos que, por razões que ainda não conhecemos -'

'O *que* você sabe com certeza?' foi a resposta direta do repórter local da BBC.

'Temos várias linhas ativas de investigação, mas nosso recurso mais valioso são os olhos e os ouvidos do público, e é por isso que . . .'

- Então você quer que o povo de Southampton faça seu trabalho por você?'

'Não, eu quero que eles nos ajudem -'

- Você tem ideia de onde estão os suspeitos agora?'

'Eles foram vistos pela última vez em Portswood -'

'Onde eles estão *agora*?' um jornalista do *The Times* pressionou.

'Não sabemos, mas temos dezenas de policiais vasculhando a cidade, para não mencionar várias Unidades de Resposta Armada móveis -'

"Então o que você está dizendo é que tem dois atiradores à solta", acrescentou outro jornalista, "e não tem ideia de onde eles estão ou quando podem atacar em seguida?"

'É uma situação em desenvolvimento.'

'O que você está realmente fazendo para manter o povo de Southampton seguro?'

- Você deveria impor um toque de recolher? Trazendo o exército?

- Na minha opinião, isso seria prematuro - Helen respondeu vigorosamente, erguendo a voz para ser ouvida acima da confusão. 'Todos os oficiais desta força foram chamados de volta ao serviço. Temos duas dúzias de policiais armados altamente treinados que podem ser embaralhados a qualquer momento, sem mencionar o apoio do helicóptero da polícia e de nossos colegas na Polícia de Transporte de Hampshire. Estamos fazendo tudo ao nosso alcance e não vamos descansar até que os perpetradores sejam presos. *Mas* nossa melhor arma é a vigilância do público, e é por isso que apelo por sua ajuda para compartilhar essa imagem crucial e aumentar a conscientização pública sobre esses crimes. '

Helen avistou um jornalista prestes a intervir, mas entrou primeiro:

- É tudo o que tenho para você agora. Como tenho certeza de que você pode imaginar, preciso voltar para a sala de incidentes.

Isso não impediu as perguntas, é claro - elas caíram sobre Helen agora. Mas ela não esperou para ouvi-los, levantando-se e dirigindo-se para a porta. Ela não precisava ser repreendida ou envergonhada - ela tinha o suficiente em seu prato sem uma crucificação pública. Enquanto ela passava pela multidão, seus níveis de raiva aumentaram lentamente. Com seus chefes por atribuir a ela essas funções de mídia e com os jornalistas que vieram aqui para apontar o dedo, em vez de relatar as notícias. Seu tom de pânico, sua indignação, suas acusações agressivas - era tão deprimente e familiar e previsível. Na verdade, o único aspecto desse linchamento público que surpreendeu Helen foi a ausência de um crítico persistente e de longa data.

Emilia Garanita.

38

12,04

Seu telefone zumbia insistentemente, mas Emilia o ignorou. Gardener já havia tentado falar com ela três vezes, mas ela deixara todas as ligações dele irem para o

correio de voz. Ele iria irritá-la por abandonar a redação ou questioná-la sobre o que ela estava fazendo. De qualquer forma, Emilia decidira deixá-lo refogar seu próprio suco um pouco mais. Ela sempre teve um dom para o dramático e o deixava chegar ao ápice antes de dar seu pequeno furo e silenciá-lo de uma vez por todas.

Seu substituto na mesa do crime foi um cobertor molhado. Simmons provavelmente estava no briefing policial agora, obedientemente tomando notas, enquanto ela estava à frente da história. Ela teve uma estimativa positiva do número de vítimas, além de uma entrevista com uma testemunha ocular (embora breve) com o único sobrevivente e fotos dramáticas da jovem mãe e seu bebê sendo levado às pressas para um local seguro por policiais armados. Na era do noticiário 24 horas por dia, 7 dias por semana, em que todo mundo com câmera de vídeo era jornalista, a exclusividade importava. E ninguém mais tinha imagens do resgate dramático de Melissa Hill.

Estariam na primeira página do *Southampton Evening News* hoje à noite? Emilia ainda não tinha se decidido. Seu instinto foi entrar em contato com os jornais nacionais, pois essa história seria uma grande notícia. Mas ela já tivera os dedos queimados antes pelos jornais de Londres e sua reputação ainda estava manchada, após o trabalho de machadinha que fizera em Helen Grace. Seu instinto, pela primeira vez, foi permanecer local e extrair tudo o que valesse a pena. Mas ela poderia ter certeza de que Gardener jogaria bola? Ele não tinha tempo para Emilia

- na verdade, ela suspeitava que ele tinha pouco interesse em mulheres em geral, e era conhecido por ser teimoso e agressivo. Será que algum dia ele sancionaria promovê-la em vez de Simmons, ou mesmo dispensaria sua substituição, visto que isso inevitavelmente faria sua tomada de decisão parecer suspeita? Ele algum dia admitiria que estava *errado* ?

Mas Emilia estava se adiantando. O mais importante primeiro: ela tinha que escrever seu artigo. Ela estava

escondida em um café com vista para a área comercial de pedestres de Portswood. De seu ponto de vista elevado, ela podia ver Meredith Walker e a equipe forense exercendo seu comércio dentro e ao redor da farmácia - ela até havia tirado algumas fotos deles no trabalho para adicionar cor ao seu artigo. Abrindo seu laptop, ela começou a compor os primeiros parágrafos em sua cabeça, enquanto esperava que ele inicializasse. Para sua surpresa, no entanto, seu antigo artigo apareceu na tela e ela percebeu tardiamente que havia se esquecido de desligar antes de deixar a redação. Ela se amaldiçoou por sua estupidez - a bateria estava acabando agora e não havia um plugue próximo ao café

- e estava prestes a minimizar seu artigo com raiva quando de repente fez uma pausa.

Seu artigo pela metade era uma obra clássica de moralização da classe média, lamentando uma recente onda de graffiti em Southampton. Não era particularmente interessante ou novo, mas iria animar as mães e pais locais. Agora, porém, Emilia olhava seu artigo com novos olhos, pois escondidas ao lado de seu exemplar estavam algumas fotos do grafite em questão. Um deles, uma imagem impressionante de uma cobra devorando sua própria cauda pintada em um prédio de escritórios monótono, saltou sobre ela agora.

Porque ela acabara de ver exatamente a mesma imagem pintada com spray na parede dos fundos da farmácia de Sansom.

39

12,37

- Vou te mostrar cinco rostos. Quero que você os estude de perto, então me diga se você reconhece o homem que o ameaçou esta manhã. '

Melissa Hill estava sentada à mesa da cozinha, o bebê equilibrado na dobra do braço. Seu marido, Gary, estava presente, voltando correndo do trabalho. Em várias ocasiões, ele insistiu que ela o deixasse ficar com Isla por um tempo. Mas Melissa não aceitaria, agarrando-se ao filho para salvar a vida, mesmo quando confrontada por DC McAndrew em negócios oficiais da polícia.

Gary pairava no fundo, olhando nervoso enquanto McAndrew tirava cinco fotos de uma pasta fina e as colocava na mesa. McAndrew colocou o último sobre a mesa e ergueu a cabeça para encontrar Melissa olhando fixamente para seu bebê.

- Vou precisar que você dê uma olhada neles, Melissa. Compreendo que isso pode ser enervante para você, mas você está seguro agora, nada vai acontecer com você.

,

Melissa ergueu os olhos, observando McAndrew, mas evitando as fotos na mesa.

Para McAndrew, ela claramente ainda estava em choque. Ela deveria estar descansando, possivelmente até sedada, mas ela se recusou a relaxar, recusou-se a baixar a guarda.

'Por favor, Melissa. Nossa melhor chance de pegar esse cara é se tivermos uma identidade positiva. Sem isso, é muito difícil saber para onde olhar. Assim que soubermos quem ele é, podemos divulgar seu nome na imprensa, sua foto também

- '

'Ok, ok, não há necessidade de me intimidar,' Melissa interrompeu rapidamente, sua voz tremendo enquanto falava.

Lentamente, ela baixou os olhos para as fotos. Enquanto ela examinava os cinco rostos, McAndrew determinou seu próprio domínio sobre eles. Três deles eram seus 'J's, os outros dois eram fotos de controle retiradas do sistema. Dois dos 'J's tinham tatuagens e Melissa parecia estar examinando-as agora. McAndrew a observou atentamente enquanto seus olhos se moviam para frente e para trás entre eles.

Finalmente, Melissa exalou, longa e sinceramente, antes de estender a mão e apontar para um deles.

'Esse é ele.'

McAndrew acenou com a cabeça.

- Você tem certeza?

'Cem por cento.'

"Por que tem tanta certeza?"

- Por causa da tatuagem no pescoço. Eu me lembro . . . meio que inchado enquanto ele falava comigo. Eu reconheceria essa coisa nojenta em qualquer lugar. '

McAndrew agradeceu profusamente a Melissa e saiu correndo de casa, tirando o telefone do bolso.

Por fim, eles tinham um nome.

12,48

- Nosso principal suspeito é Jason Swift.

Assim que Helen recebeu a ligação de McAndrew, ela puxou todos de suas tarefas, encurralando-os na sala de instruções. McAndrew era o único ausente - todos os outros estavam esmagados dentro da sala apertada, famintos por novas informações. Helen puxou a fotografia de Swift - com a barba por fazer, cabelo cor de areia, com uma tatuagem de caveira distinta no lado direito do pescoço - e ao lado dela sua folha de encargos.

- Ele tem 24 anos. Muitos cuidados para vandalismo, furto em lojas, tumulto, mas apenas uma condenação - por agressão agravada com arma. No entanto, ele foi questionado sobre uma série de incidentes em que minorias étnicas ou estrangeiros foram ameaçados ou atacados. Southampton teve seu quinhão de crimes de ódio recentemente e Jason Swift parece estar na vanguarda desses ataques. Ele está desempregado, tem ligações com outros encenqueiros e foi questionado especificamente sobre três ataques - um contra um lojista asiático, um contra um jovem negro e um contra um garçom polonês - '

'Então, isso é sobre racismo, sobre *ódio* ?' DC Edwards perguntou.

'Possivelmente. Sonia Smalling nasceu Sonia Wojcik. Ela é da Polônia e veio para este país há dez anos. Apesar de se casar e ter filhos aqui, ela nunca perdeu seu sotaque e tinha orgulho de sua herança. Alan Sansom nasceu e foi criado aqui, depois que seus pais fugiram da Alemanha para a Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial. Ele é muito proeminente na comunidade judaica em

Southampton e ortodoxo em suas visões religiosas. Todos nós sabemos que os ataques às sinagogas têm aumentado desde o referendo - '

- Porque, é claro, todos nós sabemos que *eles* foram responsáveis pelo Brexit . . -

Edwards falou com ironia, balançando a cabeça.

"Organizações como a Grã-Bretanha First e a Liga de Defesa Inglesa", continuou Helen, "intensificaram sua retórica contra os muçulmanos, judeus e outros, com consequências bastante previsíveis."

- Então, por que ele não foi acusado? Se ele foi ligado a três ataques - '

- Porque as vítimas não deram queixa. Eles estavam com medo, não queriam problemas . . '

Isso silenciou a sala - a resposta de Helen foi tão deprimente quanto previsível.

Sentindo os níveis de energia caindo na sala, ela pressionou:

"Três meses atrás, Swift ameaçou sua assistente social com uma pistola de pregos.

Ele mora com sua mãe e sobrevive de benefícios, e sua assistente social obviamente o pegou em um dia ruim. Ele deveria ter cumprido pena de prisão por isso, mas seu advogado conseguiu uma sentença de vingança da comunidade - que foi onde ele entrou em contato com Sonia Smalling. Fiel à forma, Jason parou de aparecer depois dos primeiros dias.

- E, deixe-me adivinhar, ninguém acompanhou isso?
Edwards acrescentou.

- Não parece. Ele está registrado como morando em um endereço em Woolston.

Mandei McAndrew lá com uma unidade armada, embora duvide que ele escolheria um buraco tão óbvio. Tentamos entrar em contato com a mãe dele, mas ela não atendeu.

- Ela também pode ser uma vítima? O *gatilho* para tudo isso? ' Osbourne perguntou.

Helen ignorou a sensação incômoda de roer seu estômago: - Espero que não.

Continuaremos tentando, mas até agora não tivemos nenhuma alegria. No entanto, pedi ao representante da mídia que passasse o nome de Jason Swift para a imprensa, então espero que sua mãe fique sabendo disso e entre em contato.

Elaborei operadores extras para a sala de comunicação - esteja preparado para receber muitos leads nas próximas horas. Alguns serão malucos, alguns estarão enganados, mas alguns podem ser úteis, então teremos que persegui-los todos. '

Helen levantou-se agora, entregando arquivos fotocopiados em Swift para os policiais individuais, que os abriram e avidamente leram o conteúdo.

- Alguma área específica em que devemos nos concentrar? Perguntou o DC

Bentham.

- Não temos nenhum endereço além do da mãe, então verifique os amigos, a família, mas também a garota. Ela é uma namorada? Um amigo da escola? Ela poderia estar protegendo ele? Jason Swift não tem um local de trabalho, apenas reivindica benefícios uma vez por semana, então está baseado neste aqui.

Helen fez uma breve pausa, antes de concluir:

- Precisamos encontrar Jason Swift.

41

13,01

Ele se sentou no assento de plástico barato, os olhos grudados na tela no canto da sala. A TV estava sintonizada no Sky News, que tratava dos assassinatos em Southampton. No passado, um repórter sem fôlego enchia a tela, anunciando os detalhes, mas hoje em dia os telespectadores querem fotos, não pessoas. Então, uma montagem de fotos da rua tranquila do interior, da farmácia suburbana, enquanto uma fita adesiva rolando de manchetes corria ao longo da parte inferior da tela. Havia imagens de policiais assediados, membros do público em prantos e, em seguida, o tiro de dinheiro - filmagem roubada de um saco de cadáver sendo levado para fora da farmácia em direção à ambulância.

As imagens eram comida e bebida para ele. Eles eram tudo o que ele esperava. Ele amava o medo, a angústia, o caos absoluto. Nada parecido jamais havia sido visitado em Southampton antes.

'Putá que pariu . . .'

Sua companheira ergueu os olhos do hambúrguer e Jason a ouviu praguejar baixinho ao ver uma nova imagem na TV. Um close-up de sua foto policial encheu a tela, olhando de soslaio para os outros clientes no café miserável. Ele parecia abatido, um pouco demente . . mas legal. Jesus Cristo, ele tinha feito a notícia . .

Enquanto olhava para a tela, Jason pensou sobre as coisas que o trouxeram a este ponto. O escárnio, as acusações, o assédio. Ele se lembrou de todas as pessoas que disseram que ele nunca seria nada - os professores, as crianças, a porra da própria mãe. O que eles pensariam agora? Ainda assim, pelo menos sua mãe estava

presente , o que era mais do que ele poderia dizer de seu pai. O que aquele idiota pensaria? O que *ele* diria quando descobrisse que havia gerado um demônio? De repente, ele desejou poder visitar todos os seus algozes um por um, empurrando seus insultos de volta por suas gargantas, esfregando seus narizes em seus atos. Ele tinha feito mais em poucas horas do que eles fariam em toda a sua vida.

- Devíamos ir, Jason.

- Cale a boca, sim? ele respondeu, distraído e irritado. "Estou tentando ouvir o que eles estão dizendo . ."

'Nós precisamos ir. Não devíamos ter vindo aqui - insistiu ela, levantando-se de repente e abandonando o hambúrguer.

Ele se virou para ela, pronto para continuar a discussão. Mas sua expressão ansiosa o silenciou. Ela estava certa. Por mais que ele estivesse se divertindo, não adiantava ficar. Então, com relutância, ele se levantou, seguindo-a

até a porta, permitindo-se apenas o tempo suficiente para uma última olhada na tela. Ele viu seu próprio rosto olhando para ele e engoliu um sorriso. Sem dúvida, este foi o dia mais feliz de sua vida.

E ele pretendia aproveitar ao máximo.

42

13,16

McAndrew estava na pequena sala, respirando o cheiro do fracasso.

Jason Swift morava com sua mãe em um apartamento de dois quartos em Woolston. Eles estavam no último andar de um bloco de torre que apresentava todos os sinais dos cortes recentes. Esta foi a austeridade britânica em letras grandes - pintura descascada, janelas rachadas e grafite de parede a parede.

Ninguém mais fingia manter a propriedade. A única pequena misericórdia era que o elevador estava funcionando, economizando oito lances de escada para McAndrew.

Previsivelmente, o elevador cheirava mal e o apartamento não era muito melhor.

Não que o lugar fosse um local bombardeado - a lavagem estava feita, roupas limpas estavam secando em um estendal de roupas - apenas tinha um odor profundo e persistente que era difícil de localizar, mas desagradável de sentir.

Sujeira enraizada? Saneamento duvidoso? Fosse o que fosse, teve um efeito profundamente deprimente em

McAndrew e ela agradeceu ao Senhor por ter conseguido superar suas origens humildes.

A polícia armada havia atacado a porta do apartamento, mas saiu de mãos vazias pouco depois, tendo verificado o apartamento de cima a baixo. Eles estavam fazendo as malas agora no estacionamento abaixo, deixando McAndrew para trás para examinar as evidências. Ela não era por natureza uma pessoa medrosa ou supersticiosa, mas ela gostaria que eles tivessem permanecido um pouco mais. Não é que ela se sentisse em perigo, apenas que havia uma atmosfera no lugar que a atingiu. Ela sentiu que havia muita infelicidade dentro dessas quatro paredes.

Se recompondo, McAndrew continuou seu exame do apartamento. Ela explorou a sala e a cozinha, mas não encontrou nada de interessante, nada fora do lugar, então mudou-se para o quarto principal. Também parecia não haver nada fora do comum aqui - uma cama de casal com um edredom velho e gasto, um guarda-roupa cheio de jeans e agasalhos de lã, alguns pedaços de maquiagem, remédios para dor de cabeça, um livro de biblioteca bem manuseado. Presumivelmente, este era o quarto da mãe e McAndrew ficou impressionado com o quão vazio era. Um testamento talvez para uma vida mal vivida, para uma mulher que sobreviveu.

O quarto de Jason era de interesse mais imediato e McAndrew correu para lá agora. O aroma de cannabis era forte, mas fora isso poderia ser o quarto de qualquer jovem - roupa suja no chão, cama desfeita, um cinzeiro com pontas de cigarro. Ao lado da cama, no entanto, havia uma pequena estante cheia de livros, antigos e novos. McAndrew assimilou os títulos, ficando cada vez mais deprimido enquanto lia as lombadas. Havia livros

sobre a supremacia branca, volumosos tomos de conhecidos negadores do Holocausto, bem como biografias de Hitler e Anders Brevik, e até mesmo um livro de um ex-oficial da SS sobre teoria racial e seleção de companheiros. Aninhados entre todos eles estavam vários panfletos e livretos caseiros, manifestações de publicidade e marchas e, em um caso, delineando a ameaça representada pelo Islã militante.

Afastando-se das estantes de livros, McAndrew se aproximou da pequena escrivaninha perto da janela. Um laptop surrado estava em cima dele e, depois de calçar algumas luvas de látex, ela o abriu. Para sua surpresa, não estava bloqueado por senha e, na verdade, um vídeo estava sendo executado. Sentando-se à mesa, ela observou as imagens - era um clipe que havia sido carregado no YouTube e estava em loop. McAndrew reconheceu imediatamente Swift, que estava brincando para a câmera. Ele estava cercado por árvores e campos e empunhava uma espingarda serrada, pressionando-a contra o ombro e disparando uma, duas vezes, antes de virá-la diretamente contra seu companheiro invisível, apontando os canos diretamente para baixo das lentes. Aumentando o volume, McAndrew ouviu uma jovem protestando, dizendo-lhe para não apontar a arma para ela.

Swift pareceu achar isso divertido, eventualmente virando a arma para longe dela e recarregando-a rapidamente, antes de atirar em alguns pássaros que passavam.

'Pedaco de mijo', Swift riu enquanto fingia tropeçar para trás com o recuo, antes de se virar mais uma vez para a câmera. 'Oh sim. Alguém vai atender . . '

Sua voz metálica encheu a sala, causando arrepios na espinha de McAndrew. O

vídeo voltou ao início, então ela fechou o laptop, tirou uma bolsa de provas do bolso e a colocou dentro. Selando-o, ela puxou o telefone para chamar a equipe forense, mas, mesmo ao fazer isso, ela hesitou, impressionada com a cena à sua frente. Este tinha sido o quarto de um jovem comum, mas em algum lugar ao longo da linha foi corrompido.

Agora era um santuário para o ódio.

43

13,22

"Joanne!"

Assim que Sanderson entrou na sala de incidentes, seu nome soou. Seu coração afundou. Ela havia passado duas horas completamente desanimadoras, perseguindo testemunhas inexistentes nos arredores da farmácia. Ela não havia encontrado exatamente nada e seus esforços foram substituídos por uma filmagem do celular de um aluno, fornecendo à polícia os detalhes que *ela* havia recebido para desenterrar. Ela havia perdido o briefing e estava atrasada, e agora Helen a estava chamando para seu escritório. Sanderson cruzou a sala como uma mulher condenada - ela queria desesperadamente contribuir, mas o destino parecia estar conspirando contra ela hoje.

Assim que ela entrou no escritório de Helen, ela o viu. Seu pedido de transferência tinha sido aberto e estava virado para cima na mesa de Helen.

'O que diabos é isso?' Helen exigiu.

- É um pedido de transferência - Sanderson respondeu categoricamente, esperando que ela não soasse como se estivesse zoando.

"Eu sei ler, Joanne. O que está fazendo na minha bandeja de entrada? "

'Eu coloquei lá esta manhã, porque eu acho que seria melhor para todos se eu seguir em frente. Eu tinha pensado em mudar para outro departamento, mas agora sinto que uma nova força, um novo começo, seria melhor . . . '

'A sério?'

'Bem, eu não pareço estar fazendo muito bem aqui e -'

- Você realmente quer fazer isso *agora* ? Hoje de todos os dias . . . '

- Não, quero dizer, coloquei lá esta manhã, antes de tudo isso começar. Eu não ia trazer isso à tona, obviamente, mas - '

- Você é uma peça de trabalho, sabia disso? Pessoas estão morrendo por aí e você quer discutir sua carreira? '

'Não, não, é que eu me senti excluído por um tempo agora e -'

- Bem, sinto muito se magoei seus sentimentos, detetive Sanderson, mas permita-me contar um pequeno segredo. O mundo *não* gira em torno de você. '

'Eu sei que -'

'Você faz parte de uma equipe. Uma equipe que só pode funcionar se todos os membros estiverem fazendo o seu próprio esforço. E você não tem, há muito tempo.

Sanderson não disse nada, envergonhado com a acusação.

'Agora eu aguento isso por causa de tudo que está acontecendo, mas não vou desculpar hoje. Temos dois assassinos em liberdade que provavelmente atacarão de novo, então agunte firme e *faça o seu trabalho* .

Ela devolveu o pedido de transferência a Sanderson, que o aceitou com relutância.

Helen ficou chocada ao ver que sua própria mão tremia - tamanha era sua raiva - e ela estava prestes a dispensar Sanderson, quando Charlie bateu e entrou.

'Pelo amor de Deus, Charlie, você não pode ver que estou no meio de . . .'

- Você vai querer ver isso. - Charlie disparou de volta, sem arrependimento.

Charlie entregou uma cópia do arquivo completo de Swift para ela. Helen estava ciente de que Sanderson estava pairando, sem saber se deveria ficar ou ir, mas abriu sem demora.

'Página dezessete, atrás,' Charlie continuou.

Helen folheou o arquivo, procurando ansiosamente pela página relevante, mas seu júnior foi mais rápido.

"Ele está marcado."

Helen fez uma pausa e olhou para Charlie.

'Jason Swift foi sentenciado a vingança na comunidade algumas semanas atrás, mas devido ao seu histórico ruim de comparecimento . . .'

Charlie parecia confuso, apontando com entusiasmo para o pequeno parágrafo na folha final.

'. . eles o etiquetaram.'

44

13,28

'Familiarize-se com suas armas - certifique-se de estar pronto para usá-las se necessário - mas *lembre-se de* que as ARUs têm controle geral de qualquer incidente que requeira resposta armada. Essas armas são para a sua proteção e a do público: deixe o heroísmo para os caras de capacetes. '

Helen, Charlie e um punhado de DCs experientes estavam no arsenal da Central de Southampton, autografando suas pistolas Heckler e Koch. Sanderson era notável por sua ausência - ela havia sido destacada para algum trabalho de acompanhamento mundano - mas nenhum de seus colegas mais novos parecia sentir sua falta. Era extremamente raro para a equipe receber armas de fogo e os níveis de excitação e adrenalina na sala eram palpáveis.

Após a revelação de Charlie, Helen correu para a unidade de comunicações da estação, com seu vice a reboque. Cada etiqueta do infrator contém um dispositivo GPS com um alcance de vários quilômetros e eles logo captaram um sinal. Como esperado, o sinal não vinha de

Woolston - perto da casa da família Swift -, mas sim do centro da cidade de Southampton, cerca de um quilômetro ao sul de Portswood.

- Certamente ele teria se livrado disso? Charlie sugeriu, enquanto corriam para o arsenal.

- Pode ser, mas eles são chatos para se safar e, além disso, talvez isso faça parte do plano dele.

- Você acha que ele realmente *quer* que o encontremos?

“Noventa por cento desses incidentes terminam com a morte do perpetrador. Por iniciativa própria ou por suicídio de policial. Então, sim, eu diria que essa é uma possibilidade distinta. ”

Charlie estremeceu, enervado com a ideia.

- Meu primeiro pensamento foi que ele simplesmente teria jogado na lixeira mais próxima - continuou Helen. 'Mas o sinal mostra que ele está se movendo. A questão é: para onde ele está indo e por quê?

- Você não acha que ele vai para o chão?

'Ele não mostra nenhum sinal de abrandar. Eu imagino que ele está bêbado com o poder, animado sobre onde ele vai atacar a seguir. Quero que estejamos esperando por ele quando o fizer. Todo mundo entendeu o protocolo?

Houve uma onda de assentimentos.

- Ótimo, então vamos embora.

A equipe desceu os degraus traseiros para o estacionamento. Helen tomara conta de sua bicicleta, guiada pela sala de comunicações, enquanto Charlie e o resto o seguiriam em carros não identificados. Não haveria luzes, nem sirenes, pois Helen fazia questão de preservar sua vantagem.

Helen subiu em sua Kawasaki e ligou o motor. Ao fazê-lo, a massa dura de sua arma no coldre atingiu suas costelas de forma desconfortável, lembrando-a da última vez que ela disparou com raiva. De repente, sua mente estava cheia de imagens horríveis - Marianne gritando, seu próprio dedo puxando o gatilho, o terrível resultado .

Helen podia sentir seu coração acelerado, sua respiração ficando curta, então ela afastou esses pensamentos rapidamente, saindo do estacionamento da estação.

Não havia tempo para introspecção mórbida, nem espaço para fraqueza, apesar de seus nervos à flor da pele. Ela havia ficado abalada com sua discussão com Charlie e seu confronto com Sanderson - chocada com seus próprios níveis de emoção -

mas ela tinha que se controlar.

Ela tinha um par de assassinos para pegar.

45

13,31

Ele olhou para as pessoas que passavam, buscando contato visual, mas cada rosto estava tão vazio quanto seu antecessor. A maioria dos transeuntes usava fones de ouvido e estava totalmente desligada do mundo.

Aqueles que não o fizeram estavam pouco mais engajados, olhando fixamente para a frente enquanto corriam ao longo da calçada, inconscientes de seu encontro passageiro com a celebridade.

Era hora do almoço e eles estavam ansiosos para chegar a Pret, Boots, seja lá o que for, desviando de sua rota pretendida sempre que alguém tinha a ousadia de cruzar seu caminho. Teria sido engraçado, se não fosse tão trágico.

Ele parecia estar viajando contra a maré. Talvez ele estivesse imaginando, exagerando sua própria importância, mas todos pareciam estar indo na direção oposta hoje. Estava bem. Ele era capaz de ver as coisas com mais clareza agora -

esses transeuntes estavam apenas seguindo o rebanho, fazendo o que a pessoa na frente deles estava fazendo. Talvez seja assim que essas lojas ganham dinheiro -

vendendo sanduíches medíocres para pessoas que não conseguiam pensar em nenhum lugar melhor para ir.

Ele era diferente. Eles eram diferentes. Por quê? Porque eles não estavam com medo. Este nem sempre foi o caso - eles sofreram humilhações e rejeições intermináveis, que foram profundas. Mas tudo isso ficou para trás. Depois que você para de se preocupar, tudo fica melhor.

Uma mulher resmungou quando ele passou por ela, forçando-a a se desviar. Ela era uma daquelas clássicas jovens profissionais de bunda esquerda que se convenceu de que cada segundo de seu tempo era precioso. No início, ela parecia que ia dizer algo para ele. Mas então ela o observou - o queixo com a barba por fazer, o cabelo despenteado, o tamanho dele - e se

acovardou, passando apressada. Ele sorriu para ela enquanto ela caminhava. Ela o reconheceria mais tarde, quando lesse os jornais, assistisse ao noticiário, mas por enquanto ela se ocuparia em debater se comeria um sanduíche de atum com maionese ou queijo e pickles . .

O mundo inteiro está acorrentado, assustado e impotente. As pessoas comuns - as pessoas pequenas - existem em um estado de . . qual foi a palavra que ela usou?

Torpor. Eles existem em estado de torpor, com medo de agir, de fazer qualquer coisa, porque temem as consequências. Talvez eles sejam repreendidos? Preso?

Perdeu o emprego? Talvez seus amigos desaprovem, dê-lhes um polegar para baixo no Facebook? Eles estão congelados, incapacitados por pensamentos sobre o julgamento que se seguirá.

Mas e se não *eram* nenhuma consequência? E se não houvesse retorno? Eles já não se preocupavam com as consequências de suas ações, para eles apenas o presente era real. E foi emocionante. Eles poderiam fazer exatamente o que quisessem, tratando as pessoas como elas mereciam ser tratadas. Havia honestidade em suas ações, um elemento de misericórdia também. Esses bastardos matavam pessoas lentamente, ao longo de muitos anos, mas eles estavam tirando-as de sua miséria rapidamente. Foi a única coisa boa que ele já fez na vida e ainda assim foi mais do que eles mereciam.

Ele sentiu o sangue subir mais uma vez e enfiou a mão dentro do casaco, segurando o cabo da arma. Estava bem. Ele havia sido decepcionado tantas vezes, mas uma

arma não decepciona você. Uma arma é sua amiga. E era hora de usá-lo novamente.

Era hora de libertar a besta.

46

13,33

Emilia Garanita puxou sua câmera, enquanto observava o prédio degradado à sua frente. Não adiantava tentar tirar algumas fotos na farmácia de Sansom - ela teria que esperar até que o circo da polícia morresse primeiro - então, em vez disso, ela entrou no carro e correu para Totton.

Esta não era a parte mais glamorosa de Southampton, mas era o lar do serviço de liberdade condicional local. Muitos jovens infratores - e até mesmo alguns que eram mais velhos e deveriam saber disso - fizeram a jornada até aqui para começar seu troco comunitário. Muitos usaram o não. 38 ônibus - era uma piada que poucos motoristas de ônibus locais queriam dirigir por aquele caminho - enquanto outros foram deixados por pais ansiosos, na esperança de que sua progênie de repente mudasse de idéia. Poucos realmente o fizeram e, como resultado, muitos eram

visitantes recorrentes. Emilia podia se incluir entre eles agora - ela havia visitado recentemente seu escritório para verificar o grafite que contaminava suas paredes.

O lugar precisava urgentemente de reforma e as assistentes sociais que ela viu passando por suas portas pareciam abatidas e abatidas. Talvez esse fosse seu comportamento usual ou talvez eles tivessem ouvido a notícia sobre seu colega caído . Enquanto estava do lado

de fora, Emilia perguntou a alguns rostos que passavam sobre Sonia Smalling - o que eles achavam dela, se ela gostava dela - mas ninguém falava com ela e, além disso, não era para isso que ela estava aqui, então, abandonando sua posição antes que a segurança soubesse dela, ela começou seu circuito pelo prédio. Outrora havia sido pintado com uma cor cinza opaca, que os psicólogos locais achavam que menos "excitaria" os jovens infratores. Na verdade, tudo o que esses idiotas bem-intencionados conseguiram criar era uma tela em branco agradável para os inúmeros jovens grafiteiros que passavam por suas portas todos os dias. Como resultado, quase todas as superfícies estavam agora decoradas com as etiquetas repetidas de seus visitantes impenitentes. Isso fez Emilia rir, tamanha a idiotice dos encolhedores de cabeças e de seus pagadores politicamente corretos. Eles mereciam tudo o que tinham.

Sonia Smalling não merecia seu destino, entretanto, e tirando-se dele Emilia continuou seu passeio, inspecionando cuidadosamente os vários desenhos na alvenaria. E foi quando ela alcançou a parte de trás do prédio que ela encontrou o que estava procurando. Uma grande serpente esmeralda que parecia estar devorando sua própria cauda.

Ela já tinha visto isso antes, quando estava pesquisando o artigo, mas não prestou muita atenção então, além de notar que era melhor executado do que a maioria dos outros. Agora Emilia prestou muita atenção, tirando várias fotos, antes de voltar para inspecionar a cena. Uma única câmera CCTV pendurada, mole e quebrada, em um poste de cerca próximo. A julgar pelas teias de aranha que o cobriam, ele estava fora de ação há algum tempo. A cerca em si era decrépita, feita de arame, com

muitas lacunas. Emilia podia ver por que os perpetradores escolheram este local para pintar sua etiqueta - eles não foram esquecidos e havia praticamente nenhuma chance de serem detectados. Eles poderiam adicionar sua assinatura e partir antes que os de dentro percebessem.

Abaixando a câmera, Emilia olhou para a cobra esmeralda. Ninguém entrando ou saindo do prédio teria notado, mas talvez fosse esse o ponto. Seria uma pequena piada interna, para que outros descobrissem depois dos eventos de hoje? O local de trabalho de Sonia Smalling foi contaminado, assim como o de Alan Sansom.

Seria possível que os assassinos estivessem demarcando o território? Sinalizando com antecedência quem eles pretendiam atingir?

Foi um pensamento que fez Emilia estremecer. Isso a deixou se perguntando o quão organizado essa violência realmente era. E, mais importante, onde isso terminaria.

47

13,35

Helen acelerou pelas ruas da cidade, entrando e saindo do trânsito. Ela havia tomado a decisão de dispensar o blues e os dois, mas já estava se arrependendo. O

trânsito estava particularmente ruim hoje e o resto da equipe estava lutando para acompanhar o ritmo dela. Ela estaria na vanguarda da ação - ela apenas esperava que as Unidades de Resposta Armada que vinham do sul da cidade se juntassem a ela a tempo.

Uma pessoa que não se juntaria a eles era Joanne. Ela estava de volta à base, cumprindo deveres dificilmente compatíveis com sua posição ou experiência.

Agora que suas emoções haviam esfriado um pouco, Helen sabia que Charlie estava certo em questioná-la. Ela estava punindo Joanne, denunciando cada falha menor, tendo um prazer terrível em humilhá-la. Para quê? Ela não pretendia expulsá-la de Southampton Central - na verdade, não *pretendia* fazer nada. Seu comportamento desagradável em relação ao DS era instintivo e irrefletido e dizia mais sobre o estado de espírito de Helen do que de Sanderson. Ao condenar uma colega que acabava de fazer seu trabalho, Helen quebrou seu espírito e privou a equipe de um oficial valioso e talentoso. Situação dificilmente ideal, dada a operação em que estavam envolvidos.

- Alguma atualização de localização? Helen latiu, irritada e frustrada.

- Dê-me um minuto - respondeu uma voz desencarnada.

O capacete de Helen tinha Bluetooth embutido, conectado sem esforço ao rádio da polícia preso ao peito. Ela estava se comunicando com o Southampton Central desde o minuto em que saiu do parque de bicicletas, exigindo atualizações.

"Parece que ele parou perto da Walton Road", dizia a operadora.

Imediatamente Helen começou a percorrer mentalmente os destinos possíveis.

'Agora ele está se movendo novamente, indo para o oeste, parece estar ganhando velocidade.'

Os sinos de alarme já estavam tocando para Helen. Seria porque Swift tinha acelerado novamente, como se estivesse se preparando para outro ataque? Não, era outra coisa, algo que ela se lembrava de ter lido antes . . . Helen imaginou a folha de acusação em sua mente, relatando suas contravenções, uma por uma.

Precauções por rixa, comportamento ameaçador e abusivo, furto em lojas . .

E então ela entendeu.

- Acho que ele está indo para o WestQuay.

Houve um silêncio do outro lado da linha. O centro WestQuay era o principal destino de compras de Southampton - três andares de lojas, butikues e restaurantes. Estava sempre pesado, especialmente na hora do almoço.

- Ele foi preso por furto em uma loja no WestQuay. H&M, eu acho, 'Helen continuou.

Helen podia ouvir a operadora digitando furiosamente do outro lado da linha.

'Sim, ele foi preso lá, mas a loja decidiu não ir atrás disso. Diz aqui que Swift brigou com o segurança, queria acusá-lo de agressão.

'De onde era o guarda?'

'Deixe-me ver ...'

Helen prendeu a respiração enquanto a operadora procurava os detalhes.

'Somália, eu acho . . Sim, ele é um estudante somali aqui com um visto de trabalho.

O nome dele é Yusuf Muhamud. '

Agora Helen se lembrava dos detalhes. Tendo sido flagrado furtando em uma loja, Swift tentou fugir da loja e foi jogado no chão, machucando o rosto no processo. A loja havia decidido claramente que era melhor colocar o assunto para baixo do tapete. Jason Swift claramente não concordou.

- Alerta todas as unidades - disse Helen sem fôlego. - Diga a eles que quero todas as entradas e saídas cobertas. Vou coordenar a partir do átrio principal.

'Vai fazer.'

A operadora desligou e Helen puxou o acelerador, rugindo para longe do tráfego.

Os perpetradores estavam um passo à frente dela até agora, mas finalmente Helen os tinha em vista e estava determinada a fazer valer a pena.

48

13,37

As lojas estavam particularmente movimentadas naquela hora do almoço.

Margaret estava com falta de tempo - sua pausa para o almoço era uma pausa apenas no nome - e o volume de pessoas no WestQuay a frustrava a cada passo. A fila em Boots estava tão ruim que ela abandonou suas compras e entrou no Superdrug. Ela pegou um sanduíche

enquanto estava lá - BLT, ela pensou, mas ela não tinha realmente olhado - então correu para a H&M.

Ela calculou que tinha dez minutos no máximo, antes de começar a exaurir a paciência de seu supervisor. Ele poderia ficar muito irritado se achasse que você estava pegando o Mickey e Margaret não pudesse enfrentar uma tarde de seus comentários rudes, então ela correu pelo corredor de roupas. Ela tinha algumas coisas para pegar para seu filho e ela poderia até arriscar seu braço em algo para si mesma - se houvesse algo do tamanho dela na barra de vendas.

Ela foi até a seção de roupas masculinas, que ficava nos fundos da loja. Como sempre, havia uma exibição desconcertante de estilos e, mesmo quando ela encontrava um de que gostava, ainda era uma provação encontrá-lo no tamanho certo. Por que eles tinham que tornar essas coisas tão terrivelmente difíceis? A vida não era difícil o suficiente? Olhando furtivamente para o relógio, Margaret percebeu que não haveria tempo para ela hoje, ela teria sorte se fizesse essa compra em breve, tendo singularmente falhado em encontrar um 'grande' em cinza claro.

Mudando de assunto, ela desenraizou um "grande" no carvão. Não era bem o que ela estava procurando, mas teria que servir. Afastando-se das prateleiras barulhentas, ela correu em direção às caixas registradoras, apenas para descobrir que estavam desertas.

'Que diabos ...?' ela murmurou baixinho, surpresa que o pessoal abandonasse as caixas registradoras dessa maneira.

Ela procurou pelo gerente, mas não havia ninguém. Ela nunca tinha visto assim -

era como a *Mary Celeste* . O que estava acontecendo?

Então ela os avistou. Houve alguma comoção na entrada da loja, onde os funcionários estavam reunidos. Eles pareciam agitados, agitados, conduzindo os clientes para fora da loja, enquanto falavam rápido com o segurança, que agora corria para o saguão. Em sua empolgação, pareciam não tê-la notado e por um momento Margaret sentiu-se tentada a gritar com eles, para lembrá-los de que ela realmente existia. Mas então ela teve outra ideia.

Verificando se os funcionários ainda estavam ocupados, ela se inclinou sobre o balcão e colocou a etiqueta de segurança na pequena fenda de plástico perto das caixas registradoras. Saiu sem esforço e em um movimento fluido uma Margaret muito satisfeita colocou sua 'compra' em sua bolsa Superdrug.

Hoje tinha sido um dia muito deprimente até agora, mas de repente as coisas estavam começando a parecer muito mais brilhantes.

49

13,40

Helen espreitou o saguão de nível três, examinando os andares abaixo. Tendo largado a bicicleta e ligado a uma Unidade de Resposta Armada, ela correu para o WestQuay. O resto de sua equipe havia ligado as sirenes e estavam chegando do lado de fora, mas Helen não queria esperar. Algo disse a ela que cada segundo contava.

Vestida com suas roupas de couro de ciclismo, Helen era uma figura impressionante, flanqueada por um quarteto de homens em armaduras corporais, todos os quais empunhavam carabinas. Eles haviam avançado rapidamente, atentos a qualquer perigo, acomodando-se rapidamente no balcão central de informações. Assumindo o controle, Helen apresentou suas credenciais ao confuso gerente do WestQuay, informando-o de que eles evacuariam o shopping center. Ela havia pedido que ele começasse a telefonar para as lojas para informá-los, então, certificando-se de que a entrada principal estava coberta, avançou, subindo direto as escadas rolantes, enquanto os oficiais armados iam de loja em loja, em busca de Jason Swift e seu cúmplice.

Sua equipe estava começando a aparecer agora - dois na saída mais distante, dois na entrada principal - e Helen se apressou ao longo do saguão do terceiro andar.

Uma onda repentina de atividade no andar térreo poderia alertar os suspeitos posicionados mais acima e Helen queria evitar isso a todo custo. A possibilidade de fazer reféns em um ambiente tão apinhado era extremamente alta, por isso era vital que ela mantivesse o elemento surpresa pelo maior tempo possível. Além disso, a H&M ficava no último andar e Helen tinha a sensação de que seus suspeitos iriam direto para lá.

Quando sua caminhada se tornou uma corrida, ela tirou a arma do coldre e cuidadosamente soltou a trava de segurança. Ela rezou para não ter que usá-lo hoje, embora seu instinto dissesse que sim. Ela não conseguia ver Swift vindo em silêncio.

Ela estava fazendo um bom progresso ao longo do saguão e as letras vermelhas berrantes da loja agora

apareciam. Havia uma multidão de compradores confusos do lado de fora, que pareciam relutantes em seguir em frente, apesar das súplicas da equipe adolescente. Ainda não havia sinal de segurança, nem de ninguém usando um sobretudo comprido. Helen imediatamente ligou o rádio, conectando-se mais uma vez à sala de operações do Southampton Central.

'Onde eles estão?'

"Eles pararam de se mover", respondeu rapidamente a operadora em pânico.

'Onde?'

- Eles estão em algum lugar no WestQuay, sua posição é muito parecida com a deles, estou surpreso que você não os veja.

Helen olhou ao redor do saguão, procurando por sobretudos cáqui, pela forma alta de Swift, por qualquer coisa fora do comum, mas não havia nada.

Onde diabos eles estavam?

50

13,42

Charlie andava de um lado para o outro, tentando dissipar seus nervos. Ela estava posicionada na parte traseira do WestQuay, a arma discretamente escondida em sua mão, observando e esperando. Ela estava em contato por rádio com o resto da equipe e sabia que a evacuação do shopping havia começado. A maioria dos que estavam dentro sairia da entrada principal para a área para pedestres, mas outros que queriam reduzir

para as docas ou para o lado sul da cidade emergiriam dos fundos do prédio. Era trabalho de Charlie apressá-los, mantendo um olhar atento para Jason Swift e seu cúmplice enquanto ela o fazia.

Charlie pulou de um pé para o outro, tentando se aquecer agora que o sol havia desaparecido. DC Osbourne havia sido destacado para lhe fazer companhia, mas ele avistou uma escada de incêndio nas proximidades que ninguém estava cobrindo e, tendo pedido a permissão de Charlie, partiu para investigar. Charlie não podia culpar sua coragem ou seu pensamento - seus suspeitos poderiam muito bem tentar se esconder na enxurrada de compradores se pretendessem escapar, mas também poderiam tentar ir sozinhos. O ataque bem executado na farmácia sugeria que eles haviam recebido a loja com antecedência e sempre tiveram uma rota de fuga em mente. É muito mais fácil encontrar uma maneira de escapar aqui, dados o tamanho e a complexidade do WestQuay. O par tinha estado perseguindo os corredores nos dias, até mesmo semanas, antes disso? O pensamento fez Charlie estremecer e agora ela se arrependia de ter mandado Osbourne embora - um único oficial armado contra dois assassinos impiedosos não parecia uma luta muito justa.

Ela estava prestes a falar com seu colega quando um barulho alto a fez erguer os olhos. As portas de saída traseira se abriram e os clientes estavam surgindo. Eles pareciam confusos e preocupados, a visão de tantos oficiais em armaduras corporais os enervando. Eles tinham visto esse tipo de coisa no noticiário, em Paris

e Londres, mas não em Southampton. Eles obviamente queriam colocar alguma distância entre eles e o perigo, afastando-se rapidamente do centro.

Um gotejar tornou-se um fluxo constante e, finalmente, uma inundação. Os compradores eram quatro, empurrando-se uns com os outros, trocando palavras acaloradas enquanto toda a aparência de calma evaporava. E eles estavam se movendo rápido, tornando difícil para Charlie ver todos eles enquanto passavam por ela. Nuvens cinza-metal agora escondiam o sol. Estava tentando chover, cuspidando malevolamente nos fregueses lá embaixo. Guarda-chuvas estavam sendo posicionados, capuzes sendo puxados - era virtualmente impossível saber quem era quem.

Jason Swift era alto, então Charlie manteve o olhar erguido, dispensando qualquer pessoa abaixo de certa altura. Seus nervos estavam à flor da pele, ela estava tensa, mas ainda não havia sinal dos suspeitos e de repente ela se perguntou como Osbourne estava passando. Ela tinha estado tão envolvida em sua própria situação, ela não percebeu que ele tinha ficado bastante quieto. Ela lhe dera instruções estritas para manter contato e seu silêncio no rádio a incomodava.

Ela puxou o rádio do bolso, mas quando o levou à boca, ela parou de repente. Em meio ao mar ondulante de humanidade à sua frente, ela vislumbrou um lampejo de cáqui, o balançar da cauda de um casaco. Abaixando o rádio, ela avançou, esticando o pescoço para ver melhor. Alguém acabara de deixar o shopping center em alta velocidade - eles ainda estavam a 12 metros dela ou algo assim, cercados por compradores de modo que ela não podia vê-los direito -, mas agora ela percebeu que havia dois deles, um homem e uma mulher. Escondendo sua arma ao seu lado, ela avançou, mantendo-se abaixada ao longo da borda do riacho humano para esconder sua abordagem. Enquanto ela avançava silenciosamente, ela

pressionou o rádio contra os lábios, pronta para pedir ajuda.

Eles estavam a apenas seis metros dela agora. As cabeças brilharam na frente dela, obscurecendo sua visão. Os dois pareciam manter os olhos baixos, mas conversavam, mantendo um diálogo constante. Ambos usavam casacos longos, ambos tinham tatuagens, ambos pareciam decididos a fugir o mais rápido possível.

Eles estavam quase no mesmo nível dela agora, então Charlie fez seu movimento, flecha através da linha de compradores. Ela esperou até o último minuto para levantar a arma e, dando um passo à frente, gritou:

'Polícia armada! De joelhos.'

O efeito foi instantâneo. Os clientes fugiram, uma mulher gritou e dois góticos aterrorizados em gabardinas caíram de joelhos. Instantaneamente, Charlie percebeu seu erro. Eles tinham a altura certa, o sexo certo, mas eram muito jovens

- quinze anos no máximo. Amaldiçoando, Charlie guardou sua arma no coldre.

Os assassinos ainda estavam foragidos.

51

13,43

Helen abriu a loja. Seus olhos dispararam para cada canto, em busca de sinais de vida. A área de exibição principal era grande, mas abarrotada de barras de roupas pesadamente carregadas - cobertura perfeita para uma emboscada. Helen não tinha ouvido nenhum tiro e

ninguém mais relatou nenhum incidente, mas ela tinha certeza de que algo estava para acontecer.

Helen apontou, enquanto os outros oficiais armados se espalhavam, sondando os trilhos mais próximos das paredes. Helen sempre desconsiderou sua própria segurança, mas até ela era cautelosa agora, a memória do cadáver de Sonia Smalling ainda fresca em sua mente. A qualquer momento ela esperava ouvir o rugido de uma espingarda e avançou lentamente, pronta para mergulhar para se proteger ao primeiro sinal de problema.

Ela estava se aproximando dos fundos da loja agora. Restavam apenas algumas barras de roupas para verificar e, agachando-se, Helen deu uma olhada ao redor deles. Eles estavam claros e ela rapidamente se endireitou. As cabines de troca estavam todas vazias, o que acabava de sair da área de caixa. O balcão era largo e alto, então Helen se moveu em direção a ele com cautela, com a arma erguida. E

agora ela notou que uma das gavetas estava aberta e vazia.

Ela gesticulou para seus colegas e eles se moveram em direção à área, seus pés pisando silenciosamente, mas com determinação no piso de madeira polida. Helen gritou:

'Polícia armada!'

Silêncio.

'Polícia armada!' ela repetiu, mais alto desta vez. 'Saia devagar, com as mãos . . .'

Agora havia movimento. O dedo no gatilho de Helen ficou tenso, mas para sua surpresa, uma mulher de meia-idade com uma capa de chuva surrada saiu de baixo da caixa registradora. Suas mãos tremiam, enquanto ela as segurava no ar, e seu rosto estava rosado.

- Está alguém com você? Helen latiu, imediatamente preocupada que ela pudesse estar olhando para um refém.

'Não, não . . sou só eu,' a mulher gaguejou em resposta.

'Tem *certeza* ?' Os olhos de Helen varreram a área atrás das caixas registradoras.

'Claro. Venha aqui se não acredita em mim.

Helen rastejou ao redor da borda do balcão, enquanto o resto da equipe apontava suas armas para ele, alerta a qualquer possível ameaça. Para surpresa de Helen, a mulher parecia estar dizendo a verdade.

'Você viu um homem e uma mulher? Ele tem vinte e poucos anos, ela está no final da adolescência.

'Não ...'

'Eles estão na loja, temos certeza de que estão na loja . . '

Mas mesmo Helen estava começando a duvidar disso agora.

- Sou só eu, já disse, todo mundo foi embora. Eu fiquei com medo, então me escondi. '

Helen duvidou bastante - um moletom novinho em folha estava enfiado em sua bolsa e ela parecia estar

protegendo sua bolsa, que Helen suspeitava conter o conteúdo da caixa - mas ela o deixou ir.

'Você viu esse homem?' ela disse, oferecendo à mulher seu telefone. Na tela havia um close da foto de Jason Swift.

A mulher olhou para ele inexpressivamente.

- Você o viu?

A mulher olhou para a imagem e então seu rosto lentamente começou a se contrair. Helen tinha uma ideia do que estava por vir, mas ainda ficou surpresa quando a mulher finalmente engasgou:

- Por que você está procurando meu Jason?

52

13,46

Helen marchou para longe do WestQuay, furiosa consigo mesma, furiosa com Margaret Swift. Charlie estava esperando por ela, parecendo quase tão abatido quanto ela. Helen jogou para ela um saco de evidências, que Charlie quase conseguiu pegar.

- Ele o tirou - disse Helen com tristeza.

Charlie olhou para a etiqueta GPS, agora selada no saco plástico.

- De alguma forma, ele conseguiu tirá-lo - continuou Helen. - Então ele enfiou na bolsa da mãe, debaixo de um tesouro sangrento de recibos, maquiagem, meia-calça, as obras . .

Charlie olhou para a etiqueta, amargamente desapontado por ter provado que estava certo.

'Eu embaralhei praticamente toda a nossa equipe aqui . . para pegar uma mulher de meia-idade.'

'Você fez a coisa certa, tivemos que perseguir-lo.'

No fundo, Charlie viu uma Margaret Swift de rosto pálido sendo escoltada até uma viatura pelo DC Edwards.

'O que acontece agora?' ela perguntou.

- Teremos de fazer um depoimento, mas ela não sabe de nada. Ela e Jason mal falam, pelo que posso entender.

- Ela sabe onde ele pode estar? Para onde ele está indo? '

Helen abanou a cabeça.

- Aparentemente, ele se mudou há duas semanas. Jogou algumas coisas em uma sacola e foi embora. Ela não pensou muito nisso, ele já fez isso antes. Ele voltou ao apartamento por um breve período na noite passada, mas só ficou por cerca de uma hora . .

'Para colocar a etiqueta na bolsa dela . . '

'Claramente.'

- Então ele vai ficar com a garota? Agachado? Dormir duro?

- Ela disse que sabia que seu filho estava andando por aí com uma garota, mas ela nunca a viu. Jason não a trouxe para o apartamento, aparentemente, tinha vergonha disso, dela . .

Helen olhou para a viatura, que agora se afastava do meio-fio. Era impossível não sentir *alguma* simpatia por Margaret Swift - ela havia recebido uma mão muito dura e certamente não esperava por *isso* - mas, mesmo assim, ela inadvertidamente atrasou significativamente a investigação, o que fez o sangue de Helen ferver.

- Ele queria que viéssemos aqui - disse ela com tristeza, voltando-se para Charlie mais uma vez.

- Você acha que ele sabia que descobriríamos quem ele era, rastrearíamos ele . .

"A julgar por seu desempenho com a câmera de trânsito, ele não se preocupa em tirar uma foto. Ele deve ter sabido que eventualmente descobriríamos uma ligação com ele.

- Então, por que esconder a etiqueta na bolsa? Se ele não planeja escapar impune, por que ele se preocuparia em nós rastreamos . . '

"Para ganhar tempo para executar outro ataque", disse Helen baixinho, silenciando o colega. 'Ele deliberadamente queria nos arrastar até aqui . . '

Helen ergueu os olhos, fixando em Charlie um olhar angustiado.

' . . e nós caímos nisso, anzol, linha e chumbada.'

53

13,47

Sanderson olhou para a tela, mal conseguindo respirar.

Ela estava trancada no escritório abafado por mais de uma hora, ignorando propositalmente os olhares perspicazes dos operadores de dados. A notícia de sua reprimenda se espalhou claramente pela estação. Houve alguns comentários sussurrados, algumas risadas reprimidas e, o pior de tudo, uma xícara de chá de caridade, trazida a ela por um dos membros mais verdes da equipe. Esse ato de pena cortou o mais fundo - Sanderson nunca se sentiu tão abatido em toda a sua vida - e a xícara de chá permaneceu intocada na mesa à sua frente.

Ela havia recebido a tarefa de rastrear o carro do criminoso. Enquanto Charlie, Osbourne, Bentham e o resto correram pela cidade em busca dos suspeitos, ela foi lançada com uma tarefa investigativa mundana. Se ela estivesse com um cheiro melhor, ela teria objetado, ou pelo menos tentado descarregar esse trabalho enfadonho para um oficial de escalão inferior. Mas, como Helen tinha especificamente dado a ela a tarefa, não havia dúvida de fazer isso. Esta era sua penitência e ela tinha que engolir.

O sistema de reconhecimento automático de placas de número detectou o Fiat roubado que se aproximava de Itchen, mas depois disso ele sumiu do radar. Talvez os perpetradores o tivessem escondido, talvez as câmeras de trânsito não tivessem visto a placa do carro de maneira decente desde então, mas ela havia desaparecido.

O que deixou Sanderson com pouca escolha a não ser vasculhar as imagens gravadas das várias câmeras de trânsito na área, na esperança de ver o veículo desaparecido.

Parecia uma tarefa sem sentido e deprimente, mas assim que os olhos de Sanderson estavam começando a ficar vidrados, ela percebeu. Pegando os controles, ela avançou e retrocedeu a filmagem repetidamente, observando o carro desaparecer em um beco de uma rua suburbana tranquila. Ela não conseguiu decifrar a placa do número inteira - apenas os últimos quatro dígitos - mas isso provou ser suficiente. Correndo o dedo indicador pela lista à sua frente, ela rapidamente descobriu que não havia outros carros daquela marca e cor, com aqueles quatro dígitos na placa, registrados em Southampton. Devia ser o Punto desaparecido, não era?

Exalando lentamente, Sanderson ponderou seu próximo movimento. Ela deve ligar imediatamente. Afinal, se ela estivesse certa, então toda a equipe teria sido deslocada para o lado *errado* da cidade. Mas se ela se enganou e atrapalhou a investigação de alguma forma . .

Dada a natureza perigosa de sua posição, não havia nada a fazer a não ser verificar primeiro por conta própria. Então, levantando-se rapidamente, Sanderson agarrou sua jaqueta e saiu correndo da sala.

54

13,58

Helen arrancou a jaqueta e jogou-a no chão. Abrindo a torneira fria, ela colocou as mãos sob a água jorrando e jogou o conteúdo no rosto.

Ela correu de volta para Southampton Central, convocando o resto do MIT para se juntar a ela para uma reunião de emergência. Mas, ao chegar de volta à base, Helen dirigiu-se primeiro ao arsenal para devolver a arma de fogo, depois ao banheiro feminino no décimo andar.

Ela precisava se acalmar antes que os outros chegassem e poucas pessoas visitassem esta instalação remota. Helen costumava fugir para cá quando queria ficar sozinha.

Sua garganta estava seca, seu rosto estava queimando. A água parecia fazer pouca diferença, o que só a irritou ainda mais. O que havia de errado com ela? Por que tudo que ela tocava virava uma merda? Fechando a torneira, ela chutou a bacia com força e ergueu os olhos para se olhar no espelho. Uma mulher suja e abatida o encarou de volta. Sem hesitar, Helen bateu com o punho no vidro. Uma, duas, três vezes . .

A dor se espalhou por ela e de repente Helen cedeu. Olhando para baixo, ela viu que sua mão estava devastada, os nós dos dedos rasgados e com raiva.

Amaldiçoando-se, Helen pegou uma toalha de papel e começou a enxugar agressivamente seus cortes. Ao fazer isso, ela olhou de volta para o espelho. Uma grossa rachadura percorreu o meio dela, distorcendo o reflexo de Helen, transformando-a em uma aberração malformada.

O espelho não mentiu. Helen *era* uma paródia grosseira do oficial bem-sucedido que já fora. Ela estava fora de controle - desconfiada, vingativa e isolada - liderando a equipe gaguejando de um desastre para o outro, enquanto dois assassinos enlouquecidos atacavam à vontade. Foi isso então? Ela o havia perdido para

sempre? Ela deveria ser a líder da equipe, mas quem em sua consciência iria segui-la agora? Sua raiva - seu agudo senso de traição pessoal - estava nublando sua visão em um momento em que ela precisava de uma cabeça

limpa, mas ela não conseguia ver nenhuma maneira de se livrar desses pensamentos autodestrutivos estúpidos.

Ela nunca duvidou de si mesma assim e olhando para si mesma no espelho, ela se perguntou se *ela* era o problema. Nos últimos meses, ela vinha se perguntando se poderia confiar em seus colegas.

Agora ela estava se perguntando se poderia confiar em si mesma.

55

14,00

Jason Swift empunhou sua arma, rindo enquanto disparava para o ar.

Seu vídeo do YouTube estava passando silenciosamente na tela grande da sala de incidentes, mas como a equipe já o havia assistido duas vezes, estava mudo, agora apenas um pano de fundo desagradável para suas discussões. Era emoldurado por uma seleção horrível de imagens no quadro de homicídios - fotos dos cadáveres e cenas do crime - bem como mapas delineando os locais do crime, o apartamento de Swift, os endereços de organizações racistas locais e os locais de seus ataques anteriores.

'O que temos em seus alvos anteriores?' Charlie exigiu, ansioso para fazer algum progresso. "O garçom polonês, o jovem negro."

'Mantivemos contato com aqueles que ainda estão em Southampton', respondeu McAndrew. - Estão todos bem e foram aconselhados a ficar longe da cidade até que Swift seja preso.

- E quanto às suas prisões e advertências anteriores? Charlie continuou. "Estou pensando principalmente em vandalismo e comportamento anti-social."

- Ele tem jeito com aerossol e também não tem aversão a quebrar as coisas.

"O que ele almejou?"

'Principalmente propriedades residenciais perto de sua casa, alguns carros, cabines telefônicas . . .'

"Alguma instituição?" Charlie seguiu sua linha. - Escritórios de liberdade condicional? Edifícios do conselho?

"Nada no arquivo." Reid parecia um pouco desanimado.

'Quantos cuidados ele tem para a posse?'

'De várias. Ele é meio chapado . . .'

- Ele já exibiu sinais de paranóia? Osbourne perguntou. 'Isso pode ser um dos efeitos do abuso de cannabis de longo prazo. Ele pode ter começado a acreditar que as pessoas ou agências estavam contra ele. '

Charlie deu uma olhada em Helen para ver se ela queria entrar em campo neste, já que ela tinha muito mais conhecimento sobre esses assuntos do que ela. Mas Helen parecia estranhamente distraída, olhando em silêncio para as fotos da cena do crime, mal acompanhando a discussão. Normalmente, ela teria liderado a instrução, mas estava retraída e distante, segurando a mão direita, que parecia ter

ferido. Charlie se perguntou se ela estava com raiva de si mesma, ou talvez com raiva *dela* após a discussão deles, mas ela sabia que não devia perguntar, assumindo silenciosamente o controle das instruções.

'Seu histórico médico é muito pequeno', explicou Charlie. 'Eu não acho que ele acreditou em médicos. A mãe dele disse que o levou algumas vezes, tentando obter tratamento para depressão, mas ele nunca insistiu.

- Mas é possível - persistiu Osbourne. "Talvez ele tivesse problemas de saúde mental que não foram tratados. Ele passou a acreditar que estava certo, que certas pessoas o injustiçaram. Sei com certeza que Sonia Smalling fez os infratores se desculparem com suas vítimas. Talvez ela o tenha feito fazer isso e ele se sentiu menosprezado, humilhado . . '

'É uma teoria decente,' Charlie reconheceu. - Mas e quanto a Alan Sansom?

- Não sei, talvez eles só precisassem de uma parte superior. Pelo que parece, eles roubaram anfetaminas suficientes para mantê-los funcionando por um ano inteiro.

Agora eles têm dinheiro, drogas . .

'Mas por que a violência extrema?' McAndrew ajudou.

'Talvez eles estejam altos? Talvez eles estejam gostando disso?

- Não acredito - disse Charlie, afirmando sua autoridade. 'É uma longa viagem de Ashurst a Portswood, eles abandonaram o carro, tinham uma rota de fuga pré-

planejada . . '

- Achamos *que* eles tinham uma rota de fuga pré-planejada - corrigiu Osbourne.

'Ok, achamos *que* eles examinaram o local de antemão, mas parece muito deliberado para mim. Se estivessem interessados em atirar em apostadores aleatórios, o teriam feito a caminho de Southampton.

- Talvez eles não queiram explodir muito cedo. Eles querem tornar a vida o mais difícil possível para nós. '

'Bem, podemos concordar com isso pelo menos . . '
Charlie disse tristemente.

O silêncio encheu a sala. Charlie estava prestes a continuar, consciente da necessidade de reunir as tropas, quando Helen falou de repente.

'Qual é o gatilho?'

Osbourne estava prestes a dizer algo jocoso, mas mudou de idéia. Felizmente, como Helen agora se virou para olhar diretamente para ele.

- Estamos dizendo que Jason Swift é o instigador, mas, se for o caso, o que o desencadeou? Helen continuou. "Claro que ele é um racista irreconstruído, um apologista da supremacia branca. Mas este não é um ataque único. Ou uma declaração política. Esta é uma . . explosão de violência. Por que ele está tão bravo?"

Essas coisas quase sempre são causadas por alguma crise na vida do perpetrador, então o que é? '

Os policiais observaram Helen de perto, sem saber se ela queria que eles respondessem ou não.

- McAndrew, você foi ao apartamento dele. Alguma coisa estava fora do lugar? '

'Não, nada. O lugar era limpo e arrumado, sem sinais de uma discussão - '

- E Margaret Swift jura às cegas que não houve rebentamento - continuou Helen.

'Jason acabou de sair um dia . . '

- E quanto à arma? Charlie rebateu. 'A equipe de tecnologia ainda está analisando sua atividade online, mas parece que Swift estava tentando comprar armas na dark web, além de ter baixado vários vídeos dos Estados Unidos mostrando supremacistas brancos treinando com armas de fogo - '

'Ele não tem alguma condenação anterior por posse ou aquisição de armas de fogo,' Helen corte em 'Na verdade seus crimes raramente ou nunca a violência envolvido e quando. Fez ameaçar sua assistente social, ele usou algo ao alcance da mão, um nailgun doméstico - '

- Não é exatamente Don Corleone, certo? Reid entrou na conversa.

- Na verdade, se você observar as características principais desses assassinatos, verá que eles representam um avanço muito claro para Jason. Ele pode ser um bandido e um racista, mas assassinato, porte de arma de fogo, roubo . . eles não são muito *e/e* , são? '

- Não tenho certeza do que estamos dizendo aqui. -
Charlie interrompeu. 'Ele continua sendo nosso melhor suspeito -'

"Veja as fotos da cena do crime."

Helen passou rapidamente por Charlie em direção ao quadro do crime e às fotos gráficas. Instintivamente, a equipe avançou, observando enquanto Helen corria o dedo sobre suas superfícies brilhantes, traçando os contornos dos ferimentos horríveis.

"Os ângulos estão todos errados."

Ela estava falando baixinho, mas havia uma energia estranha em sua voz.

'Eu não entendo,' Reid questionou.

"Tanto Sonia Smalling quanto Alan Sansom estavam de joelhos quando foram mortos. Agora, esse cara sabe claramente o que está fazendo . . . '

Ela gesticulou para a tela grande, onde Swift enfiara a coronha da espingarda no ombro direito e atirava com precisão medida.

'. . ele é um atirador experiente.'

"Sem dúvida."

- E ele é alto. Muito alto, na verdade. Ambas as vítimas foram atingidas de perto e o impacto foi apenas ligeiramente inclinado. É quase um tiro frontal. Se um cara de um metro e noventa, segurando a arma no ombro, os tivesse atirado, então o ângulo de impacto teria sido muito mais extremo, muito mais na diagonal.

Mas se você fosse mais baixo, significativamente mais baixo na verdade . . . '

- Então, estamos dizendo que ele *não* matou essas pessoas?

Helen acenou com a cabeça, caminhando até a tela grande e aumentando o volume novamente. A fala arrastada de Swift em Southampton veio alta e clara.

- No meu ombro, segure e . . . bum.

A arma explodiu, o som ecoando pela sala.

- Pedaco de mijo . . . - riu Swift.

E agora Charlie entendeu.

- Ele estava ensinando ela a atirar.

- Exatamente - exclamou Helen. - Acho que *e/a* atirou em Sonia Smalling e Alan Sansom.

Helen se virou, fixando os olhos em sua equipe assustada.

"Acho que ela é a chave."

14.05

'Você quer um pouco mais?'

Jason ergueu os olhos da mala aberta do carro e dirigiu o olhar para o companheiro. Ela estava por perto, mas seu rosto estava voltado para o chão. Ela estava distante e distraída desde o café - irritada, sem dúvida, por ele estar recebendo toda a glória - e ele queria puxá-la de volta aos trilhos. Tirando um punhado de cartuchos da bota, ele os enfiou no bolso do casaco.

'Você não quer entrar neste mal cozida. Haverá muitas pessoas por perto. E se tivermos que lutar para sair . .

'Estou bem.'

'Isso é uma questão de opinião,' ele murmurou para si mesmo, enquanto pegava outro punhado de conchas.

Ela estava começando a irritá-lo agora. As coisas estavam indo exatamente como planejado - melhor do que planejado, na verdade - mas ela ainda se recusou a sorrir. Foda-se, *ele* estava se divertindo. Será que mataria ela se divertir um pouco também? Ele ficou tentado a gritar com ela, reclamar e delirar, mas sabia que não funcionaria. Ela nunca respondeu a *isso* . Ele precisava dela em um estado de espírito calmo, então não havia nada a fazer a não ser tentar persuadi-la a ter um ânimo melhor. Engolindo sua irritação, ele se virou para encará-la novamente.

- Vamos, querida, não desanime agora.

- Não estou perdendo o ânimo.

'Ok, então eles sabem meu nome, mas os policiais . . os policiais não têm ideia do que estamos planejando, o que é isso .'

Mesmo assim, ela não olhou para ele, então ele estendeu a mão em sua direção, erguendo seu queixo.

“Eles não podem nos tocar”, ele continuou. - Eles não podem nos *impedir* . Vamos colocar o mundo em ordem hoje, você e eu, exatamente como planejamos.

Ela olhou nos olhos dele, como se procurasse segurança. Para sua surpresa, ela parecia incerta, até um pouco temerosa.

'Então coloque um sorriso em seu rosto e vamos fazer isso . .'

Ele se inclinou e beijou-a suavemente nos lábios, provocando um pequeno sorriso arrebatado.

- Assim está melhor - disse ele, voltando-se para a bota para pegar um último punhado de conchas. - Bonnie e Clyde se divertiram, então por que não . .

Uma explosão selvagem rasgou por ele, batendo seu corpo contra o carro. Ele meio desabou, meio tropeçou no porta-malas, sendo instantaneamente atacado por uma dor incrível. Seus olhos se encheram de lágrimas de repente, ele estava com problemas para respirar, mas mesmo em meio à agonia, ele tentou se endireitar.

De alguma forma, ele conseguiu se firmar no chassi do carro e, usando toda a sua força, girou o corpo para enfrentar o agressor.

Daisy estava parada a um metro e meio dele, a espingarda erguida e fumegando.

Uma carranca assimétrica desfigurou seu rosto.

"Que porra é essa?" Jason engasgou, mas mesmo enquanto fazia isso, um filete de sangue escapou de sua boca.

'Eu realmente sinto muito, querida . . .'

Ela murmurou as palavras e Jason ficou surpreso ao ver as lágrimas picando *seus* olhos.

- Por favor - implorou ele. 'Você sabe que te amo. Que eu faria qualquer coisa para . . '

Ela apertou o gatilho novamente e a arma rugiu. O corpo de Jason estremeceu descontroladamente, antes de cair para trás na bota. Ela o havia acertado no peito desta vez e agora ele estava imóvel, mesmo enquanto o disparo da arma reverberava na alvenaria próxima. Daisy não se demorou, empurrando seu corpo ainda quente na bota e fechando-a com força, antes de sair apressada da cena, seus olhos procurando testemunhas no beco ou, pior ainda, a polícia.

Mas não havia ninguém.

57

14,07

Anna Sansom estava sentada sozinha na sala de visitantes, lançando olhares ansiosos para a porta. Ela estava aqui nos últimos vinte minutos, apesar das promessas do Oficial de Ligação com a Família.

Ela lutou para abrir caminho através do tráfego, acabando por chegar à zona comercial. O lugar estava apinhado de policiais, jornalistas e compradores e ela teve que lutar para chegar à loja, apenas para descobrir que estava isolada com fita adesiva e completamente inacessível. Um dos policiais uniformizados presentes tentou fazê-la recuar e ela gritou com ele, realmente gritou com ele. Ele finalmente descobriu quem ela era e chamou rapidamente seu superior. Depois disso, ela foi passada de um pilar a outro, sem ninguém lhe dar qualquer informação concreta, apesar de suas perguntas desesperadas, antes de finalmente ser levada para Southampton Central.

Lá, na velha sala de visitantes, eles contaram a notícia para ela. Ela nem mesmo anotou os nomes dos policiais e mal conseguia compreender o que eles diziam.

Alan foi baleado e morto. Ela sabia que era algo ruim, mas ela nunca esperava por isso. Tomada? Morto? Alan era um homem bom, um homem gentil . . Ela perguntou a eles se era um roubo - como se isso fosse melhorar as coisas - e depois disso eles se calaram, prometendo encontrar um oficial sênior para informá-la sobre o investigação. Eles claramente não conseguiram encontrar um, daí sua contínua ausência. Ela presumiu que eles estavam tentando o seu melhor, mas não era certo deixá-la assim, sozinha e em estado de choque . .

A porta se abriu e imediatamente Anna ergueu os olhos. Duas oficiais correram em sua direção, sentando-se rapidamente à sua frente.

- Já era hora também. Há séculos que espero que alguém me diga o que diabos é . .

"Sinto muito por isso", disse o oficial mais alto. - E sentimos muito por sua perda.

Não consigo imaginar o que você está passando. '

Sua óbvia sinceridade afetou Anna. Toda sua raiva de repente se dissipou, enquanto as lágrimas surgiam em seus olhos.

"Meu nome é detetive inspetora Helen Grace", continuou o policial, "e este é o detetive Brooks. Estamos conduzindo a investigação sobre o assassinato de seu marido.

Anna assentiu em silêncio, sem confiar em si mesma para falar.

"As coisas estão indo muito rápido, mas temos uma imagem dos dois indivíduos que pensamos serem os responsáveis por isso. Eu sei que é difícil, mas vou ter que pedir que você olhe para esta foto e me diga se você os reconhece, especialmente a jovem. '

"Uma mulher?" Anna perguntou baixinho, sem acreditar.

Helen pegou uma cópia impressa da imagem do celular do aluno e colocou-a nas mãos de Anna. A viúva de rosto pálido continuou a olhar diretamente para Helen, lutando para entender os acontecimentos.

- Por favor, Sra. Sansom. Nós realmente precisamos de sua ajuda nisso . . . '

Agora Anna baixou os olhos para a imagem. Os policiais estavam observando atentamente, então ela tentou se concentrar nas duas figuras à sua frente. O

homem que ela não reconheceu, mas não era algo familiar rosto da jovem.

'Parece ...'

'Sim?'

Anna examinou a imagem. Ela sabia que precisava ter certeza.

- Parece um pouco . . Daisy.

Anna olhou para cima para encontrar os dois policiais olhando para ela.

- Ela trabalhava na farmácia com seu marido?

- Não - Anna respondeu distraidamente, sua mente claramente voltada para as possibilidades. - Não, cuidamos dela um pouco. Alan e eu... não podíamos ter filhos, então criamos. Daisy tinha uma vida familiar muito ruim, sua mãe saiu de casa anos atrás e seu pai é uma perda de espaço, então nós a tivemos por alguns meses, mas . . .'

Agora ela fez uma pausa, o horror da situação surgindo sobre ela.

'. . ela era muito imprevisível. Rápido para se ofender, abusivo às vezes. Eu teria mantido a fé nela, mas Alan . . Alan disse que tínhamos que estabelecer limites em algum lugar, tínhamos nossos *outros* filhos adotivos a considerar . . .'

Anna olhou para Helen, a incredulidade estampada em seu rosto.

- Ela . . *ela* fez isso?

Os policiais não disseram nada. E naquele momento, Anna Sansom teve sua resposta.

58

14.09

Sanderson bateu a porta e saiu correndo de seu carro. Ela correu pela cidade até Itchen, localizando uma vaga perto da entrada do beco. Ela conhecia Southampton como a palma da sua mão e desligou o sistema de navegação por satélite, em vez de usar os muitos atalhos que descobrira durante os anos em que patrulhava a cidade.

No caminho, ela questionou a sabedoria de seguir essa pista sozinha. E se os perpetradores ainda estivessem perto do carro? Deitado até que a poeira baixasse?

Ela disse a si mesma que assim que encontrasse o carro - assim que tivesse uma pista de concreto a oferecer - ela colocaria o rádio na estação pedindo reforços.

Mas agora, ao avistar o Punto marrom à frente, ela hesitou. Não houve movimento dentro ou perto do carro - parecia ter sido abandonado. Esperar por reforços seria uma perda de tempo valioso, então . .

Verificando novamente se não havia civis por perto, Sanderson correu pelo beco.

Seus olhos percorreram a passagem estreita, procurando por qualquer sinal de emboscada, mas havia pouca cobertura e nenhum perigo óbvio, então ela continuou. Agora ela só queria acabar com isso. Em menos de um minuto, ela estava ao lado do carro. Para seu enorme alívio, *estava* vazio. Mais do que isso, estava desbloqueado.

Provocando abrir a porta do motorista, ela olhou para dentro. Ela esperava encontrar um sistema de navegação por satélite, algo que pudesse dizer a ela quais alvos os assassinos haviam examinado antes do banho de sangue de hoje, mas o interior estava vazio, exceto por uma revista amassada no banco de trás e uma garrafa de Diet Coke vazia. Ela teria que pedir ao forense para dar uma olhada neles, é claro, mas não havia como saber se esses itens haviam sido deixados pelos suspeitos ou pelo dono do carro.

Empurrando a porta, Sanderson se endireitou, esticando as costas doloridas -

muito tempo gasto curvado sobre terminais de computador ultimamente. Ao fazer isso, ela puxou o celular do bolso. Ela discou o número da sala de incidentes e estava prestes a apertar 'Ligar' quando de repente fez uma pausa. Ela não tinha investigado a bota ainda e agora ela tinha visto algo. Um pedaço de tecido aparecendo por baixo do lábio.

Era uma cor cáqui opaca. A batinha de um sobretudo, apanhada depois de ter sido jogada fora pelos seus suspeitos? Pareceu uma decisão estranha se desfazer de seus casacos, considerando o quão úteis eles eram para esconder armas pesadas.

De repente, a cabeça de Sanderson estava cheia de perguntas. O que este par estava planejando a seguir? Eles estavam mudando seu MO? Eles estavam se livrando de suas roupas antes de tentarem fugir sem serem detectados?

E ela percebeu outra coisa. Sangue fresco no chão. Um respingo dele, logo abaixo da traseira do carro. Esta era

uma nova vítima ou . .?

Sanderson podia sentir sua coragem falhando enquanto sua ansiedade aumentava continuamente, então, dando um passo à frente com decisão, ela agarrou a alça da bota e a abriu com um puxão.

59

14,10

Daisy caminhou ao longo da calçada, lançando olhares nervosos para o relógio. Seu corpo inteiro tremia e ela sentia frio, apesar do casaco pesado que vestia. Ela

estava atrasada agora, correndo o risco de perder sua oportunidade, então ela acelerou o passo, meio tropeçando enquanto corria rua abaixo.

Ela não queria fazer isso. Mas que escolha ela teve? Eles estavam há apenas algumas horas em operação e uma de suas identidades já havia sido destruída. Ela não tinha ideia de como a polícia havia descoberto quem era Jason. Foi algo que eles deixaram para trás em uma das cenas? Algo que eles disseram? Alguém os reconheceu e contactou a polícia? Não, isso era impossível . .

Assim que perceberam que a polícia estava procurando por Jason, eles enfrentaram uma escolha difícil. Continuar de qualquer maneira ou desconectar a operação? Daisy havia descartado a última opção instantaneamente. Tanto planejamento havia sido feito - e parecia tão *certo* - que não havia como recuar agora. Eles tinham que continuar, mas ela podia ver que Jason estava se distraíndo, seduzido por sua celebridade repentina, tentando chamar a atenção dos transeuntes. Era

imperdoável - eles tinham um plano, um plano com o qual *ambos* concordaram . .

Ela se recusou a chorar por ele, apesar das lágrimas que agora ameaçavam. Ela o amava? Não, mas ela gostava muito dele. Ele tinha sido sua rocha, a única pessoa que a defendeu, e ele era *leal* . Leal como um cachorro e igualmente entusiasmado.

Ela não precisava vender seu plano para ele, ele queria machucar as pessoas tanto quanto ela. Seus sentimentos por ele cresceram durante o breve relacionamento, embora ela suspeitasse que ele sempre sentiu mais por ela do que ela por ele. Eles foram vítimas de naufrágios, agarrados uns aos outros em meio aos destroços . .

mas nada mais. Uma vez que ele colocou em risco tudo pelo qual eles trabalharam -

pavoneando-se pela rua como se tivesse 2,10 metros de altura - ele efetivamente tomou a decisão por ela.

Isso não tinha tornado nada mais fácil e ela inspirou e expirou lentamente agora, tentando acalmar seus nervos à flor da pele. Ela olhou novamente para o relógio -

14.10. Ela simplesmente faria isso. Ela podia ver a multidão à frente agora e correu em direção a eles, abotoando o casaco para esconder a grande protuberância no bolso interno, antes de verificar mais uma vez se ela tinha as conchas adicionais.

Ela os tocou nervosamente no bolso lateral, rezando para ter sorte.

Foi isso então. Ela não tinha planejado fazer esse solo, mas não tinha escolha.

Descartando seu boné e óculos escuros, ela tirou a peruca loira e a jogou em uma lixeira próxima. Abrindo a mochila, ela puxou uma peruca preta curta e a colocou na cabeça, prendendo-a com cuidado. Cuidado era o nome do jogo agora. Ela já podia ver alguns rostos familiares e não tinha intenção de anunciar sua presença ainda. A multidão começou a se mover, então, mantendo a cabeça baixa, Daisy deslizou entre os corpos, acompanhando seu progresso em direção ao prédio.

Quando chegaram à porta, ela esperou pacientemente, então deslizou sua identificação no leitor de cartão. A luz piscou verde, como tinha em seu recce, e a porta se abriu.

Felizmente, ela deslizou para dentro.

60

14,12

"O nome da nossa suspeita é Daisy Anderson."

A voz de Helen soou alta e clara. Ela estava se sentindo um pouco mais calma agora, embora ainda estivesse se recuperando da velocidade dos desenvolvimentos neste caso extremamente complexo. Ela distribuiu fotocópias das folhas de cobrança de Daisy e relatórios de serviços sociais, enquanto continuava:

- Ela tem dezoito anos, é uma jovem infratora com uma série de condenações e advertências por furto em lojas, bêbada e desordem, vandalismo, confusão.

Achamos que ela conheceu Swift durante sua última temporada no Community Payback.

- E achamos que ela é responsável por . . ?

O DC Bentham não precisou soletrar. Um agitado Sanderson ligou momentos antes com a notícia de sua descoberta sombria - o cadáver ensanguentado de Swift, envolto em seu casaco e enfiado na mala do Punto, que ela localizou em um beco em Itchen. Helen havia falado com ela pessoalmente, agradecendo-lhe por seu bom trabalho, antes de enviar uma equipe forense para o local. Sanderson permaneceria lá até que eles chegassem e Helen tivesse ficado tentada a se juntar a ela, antes de decidir reunir a equipe em vez disso, para processar os últimos desenvolvimentos.

- Meredith Walker nos contará mais, depois que examinar o corpo, mas parece muito provável. De acordo com o DS Sanderson, Swift foi baleado à queima-roupa com uma espingarda.

'Mas por que ela faria algo assim? Ela e Swift obviamente estão juntos há algum tempo, ele estava ajudando a facilitar esses assassinatos . . '

- Teremos de perguntar isso a Daisy, quando a *pegarmos*
- Helen respondeu vigorosamente. 'Talvez eles tenham se desentendido, tiveram um desentendimento sobre o que fazer a seguir -'

- Ou talvez ela estivesse abalada? Charlie interrompeu.
'O nome de Jason Swift está em toda a TV, no rádio . . '

'Seja qual for o motivo, Swift não pode nos dizer muito agora. O detetive Sanderson fez uma breve revista ao corpo - ele não tem nada consigo além de munição e não há nada de significativo no carro.

'Quanto tempo *havia* se conhecido um ao outro? Reid questionou.

- Seis meses mais ou menos - respondeu Helen. "Acho que seu papel era o de facilitador. Ele provavelmente obteve as armas da dark web, ajudou-a a planejar os ataques . .

- Mas *ela* decidiu os alvos? Osbourne perguntou.

Helen se virou para olhar para Charlie. Foi sua idade, sua altura ou seu gênero que os levou a supor que Jason Swift era o líder? Seja qual for a resposta, eles erraram muito, perdendo um tempo valioso.

"Essa é a nossa teoria de trabalho", ela continuou. 'Daisy Anderson provavelmente nutria sentimentos de amargura e ressentimento em relação a Alan Sansom, e os colegas de Sonia Smalling confirmaram que o oficial de condicional recentemente

"falhou" com Daisy, por causa de suas frequentes ausências de seu programa de

retribuição à comunidade. Daisy estava potencialmente olhando para uma sentença de prisão - '

- E em sua raiva ela se voltou para Swift. Que já estava com muita raiva . . '

Helen acenou com a cabeça - era uma combinação bastante tóxica. Um jovem marginalizado, com uma raiva fervilhante da sociedade e um claro interesse em armas, e Daisy, uma jovem que claramente se sentia *injustiçada* . Ela o usou para cobrir seus rastros, fazendo com que ele fornecesse as armas enquanto ela permanecia fora da rede? Ou ela realmente sentia algo por seu cúmplice?

'Daisy é fruto de um lar desfeito, ela mora com o pai em uma fazenda em Hedge End. O Punto foi despejado a alguns quilômetros de lá, mas não acho que ela esteja indo para casa - é muito longe para tentar a pé. Enviaremos unidades para a fazenda, mas quero que nos concentremos em suas convicções anteriores, locais de trabalho, escola, amigos, parentes. Alguém contra quem ela possa ter rancor mora ou trabalha em Itchen?

"Ela foi apanhada na Topshop, mas isso é mais central", disse DC Osbourne, folheando a folha de acusações de Anderson.

"Há uma acusação de conflito em Woolston", sugeriu o DC Bentham. 'Isso é muito perto. Uma agressão a outro adolescente . . .'

- Alguém conhecido dela? Helen perguntou.

'Não parece . . .'

Os policiais examinaram seus documentos desesperadamente. Helen fez o mesmo, examinando as páginas, até que de repente parou e ergueu os olhos.

'Escola Secundária Meadow Hall. Cadê?'

Os policiais surpresos correram para procurá-lo no Google.

- Itchen - disse Osbourne rapidamente, entregando-lhe o telefone.

Helen o pegou, olhando a localização da escola no mapa. Ficava a apenas algumas centenas de metros de onde o carro havia sido despejado.

'O que sabemos sobre isso? Ela ainda vai lá? Houve algum problema— '

- Ela foi expulsa - disse Charlie solenemente, consultando seu arquivo. "Ela foi excluída."

'Quando?' Helen exigiu.

Charlie fez uma pausa momentânea, antes de responder:

"Seis semanas atrás."

61

14,14

Squeak, squeak, squeak.

Seus tênis fizeram um barulho agradavelmente desagradável enquanto Daisy marchava pelo piso de madeira polida. Momentos antes, o corredor estava cheio de alunos, rindo e brincando enquanto caminhavam para as aulas da tarde. Agora estava quase deserto, o som de seus sapatos ecoando pelo espaço vazio.

Ela caminhou lentamente, lançando olhares para a esquerda e para a direita para ver se alguém a tinha visto chegar. Ninguém tinha prestado muita atenção até

agora e seu progresso foi suave e desimpedido. O aluno ocasional ergueu os olhos quando ela passou, um tanto curioso, antes de voltar sua atenção para o quadro branco. Não admira que os resultados deste lugar tenham sido tão bons.

'Posso ajudar?'

Daisy parou no meio do caminho, virando-se rapidamente para encontrar um homem corpulento de macacão correndo em sua direção.

'Desculpe?' ela respondeu.

'Esta é uma escola. Você não pode simplesmente entrar vagando pela rua - '

"Eu sou um aluno aqui."

'Não, você não é. Eu conheço todos que entram e saem desses portões e não te reconheço . . '

O homem parou bem na frente dela. Agora ele a examinava mais de perto - Daisy pensou ter começado a ver um mínimo sinal de reconhecimento ali.

'Qual o seu nome?' Ele demandou.

Sorrindo, Daisy deu um passo à frente, batendo com o joelho esquerdo na virilha do homem. O zelador chocado engasgou de dor, mas sua agonia durou pouco. A coronha de sua espingarda agora acertou seu rosto. O impacto foi brutal e sua vítima desabou no chão, suas pernas cederam sob ele.

Colocando a arma de volta no casaco, Daisy avistou um grupo de alunos movendo-se para a janela de uma sala de aula próxima. Eles olharam para a zeladora deitada, então voltaram para ela. Mas ela já estava em movimento. Arruinar o dia do gordo não fazia parte dos planos e não valia a pena se distrair.

Ela tinha trabalho a fazer.

14,15

O campus da escola era impressionantemente grande. Emilia ficou maravilhada com o tamanho - sua escola secundária era muito menor e com muito menos recursos. De onde estava, ela podia ver um campo de astroturf, uma piscina, uma quadra de tênis, para não falar de um elegante bloco de ciências. Emilia não tinha ido muito à escola, graças às contravenções do pai, mas teria matado para ter ido a um lugar como aquele.

Depois de investigar o graffiti nos escritórios de liberdade condicional em Totton, Emilia voltou atrás em sua pesquisa, folheando as inúmeras fotos em seu laptop, lançando um olhar sobre as várias instituições que sofreram durante a última onda de graffiti. Foi entediante e irritante, mas acabou rendendo frutos. Emilia tinha certeza de que havia pelo menos um outro lugar que ela tinha visitado que estava marcado com a serpente distinta e, depois de meia hora de pesquisa paciente, ela se lembrou de qual.

Demorou um pouco para localizar o graffiti de memória, mas na parede dos fundos da escola, fora da vista perto do aterro municipal, ela descobriu a serpente recém-pintada se devorando. Era recente o suficiente para que Emilia pudesse respirar os

vapores da tinta - um cheiro que ela sempre amou. Um arrepio de excitação a percorreu ao inalar o rico odor químico.

À sua frente, os campos de jogos e áreas de recreação estavam praticamente vazios, os alunos voltaram para suas salas de aula. Depois de escalar a cerca de arame na parte de trás da escola, ficando comicamente em

cima de seu Vauxhall Corsa para fazer isso, Emilia correu bem em direção aos prédios principais. Não parecia haver muita segurança para falar e o jardineiro tinha acabado de sair para se livrar de seus cortes de grama, então ela emergiu das sombras.

Ela estava fazendo a coisa certa? Ela deveria chamar a polícia? A coincidência do graffiti era impressionante, mas era possível que fosse apenas isso - uma coincidência. Além disso, alguém a levaria a sério, agora que seu estoque caiu tão baixo? Não, ela precisava de mais, antes de revelar sua mão. Então, mantendo um olhar atento para o jardineiro, ela caminhou pela grama em direção aos prédios da escola.

63

14,21

Helen subiu os degraus e correu para o átrio da escola. Uma unidade armada a flanqueava e o resto de sua equipe não estava muito atrás. Caberia a eles proteger o local, até que tivessem certeza se Daisy pretendia vir para cá ou não.

Assim que Helen pôs os pés na cavernosa área de recepção, ela os viu - uma pequena multidão de alunos assustados amontoados em torno de uma figura deitada. Levantando seu cartão de mandado, Helen correu em direção a eles. A multidão se separou para revelar um homem atarracado de meia-idade deitado no chão. Seu rosto e macacão estavam pegajosos de sangue, mas Helen ficou aliviada ao ver que seus ferimentos eram relativamente pequenos, um lenço encharcado sendo preso a um corte feio em sua têmpora.

- Alguém chamou uma ambulância? Helen exigiu.

Um dos alunos acenou com a cabeça em silêncio, então Helen se virou para o homem ferido.

- Você pode me dizer onde ela está?

O homem olhou para ela, mas parecia estar tendo problemas para se concentrar.

'Eu *preciso* encontrar Daisy Anderson. Você pode me dizer em que direção ela foi? '

Agora o homem parecia se mexer. Fazendo uma careta de dor, ele ergueu um dedo e apontou para o corredor principal. Dava para várias salas de aula e levava a uma grande escadaria. Agradecendo-lhe, Helen levantou-se e gesticulou para a unidade armada prosseguir. As carabinas preparadas, moveram-se com cuidado, mas com determinação, pelo corredor. Os alunos chocados os assistiram partir, claramente alarmados com o armamento pesado que estava em exibição. Alguns pareciam que estavam à beira das lágrimas - sua escola sempre foi um ambiente seguro e divertido, mas o terror havia invadido suas paredes hoje.

Gesticulando para que Charlie se juntasse a ela, Helen saiu correndo pelo corredor.

Os oficiais armados estavam fazendo um bom progresso, entrando e saindo das

salas de aula do andar térreo. Não encontrando nada, eles correram para a escada.

Helen acenou para que continuassem, então eles seguiram em frente, subindo as escadas com cautela. Helen deu-lhes uma pequena vantagem, então seguiu o exemplo, ansiosa para entrar na ação.

Eles estavam apenas alguns minutos atrás de Daisy Anderson agora.

64

14,22

A porta se abriu e Daisy marchou para a sala de aula.

Sarah Grant ergueu os olhos, hesitando ligeiramente em sua fala. Apesar de ocupar o cargo de vice-chefe, Grant ainda ensinava uma lista completa de aulas, tendo muito orgulho dos resultados da escola em francês e alemão. Ela estava ligeiramente apaixonada pelo som de sua própria voz e muitas vezes era vista lendo em voz alta para seus alunos. Esse era o caso agora, mas ela tropeçou, então parou completamente quando o intruso marchou até sua mesa.

'Posso ajudar?' ela disse, tentando soar calma.

'Vocês podem me ajudar . .' Daisy respondeu, virando-se para a classe, '. . dando o fora daqui.'

Enquanto falava, ela puxou a espingarda serrada do casaco. Houve uma inspiração audível dos alunos.

'Agora!' ela rugiu.

As cadeiras arrastaram-se para trás quando os rapazes e moças se levantaram de suas carteiras e correram para a porta. Daisy os observou partir. Quando o último estava livre e limpo, ela bateu a porta, antes de bater uma mesa contra ela, bloqueando-os.

- Agora só você e eu - disse ela, voltando-se para a assustada professora.

'Olha, se você quer dinheiro, meu pho-'

'De joelhos.'

'O que você está . . do que você está *falando* ?' a professora vociferou.

- Faça agora - respondeu Daisy, erguendo a espingarda ao nível dos olhos.

Grant subitamente obedeceu, suas pernas dobrando-se sob ela.

'Por que você está fazendo isso? Eu não fiz nada para você . . '

- Você não me reconhece, Sarah?

A professora olhou para seu agressor, observando suas feições apropriadamente pela primeira vez.

'Margarida? Isso é você ...?'

'Vá para o primeiro da classe.'

'Olha, eu não sei do que se trata, mas . . por favor . . '

Ela estava procurando as palavras, apavorada com os dois barris apontando diretamente para ela.

'Eu tenho uma família,' ela continuou, hesitante.

'Você deveria ter pensado nisso antes . . '

'Antes do que? O que eu fiz?'

- Você é uma cadela e as cadelas precisam ser sacrificadas.

'Não, Daisy, não . . eu não sou um animal, sou um ser humano . . '

Mas seu captor apenas balançou a cabeça, rejeitando esses pedidos de misericórdia.

- Olha, se você correr agora, eles podem não te pegar. Meus alunos vão chamar a polícia, você deve saber disso, então não fique por aí para ser pego . . '

Mas, no momento em que disse isso, Sarah de repente pensou que talvez Daisy não quisesse fugir. Ela tinha lido sobre tiroteios em escolas nos Estados Unidos e sabia como eles geralmente terminavam.

- Apenas me diga o que posso fazer para consertar as coisas - disse ela, mudando de assunto abruptamente mais uma vez.

- Não estou aqui para explicar - retrucou Daisy, preparando a arma.

Grant olhou para seu ex-aluno. Daisy estava claramente gostando de exercer o poder de vida ou morte sobre ela.

"Eu não quero morrer", ela implorou. 'Eu sei que posso ser . . uma vadia. E se eu fiz algo para te chatear, então eu realmente sinto muito . . '

Lágrimas ardiavam em seus olhos agora, sua voz embargada.

- Farei o que você quiser, diga o que você quiser, mas, por favor, não me mate.

Minha família não vai aguentar sem mim - eu sei que eles não vão, então, por favor . . '

Ela olhou Daisy diretamente nos olhos, mesmo enquanto lutava contra as lágrimas.

' . . por favor, não me mate.'

Mas, mesmo enquanto ela falava, um sorriso malicioso iluminou o rosto da jovem.

65

14,24

Eles desceram as escadas trovejando, passando por ela como se ela não estivesse lá.

Helen havia chegado ao patamar do primeiro andar e implantado as unidades armadas para varrer as salas de aula. Ela e Charlie permaneceram na escada, trocando mensagens de rádio com a equipe, procurando desesperadamente por dicas sobre o paradeiro de Daisy no vasto complexo escolar.

Bang! O barulho alto fez Helen e Charlie pularem. Mas era apenas a porta da escada batendo na parede, em um dos andares acima. Momentos depois, trinta alunos aterrorizados apareceram, correndo para salvar suas vidas. A cacofonia era assustadora. Eles passaram rolar, alheios a qualquer obstáculo, mas Helen estendeu o braço, puxando um dos alunos petrificados em sua direção.

'Onde ela está?'

A estudante lutou em seus braços, desesperada para fugir.

' *Onde ela está?* - Helen repetiu, desta vez mais alto.

'Laboratórios de línguas, terceiro andar', respondeu o angustiado estudante.

Agora ele se soltou e Helen o deixou ir. Gesticulando para Charlie, ela subiu as escadas para o próximo andar, clicando em seu rádio enquanto caminhava.

- Todas as unidades armadas para o terceiro andar.
Repito, todas as unidades para o terceiro andar.

Desligando, ela continuou sua subida, subindo três degraus de cada vez. Em poucos instantes, ela e Charlie chegaram ao patamar do terceiro andar. Respirando fundo, Helen abriu a porta e empurrou para o corredor.

66

14,25

Estava cheio de gente. Alunos e professores saíram de suas salas de aula, incomodados com o barulho. Eles se entreolharam, perplexos e preocupados.

- Você deveria ir embora - disse Helen, enquanto marchava em direção a eles.

'Por que? O que está acontecendo?' o professor mais próximo perguntou.

'Se você ouviu alguma das reportagens no rádio hoje . . eu simplesmente iria.'

Agora os professores chocados pareciam entender o que ela queria dizer, conduzindo apressadamente seus pupilos em direção às escadas. Segundos antes, eles estavam desorientados e confusos, mas agora ganhavam vida, batendo nas portas, alertando os outros, limpando o

chão. Helen ficou surpresa e impressionada com o quão calmos e assertivos eles estavam e se viu ajudando os alunos a não perderem tempo, enquanto os guiava para a escada de incêndio no lado oposto do corredor.

Cortando contra a multidão, os oficiais armados se aproximaram. Uma placa na parede os direcionou para os laboratórios de línguas, então eles correram naquela direção. Havia quatro salas de aula no final do corredor, compreendendo o departamento de línguas. Três das portas estavam abertas, mas a quarta estava fechada, com a veneziana puxada para baixo.

Recuando, Helen observou enquanto os oficiais armados pegavam cada uma das portas abertas, uma de cada vez. Usando espelhos, eles verificaram as salas de aula, antes de entrarem silenciosamente. Helen esperou tensa, mas momentos depois os três emergiram, silenciosamente balançando a cabeça.

Eles avançaram novamente, mantendo-se junto à parede, Helen agora logo atrás deles. Ela esperava que o vidro com a veneziana explodisse a qualquer momento, mas eles chegaram à porta final com segurança. Cuidadosamente, silenciosamente, um dos policiais estendeu a mão para a maçaneta da porta, usando a parede como cobertura. Agarrando-o, ele se virou. A maçaneta se moveu, mas enquanto ele tentava abrir a porta com o ombro, encontrou sólida resistência. A porta cedeu alguns centímetros, mas não mais.

Era disso que Helen tinha medo. Ela não tinha ideia de quantas pessoas estavam lá com Daisy, nem o que ela planejava fazer a seguir.

- Daisy, aqui é a detetive inspetora Grace. Eu gostaria de falar com você - gritou ela com uma voz nítida e clara.

Mas não houve resposta de dentro.

- Daisy, não posso te ajudar se você não quer falar comigo.

Helen se esforçou para ouvir, esperando uma resposta. Nenhum estava próximo, mas ela *podia* ouvir algo mais. Um lamentável gemido baixo, como um animal com dor. Ela deu ao líder da unidade um olhar questionador.

- Granada de atordoamento? ele sussurrou.

Helen teve que tomar uma decisão em frações de segundo - se deveria tentar dialogar ou agir. Ela não acreditava que Daisy fosse o tipo de vir em silêncio, e se já havia pessoas feridas, ela não tinha muita escolha.

Ela ergueu dois dedos. Imediatamente, dois oficiais prepararam suas granadas, enquanto outros dois se prepararam para o ataque. Contando silenciosamente a partir de três, eles se lançaram na porta. Moveu-se ligeiramente, permitindo-lhes espaço suficiente para lançar suas granadas. Um segundo depois, houve um barulho ensurdecido e uma explosão de luz branca. Agora os oficiais não hesitaram, batendo a porta com força mais uma vez, antes de entrarem na sala com as armas levantadas.

'Polícia armada!'

Helen esperou até que o último oficial tivesse entrado, então ela o seguiu. Ela estava quebrando o protocolo e esperava que Charlie não a seguisse, mas ela tinha que saber com o que eles estavam lidando. Mantendo-se

abaixada, ela entrou rapidamente na sala de aula, procurando desesperadamente por sua presa. Mas assim que ela entrou, percebeu que era tarde demais. Daisy havia fugido e a barricada que bloqueava a porta não era uma barricada de jeito nenhum.

Era uma mulher de meia-idade deitada em uma poça de sangue.

67

14,32

Emilia Garanita foi mais corajosa do que a maioria. Era algo de que ela se orgulhava de ir alegremente onde os anjos temem pisar. Durante seu tempo como jornalista no Litoral Sul, ela sempre colocou sua vida em risco em busca de uma boa história, mas hoje ela estava preparada para abrir uma exceção. Ela não tinha vergonha de admitir que tinha ficado alarmada com os fluxos de alunos saindo da escola. Ela teve que tomar uma decisão instantânea e, nesta ocasião, decidiu recuar.

Agindo por impulso, ela cortou contra a multidão, descendo a escada de incêndio que a trouxe para os fundos da escola. Em parte porque ela não queria ser pega na multidão, mas principalmente porque seu primeiro instinto foi refazer seus passos de volta ao carro. Tinha sido bom correr escada abaixo, para longe do perigo, e melhor ainda sair para a luz do sol.

Ela continuou a correr, suas botas de salto alto clicando no asfalto da área de recreação, antes de finalmente sumir de vista atrás de um galpão que ficava a alguma distância do edifício principal. Era um pequeno galpão - Emilia percebeu que continha um cortador de grama e

algumas ferramentas de jardinagem - mas dava uma boa cobertura. Escondida da vista, Emilia parou para recuperar o fôlego,

enxugando o suor do rosto com a manga. Ela não gostava de exercícios como regra e de repente se sentiu totalmente exausta.

Enquanto ela descansava contra a madeira quente do galpão, ela começou a se acalmar um pouco. Ela tinha sido tola ao se virar e correr? Teria sido arriscado ficar, dado o pânico óbvio nos rostos dos alunos, mas ela não tinha vindo aqui para conseguir uma história? Até agora tudo o que ela tinha era uma teoria - uma teoria que tinha se provado certa, admitidamente - mas muito pouco material real. Será que ela realmente voltaria para Gardener de mãos vazias?

Reunindo coragem, ela deu a volta no galpão, olhando furtivamente para a escola.

Imediatamente, ela recuou. Uma jovem com um sobretudo cáqui estava correndo pelos campos de jogos. Ela não estava indo em sua direção exatamente, mas ela *iria* passar muito perto do galpão. Onde estava seu companheiro, Emilia não fazia ideia. Ele estava fugindo da escola por uma rota de fuga diferente? Ou algo *aconteceu* com ele?

Emilia deu a volta para o outro lado do galpão, para longe da figura que se aproximava. Ao fazer isso, a bolsa da câmera balançou para cima e para baixo em seu quadril, empurrando-a gentilmente para a ação. Silenciosamente, ela abriu o zíper da bolsa e tirou sua fiel Nikon. Alcançando o canto mais distante do galpão, ela espiou ao redor. A mulher estava a sessenta, talvez

setenta metros dela e se movia rapidamente. Em alguns segundos, ela passaria pelo galpão e o momento se perderia, então Emilia ergueu a câmera e deu um zoom na figura em fuga. Ela era jovem e mulher, isso é tudo que se podia dizer com certeza, mas agora não era hora para detalhes. Ela apertou o botão, atirando rapidamente. Ao fazer isso, ela sentiu uma onda de excitação, até mesmo de orgulho, feliz mais uma vez por estar à frente do bando.

Emilia disparou dez, onze, doze tiros. Então, de repente, a mulher ergueu os olhos.

No visor, Emilia a viu olhar em sua direção. Imediatamente ela se escondeu atrás do galpão. Ela tinha ouvido algo? Não, isso era improvável a esta distância. Ela tinha visto algo então? As lentes de Emilia teriam captado o brilho do sol, revelando sua presença? Ou ela estava apenas imaginando? A mulher estava simplesmente fazendo um balanço enquanto fugia da escola?

Controlando-se, Emilia lentamente esticou o pescoço em torno da esquina do galpão mais uma vez. Para sua surpresa, não havia sinal da mulher. Ela tinha desaparecido.

Agora Emilia começou a entrar em pânico. Guardando a câmera na bolsa, ela deu a volta no galpão, determinada a fugir. Apenas para encontrar a mulher bloqueando seu caminho, apontando uma arma diretamente para ela.

68

14,35

- Alguém está de olho neles?

Helen deixou Charlie na sala de aula do terceiro andar, cuidando da mulher gravemente ferida, e saiu para a escada de incêndio. Daisy claramente não havia

fugido pela escada principal - como eles a teriam encontrado - então ela deve ter usado isso como seu meio de fuga. Em vez de descer, porém, Helen havia escalado, saltando a barreira no topo da escada para pousar suavemente no telhado de asfalto. Marchando até a beirada do telhado, ela escalou a saliência e comunicou-se ao DC Edwards, que estava coordenando a busca no campus.

"Nada ainda", foi sua resposta gritada.

'Nada mesmo?' Helen voltou, mal acreditando que a haviam perdido novamente.

"É um caos aqui embaixo. Temos pais aparecendo, a imprensa, sem mencionar setecentos alunos. Estamos tentando proteger o perímetro, mas - '

'Onde está o helicóptero?'

"A caminho. Você deve ser capaz de ver a qualquer minuto agora. '

'OK. Mantenha contato. Enquanto isso, quero que publiquemos a foto de Daisy para a imprensa. Precisamos colocar um alerta para todas as portas e quero bloqueios de estradas em *todas as estradas* fora de Itchen. '

'Sim chefe.'

Edwards desligou e Helen agora ouviu. Ela se virou para ver o ponto escuro no céu indo em sua direção,

crescendo a cada segundo que passava. Momentos depois, o helicóptero da polícia rugiu acima, fazendo um arco no céu, antes de girar para varrer o campus do ar.

Helen deveria ter se sentido tranquilizada com sua presença, mas não o fez. Ela nunca havia trabalhado em um caso como este - o assassino estava atacando rápido e forte, avançando sem impedimentos. Quatro vítimas em questão de horas e ela ainda não parecia estar saciada. Helen estava no seu encaixe, mas até agora seus melhores esforços não deram em nada e Daisy Anderson permaneceu livre.

Eles estiveram perto, mas não o suficiente.

69

14,36

A jovem olhou ansiosamente para o céu. Emilia estava um pouco à frente dela, mas usando a visão periférica da melhor maneira possível, temerosa de que a qualquer momento pudesse levantar a arma e puxar o gatilho. E ela viu - um lampejo de preocupação no rosto da mulher - quando ambos ouviram o som do helicóptero.

Ela estava vasculhando os céus em busca de sinais de perigo. Emilia fez o mesmo, arriscando uma olhada rápida enquanto seu captor estava distraído.

Frustrantemente, o helicóptero, que parecia estar indo direto para eles, mudou de direção para pairar diretamente sobre os prédios da escola.

A mulher se virou e Emilia voltou a jogar a cabeça para a frente. Eles haviam alcançado a cerca do perímetro, a fronteira do terreno da escola, embora estivessem a

alguma distância de onde Emilia havia obtido acesso. Ela diminuiu a velocidade até parar, imaginando o que viria a seguir.

Para sua surpresa, a mulher agarrou sua câmera e, jogando-a de lado, latiu para ela:

"Por cima da cerca."

Emilia obedeceu, agarrando-se à cerca de arame e pulando por cima. Ela pousou desajeitadamente do outro lado, caindo de bunda para trás, para a diversão de seu captor, que pousou habilmente ao lado dela momentos depois.

Sorrindo, a mulher ofereceu-lhe a mão. Surpresa, Emilia aceitou, na esperança de que aquele tratamento atencioso pudesse ser o prelúdio de sua libertação, agora que estavam longe das instalações da escola.

Mas seu alívio durou pouco, pois a mulher se virou para ela e disse:

- Você tem carro?

70

14,52

Sanderson olhou para a fila de carros à sua frente. Uma enorme rede de bloqueios de estradas estava sendo estabelecida em torno do centro de Itchen, em um esforço para cortar todas as rotas de fuga possíveis. Havia dezenas de policiais e de trânsito envolvidos na operação, mas coube a Sanderson e DC Reid coordenar seus esforços. Sanderson não era ingrato - era bom receber a tarefa de algo importante

-, mas ainda assim era um grande empreendimento. Para seu alívio, os policiais uniformizados sob seu comando temporário foram receptivos e seu bloqueio foi armado em tempo recorde.

Os residentes de Itchen não estavam agradecendo a ela, é claro - todas as principais artérias dentro e fora da área agora estavam congestionadas com o tráfego - mas Sanderson não estava preocupado com isso. As últimas atualizações da Meadow Hall School sugeriam que Daisy Anderson ainda estava foragida -

ninguém tinha visto pele nem cabelo dela ainda. Ela estava navegando perto do vento - Helen deve ter perdido ela por questão de minutos - mas até agora sua sorte tinha resistido.

Daisy não tinha descansado sobre os louros. Ainda era o início da tarde, mas ela já havia atacado quatro vezes. De forma reveladora, ela havia se movido rapidamente após cada ataque, viajando distâncias consideráveis antes de atacar novamente.

Em pelo menos duas ocasiões, ela roubou um veículo para viajar sem ser detectada, daí a importância de um bloqueio de estrada completo e bem guarnecido.

DC Reid estava estacionado na extremidade oeste do subúrbio, monitorando a estrada para a Ponte Itchen. Se Daisy quisesse voltar para o centro de Southampton, ela teria que voltar por ali. Sanderson foi posicionado em direção ao leste, onde Portsmouth Road encontrava Spring Road. Esse era um caminho provável se Daisy quisesse chegar à sua casa em Hedge End ou fazer uma pausa para o M27. De lá, ela poderia seguir para nordeste em direção a Londres ou sudeste em direção a

Portsmouth. De qualquer maneira seria útil, se ela quisesse desaparecer.

Era isso que ela estava planejando? A frequência e brutalidade de seus ataques sugeriam que ela não tinha escrúpulos em ser capturada - talvez até mesmo que ela quisesse ser. Mas o roubo que ela cometeu na farmácia sugeria que ela estava

estocando dinheiro e mercadorias. Para quê? Para pagar por sua fuga? Ou viver enquanto ela se deitou?

Quaisquer que fossem suas intenções, ela teria que escapar primeiro. O helicóptero da polícia de Hampshire estava circulando pelo bairro, vasculhando as ruas de cima, e outro havia sido solicitado à polícia de West Sussex. Todas as estradas da área estavam agora sujeitas a fiscalização policial e, dado o momento provável do tiroteio mais recente, ficou claro que Daisy estava em *algum lugar por perto*.

Era possível que ela estivesse sentada na fila do trânsito à sua frente? Carregando sua espingarda? Avaliando suas opções? Sanderson andava de um lado para o outro, tentando dissipar seus nervos. No passado, quando ela era um pouco mais jovem, ela teria se alegrado com uma situação como esta. Agora, entretanto, ela apenas se sentia um pouco assustada.

71

14,54

O tráfego estava horrível, então Nick Dean encostou no acostamento. Ele havia lutado por Itchen para chegar tão longe, mas estava parado por quase dez minutos agora, então, abandonando seu carro em uma vaga de

estacionamento, ele saiu pela rua. Ele não se incomodou em trancar o carro, não sabia nem se havia fechado a porta do motorista corretamente, mas não se incomodou em olhar para trás, torcendo-se para dentro e para fora dos corpos que bloqueavam seu caminho na calçada congestionada.

Ele estava em uma reunião quando recebeu a ligação. Ele não deveria receber ligações durante o briefing semanal da equipe e ele deixou tocar a princípio.

Quando começou a tocar pela segunda vez - outra mãe da escola ligando para ele -

ele o pegou e saiu correndo da sala, ignorando os olhares negros de seu chefe.

- Aconteceu um incidente na escola, Nick. No rádio, eles estão . . dizendo que é um tiroteio.

Suas palavras o deixaram cambaleando. Parecia impossível. Isso foi algo que aconteceu na América, não aqui. Desligando, Nick correu para o estacionamento, acessando o site de notícias locais em seu telefone. A náusea se apoderou dele enquanto lia os breves relatórios do incidente em andamento na Meadow Hall School, dos bloqueios de estradas em volta de Itchen. Estava acontecendo, certo . .

Ele estava em seu carro em menos de um minuto. Ele sabia que deveria seguir o bom exemplo de Mandy e ligar para os outros pais, certificando-se de que eles entendessem o que estava acontecendo. Mas tal generosidade de espírito parecia além dele agora, então, em vez disso, ele saiu do escritório, indo em direção à escola. Dezenas de cenários terríveis encheram sua cabeça enquanto ele acelerava em direção a Meadow

Lane. Ele tinha ouvido falar que tinha havido um tiroteio perto de Ashurst esta manhã, mas prestou pouca atenção ao se envolver no dia de trabalho. Agora o rádio dizia que o tiroteio na escola foi o terceiro ataque desse tipo naquele dia.

- Por favor, meu Deus, Jeannie não. Minha garotinha não .
'

Ele murmurou as palavras, mas de pouco adiantou. Ele se sentia tão impotente, tão sem noção. Alguém não teria ligado para ele agora se houvesse um problema?

Presumivelmente não, visto que o incidente estava aparentemente em andamento, os perpetradores ainda estavam foragidos. Nick apertou a buzina de frustração -

com o tráfego lento, com sua falta de informação - antes de desistir do carro. O

andamento estava lento, parecia haver tantas pessoas indo em direção à escola quanto tentando fugir dela. Nick reconheceu alguns rostos - outros pais da escola -

e de repente percebeu que ele devia parecer tão angustiado quanto eles. Eram pálidos, abatidos, perplexos - gente alegre a quem ele costumava cumprimentar nos portões da escola, parecia que tinha envelhecido dez anos em um dia.

Ele acelerou o ritmo, passando por alguns pais que protestavam. Não era legal, não estava *certo*, mas de repente ele precisava saber. Eles só tiveram um filho, ela significava tudo para eles . .

"Jeannie?"

Ele gritou o nome dela enquanto se aproximava das numerosas fileiras de pessoas que estavam penduradas pelo cordão policial fora da escola. A multidão tinha dez pessoas ou mais e parecia ser composta quase inteiramente de estudantes chorosos segurando seus pais, seus amigos e, em alguns casos, policiais e paramédicos. Foi uma visão profundamente angustiante, que só serviu para alarmá-lo ainda mais.

"JEANNIE?"

Seu grito parecia morrer com o vento, então, desistindo, ele agarrou um aluno que estava correndo para longe da briga. Nick meio que a reconheceu, ele pensou que ela poderia ser da classe de Jeannie.

- Você viu minha filha?

O aluno olhou para ele sem expressão.

- Você viu Jeannie? ele persistiu, mais alto desta vez.

'Não, não,' o aluno respondeu finalmente. 'Eu não vi ninguém, eu apenas corri . . '

Abandonando-a, Nick avançou, correndo ao longo da borda da multidão.

"Jeannie?"

Ele estava gritando o nome dela no topo de sua voz, mas era tão difícil ser ouvido acima do choro e gemidos.

'Jeann-'

'Pai?'

Ele parou no meio do caminho, girou. Certamente soava como ela, mas ele não tinha certeza.

"Jeannie?"

Então, de repente, lá estava ela, saltando em direção a ele, jogando-se em seus braços. Ela estava em lágrimas, assim como ele, mas parecia estar bem. Ela estava claramente muito abalada, no entanto, e ele a deixou chorar por alguns minutos, segurando-a perto, antes de finalmente afastá-la dele. Enxugando suas lágrimas, ele a beijou várias vezes e quando ela finalmente pareceu mais calma, ele perguntou:

- Você viu mamãe em algum lugar?

72

14,56

Helen olhou para o corpo da mulher. Os paramédicos trabalharam incansavelmente para salvar sua vida, mas seus ferimentos foram muito graves. A quarta vítima de Daisy foi baleada à queima-roupa - uma vez no peito, outra na parte inferior do rosto. O sangue que ainda grudava na parede do outro lado da sala revelou a localização precisa do tiroteio - Daisy encurralou Sarah Grant em um canto e atirou. A quantidade de sangue era significativa, assim como o fato de parte de sua mandíbula e bochecha terem sido cortadas com o impacto.

Surpreendentemente, a mulher gravemente ferida conseguiu se impulsionar pela sala. Talvez Daisy tivesse ido embora, acreditando que seu trabalho estava feito.

Seja qual for o caso, Sarah Grant queria viver e se arrastou até a porta. A longa mancha de sangue no chão mostrou que ela tinha feito todo o caminho, assim como as impressões digitais ensanguentadas na maçaneta da porta. Mas a pobre mulher só conseguiu fechar a porta para si mesma, antes de presumivelmente desabar lá dentro. Helen adoecia pensar que o corpo de Sarah Grant tinha sido o bloqueio - a barricada - contra o qual lutaram enquanto lutavam para entrar na sala de aula.

Sarah Grant era esposa e mãe - Helen já havia conseguido avaliar isso -, mas sangrou no chão de madeira frio. Por quê? Porque Helen se permitiu ser enganada, induzida a correr para o WestQuay, enquanto Daisy Anderson estava vindo para cá.

Indo para a escola com o assassinato em mente.

Helen falhou com Sarah, assim como falhou com as outras vítimas. A dela foi outra morte na consciência de Helen, outro fantasma para desfilar diante de sua consciência torturada. Ela sabia que tinha que permanecer forte, se quisesse pegar aquele assassino sem remorsos, mas Helen sentia aquela escuridão familiar rastejando sobre ela agora - e com ela uma raiva ardente que ela estava lutando para controlar.

15.02

'Merda.'

Emilia avistou o bloqueio na estrada trinta segundos atrás, mas seu companheiro acabara de avistá-lo. Ela estava distraída, mexendo nervosamente nos botões do casaco, perdida em pensamentos. Mas quando o carro parou atrás de uma longa fila de tráfego, ela olhou para cima. As luzes azuis piscando e o grande número de corpos uniformizados na estrada à frente a alarmaram claramente e ela apertou os olhos para a traseira do carro. Mas eles foram encurralados por trás por causa do tráfego na fila - não havia como voltar agora.

O cordão estava a quinze metros de distância. Os oficiais que o comandavam pareciam estar demorando, interrogando longamente cada motorista. Emilia não tinha uma história de capa - ela e seu captor mal se trocaram desde que entraram no carro - e ela se perguntou o que diria. Onde ela estava? Quem era seu

companheiro? Ela tinha visto alguma coisa? Provavelmente era melhor ficar o mais próximo possível da verdade. Ela apresentaria à polícia seu passe de imprensa e diria que a mulher a estava ajudando com uma história sobre grafiteiros. Emilia era uma boa mentirosa por natureza, mas de repente ficou nervosa, como se a polícia fosse ver através de sua ficção.

Sempre havia uma chance de eles atravessarem o cordão, mas e depois? Emilia de repente sentiu uma pontada de medo. Ela estava fazendo a coisa certa? O carro estava avançando e eles estavam agora a apenas vinte metros do cordão de isolamento. Ela deveria

arriscar? Disse algo para a polícia? E se ela simplesmente abrisse a porta e fugisse? Isso poderia resultar em um tiroteio, mas ela estaria livre

..

Emilia sentiu uma pontada forte na coxa. Olhando para baixo, ela percebeu que a mulher havia empurrado os canos de sua arma em sua perna.

'Apenas aja com naturalidade. Responda às perguntas e ninguém se machuque, certo? '

Ela sentiu o que Emilia estava pensando? Havia aço na voz da mulher que ela não tinha ouvido antes e uma frieza em suas ações, enquanto ela tirava o casaco e o colocava sobre o braço, escondendo a arma de vista. Era óbvio para Emilia que ela não pretendia que sua aventura acabasse aqui. A menos que Emilia quisesse que sua cabeça explodisse, provavelmente seria mais sábio obedecer.

Acalmando a respiração e fixando um sorriso no rosto, Emilia dirigiu lentamente em direção aos policiais que os aguardavam.

74

15,16

'Tem certeza? Você tem *certeza* absoluta de que é ela?

Charlie estava amontoado com Nick e Jeannie Dean em um veículo de apoio da polícia estacionado na entrada da escola, os edifícios agora desertos visíveis através das pequenas janelas quadradas. Sarah Grant não havia anotado o nome do marido quando se casaram, mas

assim que ficou estabelecido que ela *era* a esposa de Nick e mãe de Jeannie, Charlie deu a eles a terrível notícia. Ela sugeriu que sua filha adolescente poderia ficar melhor com amigos ou parentes, mas Nick Dean insistiu que ela ficasse. Ele claramente não queria perdê-la de vista, mesmo quando ficou claro que Charlie tinha más notícias para dar.

- Receio que sim. Um de seus colegas já a identificou, embora, é claro, vamos pedir a você formalmente . .

'Como ela morreu?' Nick Dean disse rapidamente. 'Eles fizeram ...'

Ele parecia ficar sem palavras, então Charlie interveio.

"Ela morreu de um ferimento à bala."

- Alguém mais se machucou? Algum de seus alunos . .? '

"Não, era só ela."

Nick Dean parecia totalmente perplexo com as respostas de Charlie.

'Mas por que? Por que alguém faria algo assim? '

Ele estava olhando diretamente para ela, enquanto os olhos marejados de sua filha estavam fixos no chão. Em seus modos diferentes, os dois pareciam machucados por esta tragédia repentina e Charlie sinceramente desejou que ela pudesse dizer a eles algo que aliviasse seu fardo. Mas sua cabeça ainda estava nublada por visões do assassinato brutal de Sarah e era difícil pensar em qualquer palavra de consolo.

'Não sabemos ainda,' Charlie admitiu. 'Como você deve saber, houve uma série de tiroteios hoje e achamos que pode ser parte de um padrão -'

- Você sabe quem é o responsável, então?

'Temos uma ideia de quem pode ser resp-'

- Então, por que você não os pegou? Você sabe quem está fazendo isso, eles já fizeram duas vezes antes, por que você não os pegou? '

'Acredite em mim, estamos tentando o nosso melhor. Estamos jogando tudo que podemos nisso - '

'Isso é o que vocês sempre dizem', ele respondeu amargamente.

Ele se virou, puxando a filha para si. Ela estava chorando agora, baixinho, mas persistentemente, empurrando o rosto contra o peito do pai.

- Só espero que você consiga dormir à noite - continuou ele, apontando suas farpas para Charlie mais uma vez. 'Porque são pessoas como nós que têm que lidar com as consequências.'

Ele puxou a filha para mais perto dele, enterrando o rosto em seu cabelo, sussurrando palavras de conforto. Apesar de sua raiva e amargura, ele estava demonstrando uma força admirável, recusando-se a desmoronar na frente de sua filha. Suas palavras doeram, mas Charlie esperava que seu desafio, sua determinação ajudassem Jeannie a superar essa terrível provação. Pai e filha estavam apegados um ao outro - apoiando um ao outro - e Charlie sabia por experiência que seu amor feroz e desafiador

era a única coisa que os manteria nos dias sombrios que viriam.

75

15,18

- Conte-me sobre Daisy Anderson.

O tempo de Helen era limitado, então ela foi direto ao ponto. Um exausto Simon Henshaw, o diretor da escola, sentou-se à sua frente na sala de aula abandonada, lançando olhares ocasionais para a multidão do lado de fora. Ele claramente queria estar lá com seus alunos, fornecendo todo o apoio que pudesse, mas Helen precisava de informações.

- Daisy foi . . difícil - Henshaw respondeu hesitante, claramente ainda lutando para acreditar que um ex-aluno poderia ter sido o responsável pelo assassinato de um membro de sua equipe. - Acho que ela era basicamente uma boa garota que passou por momentos muito difíceis.

'De que maneira?'

Henshaw pareceu ligeiramente surpreso com o tom brusco de Helen.

'A mãe dela não está em cena,' o diretor retomou hesitante, 'então ela mora com o pai dela. Ele é um pai amoroso, mas errático. Ele nunca aparece nas noites dos pais, não tem interesse nos trabalhos da escola dela. Acho que ele gosta de protegê-la de nós, o que obviamente torna a vida difícil. Ele também bebe.

- Daisy bebeu?

Henshaw acenou com a cabeça.

- Nós a pegamos com garrafas em seu armário em algumas ocasiões.

'Drogas?'

'Sim. Ela os pegou, mas também os usou como moeda, acho.

'Para impressionar as pessoas, fazer amigos?'

- Sim, não que realmente funcionou.

'Porque?'

- Porque ela era diferente. Seu pai . . seu pai ofereceu a ela uma espécie de . .

negligência benigna. Nunca comprou suas roupas ou maquiagem. Ela sempre vinha para a escola com seus livros em uma sacola plástica. Os membros da equipe também achavam que ela não lavava muito, muitas vezes estava visivelmente suja . .

- E as outras crianças zombaram dela por isso?

- Tentamos policiar, mas você sabe como são os adolescentes. Ela parecia . . parecia a filha de um fazendeiro, e ainda por cima pobre.

- Ela foi intimidada?

- Sim - confirmou Henshaw, agora parecendo um pouco envergonhado. - Ela deu o melhor que conseguiu, acredite, mas então suas notas começaram a piorar.

Tentamos remediar isso, mas Daisy sentiu que seus professores a estavam destacando, tentando humilhá-la, então ela parou de frequentar a escola. Demos a ela várias chances de se engajar novamente, mas se uma criança se recusar a vir, temos que excluí-la. Temos uma longa lista de espera e - '

- E Sarah Grant foi quem a expulsou?

- Excluído, sim. Meu papel é mais pastoral, Sarah é a disciplinadora, então ela lidou com isso. Mas ela estava sempre tentando ajudar Daisy, ela tinha saído de seu caminho para garantir que ela progredisse, que ela tivesse o apoio de que precisava . .

- Mas Daisy sentiu que Sarah Grant estava mexendo com ela?

- Possivelmente - admitiu Henshaw, parecendo um homem que gostaria de voltar no tempo.

Helen olhou pela janela para os alunos abaixo. Começava a surgir a imagem de uma jovem que havia recebido cartas ruins e agora se vingava daqueles que ela sentia que a haviam rejeitado ou humilhado. Todas as suas vítimas - Smalling, Sansom e agora Sarah Grant - tentaram ajudá-la de maneiras diferentes, mas todas involuntariamente a enfureceram.

- Ela tinha amigos na escola? Helen disse, saindo dessa.

'Amigos?'

- Ela saiu da escola há apenas algumas semanas, então há alguém com quem ela possa visitar e se distrair? Alguém que talvez não tenha comparecido à escola hoje?

Henshaw pensou muito antes de responder:

- Tivemos uma audiência praticamente lotada hoje e, não, não há ninguém que se arriscaria de *bom grado* por ela. Tenho vergonha de dizer isso, mas a verdade é . . .'

O diretor fez uma pausa, antes de concluir:

' . . Daisy não tinha um amigo no mundo.'

76

15,23

'Qual é a natureza do seu negócio em Itchen hoje?'

O policial foi curto e direto ao ponto, enquanto corria os olhos pelo interior do carro, observando as duas mulheres.

- Estou trabalhando em uma história - disse Emilia animada, oferecendo-lhe suas credenciais.

O policial, um personagem alto e conciso, olhou para seu passe de imprensa, depois para seu rosto cheio de cicatrizes, antes de devolver seus documentos. Emilia pensou ter visto uma centelha de reconhecimento em sua expressão ictérica.

'Que tipo de história?' ele disse com tristeza.

'Graffiti adolescente. Tem havido uma enxurrada de marcações recentemente e o bom povo de Southampton não está feliz com isso . . .'

Ela estava tentando soar alegre, mas sabia que estava saindo forçado.

'Quem é Você?' Ele voltou sua atenção para Daisy.

- Alice Baines - respondeu ela mal-humorada. - Estou mostrando a ela as cordas.

'Você é um tagger?'

- Um dos melhores - cuspiu ela em desafio.

Apesar de tudo, Emilia não pôde deixar de ficar impressionada. A jovem não mostrava nenhum sinal de nervosismo e seus modos arrogantes eram uma boa fachada. O policial a estudou atentamente, observando seus olhos, seus traços, a cor de seu cabelo. Emilia havia descoberto há algum tempo que seu cabelo preto era uma peruca, mas combinava com ela e era bem convincente.

O oficial a encarou longamente, depois voltou o olhar para Emilia.

'Algum de vocês viu alguma coisa? Uma jovem agindo de forma suspeita?'

Agressivamente, mesmo? Ela tem cabelo loiro, tem cerca de um metro e sessenta e . .

As duas mulheres balançaram a cabeça. O oficial olhou para a longa fila de carros atrás deles, antes de continuar: 'Alguém lhe pediu para ajudá-los? Ajudá-los de alguma forma? '

Eles balançaram a cabeça.

- E você estaria disposto a se submeter a uma revista de veículos, se necessário?

Emilia não esperava essa pergunta e não sabia ao certo como responder, então Daisy interveio.

'Claro. Não temos nada a esconder. '

Foi dito com segurança, com um sorriso, e agora o policial cedeu, voltando-se para gritar para um de seus colegas, enquanto gesticulava para que avançassem.

Eles haviam passado no teste.

77

15,26

Helen mal tinha conseguido atravessar o átrio da escola quando o DC McAndrew veio correndo em sua direção.

'Chefe, você precisa ver isso . . .'

Ela estava usando luvas de látex e segurando uma câmera SLR Nikon. Helen puxou um novo par de luvas e, colocando-as, pegou a câmera dela.

'Estávamos fazendo uma varredura do terreno e encontramos isso perto da cerca do perímetro.'

Helen examinou a parte traseira da câmera e apertou o botão 'Play'.

Imediatamente, uma foto apareceu - era de uma jovem vestindo um casaco longo caqui, andando pelos campos de jogos. Com o coração batendo forte, Helen pulou a sequência de fotos, que obviamente foram tiradas muito recentemente.

- Achei que você gostaria de vê-los imediatamente porque . . .

- Ela tem cabelo preto - interrompeu Helen.

'Certo, nossos rapazes estão procurando uma loira e -'

Helen não esperou que ela terminasse, em vez disso correu em direção à saída.

78

15,27

Os olhos de Sanderson estavam grudados no carro. Ela estava na parte de trás do cordão, dando uma regra final sobre os veículos que passavam, e avistou Emilia Garanita imediatamente. O rosto dela era difícil de perder.

Duas coisas pareciam estranhas a Sanderson, à medida que o carro passava lentamente. Em primeiro lugar, Garanita estava olhando para a frente dela, virando-se ocasionalmente para falar com seu passageiro. Sanderson estava a apenas alguns metros deles e normalmente Garanita não teria perdido a oportunidade de se envolver com *ela* - um olhar azedo, algumas palavras bem escolhidas. Desta vez, entretanto, ela a ignorou propositalmente, aparentemente mais interessada em seu companheiro de cabelos escuros.

A segunda coisa estranha era que Emilia estava deliberadamente se afastando de uma história importante. O carro estava a cinquenta metros agora, sinalizando para virar a esquina, indo ainda mais longe da Meadow Hall School. Emilia Garanita viveu e respirou a notícia - de jeito nenhum ela não teria ouvido falar do último tiroteio. Sanderson teria apostado sua casa no experiente repórter policial indo direto para Meadow Hall para perseguir os estudantes e assediar os policiais -

tudo no interesse de ressuscitar sua carreira decadente. Mas, na verdade, ela escolheu dirigir na direção oposta, seu carro agora virando a esquina, se *afastando* da cena do primeiro tiroteio na escola de Southampton. Esta Sanderson problemática - o resto do corpo de imprensa do país estava correndo para a Meadow Hall School, então por que ela não estava?

Voltando ao cordão, Sanderson continuou a ponderar sobre isso, enquanto um porta-malas verde passava. Mas de repente seu devaneio foi interrompido, seu rádio ganhou vida.

'Por favor, avise todos os oficiais . . .'

A voz era de Helen e Sanderson ficou imediatamente alarmado com seu tom ansioso.

' . . que nossa suspeita agora tem cabelo preto curto. Ela não é mais *loira* , ela tem um *cabelo* preto brilhante . . .'

Sanderson congelou. Helen havia descrito perfeitamente o companheiro misterioso de Emilia.

79

15,33

'Vire à direita.'

Emilia obedeceu, virando o carro com cuidado em outra esquina e depois afastando-se pela estrada. Desde a liberação do cordão policial, eles vinham virando constantemente - à direita, depois à esquerda, depois à direita novamente, em uma série de movimentos evasivos, destinados a confundir qualquer um que os estivesse seguindo. Emilia tinha certeza de que ninguém

os estava vigiando, mas mesmo assim continuou lançando olhares esperançosos para o espelho retrovisor.

"Agora à esquerda."

Emilia não tinha ideia de para onde estavam indo, apenas que estavam se afastando das áreas residenciais da cidade em direção às suas periferias mais remotas, a terra morta entre Southampton e Eastleigh. À medida que sua ansiedade aumentava constantemente, Emilia sabia que precisava tentar envolver a jovem, se quisesse sobreviver àquela provação.

'Posso te perguntar uma coisa?' ela disse, tentando soar o menos ameaçadora possível.

Os olhos da mulher permaneceram grudados na estrada à sua frente, mal reconhecendo a pergunta.

'Eu sei que não é da minha conta . .' Emilia continuou, corajosamente, '. . mas por que você está fazendo isso?'

Ainda assim, ela não respondeu.

- Olha, sei que você tem seus motivos. Tenho certeza de que muitas dessas pessoas lhe fizeram mal . . mas você não pode fugir para sempre. Eles vão alcançá-lo no final.

Eles estavam passando por Westwood Woodland Park - não havia uma casa ou pessoa à vista, e a sugestão de Emilia de que a rede estava se fechando sobre eles soava um tanto vazia, mas mesmo assim ela teve que persistir.

'Você é uma mulher inteligente, obviamente sabe o que está fazendo. E não há necessidade de terminar em banho de sangue. Você já deixou sua marca, entrará para

a história, folclore até . . *principalmente* se escolher a forma de seu final. Se

você mostrar ao mundo que *eles* não podiam te pegar, que era você quem estava no controle o tempo todo. '

Emilia percebeu que ela estava ouvindo, então aproveitou para tirar vantagem disso.

- Posso contar ao mundo o que você fez. Que você teve a polícia perseguindo suas caudas, que você foi o autor desta história, distribuindo apenas uma retribuição aos bandidos, como tudo foi *planejado e administrado por você* . Pense nisso. Esta é sua chance de ser uma estrela. Deixe-me ajudá-lo . . '

A mulher pensou por um momento, então ergueu lentamente a arma, apontando-a para a floresta à frente.

- Encoste ali.

80

15,46

"Diga-me o que você pode ver."

Helen subiu em sua bicicleta, o rádio colado ao ouvido. Houve uma longa explosão de estática, então o piloto do helicóptero respondeu.

- Nenhum olho no Corsa ainda.

"Eles estão indo para o leste, talvez em direção ao M27. Amplie seu alcance e me diga o que você vê. '

Houve outra explosão de estática, então o piloto confirmou suas ordens. Helen estava montada em sua

bicicleta, sentindo-se impotente e frustrada. Ela queria ir para o leste sozinha, mas não conseguia se comunicar com o helicóptero via Bluetooth, então teria que ficar parada. Mais uma vez, ela amaldiçoou o fato de não ter um chefe para coordenar os procedimentos para ela - mais do que nunca os eventos do dia estavam começando a parecer uma tempestade perfeita.

'Nada?' ela disse impacientemente.

- Estamos na estrada de Portsmouth agora . . nada significativo, está quase sem trânsito. Voltaremos assim que chegarmos a Netley . . '

Estava claro agora que Daisy havia confiscado o carro de Emilia Garanita, mas para onde a dupla estava indo? O M27 seria uma fuga rápida, mas tornaria mais fácil para a polícia localizá-los, por causa da multidão de câmeras de tráfego na estrada principal. De alguma forma, Helen duvidava que esse fosse o destino deles - Daisy passara a vida inteira em Southampton e arredores, então, para onde mais ela poderia ir? Ela não tinha nenhuma outra família, nenhum amigo - certamente ela usaria seu conhecimento local para sobreviver por tanto tempo quanto pudesse?

Ela estava indo na direção certa para a fazenda de sua família, mas ela realmente correria esse risco? Se o fizesse, haveria policiais esperando por ela, mas Helen de repente se perguntou se ela havia deixado a vizinhança. Seguir para o leste a partir de Itchen levava você ao longo de uma estrada A exposta, perfeitamente visível do ar. É muito melhor se esconder nos arredores de Itchen ou seguir para sudeste até Butlocks Heath, com sua mistura de bosques e áreas residenciais.

'Onde você está agora?' ela exigiu do piloto mais uma vez.

- Voltando pela Woolston Road. Nada ainda ...'

Agora Helen perdeu a paciência. Vendo DC McAndrew se aproximando, ela jogou o rádio em sua direção, o oficial assustado agarrando-o enquanto ele voava pelo ar.

- Avise-me se encontrarem algo interessante.

Antes que McAndrew pudesse responder, Helen ligou o motor. Ficar sentada ociosa a estava matando, então abrindo o acelerador, ela disparou pela estrada, determinada a fazer sua parte.

81

15,58

Ela agarrou o volante, examinando a estrada à sua frente. As luzes estavam piscando, a sirene estava tocando, mas ela mal as registrou. Seus olhos estavam fixos no horizonte, procurando por um flash de vermelho, algo, *qualquer coisa*. Ela havia deixado Daisy passar direto por ela e agora estava rezando por um pouco de sorte, para que pudesse fazer as pazes.

Sanderson se amaldiçoou. Ela tinha estado no frio por tanto tempo, morta para Helen, mas apenas algumas horas atrás ela detectou os primeiros sinais de um degelo em seu relacionamento, após a descoberta do Punto desaparecido. "Bom trabalho, Joanne" - foi o que ela disse. Não era muito, mas momentaneamente enviou seu ânimo às alturas. Pois, por mais que censurasse Helen em particular por suas ações, ela também passava muito tempo refletindo sobre *si mesma*, questionando

como nunca antes sua capacidade e aptidão para ser policial. A pequena pausa que ela planejou na investigação de hoje tinha sido um incentivo real para ela, mas agora ela estava de volta ao papel de equipe fodida novamente.

Como eles devem estar xingando ela, imaginando-a acenando com o Corsa vermelho, com um sorriso estúpido no rosto . .

Um carro parou na frente dela e Sanderson teve que reagir bruscamente, girando o carro para a esquerda, antes de deslizar de volta para a pista. Reprendendo-se por ter se distraído, ela se concentrou mais uma vez na tarefa em mãos. Não houve avistamentos de Daisy ou Emilia desde que elas passaram pelo cordão, mas algo disse a Sanderson que elas estavam por perto. Ela havia passado por Sholing e agora estava a caminho de Newton. Tickleford Gully estava à sua esquerda e, além dela, a estação de transferência de resíduos - havia muitos lugares para se esconder aqui, se necessário.

Esse era o plano de Daisy? Ela esteve muito perto de ser pega, tendo que blefar para passar por um bloqueio na estrada. Isso a faria pensar duas vezes antes de continuar sua fúria? Ou foi apenas uma ilusão?

Sanderson percebeu que seus pensamentos voltavam para Emilia mais uma vez.

Por que Daisy a fez refém? Era simplesmente para garantir que ela ultrapassaria o cordão de isolamento ou ela tinha outra coisa em mente? Ela iria usá-la para tentar arquitetar uma fuga? Sanderson estremeceu ao pensar no que o jovem jornalista deve estar passando. Era por isso que ela parecia tão sombria enquanto

passava, mal registrando nada ou ninguém ao seu redor? Era uma imagem que Sanderson

tentava tirar de sua mente, mas ela sempre voltava para ela. Ela nunca tinha visto o jornalista tão pálido. Verdade seja dita, ela parecia uma mulher condenada.

82

16,08

Eles estavam marchando pela floresta, esmagando as folhas enquanto avançavam.

A jovem ordenou a Emilia que estacionasse em uma pista acidentada perto de Priors Hill Copse, abandonando o carro e jogando as chaves no mato denso. Então ela disse a Emilia para andar.

Eles estavam se movendo em fila única, Emilia tomando a frente enquanto a mulher com a arma os seguia logo atrás. Emília não sabia para onde iam e de vez em quando a mulher gritava para ela mudar de direção, desviar de um caminho, cortar uma colina. Ela sabia para onde eles estavam indo ou ela apenas queria chegar a algum lugar remoto e isolado? Emilia esperava fervorosamente que fosse o primeiro.

Emilia queria desesperadamente quebrar essa história, mas agora ela estava cada vez mais preocupada em se tornar parte dela. Ela tentou o seu melhor para envolver seu captor, para fazê-la falar, mas seus esforços foram rejeitados.

Portanto, Emilia manteve seu conselho, obedecendo às ordens da mulher e mantendo a cabeça baixa. Mas o silêncio era assustador - ela não tinha ideia do que

estava fazendo atrás dela, o que ela estava planejando - e seus nervos estavam em frangalhos.

"Isso vai servir."

Eles estavam bem no coração da floresta agora, protegidos por árvores de todos os lados.

- Ajoelhe-se.

'Por favor, você não tem que fazer isso . . .'

'De joelhos!'

Emilia sentiu os canos frios da arma bater na nuca e, cambaleando, caiu de joelhos.

"Olhe para o chão."

- Não direi nada à polícia, prometo. Vou fingir que isso nunca aconteceu . . .'

- Acho que estamos um pouco além disso, não é?

Emilia baixou a cabeça e soluçou. Toda a ansiedade que estava crescendo nela explodiu e ela chorou sem limites, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

- Por favor . . . estou implorando - ela balbuciou. 'Eu tenho irmãos . . . irmãs . . .'

Ela não conseguia encontrar as palavras. Ela sempre foi confiante, gobby, eloqüente, mas neste ponto crítico de sua vida, ela simplesmente não conseguia encontrar as palavras. Sua cabeça estava cheia de imagens de seus irmãos, a maneira como eles se preocupavam com ela quando ela voltava para casa, exigindo dinheiro, retransmitindo suas queixas, provocando e bajulando-a.

Eles eram irritantes, mas por ter sido mãe e pai para eles por tanto tempo, ela os amava profundamente. Mas como ela poderia colocar esse amor em palavras? Era demais, era opressor.

'Por favor . . meu pai está na prisão, minha mãe se foi há muito tempo, eu . . eu sou tudo para essas crianças . . '

Emilia sabia que ela não estava fazendo muito sentido, mas parecia ter perdido a capacidade de falar de maneira inteligível. Ela estava tagarelando loucamente, o tempo todo esperando ser arremessada para frente quando o tiro a atravessou.

'Eu não quero morrer . . ' ela murmurou pateticamente, embora soubesse que era inútil. 'Eu não quero morrer . . '

Ela fechou os olhos e chorou. Ela podia sentir a grama úmida sob seus joelhos, podia ouvir os pássaros cantando no alto. Seus sentidos de repente pareciam tão aguçados, como se ela estivesse se embriagando do mundo pela última vez, sugando os últimos segundos de vida antes do fim inevitável e violento.

83

16,13

Helen acelerou ao longo da Grange Road, passando rugindo pelos vagões dos carros enquanto cortava para o norte. Ela havia verificado Woolston e agora estava deixando Netley. Havia um antigo vicariato e uma casa no lago que ela queria investigar, mas encontrando-os seguros e desertos, ela abandonou sua busca e agora estava se dirigindo para Butlocks Heath. Havia algumas escolas lá com grandes campos de jogos, além de um cemitério de tamanho considerável, todos com potencial

para um fugitivo que desejasse desaparecer por um tempo.

Ao chegar ao cruzamento do Abbey Fruit Park, Helen diminuiu a velocidade e virou à direita para a Woolston Road. A estrada se abriu na frente dela agora e ela aumentou sua velocidade, voando pela pista. A viagem foi suave, o manuseio preciso - em qualquer outra circunstância Helen teria se emocionado com a sensação de rugir ao longo desta estrada rural tranquila. Mas o orgulho que sentiu em seu novo passeio ao amanhecer parecia muito tempo atrás. Muito sangue correu sob a ponte desde então.

Sanderson estava dando voltas ao redor do velho Netley, o helicóptero havia sobrevoado Weston Common e McAndrew estava coordenando o resto dos esforços da equipe para rastrear o fugitivo. Mas ainda assim ela os iludiu. Qual era o seu segredo? Ela teve apenas sorte ou foi algum tipo de operação de estilo militar? Parecia improvável - ela era tão jovem - mas que outra explicação possível havia para sua capacidade de escapar da captura de forma consistente dessa maneira?

Helen estava se afastando das áreas mais residenciais de Butlocks Heath, bosques agora ladeando a estrada. E quando a estrada virou para o sul em direção à costa, Helen de repente viu um movimento à frente. Diminuindo a velocidade rapidamente, ela registrou que dois carros estavam estacionados lá. Nem o Corsa vermelho que procuravam, mas algo estava acontecendo e os instintos de Helen lhe disseram que era significativo.

Ao se aproximar do obstáculo, percebeu que os motoristas haviam abandonado seus carros e estavam amontoados sobre alguma coisa. Ligando sua sirene para

alertá-los de sua presença, Helen puxou bruscamente, descendo de sua bicicleta.

Quando os motoristas idosos ergueram os olhos, Helen correu em sua direção, tirando o capacete e erguendo o cartão de mandado. Ela orou a Deus para que não houvesse mais derramamento de sangue, mas, fosse o que fosse, ela precisava saber.

Quando ela se aproximou, a pequena multidão pareceu se afastar dela e Helen ficou surpresa ao ver uma enlameada Emilia Garanita sentada no meio da estrada. Suas roupas estavam enlameadas, seu corpo inteiro tremia e ela tinha folhagens em seus cabelos emaranhados - mas ela estava viva.

'Você está bem?'

Helen caminhou até ela, oferecendo uma mão de apoio.

'Emilia, você está bem?'

Mas o jornalista não disse nada, simplesmente voltando-se para Helen antes de começar a chorar.

84

16,31

'Ela disse alguma coisa? Nada mesmo?'

Emilia agora estava sentada na parte de trás de uma ambulância, um cobertor enrolado em volta dela. Ela ainda estava em choque, incapaz de segurar o cigarro que claramente desejava. Se isso foi como resultado de seu sequestro ou o impacto que ela sentiu ao cair na estrada não estava claro. Os motoristas preocupados

disseram a Helen que ela viera de lugar nenhum, derrubando o banco na beira da estrada e atropelando seu caminho. Em outro dia, eles poderiam tê-la atropelado, mas, no final de sua provação, a sorte do jornalista havia resistido.

Os paramédicos a examinaram novamente e, embora estivessem ansiosos para levá-la ao hospital, Helen precisava falar com ela primeiro. Compreensivelmente, ela estava incomumente taciturna, olhando para os pés enquanto batia com os dedos dos pés no chão da ambulância.

- Emilia, Daisy disse alguma coisa sobre para onde estava indo?

Charlie se juntou a ele agora, já que as palavras de Helen pareciam não ter afetado o egoísmo de Emilia. Charlie correu para o local assim que ela recebeu a ligação de Helen e o trio estava enfurnado na ambulância apertada.

- Não, ela quase não falava comigo.

- Quanto tempo você ficou com ela? Charlie persistiu.

- Mais ou menos uma hora e meia, não mais - respondeu Emilia. 'Como eu disse, fui à escola verificar o graffiti, mas ela me encontrou no campo, me obrigou a ir com ela, me disse que precisava de um carro.'

- O que mais ela disse? Helen persistiu.

'Nada, ela me disse em que direção tomar, gritou comigo quando eu estava errado.'

- E por que você acha que ela o poupou?

Emilia fez uma pausa, aparentemente confusa com a pergunta de Charlie.

'Eu não sei . . ela me disse para ficar de joelhos, eu pensei . . eu pensei que ela ia fazer isso . . então nada aconteceu. Eu me virei e ela sumiu.

- Você acha que ela engarrafou? Helen perguntou, ansiosa para obter algum -

qualquer - insight sobre a mente da jovem.

'Pode ser ...'

- Ou ela estava brincando com você? Está gostando de assustar você?

'Provavelmente . . eu não sei.'

- E você não ouviu nada quando ela saiu? Você não tem noção de para qual direção ela pode ter fugido?

Mas Emilia não estava mais ouvindo. Seu corpo inteiro estava tremendo de novo -

ela estava de volta ao meio de seu trauma - e quando ela olhou para cima, ela estava com medo e chateada.

'Por favor . . posso ir para casa agora? Posso apenas . . ir para casa? '

Ela olhou diretamente para Helen, seus olhos com olheiras implorando por misericórdia. E, naquele momento, Helen sentiu algo por seu antigo inimigo que ela nunca havia sentido antes.

Pena.

85

16,35

- Eles encontraram alguma coisa no carro?

Helen e Charlie estavam marchando para longe da ambulância em direção à bicicleta de Helen. O carro de Emilia foi localizado pelo helicóptero em uma pista perto de Priors Hill Copse e McAndrew foi direto para lá, enquanto Helen e Charlie conduziam sua entrevista.

- Nada ainda. - Charlie disse a ela. - Os caras da perícia estão rastejando sobre ele agora, mas não há nada óbvio. Eles vão encontrar o DNA de Daisy, presumo.

- Isso não nos levará a lugar nenhum. As acusações de sequestro são a menor das preocupações de Daisy.

'Por que jogar fora o carro?'

Helen fez uma pausa. A pergunta de Charlie era boa e a estava preocupando também.

- Ela achou que havia sido ultrapassada, que estávamos procurando o Corsa?

Charlie sugeriu.

- Não havia como ela saber disso - Helen respondeu. - Ela deve ter presumido que não tínhamos ideia de quem era seu refém, ou mesmo que ela tinha.

- Talvez ela estivesse apenas sendo cautelosa, trocando de veículo o mais rápido possível. Afinal, ela o deixou em algum lugar bem remoto.

- Mas e daí? Ela teria que percorrer um caminho justo para encontrar outro. Os carros não passam com tanta frequência por aqui e, quando passam, estão viajando em alta velocidade.

- Ela está dificultando a vida para si mesma, com certeza.

- Então, por que fazer isso?

Houve um momento de silêncio, antes que Charlie finalmente respondesse.

- Talvez ela esteja apenas improvisando agora, inventando à medida que avança . .?'

'Eu não acredito. Você ouviu o que Garanita disse - ela está marcando seu território com antecedência com o grafite da serpente, ela descobriu pontos de entrada e rotas de fuga para os lugares que ela queria atingir . . Eu acho que ela planejou cada etapa de sua jornada, então tudo se desenrola exatamente como ela quer. '

'Mas ela não poderia *saber que* ela iria correr para Garanita, que ela faria um refém . . '

Charlie morreu mais uma vez. Helen ficou parada, com as mãos nos quadris, examinando a estrada como se ela pudesse fornecer as respostas que procuravam.

"Ela perde a mobilidade largando o carro", continuou Helen, "então o que ela *ganha* ?"

- Bem, assim que soubermos que ela foi feita como refém, obviamente estaremos procurando o carro dela.

'Mas ela se torna muito visível andando a pé, a menos que ela encontre outro caminho . . '

Helen parou, olhando para a estrada na direção de Netley.

- Quanto tempo levaria para caminhar de Priors Hill Copse até Netley?

"Cinco minutos ou mais."

'E se você quisesse fazer trilhas sem esbarrar em bloqueios de estradas e sem que seus movimentos fossem vistos do ar -'

- Então você pegaria o trem.

'A estação de trem Netley fica a cinco minutos a pé. De lá, ela pode ir para Portsmouth ou voltar para Southampton praticamente sem ser detectada . . '

Charlie já estava puxando o rádio do bolso.

"Alerte a polícia de transporte", disse Helen. 'Certifique-se de que eles tenham acesso às fotos que Emilia tirou e às descrições atualizadas da cor do cabelo, roupas e aparência de Daisy. Quero oficiais despachados para todas as estações daquela linha. Se Daisy esteve lá, vamos descobrir em que direção ela se dirigiu e rastreá-la na estação CCTV. Além disso, certifique-se de que todos os meios de comunicação tenham uma imagem da etiqueta do graffiti serpente. Se alguém avistou algo semelhante em um prédio perto deles, precisamos saber o mais rápido possível.

Helen estava andando e falando, mas agora alcançou sua bicicleta. Ela subiu nele, pegando seu capacete.

'Onde você está indo?' Charlie perguntou, seu rádio pairando sobre sua boca.

Helen fez uma pausa antes de responder:

- Para bater um papo com papai.

86

16,44

Daisy observou o mundo passar. O trem havia passado por Sholing e estava chacoalhando em direção à estação Itchen. A meia distância, ela podia ver as luzes

azuis piscando, embora ela não pudesse ver a própria Meadow Hall School. Ela se perguntou como seria lá agora, o que estava acontecendo. Ela podia imaginar as cenas - os alunos soluçando, os ramos de flores, o choque vazio, mas de repente ela teve o desejo de ver . Ela poderia assistir no noticiário mais tarde, mas não seria a mesma.

Ela era a única pessoa na carruagem, então tirou os cigarros. Ela os comprou ontem e, como exigia a superstição, imediatamente jogou fora o primeiro. Ela olhou para o pacote em sua mão - estava amassado e ligeiramente dobrado. Ela não gostava de pensar muito no que isso significava, então pegou um e acendeu. Ela respirou fundo e soprou a fumaça para dentro da carruagem deserta.

Ao fazer isso, ela percebeu que sua mão estava tremendo. Os cinco minutos que ela passou esperando na plataforma pelo trem suburbano pareceram uma eternidade.

Ela havia descartado seu sobretudo, para não chamar atenção para si mesma, sua espingarda agora guardada com segurança em sua mochila, mas ela sabia que parecia estranha, vestindo apenas uma fina camiseta de algodão no que agora estava se tornando uma noite fria de outono . Ela esperava que as pessoas apontassem o dedo para ela, a reconhecessem, alertassem a polícia de sua presença . .

Ela deu outra longa tragada no cigarro, deixando a fumaça girar em sua boca. Ela tinha que manter a calma, manter o foco. Ela havia se barbeado muito rente, teve que pensar em seus pés, mas estava feito agora e não havia por que ficar histérica.

Ela estava com vergonha agora de pensar em como ela se sentiu abalada momentos antes. Quando o trem *tinha* finalmente rugiu na estação, por um momento breve ela tinha sido tentado a saltar, a terra sobre os trilhos, para *sentir* o impacto do metal no osso . . Ela tinha contemplado isso muitas vezes antes, é claro

- desde ela tinha idade suficiente para realmente sair sozinha - e teria sido rápido e fácil. Um final simples para um dia difícil, especialmente agora que as coisas ficaram complicadas . .

Ela apagou com raiva o cigarro em sua mão, cerrando os dentes enquanto a pele chiava e uma bolha espessa se erguia. Ela tinha que ser forte, ela não deixaria aqueles bastardos ganharem. Jogando a ponta do cigarro na lata de lixo, ela enfiou a mão no bolso da calça e tirou um pequeno frasco de anfetaminas. Ela vivia disso desde que conseguia se lembrar. Essa era uma das razões pelas quais ela era tão agradavelmente magra. Desatarraxando a tampa, ela despejou três pequenos

comprimidos em sua mão, então os jogou em sua boca, antes de deslizar o frasco de volta em seu bolso.

Ela deixou os comprimidos se dissolverem lentamente, apreciando a sensação enquanto eles borbulhavam e se dissipavam. Lentamente, ela sentiu seu humor começar a melhorar, seu otimismo e sua energia começaram a voltar, conforme as pílulas faziam efeito. Não havia espaço para fraqueza aqui. Ela *iria* seguir em frente, ela iria ver isso até o amargo fim . .

Ela se recostou na cadeira e olhou pela janela mais uma vez. Ela se sentia estranhamente calma, os últimos vestígios do sol de outono brincando em seu rosto, enquanto o trem balançava de volta para o centro da cidade. Ela ainda estava viva, estava bem armada e de repente teve certeza de que tudo ficaria bem. O trem estava acelerando, impulsionando-a em direção ao seu destino. Enquanto ela olhava pela janela, um sorriso apareceu em seu rosto.

O sol estava começando a se pôr e logo a escuridão cairia.

17.01

Eles pararam na beira da estrada e ficaram sentados em silêncio por um momento.

Sanderson desligou o motor e olhou para a casa geminada. Era vitoriana e chique surrada, na melhor das hipóteses - os peitoris das janelas precisavam de pintura e o caminho estava coberto de ervas daninhas -, mas era uma casa cheia de vida. As luzes estavam acesas e, olhando de janela em janela, Sanderson viu os habitantes se mexendo lá dentro - rindo, brincando. Foi uma cena comovente no final de um dia muito difícil.

- Você gostaria que eu entrasse com você?

Enquanto falava, ela se virou para Emilia, que estava sentada ao lado dela no carro.

'Se você precisar descansar, posso falar com seus irmãos e irmãs, contar a eles o que aconteceu . . .'

'Eu vou fazer isso.'

'Não é problema -'

'Eles são minha família. Eu vou fazer isso.'

O tom de Emilia era firme, mas não hostil. Sanderson decidiu não pressioná-lo, acenando com a cabeça, enquanto pegava seu cartão.

"Aqui está meus números", disse ela, entregando-o ao jornalista. 'Se você se lembrar de algo útil . . ou se precisar da minha ajuda . . não hesite em ligar.'

Sanderson meio que esperava que Emilia rejeitasse a abertura, mas ela aceitou o cartão, mesmo quando se inclinou para abrir a porta. Mas sua mão permaneceu na maçaneta e o jornalista se voltou para Sanderson.

'Obrigado . . por me trazer para casa.'

'Foi o mínimo que eu poderia -'

- Sei que você não precisava fazer isso e agradeço, Joanne.

Saindo do carro, ela caminhou até a casa. Sanderson a observou partir, impressionado com sua postura e dignidade. Emilia havia estado em um estado anterior, tremendo de choque, mas apenas meia hora depois ela se recompôs, recuperou a compostura. Sanderson viu Emilia se preparando para o ataque de sua família, preparando-se para responder a suas perguntas e aliviar suas preocupações. Ela parecia decidida, decidida, mas acima de tudo forte.

Sanderson sempre suspeitou de Emilia Garanita e, ocasionalmente, até mesmo foi francamente hostil. Mas esta noite ela tinha um novo respeito por ela. Ela teria mostrado força semelhante se os papéis fossem invertidos? Quem poderia dizer, mas ela teria o exemplo do jornalista em mente. De agora em diante, ela nunca seria paranóica ou fraca novamente.

17.08

A lama rangeu sob seus pneus quando a bicicleta de Helen parou abruptamente no quintal. Dois carros-patrolha estavam estacionados perto da casa da fazenda em ruínas e os oficiais presentes correram para recebê-la. Eles foram despachados para interceptar Daisy, caso ela tentasse voltar para casa, mas encontraram a velha fazenda deserta.

- Já entramos, senhora - disse um dos policiais sem fôlego, lutando na lama em sua direção. 'Acho melhor você dar uma olhada . . .'

Alarmada com seu tom sombrio, Helen acenou em agradecimento e se dirigiu para a casa. Já fora um belo edifício, mas agora estava em avançado estado de abandono.

A tinta estava descascando, faltavam ladrilhos e uma das venezianas pendia preguiçosamente de uma única dobradiça. Todo o lugar parecia solitário e sem amor.

Conforme ela se movia propositalmente para frente, Helen observou o resto do local. Havia edifícios anexos, cheios de equipamentos agrícolas enferrujados e, além deles, campos abertos. Os lotes não eram enormes por aqui, graças ao limite natural do rio Hamble de um lado e do M27 do outro, mas eram prósperos naquela época, fornecendo leite e gado para Southampton, Portsmouth e outras regiões da costa sul mercados. Mas os campos desta fazenda estavam vazios agora. A fazenda solitária cheirava a derrota. Se isso se devia a forças econômicas ou a problemas mais pessoais, Helen ainda não tinha certeza.

A casa era emoldurada por campos marrons avermelhados e altos carvalhos, que pareciam ameaçadores e agourentos à meia-luz do crepúsculo. Pegando-os, Helen teve um súbito choque de reconhecimento. O cenário rural, os campos vazios, os pássaros circulando no céu . . . ela tinha certeza de que essa era a vista que vira nos filmes caseiros de Jason Swift. Foi aqui que ele ensinou Daisy a atirar, onde eles planejaram e treinaram para a matança. Era um local agradavelmente isolado, sem vizinhos intrometidos para interferir ou fazer perguntas incômodas. Mas por que o pai de Daisy não interveio? Ele poderia ter sido negligente, até mesmo um bêbado.

Mas ele não tinha ficha criminal e certamente deve ter percebido que algo estava muito errado aqui.

Helen continuou em direção à porta da frente. Enquanto ela subia na varanda, as tábuas rangeram em advertência sob seus pés. Olhando para baixo, Helen percebeu que teria que escolher o caminho até a porta com cuidado - o caruncho estava se divertindo nesta fazenda, mesmo que ninguém mais o fizesse. A própria porta balançou para frente e para trás com a brisa crescente, tendo sido carregada com um barril pelos oficiais presentes.

O interior parecia sombrio, então Helen puxou uma tocha do bolso da jaqueta. O

caminho agora estava aberto para ela, então deslizando cobertores esterilizados sobre suas botas lamacentas, ela silenciosamente deslizou para dentro.

89

17,10

Helen procedeu com cautela, testando cada tábuia do chão à medida que avançava, mantendo os olhos abertos e os sentidos alertas. Entrando no corredor, ela ficou surpresa ao descobrir que tudo parecia bastante normal. Uma cadeira havia sido derrubada, mas, fora isso, não havia nada de alarmante na cena que a saudou.

Seguindo em frente rapidamente, ela visitou a cozinha, onde uma caixa de leite estava sobre a mesa, antes de atravessar o corredor para um pequeno escritório.

Esta sala tinha sido claramente o centro administrativo da fazenda - Helen podia ver uma longa linha de arquivos de caixa na prateleira marcados como 'Contas',

'Admin', 'Declarações' e assim por diante. Mas agora era pouco mais do que um depósito glorificado, abarrotado de móveis quebrados, caixas de comida vazias e pilhas de cartas fechadas. Mantendo um olho no corredor, Helen folheou as cartas rapidamente. Ela não ficou surpresa ao ver que vários tinham o logotipo de um banco, enquanto outros tinham sido enviados da Meadow Hall School. Todos eles foram descartados, considerados indignos de interesse.

Soltando as cartas, Helen agora notou as fotos emolduradas na mesa. Havia três deles - todos Daisy em várias idades. Um bebê sorrindo enquanto estava deitado de costas, uma criança de sete ou oito anos com os dentes escancarados sorrindo calorosamente para o fotógrafo e uma adolescente mal-humorada, parecendo infeliz e constrangida em um lindo vestido de verão. O efeito do trio de fotos em Helen foi surpreendente e forte. Isso era amor - não havia outra palavra para isso.

Amor de um pai por sua filha. Helen imediatamente pensou em seu próprio pai, que tinha apenas um interesse pervertido em seus filhos. O que quer que tenha acontecido nesta família nas últimas semanas e meses, não havia dúvida de que Michael Anderson amava profundamente sua filha. Foi por isso que ele ignorou as cartas da escola? Por que ele ignorou suas ofensas criminais? Não foi registrado que ele se casou novamente e não havia fotos de namorada ou parceira - talvez Daisy fosse a única coisa significativa em sua vida.

Saindo do escritório, Helen subiu as escadas para o primeiro andar. Mais fotos emolduradas de uma jovem Daisy sorrindo enfeitavam a parede e no topo da escada, Helen descobriu o quarto da adolescente. Este estava em um estado de desordem - o guarda-roupa estava aberto, as roupas estavam espalhadas - mas não era pior do que o de muitos adolescentes e você ainda poderia dizer que o quarto tinha sido bem decorado, embora barato. A cama estava desfeita e ao lado dela havia uma pilha de revistas. Seria um lugar esclarecedor para explorar, mas ainda não.

Helen desceu o corredor para outro quarto. Lentamente, ela provocou abrir a porta. Ele gemeu ao girar nas dobradiças. Lá dentro, os móveis estavam quebrados, as cortinas arrancadas dos trilhos e deitado no meio da cama de casal estava um cadáver.

Tomando cuidado para não atrapalhar a cena, Helen rastejou em direção ao corpo.

Estava pálido e parecia estar em um estágio avançado de rigor mortis. O sangue que cobria a vítima e grande parte da colcha estava seco, mas o corpo ainda não havia começado a se decompor. Ele já estava morto há

mais ou menos dois dias, mas não mais do que isso. A vítima havia sido baleada no peito e pescoço várias vezes. A pele do rosto dele estava lacerada e coberta de sangue, mas Helen tinha

certeza de que estava olhando para Michael Anderson, o pai de Daisy. Ele havia sido assassinado em sua própria cama, baleado à queima-roupa.

Foi este o gatilho então? Foi isso que precipitou essa terrível matança? Helen suspeitou que sim, não apenas porque precedeu os outros assassinatos, mas por causa do que significava. Este homem cuidou de Daisy à sua maneira, talvez tenha sido o único elo do adolescente com a vida real - com a família, com o amor, com a compaixão. E ela o matou - não, ela o destruiu. Helen podia contar pelo menos cinco feridas de impacto - este não foi um ataque frio e calculado, mas uma explosão de raiva. Ela havia massacrado um homem que a amava, havia cortado seu último vínculo com a normalidade e depois disso não havia caminho de volta.

Nada para impedi-la de lançar sua terrível vingança sobre o mundo.

Ela e Swift se sentaram no andar de baixo depois, fazendo seus preparativos finais, enquanto Michael Anderson jazia morto no andar de cima? Era um pensamento assustador e deveria ter servido como um aviso para Jason Swift, o parceiro júnior nessa matança. Ele pensava que era o amante de Daisy, seu braço direito, destinado a entrar para a história como o co-arquiteto dessa onda infame de assassinatos. Mas ele estava iludido se achava que Daisy lhe devia alguma coisa, pois, como o corpo na cama provava, Daisy era totalmente implacável. Forças maiores do que ela a

estavam conduzindo - embora ela não fosse perturbada, ela era psicótica, obstinada e totalmente voltada para a destruição. Se suas ações anteriores ainda não o tivessem provado, a descoberta do cadáver de Michael Anderson confirmou que Daisy não pararia agora até que algo - ou alguém - a detivesse em seu caminho.

90

17,16

De repente, ela sentiu como se os olhos do mundo estivessem sobre ela.

A estação estava lotada de passageiros e Daisy não teve dificuldade em deslizar atrás de um deles enquanto ele passava pelas barreiras de passagens. Ela estava de bom humor - sentindo-se despreocupada, até um pouco animada - enquanto corria para a saída, mas então de repente ela avistou algo que a deixou paralisada.

O *Southampton Evening News* estava à venda e o vendedor estava fazendo um bom negócio hoje. Previsivelmente, o jornal estava se concentrando nos eventos chocantes do dia, prometendo a seus leitores as últimas novidades sobre os assassinatos. O que Daisy não esperava era a manchete confiante: "Estudante nomeada como suspeita". Ela não estava perto o suficiente para ler o texto abaixo, mas mesmo dessa distância segura ela podia ver seu rosto. Estava espalhado na primeira página - uma foto nada lisonjeira da escola tirada no ano passado, que seu pai previsivelmente não tinha mostrado interesse em comprar.

Como eles descobriram quem ela era? Foi o zelador? Refém dela? Ela presumiu que eles descobririam sua

identidade eventualmente, mas nunca pensou que seu nome seria notícia de primeira página *esta noite*. Agora, enquanto ficava imóvel, observando a fila de passageiros que faziam fila para comprar o jornal, Daisy

percebeu outra coisa. Polícia, muita polícia. Alguns eram policiais regulares, outros eram da Polícia de Transporte de Hampshire, imediatamente reconhecíveis em suas jaquetas fluorescentes, mas todos estavam empenhados na mesma tarefa, examinando os rostos dos passageiros nas plataformas, procurando, procurando, procurando por sua presa . .

Até então, Daisy havia escapado da atenção deles, encaixotada entre os ternos, mas sentindo-se subitamente exposta, ela fugiu, mantendo a cabeça baixa enquanto serpenteava pela multidão em direção à saída. Também havia policiais lá, examinando seriamente os rostos que passavam, então Daisy não hesitou, arrancando a peruca preta e jogando-a de lado.

Passando a mão pela cabeça raspada, ela caminhou rápida e confiantemente para frente. Ela havia cortado seus cabelos loiros três dias atrás, em preparação para a batalha e ela estava muito feliz com isso agora. Seu corte curto a fez parecer mais velha, mais agressiva - muito diferente da loira desajeitada em sua foto da escola ou a adolescente desgrenhada em suas fotos policiais.

Ela estava perto da saída agora e um oficial estava olhando diretamente para ela.

Ela esperava que a cabeça lisa e a maquiagem dos olhos escuros funcionassem, mas só para ter certeza deu uma piscadela atrevida para o policial e passou a língua

salpicada nos lábios sugestivamente. Envergonhado, ele desviou o olhar e, com a cabeça erguida, Daisy passou por ele, dando-lhe mais uma piscadela para garantir.

Uma vez fora da estação, ela correu para longe da rua principal, esquivando-se dos moradores que pareciam absortos em seus jornais. Para onde quer que ela se voltasse, as pessoas estavam bebendo as notícias ou conversando seriamente sobre elas. *O mundo inteiro estava procurando por ela?* Era assim que parecia, então, virando em uma rua lateral, ela se afastou rapidamente do clamor da estação.

Agora ela diminuiu. Seu coração batia dezenove elevado a uma dúzia e, embora estivesse vestida com roupas leves, ela suava. Enxugando o rosto com o braço, ela prendeu a respiração e considerou suas opções. Ela havia passado por um policial, mas será que sua sorte continuaria quando eles estivessem vasculhando a cidade atrás dela? Ela tinha um caminho justo a percorrer e de repente ela não gostou -

andando pelas ruas largas, olhando constantemente por cima do ombro . .

Examinando a rua, ela ficou satisfeita ao ver que estava sozinha. Caminhando pela fila de carros estacionados, ela examinou as fechaduras, mas tudo o que viu foram pequenas luzes vermelhas piscando para ela, orgulhosamente anunciando seus sistemas de alarme. Então, quando ela estava prestes a perder as esperanças, ela encontrou o que estava procurando. Um velho Peugeot 205 sem alarme. Na verdade, esse era o domínio de Jason - ninguém conseguia abrir uma fechadura como ele -, mas Daisy não tinha tempo nem disposição para mexer, então, usando a coroa de sua

espingarda, ela abriu a janela. Quebrou-se facilmente e, levantando a fechadura, abriu a porta e, varrendo o vidro do assento, entrou.

Jogando sua mochila no banco do passageiro, ela começou a trabalhar. Alcançando sob a coluna de direção, ela deslizou as mãos por baixo da moldura de plástico barato e puxou para revelar a fiação por baixo. Seus dedos delicados localizaram rapidamente o conector da fiação e de lá ela puxou de lado a bateria, a ignição e o feixe de fio de partida. Ela estava agora no estágio mais sensível do processo e demorou, removendo suavemente alguns centímetros do isolamento, antes de torcer os fios da bateria.

A ignição foi acionada e, quando ela pisou no acelerador, o motor rugiu. Reduzindo o gás, ela o ouviu ronronar, sorrindo satisfeita para si mesma. Ela teve um relacionamento curto, ardente e, no final das contas, mal-estrelado com Jason, mas ele a ensinou algumas coisas. Não menos importante, como fazer uma ligação direta em um carro. Este era seu presente para ela, seu legado.

E ele só pode ver sua casa.

91

17,29

- Você não tem o direito de fazer isso, nenhum direito. Você não é melhor do que o resto deles . . . '

Charlie estava sozinho no escritório apertado, o telefone celular descansando em sua mão enluvada. Ela havia chegado à fazenda logo após a equipe forense e, como eles estavam agora trabalhando no quarto principal, ela

começou a busca lá embaixo. Ela encontrou o celular de Michael Anderson em seu casaco, que estava pendurado em uma cadeira no escritório, e imediatamente investigou seu histórico de chamadas. Alguns eram números retidos, mas a grande maioria das chamadas eram de um número chamado Daisy em seus Contatos, todas feitas nos últimos dias. Demoraria um pouco para obter qualquer informação da companhia telefônica, então ela foi direto para o correio de voz. Era um modelo antigo sem uma solicitação de senha ou qualquer segurança, então momentos depois Charlie estava reproduzindo suas mensagens no viva-voz.

- Você diz que me ama, mas depois manda *isso* para mim? Olhe na porra do dicionário, veja o que o amor realmente significa . . . '

As palavras de Daisy ecoaram na pequena sala. Ela estava com raiva, mas também chateada, sua voz tremendo ocasionalmente enquanto ela discursava com seu pai.

Era evidente que ainda havia amor, alguma afeição por seu pai, seu tom suavizando ocasionalmente, mesmo no meio de suas explosões. Mas seu sangue estava alto e outra explosão de justa indignação nunca estava longe.

'Eu sempre cuidei de você, sempre cuidei de você . . . e é assim que você me trata?'

Charlie estava na terceira mensagem, mas cada uma tinha o mesmo tenor, a mesma acusação central.

'Jason é um cara decente. Você tem que dar uma chance a ele, pai . . . '

Outros membros da equipe de busca haviam descoberto evidências da presença de Jason Swift na casa - um cartão do banco no quarto de Daisy, usado preservativos em seu lixo - e essas mensagens telefônicas deixaram claro que esse era o motivo do colapso nas relações entre o pai e filha. Embora eles precisassem acessar as mensagens de Daisy para obter a imagem completa, estava claro que Michael Anderson havia dito a Jason Swift para se mudar. Ou, dito de outra forma, ele pediu à filha para escolher entre eles.

Charlie podia imaginar as consequências e isso a deprimia. Michael Anderson foi claramente um pai negligente e indulgente, permitindo que sua filha adquirisse maus hábitos. A evidência ao redor sugeria que ele havia desistido da vida, fosse o

estado degradado da fazenda, as contas não pagas ou as inúmeras garrafas de uísque vazias nas latas, mas ele claramente nunca abandonou seu amor por sua filha. E até o último momento, nem ela havia desistido dele, implorando-lhe em sua quarta e última mensagem para ver a razão.

'Não tem que ser assim . . você está *transformando* em algo pior do que é. Jason é bom, por favor, acredite em mim, não me faça escolher . . '

Eles foram aparentemente expressos em termos conciliatórios, mas essas mensagens tinham um tom sombrio, atado com ameaça, impregnado de amargura.

O homem em quem ela pensava que podia confiar havia se voltado contra ela.

Talvez ele esperasse chocá-la para mudar seus hábitos, para colocar sua vida de volta nos trilhos, para renunciar

a seu namorado violento. Se essa era a intenção de Michael Anderson, o tiro saiu pela culatra espetacularmente.

Encurralada em um canto, Daisy fizera sua escolha.

92

17,42

A sala estava cheia de ódio. A maioria dos policiais de Helen estava se concentrando na cena do crime, mas ela estava explorando o quarto do adolescente. Em sua experiência, as adolescentes guardavam seus segredos com cuidado e ela não tinha dúvidas de que, se queria entrar no cérebro de Daisy Anderson, esse era o lugar por onde começar.

Ela vasculhou a pilha de revistas ao lado da cama - *Guns e Ammo*, *The Modern Solider* - antes de vasculhar a gaveta de sua mesinha de cabeceira barata. Estava cheio de maquiagem, isqueiros, facas de caça e bugigangas da rebelião adolescente, mas por trás de todo o lixo Helen encontrou um pequeno diário. Abrindo-o, ela não se surpreendeu ao encontrar na primeira página um esboço cuidadosamente desenhado de uma grande serpente se devorando. Mais evidências, se necessário, da conexão de Daisy com as atrocidades do dia.

Passando rapidamente pelo esboço, Helen investigou o conteúdo do diário. Daisy não era uma escritora regular - as entradas eram, na melhor das hipóteses, intermitentes -, mas os depoimentos breves e furiosos contidos no diário davam uma imagem clara de uma jovem que era muito amarga, muito alienada para seus tenros anos. Ela odiava sua escola, tanto os alunos quanto os professores, criticava aqueles que a

perseguiram, mas reservava um ódio especial para aqueles que ela percebia que a rejeitavam ou menosprezavam. Helen não ficou surpresa ao descobrir que várias entradas mencionavam Sonia Smalling, Alan Sansom e Sarah Grant pelos nomes.

Havia um tema claro em todas as entradas - uma desconfiança patente nas instituições, nas motivações de indivíduos que presumivelmente estavam tentando *ajudá-la*. Ela havia falhado em terminar sua Vingança Comunitária e regularmente faltava à escola, muitas vezes se retirando para a fazenda que fora seu lar desde que ela conseguia se lembrar. A julgar por algumas das fotos emolduradas em seu quarto, ela havia gostado de seu tempo aqui quando era jovem - caçando, pescando

e brincando com seu pai. Mas, recentemente, dois se transformaram em três, com consequências desastrosas.

O curto diário de Daisy estava repleto de incidentes e acusações, mas certas palavras se repetiam. *Fake* foi muito usado, assim como *hipócritas*. Mas a palavra que mais apareceu foi *retaliação*. Daisy havia se tornado uma criança muito zangada, viciada em bebida e drogas e fervilhando de paranóia e ressentimento, determinada a se vingar de seus algozes. Esses assassinatos *foram* crimes de ódio, como Helen sempre suspeitou, mas foram motivados por uma raiva puramente pessoal, não por racismo ou ideologia.

'Eu posso ver meu coração diante dos meus olhos, ficando preto de ódio.'

'Eles me assassinaram lentamente. Vou ser mais gentil, vou matá-los rapidamente.'

,

'Você me encurralou e me deu apenas uma opção . .
Você simplesmente *adorava* me crucificar.'

Entrada após entrada catalogava sua raiva assassina,
sua indignação com o mundo.

Ao passar por eles, Helen correu para o final do diário,
impaciente por pistas sobre o pensamento de Daisy ou
seu paradeiro. Mas a maioria de seus rabiscos focava em
suas reflexões suicidas, e a última entrada catalogava
mais uma briga com seu pai.

Colocando o fino diário em um saco de evidências, Helen
retomou sua busca na gaveta. Havia os filmes e livros
usuais - *Homem morde cachorro* , *O apanhador no
campo de centeio* , *Donnie Darko* - que atraíam o senso
de niilismo de um adolescente, mas também alguns itens
mais especializados. Livros sobre a Guerra do Iraque,
sobre o subsequente "encobrimento" de Blair e, o mais
incomum, um DVD pirata que afirmava conter imagens
genuínas de ações militares no Afeganistão e no Iraque.

Abaixo de tudo isso havia uma carta. Isso chamou a
atenção de Helen, porque o envelope era enrugado e
marrom, sugerindo que era uma carta formal enviada
recentemente. Mergulhando a mão enluvada
profundamente na gaveta, Helen puxou-o para fora. O
envelope era endereçado a Daisy e havia sido aberto
com cuidado - talvez cortado com uma faca -, mas a
carta foi enfiada de volta nele, amassando-o
consideravelmente. Alisando-o sobre a mesa, Helen leu
seu conteúdo, sua sensação de ansiedade aumentando a
cada palavra.

Era uma carta do exército britânico, em resposta ao
recente pedido de Daisy para se alistar. Mais

preocupante, foi uma carta de rejeição, citando um problema com a avaliação psicológica de Daisy. Foi engenhosamente redigido, mas a implicação era clara - Daisy nunca seria aceita nas forças armadas e foi desencorajada a se candidatar novamente. Dado o óbvio interesse de Daisy por armas e guerra, isso deve ter sido um golpe amargo.

Pior ainda, foi um golpe recente. A carta havia sido enviada há três dias.

93

17,48

Foi um dia longo e exigente, mas felizmente estava quase acabando.

O sargento Lance Geoffrey Clarkson desligou seu laptop e foi para o escritório para guardá-lo no cofre. Foi o primeiro momento de paz que ele teve durante todo o dia.

Esse era o problema desse trabalho - era totalmente imprevisível. Às vezes você ficava sentado horas e horas esperando a porta abrir, outras vezes ficava totalmente sobrecarregado, grandes filas serpenteando para longe de sua mesa, enquanto conduzia cada aspirante a soldado pelas diferentes opções abertas para eles. Como líder de equipe, era sua função organizar as escalas de serviço, mas raramente acertava 100%. É por isso que os três tiveram que lidar com setenta candidatos hoje.

O outono estava sempre ocupado, enquanto os jovens que não conseguiram chegar à universidade de sua escolha consideravam outras opções. Mesmo assim, normalmente eles esperariam receber cerca de quarenta

pesquisas e ele se perguntou o que havia causado esse aumento repentino de interesse no exército.

Talvez a compensação da universidade tivesse terminado, talvez os recentes anúncios no cinema tivessem surtido efeito. De qualquer forma, algo despertou o interesse do público e Geoffrey pôde refletir sobre um trabalho bem feito - houve várias pessoas hoje que pareciam bastante promissoras. A experiência o ensinou a distinguir entre aqueles que estavam genuinamente interessados em se alistar e aqueles que estavam apenas fazendo isso para tirar os pais de suas costas. Havia muitos *deles* - mamãe e papai estavam ansiosos para tirar Jack ou Jill da casa da família -, mas a maioria daqueles com quem ele falou hoje parecia automotivado e capaz de fazer sucesso.

Ele nunca adoçou a pílula, pintando um quadro preciso da vida no Exército Britânico. Ele serviu na província de Helmand durante a Operação Panther's Claw e viu amigos e colegas serem mortos enquanto lutavam ao seu lado. Ele próprio evitou por pouco ser vítima de um IED e sentiu que era seu dever indicar aos recrutas em potencial os perigos - tanto durante quanto após o conflito - que eles enfrentariam. Felizmente, os recrutas mais promissores aceitaram isso, mas ainda queriam ouvir mais. Isso o fez se sentir bem, até mesmo orgulhoso - apesar de tudo que havia passado, ele ainda acreditava apaixonadamente no Exército Britânico e no papel vital que ele desempenhava em todo o mundo.

Trancando seu laptop, Clarkson se virou para verificar as escalas de serviço do dia seguinte, que estavam sobre a mesa ao lado dele. O rádio ainda borbulhava - ele o ligou esta manhã, mas nunca teve um segundo para ouvi-lo - e agora ele percebeu o tom fúnebre do locutor.

'Cinco pessoas foram confirmadas até agora, em cinco locais diferentes, e a polícia está pedindo às pessoas na área de Southampton que permaneçam vigilantes . . .'

Clarkson ficou parado por um momento, surpreso com o que estava ouvindo.

Southampton era um lugar seguro - mal parecia crível que tivesse sofrido seu primeiro tiroteio em massa. Pior ainda, o perpetrador ainda estava foragido.

Sangrenta típico que a polícia deve chegar tarde demais para fazer qualquer coisa sobre ele. O exército deveria ter sido chamado no minuto em que eles sabiam com o que estavam lidando, mas ele suspeitava que não. A polícia armada guardava seu território de perto - provavelmente porque a maioria deles eram soldados fracassados. Era ultrajante pensar que a política deveria colocar vidas em risco, mas os seres humanos eram frágeis - Clarkson sabia disso por amarga experiência.

Ficou tentado a ouvir mais, mas ainda precisava tirar o uniforme e o relógio estava correndo, então, desligando o rádio, colocou as escalas de serviço de volta na

bandeja de entrada. Os Saints iriam jogar no West Ham esta noite e ele havia prometido a Sammy que poderiam comprar um hambúrguer antes de ir para o St.

Mary's. As notícias eram inquietantes, mas sempre eram esses dias e as considerações familiares vinham primeiro. Southampton sofreu, várias famílias ficaram enlutadas, mas, como seu pai sempre dizia, a vida continua.

17,50

- Todas as unidades devem prosseguir para Bray Road, Ocean Village. Todas as unidades devem prosseguir para Bray Road . . '

Helen acelerou pela estrada rural tranquila. Ela estava usando o Bluetooth em um canal aberto, comunicando-se com as doze Unidades de Resposta Armada que patrulhavam Southampton.

"O Centro de Carreiras do Exército está no número vinte. Quero oficiais armados na frente e atrás, mas não se anunciem, a menos que haja um incidente em andamento. Tivemos algum prazer em entrar em contato com Geoffrey Clarkson?

A assinatura dele era a carta de Daisy - de acordo com sua biografia oficial no site das forças armadas, ele dirigia o escritório de recrutamento em Southampton há quase três anos.

- Ele não atende o celular. A esposa disse que ele deveria se encontrar com o filho para ir ao futebol esta noite, mas também não conseguimos falar com ele.

'Continue tentando. Avise-me assim que os encontrar.

'Vai fazer.'

Helen desligou e aumentou sua velocidade. Sua viagem para a fazenda tinha sido útil, mas a afastou de Southampton e agora ela estava ansiosa para voltar para o centro de tudo. Ocean Village ficava ao sul da cidade, um bairro elegante de apartamentos da moda com vista para o mar. Demoraria um pouco para Helen chegar lá, mesmo com as luzes acesas, daí seu ritmo altista. A

estrada à sua frente estava livre e ela fez questão de aproveitá-la ao máximo.

Ela não tinha provas de que Daisy iria para o Centro de Carreiras - era o instinto que estava dirigindo Helen. Ela tinha se agarrado a qualquer coisa até agora, perplexa com esses crimes brutais e sem motivo, mas agora ela sentia que entendia o que estava alimentando essa onda de assassinatos. Daisy já havia sido rejeitada várias vezes. Abandonada pela mãe, abandonada pelo pai, nunca tinha encontrado o seu lugar no mundo, faltando-lhe confiança, estabilidade emocional ou recursos para criar raízes reais. Ela havia sido ridicularizada na escola, marcada como maçã podre pelo sistema de justiça criminal e geralmente ridicularizada por um mundo que deveria ter cuidado melhor dela. No final, ela rebateu, atacando aqueles que a haviam menosprezado ou humilhado. É por isso que a carta de rejeição de Clarkson alarmou tanto Helen.

O esmagamento casual de Clarkson dos sonhos de Daisy deve ter acendido sua fúria mais uma vez - o último de uma longa linha de reveses selvagens - e Helen se perguntou se era isso a causa raiz de sua briga violenta com seu pai. Seja qual for o

motivo, Daisy claramente sentiu que havia ultrapassado a linha e não hesitaria em acertar mais algumas contas antes de ser derrubada.

O Centro de Carreiras do Exército deveria fechar às 18h30. Não estava muito longe disso agora. Talvez Daisy tivesse esperado deliberadamente até essa hora do dia, quando haveria menos civis para entrar em seu caminho. Frustrantemente, sua equipe ainda não havia conseguido uma posição adequada sobre ela - ninguém tinha visto

nada de seu fugitivo por quase duas horas, o que não era nada fácil quando uma caça ao homem estava em pleno andamento.

Helen estava atingindo os arredores da cidade e imediatamente entrou no anel viário em direção ao leste. Ao fazer isso, o helicóptero da polícia rugiu sobre ela, disparando em direção a Ocean Village. Todos estavam indo para o mesmo lugar agora e, se Helen estivesse certa, ela logo estaria cara a cara com Daisy Anderson.

95

17,55

Sanderson engatou a marcha à ré. Depois de deixar Emilia Garanita em casa, ela decidiu ir para a fazenda para ajudar os oficiais que trabalhavam lá. Mas agora a chamada tinha saído para atender a um endereço em Ocean Village, então, executando uma curva apressada de três pontos em uma rua residencial estreita, ela se virou e rugiu de volta para o centro da cidade.

Ela teria ficado mais do que feliz em ajudar Charlie e o resto da equipe de busca na fazenda - qualquer coisa para compensar seu erro anterior - mas esta era uma missão muito mais emocionante. Ela ainda não tinha ideia de por que Daisy Anderson poderia ter como alvo o Centro de Carreiras do Exército, mas a convicção na voz de Helen sugeria que eles estavam finalmente *à frente* de seu agressor, capazes de prever onde ela atacaria em seguida. Nesse caso, eles agora teriam a chance de dar um fim a essa situação.

Sanderson estivera envolvido em muitas operações complexas, mas poucas tão rápidas e chocantes como esta. O grande número de vítimas era alucinante -

Sanderson sabia que Jim Gieves estava lutando para lidar com os corpos que estavam se amontoando no necrotério e que muitos dos oficiais subalternos do MIT haviam sido profundamente afetados pelo que viram hoje. Ela encontrou tempo para confortar alguns deles, entre suas sessões de visualização de CCTV, e o consolo que ela trouxe a eles lembrou que ela era uma policial experiente e talentosa, que tinha algo tangível para oferecer à equipe. Tendo duvidado de si mesma por tanto tempo, isso a animou e reforçou seu desejo de se provar digna da confiança de Helen.

Ela estava a apenas alguns minutos de Ocean Village agora. Não era uma área que ela frequentasse - seu apartamento minúsculo ficava em uma parte muito menos cara da cidade -, mas ela dirigia por Southampton há tempo suficiente para saber o caminho até lá. Sua sirene estava desligada, mas suas luzes estavam piscando e o tráfego parecia derreter diante dela. Às vezes, a sorte estava do seu lado e ela tinha certeza de que chegaria a tempo de evitar mais derramamento de sangue, talvez

até mesmo ajudar a trazer o autor do crime para si mesma. Ela se sentia energizada e animada até.

Por ter ficado no frio por tanto tempo, era bom estar de volta ao jogo.

96

18,21

Daisy agarrou o volante enquanto dirigia pela rua lateral tranquila. O trânsito no centro da cidade estava terrível e, apesar de seus melhores esforços, ela estava atrasada mais uma vez. Ela esperava estar no Centro de Carreiras

meia hora antes de fechar - agora ela teria sorte se chegasse a tempo. O pensamento a enfureceu -

esse cara merecia seu destino tanto quanto os outros, talvez até um pouco mais.

Ela e Jason haviam explorado o Centro de Carreiras nas duas noites anteriores, gostando do fato de que Clarkson estava felizmente ignorante de sua presença, do que estavam planejando. Eles tinham conhecido seu alvo muito bem mesmo naquele curto espaço de tempo, embora à distância, rindo de seus hábitos e idiossincrasias ridículos. Em ambas as noites, ele fechou exatamente da mesma maneira - desligando as luzes da casa na mesma ordem pedante, verificando e verificando novamente os bloqueios antes de fechar as venezianas durante a noite.

Na noite anterior, ela e Jason haviam contaminado aquelas venezianas com sua melhor serpente até então - uma enorme besta esmeralda visivelmente sufocando, enquanto tentava se devorar. Eles se divertiram mais tarde, especulando sobre qual seria a reação de Clarkson a esse "ultraje".

Por que Clarkson foi tão meticuloso quanto à segurança? O lugar era um lixo e os laptops antigos que eles usavam não valiam a pena serem roubados. Essas colheitas magras realmente exigiam uma segurança tão pesada? Ela adivinhou que era força do hábito e isso dizia muito sobre o homem. Então, auto-importante quando havia tão pouco para ser auto-importante *sobre* . Ela não gostou dele desde o momento em que o conheceu - ela podia sentir sua suspeita dela - e esses sentimentos só tinham crescido durante seu breve conhecimento.

O que ele disse em sua carta para ela? Que sua 'avaliação psicológica' havia mostrado que ela não era adequada para uma carreira nas forças armadas. Por quê? Porque ela tinha personalidade? Porque ela tinha a capacidade de pensar por si mesma? Obviamente, eles queriam cérebros fracos que pudessem moldar em meninos e meninas complacentes. Não importa que ela fosse mais dura do que qualquer um deles. Provavelmente um tiro melhor. Ela poderia ter sido um grande soldado - ela teria atravessado paredes - se tivesse tido a chance. Mas eles haviam rasgado aquele sonho em cinco frases curtas. Ou, para ser preciso, Geoffrey Clarkson sim.

Ela vivia apenas pela metade naquela fazenda, um zumbi tropeçando de um desastre para o outro. Seu pai, seu amável e estúpido pai, não havia lhe dado muito, mas tentou dar a ela sua liberdade. Ela tomou sua primeira bebida às dez, seu primeiro baseado pouco depois, e a partir de então ela passou a maior parte de sua infância estragando sua vida. Crimes insignificantes, violência, advertências e

convicções - seu pai quase nunca se envolvia, nunca tentava dirigir sua vida, mas até ele pensava que entrar para o exército poderia ser um ponto de virada para ela, um último lance de dados. Talvez ele pensasse que a disciplina faria bem a ela.

Talvez ele apenas a quisesse fora de suas mãos. Ela não tinha certeza agora.

No caminho para Ocean Village, ela ouviu no rádio relatos de outra morte ligada aos 'incidentes' do dia. Um homem de meia-idade encontrado morto em uma fazenda perto do rio Hamble. Ela teve que desligar o

rádio naquele momento. Ela não queria ouvir. Ela tinha feito o que tinha que ser feito, mas ela não queria que eles esfregassem seu nariz nisso. Ela estava farta disso nos últimos anos.

Ela virou para Bray Road e reduziu rapidamente sua velocidade. Não haveria tempo para verificações finais, para avaliar o alvo apropriadamente, como ela planejou fazer originalmente. Se ele ainda *estivesse* lá - e ela rezava fervorosamente para que ele estivesse - ela teria apenas que pegar sua arma e fazer isso. Se ele escapasse dela esta noite, ou se ela sentisse sua falta, ela nunca mais teria a chance de acertar as contas.

Parando em frente ao escritório, Daisy desligou o motor. Alcançando sua mochila, ela puxou a espingarda, mas quando ela olhou para o prédio, ela congelou. Uma motocicleta estava estacionada perto da loja - uma Kawasaki de aparência cara - e através da grande janela de vidro, Daisy pôde ver que Clarkson estava conversando com uma mulher alta, vestida com roupas de couro de bicicleta. Claramente não era uma investigação de carreira - a mulher estava falando com ele seriamente, implorando para que ele fizesse alguma coisa, e mesmo àquela distância, Daisy podia ver que Clarkson parecia chocado com o que estava sendo dito. Não precisava ser um gênio para descobrir o que estava acontecendo naquele escritório apertado. Amaldiçoando amargamente, Daisy percebeu que era tarde demais.

97

18,28

O quarto de Daisy Anderson estava cheio de caixotes de plástico, enquanto seu mundo inteiro era reunido,

ensacado e embalado para uma inspeção mais detalhada. Charlie estava no meio deles, envolto da cabeça aos pés em um traje forense, examinando cada item que lhe era entregue, em busca de mais pistas sobre as intenções de Daisy.

Ela se conteve quando Helen pediu que ela ficasse na fazenda. Apesar das constantes reclamações de seu parceiro, Steve, Charlie sempre quis estar no meio das coisas e se sentiu chocado quando Helen pediu que ela continuasse a investigação na casa de Michael Anderson. Ela tinha ficado tentada a lutar por seu canto, para tentar descarregar seus deveres em um DC, mas Helen claramente tomou sua decisão e estava com pressa para ir, então Charlie deixou passar. Os dois estavam se dando bem - muito bem em alguns aspectos - então não havia dúvida de que Helen duvidava de suas habilidades. Helen a estava protegendo então? Mantendo-a fora de perigo? Se fosse esse o caso, ela não tinha certeza se

deveria ficar lisonjeada ou irritada. Ela era uma menina crescida, embora tivesse mais a perder do que Helen, como seu superior sempre a lembrava.

Charlie sabia que cada parte da investigação era vital e que Helen esperava que ela fosse profissional, então empurrando seus sentimentos feridos de lado, ela continuou com a tarefa em mãos. Isso não melhorou seu humor - na verdade, arrumar a vida de Daisy fora um trabalho particularmente deprimente. Ela deve estar no meio de algum tipo de colapso, Charlie pensou, já que essa garota não era inerentemente *má*. Ela estava tomada pela raiva, hostil à autoridade e cheia de auto-aversão, mas nada do que acontecera hoje era inevitável. Ela poderia ter seguido um caminho diferente se alguém tivesse estendido a mão para ajudá-la.

Porque a simples verdade era que Daisy queria pertencer. As bugigangas, cartas antigas e emblemas do clube sugeriam que ela queria encontrar pessoas para ficar, uma família substituta, talvez. Lá estavam os braceletes da amizade, agora desvendados e descartados. Havia um traje Brownies, muito pequeno para ela e raramente usado. E havia as inscrições preenchidas pela metade para se juntar aos Jovens Fazendeiros, o coro local, um grupo de paintball . .

Tudo isso teve de ser escavado - pertenciam a uma época em que Daisy acreditava claramente que a felicidade era possível, que o mundo retribuiria. Eles deitam várias camadas, enfiados em guarda-roupas sob vários pares de calças de combate e escondidos sob cópias desatualizadas de *armas e munições* . Mas eles lançaram luz sobre a solidão da jovem Daisy e seu desejo de encontrar um socorro emocional em algum lugar. Sempre que Charlie se deparava com coisas como essa, isso sempre a fazia pensar como sua filha era abençoada por ser tão amada e protegida. Você nunca ficava sabendo dessas pessoas até que fosse tarde demais e Charlie desejava muito poder voltar no tempo para dar a Daisy a ajuda de que ela precisava.

Mas era tarde demais para isso. Daisy havia cruzado a linha, matando seu pai, depois vários outros. A princípio, eles se convenceram de que a culpa era de Jason Swift, mas agora sabiam que Daisy puxara o gatilho para as vítimas, tendo um prazer pessoal em massacrar aqueles que a fizeram se sentir inútil. Depois de anos sofrendo ataques, ela estava contra-atacando e Charlie tinha certeza de que nada poderia contê-la.

18,29

- Tem *certeza de que* ela está vindo para cá?

Geoffrey Clarkson estava lutando para aceitar as notícias chocantes de Helen.

Apesar de suas súplicas fervorosas, ele não fez nenhum movimento ainda, derrubado em seus calcanhares pelo pensamento de que *ele* poderia ser o próximo na lista de alvos de Daisy Anderson.

'Quando você descobriu o graffiti em suas venezianas?'

'Esta manhã.'

- Então ela está vindo. Você precisa sair.'

Finalmente, Clarkson pareceu registrar a urgência na voz de Helen. Virando-se, ele pegou as chaves e o telefone.

'Vou precisar ligar para o meu filho . . Eu devo encontrá-lo.'

'Podemos fazer isso na delegacia, nossa primeira prioridade agora é vê-lo seguro.

Todo o resto pode esperar. '

"Ela deve estar *louca* ", Clarkson deixou escapar, voltando-se mais uma vez para Helen. 'Muita gente não consegue fazer o corte, é perfeitamente normal -'

'Daisy está no meio de um colapso nervoso, ela não está vendo o mundo com clareza . . '

'Jesus Cristo, quero dizer, eu não tive escolha,' ele vociferou, 'ela é completamente inadequada para o

exército. Ela é volátil, emocional, *além de* ter uma série de condenações criminais. Eu nem deveria ter me incomodado em processar o requerimento, mas fiz mesmo assim, porque prometi a ela que o faria.

O Lance sargento parecia chateado agora, como se de repente preocupado que *e/le* tinha provocado derramamento de sangue do dia.

"Ela parecia desesperada, até um pouco patética", continuou ele. 'Se eu soubesse o quão brava ela estava -'

- Deixe o e se para mais tarde, sr. Clarkson. Pense em sua família agora e venha comigo. '

Finalmente, Clarkson entendeu a mensagem, pegando o casaco do encosto do assento e desligando a luminária da mesa. Helen o observou com impaciência, pedindo-lhe que se apressasse. Daisy estava lá fora em algum lugar e até que estivessem em segurança em Southampton Central, ela não descansaria. Depois de juntar suas coisas, ele se voltou mais uma vez para Helen. Para sua surpresa, Clarkson parecia perdido, como se nunca tivesse esperado encontrar um perigo mortal em seu próprio quintal. Helen já tinha visto isso antes, então ela estendeu o braço para conduzi-lo até a porta.

As outras patrulhas chegariam a qualquer minuto e os pensamentos de Helen já estavam em seu próximo movimento. Eles poderiam armar uma armadilha para Daisy? Usar um dublê de Clarkson como isca para o adolescente obsessivo? Qual seria a melhor - a mais segura - maneira de trazer Daisy, para que ela pudesse responder por seus crimes?

Eles estavam quase na porta, mas um barulho estranho a fez parar. A princípio ela não sabia o que era - soou como

um rosnado rouco e gutural - mas então ela entendeu. Era um carro sendo acelerado violentamente. De repente, o barulho parou, substituído agora por um guincho estridente, que estava ficando cada vez mais alto, mais alto, mais alto . .

Tarde demais, Helen percebeu o que estava acontecendo. Ela só teve tempo de empurrar Clarkson com força para longe do perigo, antes que o carro se chocasse contra a janela de vidro laminado, indo diretamente em sua direção.

99

18,31

O carro bateu em algo duro e parou, jogando Daisy para a frente em seu assento.

Ela estava usando cinto de segurança, mas ainda assim sua cabeça bateu fortemente no volante, tamanha foi a força do impacto. Por um momento, ela ficou ali sentada, atordoada e sem fôlego, ouvindo o tilintar de vidros quebrando, enquanto a janela atrás dela finalmente entregava o fantasma. Atravessá-lo fora um ato temerário, nascido da fúria, mas também não sem estratégia. Ela não gostava das probabilidades de uma luta direta contra dois indivíduos bem treinados, mesmo com uma arma em jogo, então ela decidiu nivelar o campo de jogo um pouco.

Sacudindo a confusão em sua cabeça, ela pegou sua espingarda e abriu a porta do motorista. Imediatamente ela encontrou resistência - uma cadeira virada ficou presa embaixo dela - então Daisy empurrou a porta com força nos ombros, deslocando-a o suficiente para permitir que ela se espremesse para fora. Suas botas esmagaram

ruidosamente o vidro quebrado e ela deu a volta na frente do carro para avaliar os danos. Cadeiras foram espalhadas, mesas viradas e uma espessa névoa de poeira pairava no ar.

Com a arma levantada, Daisy avançou. Ela esperava uma luta, mas ficou animada ao ver a mulher deitada de bruços no vidro, a uns bons três metros do carro. Daisy tinha certeza de que havia acertado um deles ao quebrar a janela e, a julgar por sua posição de bruços, era *ela* . Dirigindo-se a ela, Daisy cravou os canos da arma em suas costelas, mas a mulher não se mexeu. Daisy se virou - morta ou inconsciente, era tudo a mesma coisa para ela.

Circulando de volta ao redor do carro, ela foi em direção à parte de trás do escritório, escolhendo seu caminho cuidadosamente através dos destroços. Ela podia ouvir algo - um gemido surdo - e agora ela se arrastou em direção a ele.

Parecia um homem. Parecia *ele* .

De repente, ele estava lá. Ele estava consciente, tendo de alguma forma evitado ser atropelado pelo carro, mas estava um pouco melhor assim. Uma mesa foi catapultada para trás com a força do impacto e o homem do exército agora estava preso sob ela, indefeso como um cordeiro recém-nascido. Ele estava piscando furiosamente, ainda tentando entender o que estava acontecendo, mas quando viu Daisy se aproximando, começou a se contorcer desesperadamente, tentando se libertar. Devagar, deliberadamente, Daisy colocou uma bota em cima da mesa inclinada e a pressionou. Clarkson gritou de dor e parou de lutar, fixando em Daisy um olhar que era metade raiva, metade medo.

“Olá, Geoffrey. Lembre de mim?”

- Sim, é Daisy, não é?

'Muito bem. Você se lembrou disso sozinho ou seu amiguinho lhe contou?’

'Eu me lembrei . . eu me lembro de você . . .’

'Claro que você faz . . .’

Enquanto falava, Daisy ergueu a espingarda no ombro, pressionando a coronha contra a pele.

- Olha, eu . . eu . . sinto muito pela sua inscrição - Clarkson gaguejou, chocado com o súbito aparecimento de uma arma.

'Você será ...’

'Vamos conversar sobre isso . . Podemos fazer isso novamente -’

- Enquanto esperamos a cavalaria aparecer? Acho que não.’

Ela deu mais um passo na direção dele.

'Por favor, Daisy . . não faça nada estúpido . . eu sei que você está numa situação ruim, mas eu tenho uma esposa, eu tenho um filho . . .’

- Você deveria ter pensado neles antes de fazer o que fez.

'Eu estava apenas fazendo meu trabalho.’

- Foi isso que os nazistas disseram, certo? Daisy respondeu, sorrindo. "Mas isso não muda nada. Você destruiu meu futuro e agora está prestes a aprender . . ."

Enquanto falava, ela apontou a arma, apontando diretamente para a cabeça dele.

' . . . que as ações têm consequências.'

- Por favor, Daisy - Clarkson implorou novamente, desesperado. 'Eu não sou um monstro. Eu sou apenas um cara. Ninguém especial, ninguém importante. Não sei o que você pensa que eu sou, mas, acredite em mim, não vale a pena ir para a cadeia por causa disso.'

"Oh, acho que aquele navio partiu", respondeu Margarida, rindo. - Odeio dizer isso, Geoffrey, mas você não é o primeiro hoje. Mas talvez você já saiba disso? '

- Quantas . . . quantas pessoas você matou? Clarkson gaguejou.

'Uma mão-cheia. Mas não estamos aqui para falar sobre mim, estamos?'

À distância, Daisy ouviu sirenes, incitando-a a entrar em ação. Ela mirou mais uma vez - instintivamente, sua vítima ergueu as mãos para se proteger.

- É isso, Geoffrey. Quer dizer alguma coisa? '

O homem do exército não conseguia falar - ele gesticulou desesperadamente para ela, desesperadamente apelando por misericórdia que ele sabia que não viria.

'Não é muito inspirador. Oh, bem, pegue seu wa- '

Ela não conseguiu terminar. De repente, ela se viu voando de lado. Tarde demais, ela percebeu que a mulher havia se levantado e rastejado em sua direção, trombando com ela quando ela estava prestes a atirar. Os dois se espatifaram no chão, os cacos de vidro cravando-se neles, mas Daisy se levantou com dificuldade, ainda segurando a arma. Ela balançou em direção ao adversário, mas a mulher foi muito rápida para ela, agarrando os canos e apontando a arma para o teto. Daisy resistiu furiosamente, mas para sua surpresa, a mulher pressionou a mão no dedo do gatilho de Daisy. A espingarda rugiu uma, duas vezes - inofensivamente no teto, enviando uma chuva de ladrilhos lascados.

Daisy sentiu um joelho bater fortemente em seu estômago, deixando-a sem fôlego.

Seu adversário puxou com força a espingarda, tentando arrancá-la de suas mãos, mas Daisy agarrou-se a ela para salvar sua vida. Eles lutaram furiosamente, balançando para um lado e para o outro, antes de, de repente, Daisy se sentir caindo para trás. Seu oponente deslizou um pé atrás de sua perna e a empurrou por cima. Daisy atingiu o chão com força, ainda segurando a espingarda, seu oponente caindo em cima dela. Mas como ela fez isso, Daisy torcido duro, enviando a mulher sobre ela e montando o turn-se de modo que *ela* estava agora no topo. A mulher estava sem fôlego e, olhando para baixo, Daisy percebeu que ela estava ferida, então aproveitou a vantagem, enfiando os barris de metal em sua garganta e empurrando com toda a força. A mulher resistiu ferozmente, mas não conseguia respirar, ofegava e engasgava. Eles balançaram para frente e para trás, mas Daisy manteve a pressão, de repente determinada a acabar com a vida daquela vadia estúpida. Ela se

inclinou para frente, empurrando para baixo com toda a força. Ao

fazer isso, seu oponente balançou para trás e, sem aviso, se lançou para frente, fazendo com que sua testa batesse no nariz de Daisy.

Houve um estalo horrível e Daisy caiu para trás. Ela se espatifou no vidro quebrado, atordoada e cambaleando. Ela estava vendo estrelas, ela queria vomitar, mas percebendo que seu adversário estava em suas mãos e joelhos, sem fôlego e lutando, ela tropeçou em seus pés. Ela ainda tinha a arma e se ela pudesse recarregar a tempo . .

Ela puxou as conchas do bolso, mas elas caíram no chão, com as mãos tremendo.

Seu adversário estava se levantando com dificuldade, então ela procurou as conchas no meio do vidro. Ela conseguiu fixar em um e enfiar na culatra, então ela pegou outro, movendo-o desajeitadamente até que ele deslizou para dentro também. Fechando a espingarda, ela se levantou e se virou para matar.

Mas, ao fazê-lo, ficou subitamente cega. Uma luz branca penetrante encheu toda a loja, mesmo quando ela ouviu alguém gritar:

'Polícia armada!'

E agora Daisy não hesitou, girando no local e correndo para salvar sua vida.

Segundos depois, ela saiu pela porta dos fundos e foi embora.

O ar estava fresco e fresco, rasgando o rosto suado de Daisy enquanto ela corria pelo beco, estourando o estômago para colocar a maior distância possível entre ela e a polícia. Ela sabia que seu adversário ainda não havia acabado - mesmo enquanto corria, podia ouvir passos atrás dela. A passagem estreita afastava-se da parte de trás do edifício depois de cerca de cinquenta metros ou mais, dando-lhe alguma cobertura de seus perseguidores, mas seria o suficiente? Ela forçou cada tendão enquanto corria, determinada a não ser tomada.

Ela estava ciente do barulho ao seu redor. Gritos, sirenes e o zumbido sempre presente do helicóptero da polícia que varria a área com seu holofote móvel. A qualquer segundo ela esperava que pousasse sobre ela. E depois o quê? Daisy não tinha ideia se havia policiais bloqueando sua rota de fuga ou não, mas embora ainda houvesse um pouco de energia em seu corpo, ela continuaria correndo. Ela tinha que terminar isso em seus termos.

Ela estava chegando ao fim do beco agora, a passagem de tijolos se estreitando em uma abertura. Era preciso cautela, mas o desespero a impeliu e ela saiu do beco para a rua tranquila. Ela estava com a arma levantada, mas para sua surpresa, não havia ninguém lá para impedi-la. Ela parou por um momento para recuperar o fôlego, rindo de sua pura sorte. Mas seu alívio durou pouco. De repente, ela sentiu o perigo e se virou para ver um carro se aproximando rapidamente, subindo na calçada para bloquear sua rota de fuga.

Ela não hesitou, balançando a arma em direção ao carro e puxando o gatilho, antes de correr pela estrada. Ela esperava sentir as balas passando zunindo por suas

orelhas, mas seu fogo não foi respondido, então, ao chegar ao outro lado, ela disparou por outro beco. Contra todas as probabilidades, ela ainda estava viva.

101

18,39

Helen irrompeu na estrada, assim que a figura em fuga desapareceu de vista em um beco. Sem hesitar, ela avançou pela rua em sua perseguição. Cada parte dela doía - ela havia sido alçada pelo carro ao se desviar de seu caminho e foi ainda mais ferida na luta -, mas ela sabia que não poderia deixar Daisy escapar. A adolescente provou ser uma assassina realizada e impiedosa.

Mas, ao cruzar a rua, Helen percebeu uma luz estranha e ofuscante. Isso não veio de suas próprias unidades armadas, mas dos faróis de um carro, que estava abandonado na calçada em um ângulo incomum. Atrás das luzes, em silhueta, Helen podia ver o movimento - um tipo de movimento frenético e espasmódico que imediatamente fez soar o alarme.

Helen teve uma fração de segundo para tomar sua decisão, mas agora alterou seu curso, disparando para longe da entrada do beco e de volta para o carro. Ela sabia que era um carro de sinuca e, ao se aproximar, viu, para seu horror, que o para-brisa havia sido estilhaçado, com um grande buraco aberto. O motor ainda estava funcionando, acelerando ligeiramente quando o acelerador foi pressionado, mas estranhamente o carro

não estava indo a lugar nenhum. Nem o oficial estava dentro.

Contornando o carro, Helen agarrou a porta do motorista e a abriu. Imediatamente o interior foi iluminado e Helen agora viu algo que quase parou seu coração.

Joanne Sanderson estava afundada no banco do motorista.

Seu rosto estava pálido, seus olhos úmidos e sua mão presa em um enorme buraco em seu peito.

102

18,41

'Policial Ferido!'

A voz estrangulada de Helen veio alta e clara e o primeiro instinto de Charlie foi pegar o rádio e responder. Mas Helen se adiantou.

'Assistência médica urgente necessária na Garnet Road . . ferimento de espingarda . . perda considerável de sangue . .'

Outros policiais mais próximos da cena agora responderam, antes de uma Unidade de Resposta Armada interromper, pedindo uma atualização sobre o paradeiro do atirador.

- Ela está descendo um beco entre Garnet Road e . . Sandowne Road. Instrua o helicóptero a seguir do ar e cortar todas as estradas ao redor da Sandowne Road . .

,

Helen extinguiu-se, engasgando nas últimas palavras. Charlie teve que lutar para manter seu foco. Ela estava voltando para a base com as evidências da fazenda, mas a angústia na voz de Helen a derrubou de lado, arrastando sua concentração para longe da tarefa em mãos. Helen nunca perdeu a compostura - nunca - mas ela estava claramente abalada. Algo havia dado muito, muito errado.

A mão de Charlie pairou sobre o rádio - ela estava extremamente tentada a pegá-lo e fazer contato com seu superior. Seu coração estava batendo rápido, sua mente evocando todos os tipos de cenários sombrios. Mas, mais uma vez, Helen entrou primeiro.

'Por favor, despacha-te. Ela é uma das nossas. Ela é . . .'

Helen morreu mais uma vez, angustiada e vencida. E naquele momento Charlie *soube* .

103

18,43

- Olhe para mim, Joanne.

Helen queria que sua voz fosse calmante e reconfortante, mas suas palavras soaram rachadas e não naturais.

'Wsou eu. Helen. Você vai ficar bem, mas eu preciso que você se concentre . . .'

Sanderson piscava várias vezes, os olhos girando nas órbitas, como se tentasse e não conseguisse encontrar um ponto fixo no teto do carro. Ela ainda estava em choque, o impacto do tiro paralisou seu sistema.

- Joanne, por favor, olhe para mim - gritou Helen, tentando desesperadamente chamar sua atenção.

Por um momento, a oscilação parou. Os olhos de Sanderson pareciam se fixar nos de Helen e ela tentou dizer algo.

'Por favor-'

Um filete de sangue escorreu de sua boca.

- Não fale, conserve sua força - pediu Helen. "A ambulância estará aqui em dois minutos."

Enquanto falava, seus ouvidos se esforçavam para ouvir o som das sirenes, mas ela não conseguia ouvir nada.

'Nós vamos te levar para o hospital e você *vai* ficar bem.'

A oscilação começou novamente, mais rápido desta vez. Ela parecia estar perdendo a consciência, então Helen deu-lhe um tapa suave no rosto.

- Fique comigo, Joanne. Eu preciso que você ...'

Mas ela não estava respondendo mais, seu corpo de repente mais pesado nos braços de Helen.

'Joanne, por favor . . .'

Seus olhos rolaram para cima. Apenas os brancos estavam visíveis agora. Helen tinha lágrimas nos próprios olhos, quando sussurrou: 'Por favor . . .'

Mas era tarde demais. A DS Joanne Sanderson estava morta.

18,47

Daisy estava correndo para salvar sua vida.

Ela havia escapado do Centro de Carreiras, mas a caçada ainda estava acontecendo.

Ela podia ouvir as sirenes todos ao seu redor, mas o que realmente a preocupava era o maçante *conversão*, *conversão* do helicóptero da polícia. Embora seu holofote ainda não a tivesse localizado, parecia estar seguindo seus movimentos, pisando em seus calcanhares enquanto ela fugia de Ocean Village para o norte.

O plano original sempre foi roubar outro carro antes de seguir em frente. Mas isso era muito arriscado com o helicóptero pairando - ela chamaria muita atenção para si mesma - então ela estava tendo que pensar em seus pés. Se ela desse certo, ela chegaria ao rio, mas esta não era uma parte da cidade que ela conhecia bem e ela temia correr para um beco sem saída, isolando-a da água. Mesmo se ela conseguisse chegar à beira do rio, ela realmente iria pular? Ela não era a melhor nadadora do mundo e isso arruinaria sua arma, então, em vez disso, ela fugiu para o norte em direção à ponte Itchen.

Isso a deixaria muito exposta, já que os carros estavam constantemente cruzando essa via movimentada, mas se ela agisse com calma, poderia se safar. Sua arma estava quase escondida, enfiada rudemente na parte de trás das calças e, embora a blusa estivesse rasgada e manchada, ela poderia se safar, já que parecia bastante punk de qualquer maneira. O problema era seu rosto. Seu nariz estava inchado e ela podia sentir o sangue endurecido que grudava em suas bochechas. Qualquer um que a encontrasse agora provavelmente pararia para

verificar se ela estava bem e isso era a última coisa de que ela precisava.

O zumbido das lâminas rotativas era ensurdecido agora e, olhando para cima, Daisy ficou chocada ao ver que o helicóptero estava diretamente acima dela. Ela estava apenas na Salt Marsh Road, ainda a algumas centenas de metros da ponte Itchen. Certamente ela seria descoberta, e depois? Ela tinha visto essas coisas antes na TV - joyriders e ladrões iluminados, rasgando como galinhas sem cabeça, antes de finalmente cair em uma armadilha armada pelo olho que tudo vê acima.

O feixe de luz do helicóptero passou por ela, parecendo pegar a parte de trás de seus calcanhares. Ela estava determinada a continuar, mas estava perdendo energia, a exaustão lentamente substituindo a adrenalina. Na próxima varredura, eles a veriam com certeza. E então seria isso.

O helicóptero estava pairando agora e, com o canto do olho, Daisy viu o amplo círculo de luz movendo-se de forma constante e implacável de volta para ela. Ela teve no máximo segundos para reagir e repentinamente mudou de curso, disparando direto para as barreiras de proteção ao lado da estrada de acesso que levava à ponte. Ainda assim, a luz se moveu em sua direção, ficando mais perto,

mais perto, mais perto. Com uma última estocada, ela alcançou as grades e sem hesitação saltou sobre elas.

Ela sentiu o ar passando rapidamente por ela, então um baque, ela caiu pesadamente na pista abaixo. Seu tornozelo rolou ao fazê-lo e ela gritou de dor.

Mas antes mesmo de seu grito terminar, ela já estava lutando para atravessar a estrada. Ela quase foi capturada pela luz que pairava acima, mas Daisy se arrastou para o espaço agradável e escuro sob o viaduto. Estava cheio de lixo e fedia a urina, mas era perfeito para as intenções de Daisy. Enrolando-se como uma bola, ela tentou ficar o mais imóvel e quieta possível, ignorando a sensação de queimação em seu tornozelo. Os próximos segundos foram insuportavelmente tensos, mas então - inacreditavelmente - o holofote começou a se afastar, cortando para o norte mais uma vez. Deixando Daisy sozinha.

Ela não estava fora de perigo ainda - as ruas ao redor provavelmente estavam rastejando com dezenas de policiais procurando por ela. Mas por agora pelo menos ela estava segura.

105

18,49

De repente, todo mundo queria um pedaço dela.

Emilia Garanita quase se esqueceu de como era ser procurada. Ela estava na água há meses, presa no emprego de um graduado em ascensão em um jornal regional.

Ela sabia que tinha uma tendência a ser frágil, mas ao longo de sua vida difícil sempre assumiu uma postura ousada e assertiva. Parte disso era fanfarronice, parte era real, mas funcionou - geralmente as pessoas pensavam que ela era uma força a ser reconhecida. Mas, ultimamente, ela havia se acostumado a ceder um ponto, a recuar. Em parte porque ela sabia que tinha agido de forma egoísta no passado - tratando seus colegas e sua

própria família com desrespeito enquanto perseguia suas ambições de carreira - mas em parte, ela percebeu, porque sua confiança havia sido abalada pela experiência de ser abraçada e depois cuspidada pelos jornais nacionais.

No entanto, agora eles queriam falar com ela novamente. Ela não era apenas a melhor testemunha ocular da violência de hoje, mas também passou um tempo como refém do assassino, ajudando-a a planejar uma fuga elaborada da Meadow Hall School e passar pelo bloqueio da estrada. *Essa* era uma história que valia a pena contar, então ela ignorou as inúmeras ligações de Gardener e, em vez disso, ligou para um contato da Sky News. Eles estavam a caminho da casa dela agora. A entrevista seria breve, mas pagaria bem. Ela se certificaria disso.

Enquanto esperava que eles chegassem, ela mandou um e-mail com breves detalhes de sua provação para seus antigos contatos no *The Times* e no *Telegraph*.

Ela não iria renegar sua promessa de exclusividade aos jornalistas de TV, mas queria ter outros meios de comunicação para explorar no minuto em que a entrevista fosse ao ar. Seus contatos nas planilhas a enviaram de volta por e-mail imediatamente, mas ela os ignorou deliberadamente, assim como estava ignorando

seu celular, que zumbia incessantemente na mesa da cozinha. Quanto mais tempo ela os deixasse, mais famintos - e generosos - eles se tornariam.

- Você vai atender essa coisa?

Sua irmã mais nova, Claudia, passou, pegando uma cerveja na geladeira.

'Ainda não Amor.'

Emilia já havia decidido fazer algo de bom para a família com tudo isso. Claudia teve que intervir quando Emilia fugiu para Londres e ela sabia que ainda havia algum ressentimento. Emilia estava decidida a fazer as pazes com ela - com todos eles - e já sonhava com um feriado que todos pudessem tirar juntos. Flórida, talvez? Los Angeles? Eles raramente tinham estado em qualquer lugar com a família e já era hora de se mimarem.

Claudia colocou uma cerveja na mesa e se sentou ao lado dela, apoiando a mão sobre a dela. Emilia ficou grata por isso, mas não precisava. Ela tinha ficado muito abalada antes, mas agora podia ver apenas os aspectos positivos que viriam dos eventos incomuns do dia. Bons tempos pela frente, um lugar de volta à mesa e uma noite agradável passada assistindo seu telefone zumbindo sem resposta na mesa da cozinha.

106

18,52

- Você está bem, Helen?

Foi uma coisa estúpida de se perguntar, mas Charlie não conseguia pensar em mais nada para dizer. Ela imediatamente desviou para Ocean Village depois de ouvir o SOS de Helen e encontrou seu superior sozinho no meio da estrada, enquanto os paramédicos atendiam Joanne. Parecia horrível, mas assim que a declarassem morta, a equipe forense se mudaria, juntando evidências na cena do crime. Só depois de mais uma hora, o corpo de Joanne finalmente seria removido de vista.

Dois paramédicos estavam amontoados no vagão da piscina, sentindo o pulso no corpo pálido e frio. Charlie não suportou olhar e se afastou, depois de verificar brevemente se definitivamente *era* Joanne lá. Mas Helen não conseguia tirar os olhos da cena que se desenrolava à sua frente, olhando para os esforços desesperados dos paramédicos para ressuscitar os mortos. Charlie podia imaginar o que se passava na mente de Helen. Seus problemas recentes com seu DS, é claro, mas também memórias mais distantes, como Joanne tentando impedir Helen de entrar em uma casa em chamas para salvar Ruby Sprackling. Havia inúmeros outros exemplos de ambas as mulheres cuidando uma da outra, uma delas protegendo as costas da outra contra perigos profissionais e criminais, mas agora, quando isso mais importava, Joanne estava sozinha. Desprotegido e indefeso, abatido por um assassino insensível.

Ela havia morrido em serviço, tentando impedir o fugitivo em seu caminho. Isso foi algo. Algo para seus pais, amigos e colegas se agarrarem em sua dor.

'Isto é minha culpa.'

Charlie olhou para cima, assustado com a interjeição de Helen.

- É culpa de Daisy Anderson, de mais ninguém. - Charlie respondeu rapidamente.

'Eu fui muito duro com ela. Eu estava zangado com ela e a pressionei demais ', Helen continuou, parecendo não ouvir o que Charlie havia dito.

- Não, absolutamente *não* é sua culpa, Helen. Daisy estava tentando matar alguém e você pediu que as unidades respondessem. Essa foi a decisão certa e

Joanne estava tentando fazer seu trabalho, ela estava cortando sua rota de fuga . . '

- Ela nem tinha uma arma. Ela não era uma ameaça para - '

'Você realmente acha que Daisy Anderson se preocupa com isso? Ela só queria ir embora. E em seu próprio mundo fodido, ela tem permissão para fazer o que for preciso. Ela tem permissão para atirar em uma pessoa inocente a sangue frio . . '

A voz de Charlie vacilou agora, mas ela pressionou:

- E é responsabilidade dela, culpa dela. Ninguém a fez puxar o gatilho, essa foi a decisão dela . .

- Mas *por que* Joanne estava aqui? É isso que eu estou dizendo -'

'Porque você disse a todas as unidades para atender-'

“Ela estava aqui porque estava tentando me impressionar. Eu a congelei e ela queria voltar aos meus bons livros.

- Você não sabe disso. - Charlie rebateu, apesar do fato de haver mais do que um grão de verdade no que Helen estava dizendo.

'Uma unidade armada *tem* que tomar o ponto, Joanne sabia disso. Mas ela não esperou por eles, ela queria ser aquela que trouxesse Daisy . .

- Não transforme isso em algo que não é, Helen. Ela estava agindo instintivamente.

Ela viu o suspeito escapar e interveio - '

- Você está sendo gentil, Charlie, mas não precisa enfeitar as coisas. Sei como a tratei, sei como ela se sentiu, sei o que ela estava tentando fazer. Eu a levei até o limite e então dei a ela um caminho de volta, um tiro no braço, e este é o resultado . . '

Os olhos de Helen ainda estavam fixos no carro, mas Charlie se recusou a seguir o exemplo, voltando sua atenção para o outro lado da rua. Ao fazer isso, ela avistou vários outros oficiais do MIT observando sua troca. Eles estavam todos com muito medo de abordar seu superior, especialmente quando ela estava obviamente em perigo. Charlie estava feliz por ela ter vindo aqui para fornecer suporte, por mais difícil que essa conversa pudesse ser.

'Ela tinha isso com ela . . '

O tom de Helen estava mais baixo agora, mas mais vazio. Ela tirou um pedaço de papel do bolso e entregou a Charlie.

- Eu vi no bolso do casaco dela quando a estava consolando no carro.

Charlie pegou a folha de papel, que ela percebeu que estava manchada de sangue.

Enervada, ela hesitou, então rapidamente o desdobrou. Ela assimilou o conteúdo.

Era um pedido de transferência, escrito e assinado por Joanne. Charlie digeriu isso, atordoado, então se voltou para Helen. Ela não sabia o que dizer, então Helen disse por ela:

'Isto é minha culpa.'

107

19,18

Daisy se olhou no espelho rachado. Ela havia limpado o sangue do rosto, observando-o colorir a água que escorria pelo ralo, e parecia um pouco mais humana agora. Seu nariz ainda estava inchado e um pouco torto e os hematomas ao redor estavam começando a se espalhar, mas ela não virava mais cabeças.

Ela tinha ganhado algum tempo. Eles ainda estavam procurando por ela, mas ainda não tinham uma pista dela. Ela havia permanecido sob o viaduto o máximo que ousou, na esperança de que o som das sirenes morresse, que os grupos de busca se dispersassem. Pareceu uma eternidade, mas provavelmente não foi mais do que dez minutos ou mais. Eventualmente, ela ouviu passos se aproximando do rio. Ela ainda não tinha ideia se era um policial, um vagabundo ou um drogado vindo para atirar em paz - ela tinha acabado de fugir, escapulindo da escuridão e mancando ao longo da estrada, mantendo-se nas sombras o melhor que podia.

Ela tinha ouvido atividade na estrada acima e esperava que policiais armados saltassem sobre ela, mas ela continuou e continuou. Ocean Village tinha suas áreas chiques - os prédios altos olhando para o mar - mas ela estava passando por baixo deles. Através dos ralos de inundação, as vielas e os terrenos abandonados ainda à espera de serem desenvolvidos. Lentamente, ela colocou um pouco de distância entre ela e Bray Road e então, quando ela começou a cortar de volta em direção a St. Mary's, ela viu. O Red Lion era um pub sombrio e velho

onde ela tentou vender alguns celulares roubados. Eles a ignoraram na época, mas podiam lhe fazer um favor agora.

Estava muito frio para alguém estar no jardim da cerveja, então, correndo pela estrada, ela escalou a cerca de arame. Seu tornozelo protestou, mas ela subiu, caindo com segurança do outro lado. Então ela abriu a porta traseira e entrou mancando. Os banheiros ficavam nos fundos do pub e ela entrou agradecida no banheiro feminino. Era um risco chegar a um lugar público, mas nenhuma mulher que se preze colocaria os pés neste pub, então ela se sentiu confiante de que teria alguns minutos para se recompor.

O progresso foi lento e trabalhoso. Ela sentiu que seu nariz estava quebrado - isso a deixava enjoada cada vez que o tocava, mas ela sabia que precisava se quisesse parecer "respeitável". Então ela enxugou com pedaços de papel higiênico encharcado, engolindo a náusea e enxugando as evidências de sua luta. Suas calças estavam quase boas, depois que ela tirou a poeira dos últimos cacos de vidro, mas a blusa verde-escura ainda exibia respingos de sangue. Se eram manchas de sangue do policial ou dela, ela não tinha certeza - mas, de qualquer forma, não adiantaria anunciar as manchas. Então ela rasgou a blusa, rapidamente virando-a do avesso, antes de colocá-la novamente. Não era perfeito, mas teria que servir por enquanto.

Olhando para si mesma, passando a mão pela cabeça raspada, ela sentiu uma onda repentina de confiança. Ela realmente gostou de seu novo visual - ela nunca teve um corte de cabelo antes, mas agora ela sentiu que combinava melhor com ela do que qualquer outro estilo

que ela tinha no passado. Ela parecia uma guerreira. Ela parecia uma amazona.

Ela parecia a verdadeira Daisy Anderson.

108

19,28

'Estou amaldiçoado, Charlie?'

Era uma pergunta tão estranha que, por um momento, Charlie não soube como responder. Ela acabou persuadindo Helen a voltar para Southampton Central, argumentando que ela era necessária lá para coordenar os esforços das equipes de busca e peneirar as evidências disponíveis em busca de pistas sobre o próximo destino de Daisy. Eles haviam viajado de volta em silêncio e, mesmo quando passaram pelos corredores familiares até o sétimo andar, nenhuma palavra foi dita. Foi apenas quando a dupla foi instalada em segurança no escritório de Helen que seu abalado superior decidiu falar.

- Você sabe que não acho isso. - Charlie respondeu, cruzando a porta e fechando-a com cuidado.

- Às vezes, sim - continuou Helen calmamente. 'Às vezes, sinto que qualquer pessoa que se aproxima de mim - qualquer pessoa que tento ajudar - se machuca.'

- Ainda estou aqui, não estou? Charlie a contradisse corajosamente.

Helen sorriu sem convicção e disse:

- Você teve seus momentos. Coisas que não deveriam ter acontecido . . . '

Charlie olhou para o chão, abalado pela referência tácita de Helen ao bebê que ela havia perdido no cativeiro todos aqueles anos atrás.

'Quero dizer, por que não sou eu?' Helen se perguntou. 'Eu sei que parece mórbido e auto-indulgente . . . mas por que a bala nunca me atingiu? Eu me sinto . . . como se eu fosse indestrutível e eu odeio isso. '

- Eu não reclamaria disso. Joanne poderia ter dispensado um pouco disso esta noite.

Não foi feito de forma cortante, foi apenas uma observação, mas pareceu pousar com Helen.

'Você tem razão. Eu sei que você está certo. Eu só queria . . . que as pessoas não tivessem que sofrer por minha causa. Eu peço muito deles - '

- Não mais do que você pede a si mesmo.

'Mas por que? Por que eles têm que se *machucar* ? ' Helen exigiu, sua postura escorregando mais uma vez.

Charlie considerou sua resposta com cuidado:

- Porque você caminha em direção ao fogo, Helen. Enquanto os outros procuram alguém para assumir a liderança, você caminha de boa vontade em *direção* ao fogo.

É instintivo. Porque você quer salvar vidas, porque quer fazer o seu trabalho. Sim, você inspira outros a seguirem

e, sim, às vezes eles se machucam. Mas só porque estão fazendo o que precisa ser feito. E você nunca deve parar de fazer isso, Helen.

Nunca. Você é a única pessoa que *pode* fazer isso . . '

Helen acenou com a cabeça para o chão, então lentamente levantou a cabeça para olhar para Charlie mais uma vez. Seus olhos estavam secos, embora seu rosto ainda estivesse pálido.

'E é o que você deve fazer agora,' Charlie continuou vigorosamente. 'Eu vou falar com a mãe de Joanne -'

Helen tentou intervir, mas Charlie não estava aceitando, falando por cima de seu chefe.

- *Vou* falar com a mãe de Joanne. É no que sou bom e gostaria de ser o único a dizer isso a ela. E você deve fazer o que você faz melhor . . '

Helen estava quieta agora, seus olhos encontrando os de Charlie.

- Vá lá e traga Daisy para dentro.

109

19,42

'DS Joanne Sanderson . . '

A voz de Helen vacilou ligeiramente, mas ela continuou.

'. . e Michael Anderson.'

Helen puxou suas fotos para a tela.

"Eles são vítimas cinco e seis."

Helen se virou para encarar a equipe. Tal era o número de policiais trabalhando agora no caso que eles tiveram que se mudar da suíte de instruções para o corpo principal da sala de incidentes. Este era um bônus de não ter um chefe - Helen havia contratado os recursos necessários para ter essa enorme equipe trabalhando 24 horas por dia. Ela queria jogar tudo o que eles tinham nisso. Pela expressão no rosto dos presentes, os oficiais zangados e enlutados estavam prontos para responder ao seu chamado às armas.

Helen agora viu uma unidade que faltava antes. Talvez ela estivesse imaginando a fratura, a falta de coesão, na equipe anteriormente? Seja qual for a verdade do assunto, todo o MIT estava pronto para segui-la. E ela estava pronta para liderar.

'O primeiro foi morto em Bray Road enquanto assistia a um incidente, o último foi assassinado em sua fazenda em Hedge End. Seu corpo está sendo examinado por Jim Grieves agora, mas está bem claro que ele foi a primeira vítima de Daisy Anderson.

'Por que ela fez isso?' Osbourne perguntou rapidamente.

- Porque ele pediu que ela se mudasse. Ele não gostava de Jason Swift, achava que ele era um bandido. E ele sentiu que se interpôs entre ele e sua filha - '

- E ela ficou com raiva porque o pai se voltou contra ela? Reed ofereceu.

- Suas mensagens de correio de voz deixam isso bem claro. Não *era* evidência de amor em que a família. À sua maneira casual, Michael Anderson adorava sua filha.

É por isso que doeu tanto quando ele a forçou a escolher. Essas mortes são sobre rejeição - '

'Não podemos dizer isso com certeza. Veja Jason Swift e DS Sanderson - '

- Daisy não planejou matar Jason ou Joanne - retrucou Helen. - Eram assassinatos por necessidade, então ela poderia continuar. Precisamos manter nosso foco na causa *raiz* da farrá de hoje. Daisy não tem resiliência emocional e reage com fúria quando é empurrada ou rejeitada - '

'Então o *pai* é a causa raiz, ele a amava, mas ele se voltou contra ela . . .'

- Possivelmente, mas olhe a folha de cobrança dela. Seus problemas de comportamento datam de muitos anos . . .'

Helen voltou-se para o quadro de homicídios. A folha de acusação de Daisy revelou um catálogo de contravenções começando muito antes da idade da culpabilidade criminal. A evidência formal em preto e branco de seu mau comportamento parecia curiosamente em desacordo com as fotos fofas da jovem Daisy que Helen estava olhando apenas algumas horas antes.

'Seu primeiro cuidado foi quando ela tinha dez anos de idade. Antes disso, ela parecia ser uma criança bastante normal - '

- O que deve ter sido na época em que a mãe dela foi embora - interrompeu McAndrew de repente.

- O que sabemos sobre ela?

'Nós vasculhamos os relatórios do serviço social da época, a petição de divórcio -'

'E?' Helen interrompeu, impaciente por detalhes.

- Bem, parece que Karen Anderson estava tendo um caso. Ela engravidou, a fissura em seu casamento era muito grande, então ela deixou o marido, antes de seus filhos gêmeos nascerem . .

- E Daisy?

'Daisy continuou a frequentar a mesma escola, estava matriculada no mesmo endereço -'

- Ela a deixou para trás - disse Helen, entendendo de repente. 'Karen Anderson abandonou a filha e foi embora.'

'É o que parece. Não há evidências de que Daisy já tenha vivido com a mãe. O pai dela ficou com a custódia exclusiva da fazenda. Karen concordou em desistir de tudo por uma nova vida.

- E Daisy tinha dez anos quando isso aconteceu?

'Somente. A mãe dela foi embora duas semanas depois do aniversário dela.

Houve uma reação audível de vários membros da equipe. Helen também sentiu isso - a imagem de uma menina de dez anos vendo sua mãe deixar a casa da família, porque ela escolheu priorizar seus gêmeos não nascidos em vez de sua própria filha, de repente forçou seu caminho em sua mente. O que Daisy sentiu naquela época? Confusão, angústia, solidão . . mas depois raiva e amargura também? Agora Helen pensava na casa da fazenda em

Hedge End e na total ausência de fotos de sua mãe. Era como se Karen Anderson tivesse sido apagada da memória coletiva.

'Ela não vale a pena . . .'

'Perdão, chefe?'

Helen percebeu que estava pensando em voz alta.

' Ela não vale a pena. ' Isso é o que Daisy Anderson disse sobre Melissa Hill quando ela poupou a jovem mãe e seu bebê na farmácia. Na época, pensei que talvez houvesse algo na imagem de uma mãe protegendo seu bebê que havia perturbado o equilíbrio de Daisy, provocado alguns sentimentos de pena nela . . mas agora acho que ela realmente *quis dizer* o que disse. Para Daisy, a jovem mãe era uma merda em seu sapato, abaixo de seu desprezo, certamente não valia uma bala.

'Karen Anderson *tem* que ser a próxima vítima. Se isso é tudo sobre rejeição, 'DC

Bentham acrescentou, retomando o tópico de Helen.

- Talvez, embora não tenhamos certeza de que Daisy saiba onde ela mora -

Osbourne respondeu rapidamente. - Ela não teve nenhum contato com ela.

'Além disso, todas as suas vítimas até agora foram pessoas que a rejeitaram *recentemente* ', acrescentou DC Edwards.

- Mas pense de onde vem tudo isso - insistiu Bentham. - A mãe dela *decidiu* não levá-la. Isso teria destruído uma

criança de dez anos, provavelmente por isso que seu pai a mimava tanto, sempre ficou do lado dela. Mas não deu certo - os problemas de Daisy na escola, com a polícia, começaram logo depois que sua mãe saiu. É um link claro. '

Enquanto seus oficiais continuavam a debater a questão, Helen permaneceu em silêncio. Sua mente agora estava voltada para Daisy, para a raiva fria que a estava conduzindo. Abandonada pela mãe, ela se tornou insegura, paranóica e hostil, facilmente enfurecida por aqueles que a magoaram ou injustiçaram. Embora detestasse Daisy pelo que fizera hoje, Helen de repente pensou que *entendia* o que a estava impulsionando. Daisy amava sua mãe, depositara sua confiança nela, apenas para que ela se afastasse sem dar uma segunda olhada. Como uma criança *poderia* superar isso? Deve ter sido horrível, desconcertante, desorientador, mas não era incomum. Helen havia experimentado algo semelhante quando criança, quando sua própria mãe fez vista grossa ao abuso e à violência infligida a seus filhos. E Helen também havia sentido isso mais recentemente. A deslealdade de Sanderson para com ela havia quebrado a confiança entre eles, deixando Helen com raiva, vingativa e instável. *Isso* era o que estava dirigindo Daisy. Uma amarga sensação de traição.

- Que endereço temos para ela?

Os policiais calaram-se de repente, voltando-se para Helen.

- Onde Karen Anderson mora? Helen persistiu.

- Ela foi morar com um Bryan Nash depois que deixou o marido - McAndrew respondeu rapidamente, folheando o

arquivo. 'Ele é o pai dos gêmeos. Nash teve alguns negócios indo para o lado e parece que a família mudou bastante . . mas este é o último endereço que temos para eles. '

Ela rabiscou em um pedaço de papel e entregou a Helen. Era um endereço nos arredores de Portsmouth, a menos de meia hora de carro de Southampton.

- Vou para lá agora - disse Helen rapidamente. 'Tente falar com eles, diga-lhes para ficarem com amigos ou vizinhos, até eu chegar.'

Isso foi dito por cima do ombro, Helen marchando em direção, então, através das portas do escritório. Ela estava indo rápido para o bicicletário e daí para Portsmouth. Ela não tinha certeza se estava no caminho certo, mas de repente ela não conseguia se livrar da imagem que agora estava em sua cabeça - de uma jovem família prestes a ser brutalmente dilacerada.

110

19,48

O vento gelado passou rugindo por ela. Seus braços estavam cobertos de espinhas arrepiadas, os cabelos finos e macios em posição de sentido para tentar preservar um pouco de calor, e ela estremeceu enquanto mancava pela rua. Ela odiava o frio, mas o que mais ela poderia fazer? Ela tinha que continuar.

Como ela se arrependeu de descartar seu casaco pesado agora. Era um verdadeiro excedente do exército, com um volume que era reconfortante e um forro grosso que a mantinha aquecida. Na hora, tinha sido a coisa certa a se livrar dele -

provavelmente tinha lhe dado alguns minutos valiosos e confundido aqueles que a procuravam -, mas a ausência disso a fez se sentir vulnerável. Ela havia perdido sua armadura, sua proteção, e agora tinha apenas seu top fino para protegê-la do frio.

Felizmente, se alguém a visse, a descartaria como uma estudante local sem o bom senso ou os fundos para comprar um bom casaco, mas isso não a fez se sentir melhor. Ela estava congelada até os ossos.

Ela colocou a mão na coronha de sua arma, ainda escondida dentro de suas calças de combate, mas não lhe proporcionou nenhum conforto. Ela estava cansada, com fome e com frio. Se Jason estivesse aqui, ele teria lhe dado um abraço. Como ela teria gostado de um. Ele era uma pessoa naturalmente quente, sempre tirando o edredom, reclamando que estava superaquecendo. Ela não estava . Ela sentia o frio com facilidade, não mais do que agora, e sentia muita falta dele. Ela e Jason queriam ver isso juntos, ser irmãos de armas até o fim. Ela passou a confiar em seu bom humor, seu otimismo preto e branco, sua determinação altista. E, no entanto . .

de alguma forma, ela sempre soube que chegaria um ponto em que ela precisaria assumir a liderança. Parar de confiar em seu encorajamento e determinação e resolver o problema com as próprias mãos.

Afinal, tinha sido ideia dela - sua luta - então, se alguém tinha que cair durante a tentativa, essa pessoa tinha que ser Jason. Ele tinha estado com ela o tempo todo, mas isso nunca tinha sido sobre ele. Essa era sua história, sua vingança, e talvez fosse apropriado que, no final das contas, ela enfrentasse seus inimigos sozinha.

19,52

Eles se sentaram juntos na sala de estar, trancados em um silêncio terrível. Charlie teve que fazer isso muitas vezes antes - as pessoas achavam que ela tinha o calor e a sensibilidade necessários ao dar a notícia de um luto repentino - mas isso tinha sido de longe o pior. Ela conhecia Joanne Sanderson bem, é claro, mas mais do que isso ela conhecia sua mãe. Na verdade, ela a conheceu em várias ocasiões, então, quando Nicola Sanderson abriu a porta para ela, ela inicialmente se mostrou despreocupada, até mesmo acolhedora.

Mas a hesitação de Charlie em entrar na casa e sua maneira desajeitada subsequente obviamente enervaram o homem de sessenta anos. Charlie não sabia ao certo como proceder - o marido de Nicola, Eddie, estava jogando cartas -, mas quando Charlie sugeriu que ela o chamasse para casa, Nicola resolveu resolver o problema, exigindo saber o que estava acontecendo. Charlie não teve escolha a não ser contar a ela, tendo o cuidado de dizer que sua filha tinha morrido uma morte heróica e não sofrera nada. A primeira parte disso, pelo menos, era verdade.

Nicola não reagiu a princípio. Ela olhou para Charlie por alguns segundos, antes de pedir que ela dissesse tudo de novo. Charlie suspeitou que ela não tinha absorvido

nenhum dos detalhes, sua mente fugindo do relatório de Charlie no início, para evitar enfrentar a terrível realidade do que estava sendo contado. Então Charlie repetiu suas notícias sombrias. Pouco depois, um oficial de ligação com a família havia chegado e, enquanto ela fazia uma

xícara de chá para Nicola, mantendo um fluxo constante de palavras reconfortantes, Charlie tentou entrar em contato com Eddie Sanderson. A ligação dela foi direto para o correio de voz, então ela deixou uma breve mensagem, pedindo que ele voltasse para casa o mais rápido possível.

Era inadequado e fazia Charlie se sentir péssimo - parecia tão cruel que ele estivesse lá agora, rindo e brincando com os amigos, sem saber da calamidade que estava para se abater sobre ele.

Trinta minutos se passaram sem uma palavra dele, então no final Charlie despachou a FLO para resgatá-lo, prometendo ficar com Nicola até seu retorno. Na verdade, Charlie sabia que ela ficaria muito mais tempo do que isso, apesar da necessidade urgente de sua presença em outro lugar. Uma grande operação estava em andamento, mas Joanne era uma amiga leal com quem havia compartilhado muito durante os momentos felizes e ruins. Charlie pensou em sua própria mãe, que sempre se preocupava com ela, e ela soube instintivamente que Joanne teria feito o mesmo por ela se os papéis fossem invertidos. Joanne Sanderson tinha cometido alguns erros ao longo dos anos, mas era uma boa oficial com um bom coração.

Charlie sabia que era apenas o começo. Nicola e Eddie teriam que identificar o corpo da filha, contar à família e aos amigos, organizar um funeral, lidar com o inevitável interesse da imprensa. Joanne sem dúvida receberia uma comenda póstuma e uma medalha por bravura, mas isso significaria muito pouco para seus pais. Apesar da ansiedade sobre a escolha de carreira da filha, Charlie sabia que eles tinham muito orgulho dela e a amavam profundamente. As próximas horas seriam das mais

sombrias de suas vidas, por isso Charlie estava mais do que disposto a ficar onde estava, empoleirado no sofá da modesta casa de Nicola, segurando a mão de uma mãe muda que lutava para aceitar como a vida pode ser catastroficamente cruel.

112

19,53

A agulha estava empurrando 120 mph, mas Helen não cedeu. Cada segundo contava, mas o destino estava conspirando contra ela. O arquipélago de Portsmouth quase toca a Ilha Hayling, mas como nenhuma ponte os conecta, aqueles que desejam acessá-lo são forçados a cortar para o norte. Helen estava queimando em torno da A27 em direção ao cruzamento no Lago Bridge. Era uma rota tortuosa e complicada que estava custando seu valioso tempo.

Velocidade era o nome do jogo agora. Helen estava convencida de que Karen Anderson seria a parada final de Daisy e ela estava determinada a chegar ao fim do jogo. A onda de mortes de Daisy durou apenas um dia, mas para Helen pareceu uma eternidade. Agora, pela primeira vez, eles sabiam o que estava na raiz da raiva

de Daisy e tiveram a chance de interceptá-la, antes que ela completasse seu ciclo de vingança.

Suas luzes estavam acesas, sua sirene estava gritando e Helen desligou. Sua bicicleta serpenteava para dentro e para fora do trânsito, que ainda era abundante mesmo àquela hora. Normalmente, ela teria esperado pacientemente que os caminhões e carros passassem, mas o tempo era essencial e ela não ousou hesitar.

Daisy Anderson era uma mulher com uma missão, determinada a estripar a família da qual fora excluída, para se vingar da mulher que odiava.

Helen tinha visto esse ódio em primeira mão em sua irmã, Marianne. Sua irmã mais velha havia sofrido abusos horríveis e contínuos de seu pai. Ela havia sofrido em silêncio, com vergonha de falar, mas decidida a absorver a dor e a humilhação, para que sua irmãzinha não tivesse que sofrer. No final, o fardo foi demais para Marianne e ela se partiu, matando sua mãe e seu pai. Daisy estava experimentando algo semelhante, distribuindo uma violência terrível para as pessoas mais próximas de casa. Helen não tolerou isso, mas ela entendeu. São os ferimentos infligidos por sua própria carne e sangue que cortam mais profundamente.

Marianne e Daisy tiveram sua infância roubada. Eles se tornaram cansados do mundo e com cicatrizes de batalha, incapazes de aceitar a possibilidade de esperança, e em vez de crescerem e se tornarem jovens adultos normais, eles se transformaram em anjos da vingança. Os paralelos para Helen estavam muito claros agora e ela se repreendeu amargamente por não os ter visto antes.

A estrada se abriu quando Helen atingiu o topo da Ilha Hayling e acelerou mais uma vez. A chuva estava começando a cair, deixando a superfície lisa e reduzindo a visibilidade. Gotas de chuva caíram pelo visor de Helen, captando o brilho de sódio das luzes que iluminavam a estrada, produzindo efeitos estranhos e fantásticos enquanto o faziam. Enquanto dirigia pela estrada escura, Helen pensou ter visto vultos à sua frente, rostos que ela reconhecia. As garotas massacradas de Holloway, Ella Matthews morta naquela cama suja, Ethan Harris de

braços abertos nos trilhos do trem, mas pairando acima de todas elas estava Marianne. Sempre Marianne olhando diretamente para Helen, com aquele sorriso curioso e enigmático.

Helen fechou os olhos por um segundo, desesperada para afastar essas visões macabras. Ela tinha um trabalho a fazer, uma família a salvar. Reduzindo a velocidade, ela tentou diminuir a frequência cardíaca, para obter um controle. Ela tinha que manter o foco.

As visões começaram a diminuir. A chuva continuou a cair, mas Helen ligou, energizada e viva. Era uma corrida até o fim agora.

113

20,22

Ela estremeceu e puxou o roupão firmemente ao redor dela. O quarto principal estava sempre frio, por causa das janelas mal ajustadas e dos aquecedores duvidosos, mas esta noite parecia particularmente perecendo. Era realmente esse

o caso, ela se perguntou, ou sua mente estava pregando peças nela? Era o vento uivante lá fora que estava fazendo a temperatura despencar? Ou foram as notícias no rádio que a deixaram gelada até os ossos?

Karen Anderson estava sentada em sua cama, cercada por um silêncio terrível. Ela sempre ouvia o rádio ao se preparar para dormir - raramente tinha tempo durante o dia -, mas hoje à noite o desligou horrorizada, atordoada com o que estava ouvindo. Ela tinha estado ciente de seu telefone zumbindo em sua bolsa com o passar da tarde, mas ela já estava cansada de terminar o trabalho, pegar

os gêmeos e tentar fazê-los fazer a lição de casa antes de dormir, então não se incomodou Pegando. Foi só quando estava jantando que pescou o telefone e percebeu que as ligações eram, na verdade, de vários amigos diferentes. Suas mensagens telefônicas um pouco estranhas deixavam claro por que eles estavam tentando falar com ela com tanta urgência.

Deve haver muitas Daisy Andersons. Foi o que Karen disse a si mesma, depois de deletar a mensagem final. Pode ser qualquer um, não precisa ser *a filha dela*. Mas o fato de os tiroteios terem ocorrido em Southampton era enervante, então Karen rapidamente pesquisou o incidente no Google. Os detalhes ainda eram escassos - a polícia jogando suas cartas perto do peito - então, frustrada, Karen desligou o computador e ligou o rádio. A estação local da BBC parecia ter abandonado a programação normal para concentrar toda a sua atenção nessa calamidade repentina e inesperada e, enquanto Karen ouvia, mais detalhes começaram a surgir. Daisy Anderson *era* uma garota local, que até recentemente frequentou a Escola Secundária Meadow Hall e que morava com o pai em uma fazenda perto do Rio Hamble.

Karen ouviu com espanto. Os repórteres pareciam sugerir que o dono da fazenda fora uma das vítimas de Daisy. Certamente isso não era possível? Michael era apaixonado por Daisy e Daisy por ele, com exclusão de todos os outros. Certamente ela não o teria atacado?

Seu primeiro instinto foi pegar o celular e ligar para ele. Ele não tinha mudado seu número de telefone até onde ela sabia, então . . Mas então ela se acovardou. Ela não pegava o telefone com ele há anos e de alguma forma parecia errado estar ligando para ele agora simplesmente porque tinha ouvido algumas notícias

perturbadoras no rádio. Parecia horripilante e desagradável, então ela desligou o telefone, com medo dos jornalistas que inevitavelmente ligariam em breve, optando por ouvir as notícias terríveis no rádio.

A filha dela era procurada pela polícia. Daisy era uma fugitiva. Ainda assim, Karen não conseguia calcular. Ela sabia que Daisy já estivera em apuros antes, tinha cometido vários delitos menores, mas nada parecido com *isso* . Em questão de poucas horas, ela se tornou famosa. Não, ela se tornou famosa . .

Karen desligou o rádio, preferindo sentar-se em silêncio na beira da cama. Os gêmeos estavam dormindo, o que era alguma coisa, mas Karen ainda sabia que teria que contar algo a eles quando acordassem de manhã. Mas como você explica a duas crianças de oito anos que sua meia-irmã acabara de assassinar seis pessoas a sangue frio? Como você coloca isso em palavras? Como ela desejava que Bryan estivesse aqui agora. Era muito típico que ele estivesse fora apenas quando ela mais precisava dele . .

De repente, Karen saltou fora de sua pele. Ouviu-se um barulho vindo do andar de baixo. Um horrível ruído repetitivo e insistente. Cruzando rapidamente para o

patamar, ela ouviu atentamente. Lá estava ele de novo - alguém estava batendo na porta da frente, exigindo para ser deixado entrar. Descendo alguns degraus na ponta dos pés, ela lançou um olhar cauteloso para a porta. A parte superior era de vidro fosco e através dela, ela podia apenas ver uma figura sombria, batendo, batendo, batendo . .

Seu primeiro pensamento foi se virar e correr. Chamar a polícia e se trancar e as crianças no banheiro. Mas algo agora a fez parar. A figura atrás da porta parecia muito alta, muito imponente, para ser Daisy. Ela teve um cúmplice, mas ele aparentemente foi baleado e morto.

Era Bryan. Ele *teve* que ser Bryan. Ele provavelmente ouviu a notícia e correu para casa. Talvez ele estivesse ligando para ela, mas idiota como ela era, ela desligou o telefone. Sim, era ele . .

Sem hesitar mais, Karen desceu correndo as escadas restantes, abrindo a porta.

Mas não era Bryan. Nem era Daisy.

Era uma mulher alta em roupas de couro de ciclista.

114

20,29

- Você tem certeza, Karen? Você tem certeza *absoluta* ? '

Helen e Karen estavam amontoadas na cozinha, conversando em voz baixa para não incomodar os meninos no andar de cima.

- Claro que tenho certeza. Acho que notaria se alguém tivesse espalhado graffiti em toda a minha casa . . '

Sua voz estava afiada, o medo a deixando nervosa, então uma Helen sem fôlego suavizou seu tom.

- Nenhum graffiti? Não em seu carro, em seu local de trabalho, no escritório de Bryan - '

"Não, nada disso."

- E você não recebeu nenhuma mensagem abusiva ou viu alguém perambulando por perto?

'Não, nós teríamos chamado a polícia se tivéssemos experimentado algo assim -'

- E você não teve contato com Daisy ultimamente?

- Nenhum mesmo - respondeu Karen, um tanto envergonhada.

Helen exalou e tentou compreender esse desenvolvimento inesperado. Assim que Karen a deixou entrar, ela fez um tour pela casa, verificando cada cômodo por vez.

Mas o quarto de Karen estava limpo, assim como o quarto de hóspedes, o banheiro, o quarto dos meninos . . Os gêmeos dormiam em paz e, como Karen, estavam ilesos.

'Ok, eu quero que você fique parado. Não atenda a porta a menos que saiba que sou eu, nem mesmo para o seu marido. Vou fazer um circuito dos jardins. Depois disso, vou querer tirar você e os meninos daqui. Uma unidade de proteção será atribuída a você até que Daisy seja apreendida. Você entende?'

Karen assentiu em silêncio.

- Ótimo, agora suba e espere por mim lá.

Karen obedeceu, então Helen foi até a porta da frente, tirando o celular do bolso.

Sua mente estava girando, tentando descobrir o que havia perdido. Todas as evidências apontavam na direção

de Karen - não era possível que ela tivesse acertado o alvo *errado* novamente.

Foi isso?

115

20,32

McAndrew pairou sobre ele, implorando para que trabalhasse mais rápido. Assim que recebeu a ligação de Helen, ela correu para a suíte de tecnologia. Era carinhosamente conhecido por McAndrew e seus colegas como o 'vestiário' porque estava cheio de homens e tinha um odor característico, mas era o lugar para estar se você quisesse abrir a pegada digital de alguém.

A maior parte das evidências da fazenda estava em Southampton Central. Os meninos demoraram um pouco para quebrar a proteção por senha do laptop de Daisy, mas agora eles estavam examinando seus arquivos pessoais, sua história na internet e seu legado nas redes sociais, guiados por um impaciente DC McAndrew.

'Ignore todas as coisas sobre o exército britânico, grupos racistas, o serviço de condicional. Concentre-se em e-mails recentes, pesquisas recentes . . .'

"Grite quando quiser que eu pare", respondeu a operadora de dados, abrindo o navegador de Daisy e folheando suas pesquisas em ordem cronológica inversa.

Surgiram sites relacionados a explosivos caseiros, tornando-se um mercenário e tiroteios em massa na América, assim como artigos em sites de notícias sobre o assassinato de Jo Cox e o julgamento de Anders Brevik. Aninhadas entre essas pesquisas estavam mais

mundanas, detalhando as rotas de transporte de e para Ashurst e o horário de funcionamento da farmácia de Sansom.

- Isso vale cerca de dez dias. Você quer que eu continue?

'Que tal um navegador Tor? Algo com que ela pudesse acessar a dark web?

'Nada como isso. É tudo muito básico aqui. '

'Ela segue alguém no Twitter?'

'Ninguém interessante. Ninguém que seja um alvo realista, de qualquer maneira.

'E quanto ao Facebook?'

'Não. Ela postou algumas vezes, mas isso foi há meses e, de qualquer forma, ela não tem amigos, então ninguém leu. '

- E quanto ao e-mail dela?

Eles vasculharam algumas semanas de e-mails, mas Daisy não usava e-mail e a maioria das mensagens em sua caixa de entrada eram spam. Frustrado, McAndrew olhou para a tela, desejando que ela lhe desse algo - *qualquer coisa* . Se eles estivessem errados sobre a escolha do alvo de Daisy Anderson, ela tinha certeza de que seu laptop continha pistas importantes. Era o único item caro que ela possuía e ela o usava quase todos os dias.

"E quanto às pesquisas?" ela disse de repente.

'Nós examinamos sua pesquisa na web -'

"Quero dizer, as pesquisas dela no Facebook."

'Bem, ela não tem nenhum amigo, então eu não vejo -'

- Dê uma olhada de qualquer maneira.

Dando de ombros, a operadora abriu o Facebook.

'Como você pode ver, a página dela não tem muito sobre isso, então . . .'

Ele abriu a caixa de pesquisa.

'Digite Karen Anderson.'

A operadora concordou, mas só tinha ido tão longe quanto 'Kar' quando a caixa sugeriu automaticamente 'Karen Anderson'. McAndrew prendeu a respiração quando a foto do perfil da página de Karen Anderson no Facebook apareceu. Foi uma foto de férias de Karen, Bryan e os meninos sorrindo para a câmera.

"Isso não nos deixa ir além da página de perfil, já que Daisy não era amiga de Karen no Facebook", acrescentou a operadora.

'Podemos dizer quantas vezes ela pesquisou esta página de perfil?'

'Claro, me dê alguns minutos', respondeu ele, digitando mais uma vez.

McAndrew teve sua resposta em menos de *um* minuto e isso não a animou. Daisy consultava o perfil de Karen Anderson regularmente - duas ou três vezes por semana nos últimos anos. Karen era uma usuária entusiasta do

Facebook e havia mudado sua foto de perfil regularmente durante esse tempo. Portanto, embora Daisy não pudesse acessar sua página inteira, ao longo dos anos ela conseguiu mergulhar nas fotos de férias e fotos pessoais de Karen e sua nova família - uma família da qual *ela* foi claramente excluída.

116

20,37

Karen se olhou no espelho. Após sua entrevista com DI Grace, ela subiu as escadas, checando duas ou três vezes se os meninos estavam bem, antes de voltar para seu quarto. Ainda estava congelando, então ela correu para o santuário de seu aconchegante banheiro privativo.

Este sempre foi seu espaço. Bryan costumava usar o banheiro da família, deixando o banheiro para ela. Suas vidas eram tão ocupadas - ambos trabalhavam e as crianças eram tão difíceis - que Karen sempre gostou de se refugiar aqui, para tomar banho, aplicar suas loções e poções, para ter um pouco de tempo privado.

Esta noite, no entanto, não deu a ela nenhuma trégua - olhando-se no espelho, ela viu apenas uma mulher ansiosa e culpada olhando para ela.

Tirando o roupão, ela agarrou a torneira quente. Então ela hesitou, sua mão de repente parou. Ela estava em sua camisola agora, seus braços e ombros expostos, e seus olhos imediatamente se voltaram para as tatuagens que eram uma lembrança desagradável da selvageria de sua juventude. Ela se reuniu com Michael Anderson quando era adolescente - jovem, rebelde e desesperada para ficar longe de seus pais. Ele a havia apresentado à bebida e às drogas e por um tempo eles viveram muito .

. até que Daisy apareceu. Isso mudou *tudo* - não foi planejado e não os aproximou mais - e fez as tatuagens que fizeram juntos parecerem juvenis, até um

pouco obscenas. Agora, essas mesmas tatuagens deixavam Karen doente -

especialmente a da serpente se devorando, que enfeitava a parte inferior de seu antebraço.

Assim que DI Grace mencionou o grafite da cobra, Karen se perguntou se essa era a imagem que ela se referia. Ela não pressionou o policial para obter detalhes - ela realmente não queria saber - mas Daisy adorava aquela tatuagem quando era uma garotinha. Na verdade, ela queria um igual e implorou à mãe que a deixasse ir ao estúdio de tatuagem com ela, mas Karen nunca aprovou.

Foi tudo culpa dela então? A assinatura do graffiti era a maneira de Daisy deixar o mundo saber que *ela* era a responsável? Que seis pessoas morreram por causa *dela*

? Ela não tinha visto Daisy, não falava com ela em mais de oito anos e tinha pouca ideia de quem - ou o que - ela se tornara. Parecia impossível que a doce garotinha de rabo de cavalo tivesse se tornado uma assassina implacável, mas como ela *saberia* ?

Karen podia sentir seu mundo mudando de eixo, os pecados do passado finalmente a alcançando. Ela não estava com medo de si mesma - DI Grace estava dando uma volta pela casa e eles logo estariam sob custódia protetora - mas ela estava preocupada com os meninos. Suas vidas seriam interrompidas, sua visão cor de rosa do mundo seria destruída e eles próprios poderiam estar em perigo - de uma meia-irmã vingativa que eles nunca conheceram. O pensamento fez Karen querer vomitar.

Como ela poderia ter jogado suas cartas tão mal? Como ela poderia ter entendido tão errado a vida?

Abaixando-se, ela abriu a torneira. Ela se sentiu tonta e cansada e, conforme a água lentamente parecia mais quente ao seu toque, ela despejou grandes punhados no rosto, deleitando-se com sua carícia calmante. Por um momento ela se sentiu mais calma, perdendo-se no simples luxo disso, antes que a realidade se intrometesse em seus pensamentos mais uma vez e ela fechasse a torneira.

Procurando uma toalha, ela se endireitou da bacia. Instantaneamente, ela congelou.

Olhando no espelho, ela percebeu que não era a única pessoa na sala. Uma figura estava agora parada diretamente atrás dela.

O intruso era esquelético e tinha a cabeça raspada, com hematomas pesados ao redor do nariz inchado e sangrento. Karen demorou um pouco para perceber que era uma mulher, mais um momento para reconhecer os olhos castanhos, os cílios longos, a pequena covinha no queixo. Era Daisy, mas não a filha de que ela se lembrava. O fantasma magro como um palito que estava olhando para ela era outra pessoa.

Ela era como uma imagem de seu pior pesadelo e, quando finalmente falou, Karen sentiu seu coração parar.

'Oi mãe.'

117

20,41

Ela se esgueirou pela escuridão examinando as sombras em busca de perigo.

A mente de Helen ainda estava considerando a estranha reviravolta dos acontecimentos, mas ela estava determinada a não descansar até ter *certeza*. Ela verificou a frente da casa então, deslizando por uma passagem lateral, dirigiu-se para os fundos da propriedade. A casa tinha um grande jardim: a cerca dos fundos ficava a cerca de trinta metros de distância e os vizinhos mais próximos também ficavam a uma distância razoável. Normalmente, essa reclusão teria sido atraente, mas esta noite, na escuridão, o isolamento da propriedade fez Helen estremecer.

Atravessando o concreto, Helen dobrou a esquina da casa, correndo em direção à porta dos fundos. Ele também estava seguro - trancado e aparafusado por dentro -

então ela continuou seu circuito. Mas não havia nada alarmante. Nenhum sinal de Daisy, nenhum indício do grafite da serpente . . apenas nada. Exalando bruscamente, Helen se virou rapidamente, indo para o final do jardim. Ela abraçou a cerca do limite, em busca de sinais de que tinha sido penetrada, mas também estava intacta. O portão dos fundos, embora facilmente escalável, foi fechado com cadeado.

Helen voltou para a casa. Não havia mais nada a fazer senão esperar a cavalaria e depois voltar à base para iniciar novas buscas por Daisy. Mas Helen ainda hesitou -

ela estava tão *convencida de* que Daisy viria aqui que parecia a conclusão lógica de sua campanha de violência. Mas ela estava enganada? Ela simplesmente

projetou seus próprios sentimentos, suas próprias emoções, na loucura de outra pessoa?

A psicanálise teria que esperar outro dia. Sacudindo-se, Helen começou a correr, ansiosa para fazer algo útil. Mas quando ela se aproximou da parte de trás da casa, ela diminuiu a velocidade. Algo *estava* fora do lugar. Demorou um pouco para descobrir o que era, mas então ela entendeu. Uma das janelas do quarto principal estava aberta - apenas uma fresta, mas definitivamente aberta. Era uma noite fria e selvagem para arejar o quarto e Helen se aproximou rapidamente, esticando o pescoço para cima.

A janela não estava trancada, balançando ligeiramente à medida que a brisa aumentava, o que alarmou ainda mais Helen. Seria possível que alguém o tivesse passado? Ela apertou os olhos, tentando distinguir marcas de arranhões na parede ou no peitoril da janela, mas àquela distância era impossível ver. Não *era* um cano de esgoto nas proximidades, que um intruso poderia ter subiu e, como Helen examinou ela descobriu que havia lama fresco sobre ele. Isso não provava nada por si só, mas a mente de Helen estava zumbindo agora e, afastando-se do cachimbo, seus olhos se fixaram em algo que confirmou seus piores temores.

No parapeito da janela do andar térreo, logo abaixo do quarto principal, havia uma única gota de sangue.

118

20,43

'Você precisa de um médico, querida? Você está com dor?'

Daisy não disse praticamente nada desde sua chegada repentina. Ela parecia estar gostando do chilreio aterrorizado de sua mãe.

- Daisy, querida, venha sentar-se. Seu nariz está sangrando . . Posso buscar um pouco de gelo para esse hematoma, podemos limpar você . . '

"Amor", Daisy finalmente respondeu, enrolando a palavra na boca. - Não é uma palavra que ouço você usar com frequência. Você ao menos sabe o que isso significa? '

- Não . . não . . seja assim. - Karen disse suavemente, gaguejando levemente ao fazê-

lo. 'Eu só quero te ajudar. Eu sei o que está acontecendo, o que você passou hoje.

Você está mal '.

- Acho que é um eufemismo, não é? Daisy riu alto. "O eufemismo da porra do ano."

A reação instintiva de Karen foi dizer a Daisy para falar baixo, para evitar acordar os meninos. Mas ela engoliu esse pensamento. Olhando para seu filho mais velho, ela agora viu que sua filha estava carregando uma espingarda, que estava pendurada ao seu lado. Karen ainda estava lutando para absorver essa transformação - da garotinha que ela conhecera a esse monstro de cabeça raspada

- mas não havia dúvida de que a encarnação mais recente e mais agressiva de sua filha estava atualmente dominando. Ela parecia hostil, composta e totalmente destemida.

- Olha, sei que você está com raiva de mim - Karen continuou, quase conseguindo manter a voz firme. 'E eu entendo porque -'

'Você?' Daisy respondeu. - Diga-me, mãe, por que você acha que estou com 'raiva'?

Karen hesitou um pouco, surpresa com a veemência da pergunta de Daisy.

'Porque eu não estava lá para você,' ela finalmente respondeu, sua voz tremendo de emoção. 'Porque eu te deixei com *ele* . . .'

- Não ouse envolver papai nisso. Ele era um bom pai, ele cuidou de mim - '

- Ele estava bêbado, Daisy. Karen ficou repentinamente zangada. - Diga o que quiser de mim, mas não finja que aquele homem era um santo. Ele era violento, abusivo - '

- Cale a boca - cuspiu Daisy de volta, dando um passo na direção da mãe.

- Sei que você acha que ele cuidou de você, mas olhe só, Daisy, veja o que você se tornou.

'Ele me deu um teto sobre minha cabeça, me alimentou, me vestiu . . .'

'Ele fez? Quantas vezes você teve que tomar café da manhã quando estava crescendo? Arranjou roupas para vestir? Quantas vezes você teve que vesti- *lo* porque ele estava bêbado demais para fazer isso sozinho? '

Agora, Daisy fez uma pausa. Karen percebeu que suas palavras o atingiram.

'Olha, amor, eu posso ver que você me odeia . . que você pensa que me odeia . . mas, por favor, entenda que eu nunca te deixei .'

'Besteira.'

'Eu não aguentava mais. A bebida, o abuso - '

- Você estava grávida, vadia. Não minta para mim. '

'Sim, eu tive um caso, sim, eu estava grávida, mas por que você acha que isso aconteceu? Porque meu marido desistiu de mim, desistiu da vida, tudo o que estava interessado era de onde viria a próxima garrafa, mesmo quando a fazenda aos poucos se desintegrou à nossa volta. '

'Você está mentindo.'

'Bryan me ofereceu amor, uma saída -'

- Então por que você não me levou?

Agora Karen hesitou. De repente, ela se sentiu esmagada pela culpa, oprimida pela vergonha, anos de tristeza reprimida a alcançando.

'Eu . . eu queria, acredite em mim, eu queria . .'

Daisy estava olhando para ela, com raiva e não convencida.

- Mas Bryan, ele . . ele não queria o filho de outra pessoa. Eu já estava grávida de gêmeos e naquela época ele não tinha muito dinheiro. Ele tinha um pequeno apartamento de um quarto, enquanto a fazenda era tão grande que você morava lá.

'Você me abandonou.'

- Eu sei, eu sei - Karen respondeu, com lágrimas escorrendo pelo rosto agora. - E

gostaria de não ter feito isso, gostaria de ter tido forças para enfrentá-lo, mas estava em uma situação péssima. Eu tive que fugir e no momento - '

"Foi um preço que valeu a pena pagar."

A interjeição de Daisy foi amargamente zangada e Karen agora abaixou a cabeça.

- Sim - murmurou ela finalmente. - Mas me arrependo desde então. Eu realmente gostaria de poder voltar no tempo, ser a mãe que deveria ter sido.

- Continue dizendo isso a si mesmo. Mas você e eu sabemos a verdade. Eu vi você se afastar de casa, observei você até o fim da pista. E você *nunca* olhou para trás, nem uma vez.

'Por favor, amor, coloque-se no meu lugar . . .'

- Você não dava a mínima para ninguém além de você.

'Isso não é verdade.'

- Você fingiu que eu nunca existi. Eu era o seu segredinho sujo. '

'Não, não, eu sempre pensei em você -'

'Mas eu não recebo uma menção no seu perfil do Facebook. "Mãe de dois meninos adoráveis", diz. '

Mais uma vez, Karen parecia envergonhada.

'Isso foi ideia de Bryan, ele achou que seria confuso . . '

- Bryan, Bryan, Bryan. Quando você vai perceber que tudo isso é sobre você , Karen? Culpe-o se quiser, mas é o seu coração negro que é o problema.

- Por favor, Daisy, não faça isso.

- Engraçado como você quer falar comigo agora, não é? Daisy isso, Daisy aquilo.

Quantas vezes você disse meu nome nos últimos dez anos? '

'Muitas vezes. Tenho falado muito sobre você, tenho orado por você e - '

Daisy riu, balançando a cabeça em descrença divertida.

- E nunca parei de amar você. Nunca.'

O tom de Karen era pesaroso, mas insistente.

'Eu escrevi para você.'

- O que diabos você fez.

- Escrevo para você todos os aniversários, no Natal. Bryan não me deixou visitar, mas queria que soubesse que estava pensando em você . .

"Nunca vi um cartão."

'Eu mandei dinheiro também. Eu sabia que a fazenda estava passando por dificuldades e não queria que você sofresse, então mandei £ 50 cada semana para comprar roupas, livros . .

- Não minta para mim.

- Tínhamos tanto e você tão pouco, mas suponho que seu pai usava o dinheiro para beber, em vez de dar a você . .

- Cale a boca, vadia! Apenas cale a boca! '

Enfurecida, Daisy ergueu a arma, apontando-a diretamente para Karen. Mas quando ela começou a apertar o gatilho -

- Não faça isso, Daisy.

Daisy se virou para ver uma Helen sem fôlego em pé no quarto. Imediatamente ela saiu correndo do banheiro, indo diretamente para o intruso indesejável.

"Eu deveria ter matado você na primeira vez que nos encontramos", a jovem sibilou, erguendo a arma.

- Você teve sua chance, mas agora acabou. Este é o fim da estrada, Daisy.

- É como se fosse.

- Venha cá, Karen - disse Helen com firmeza, voltando-se para a mãe apavorada.

Karen correu para o quarto e, de repente, congelou quando a arma de Daisy voltou a girar em sua direção.

- Isso é inútil, Daisy. Você não vai fugir, então, por favor, me dê a arma.

Bem na hora, as sirenes da polícia puderam ser ouvidas. Ficando mais alto, chegando mais perto.

'Besteira. Eu vou matar vocês dois e ir embora antes mesmo que eles cheguem em mim.

"Isso vai ser muito difícil, especialmente porque você só tem *uma* chance restante."

Pela primeira vez, Daisy hesitou.

'Você deixou o resto de seus projéteis em Bray Road e já disparou uma vez, então . . .'

Os olhos de Daisy desviaram do policial para a mãe e de volta para o policial.

- Bem, então acho que terei de escolher, não é?

Enquanto falava, ela ergueu a arma, de modo que apontasse para o rosto de Helen mais uma vez.

'Eeny...'

Ela apontou a arma para a mãe.

'Meeny . . .'

Em seguida, de volta para Helen.

'Miny . . .'

Karen Anderson se encolheu quando os barris giraram em sua direção.

'Moe . . .'

Helen não se mexeu enquanto a arma se movia em sua direção mais uma vez.

'Pega um . . oh foda-se isso . . .'

Daisy agora mirava na cabeça da mãe. Mas, mesmo ao fazer isso, Helen moveu-se rapidamente pela sala, colocando-se entre mãe e filha.

'Saia do caminho.'

- Não posso fazer isso, Daisy.

- Isso é sobre ela, não você. Ela merece morrer - '

- Não, ela não quer.

'Ela merece sofrer, implorar, implorar por sua vida e *depois* morrer. Eu quero que ela saiba o que ela fez comigo - '

- Ela sabe, Daisy, acredite em mim, ela sabe, você não precisa mais puni-la.

'Alguém tem que pagar, por minha vida de merda, por todas as vezes que fui chutado, chutado e chutado de novo . . .'

- Então atire em mim.

'Saia da wa-'

'Quero dizer. Atire em *mim* . .'

119

20,53

O grito da sirene a cortou. Charlie já estava no limite, seus níveis de ansiedade aumentando constantemente, e o grito agudo só estava piorando as coisas. No passado, ela gostava de usar blues e twos - as luzes estroboscópicas e aquele barulho terrível e insistente que

fazia os motoristas se afastarem - mas esta noite o grito familiar a fez estremecer. Parecia angustiado, até triste, como se pressagiasse coisas ruins.

Ela seguiu em frente, mal diminuindo sua velocidade para menos de oitenta, apesar das condições hostis de direção. Ela estava à frente de um comboio de veículos da polícia correndo em direção à casa de Karen Anderson. As descobertas de DC McAndrew tinha sido suficiente para convencer Charlie que Helen *tinha* razão sobre o destino final de Daisy, de modo que ela ordenou que todos os veículos disponíveis para assistir à localização remota. Ela tinha certeza de que o fim estava próximo e ela não queria que Helen enfrentasse um assassino impiedoso sozinha.

Até agora o progresso tinha sido rápido e suave, mas agora Charlie viu as luzes traseiras de um trator levantadas à frente. Ela havia deixado as estradas B em favor de pistas rurais de pista única. No papel, parecia o caminho mais rápido para a casa dos Anderson - mas não se você estivesse preso atrás de um pesado veículo agrícola. Charlie apertou a buzina com violência, aumentando a cacofonia, e o motorista ergueu a mão em reconhecimento, aumentando um pouco a velocidade.

Era muito lento - muito lento - mas, apesar de sua raiva, Charlie sabia que havia pouco mais que o motorista pudesse fazer. Não havia lugar para encostar, então ele teria que continuar, levando seu velho trator ao limite de sua capacidade, enquanto os veículos da polícia paravam atrás dele.

Charlie praguejou violentamente, batendo o volante em frustração. E se Daisy já estivesse na casa de Karen? Não era da natureza de Helen ficar para trás e esperar por

ajuda. Se Karen ou os meninos estivessem em perigo, ela agiria para protegê-

los. Ela iria enfrentar o adolescente assassino, sozinha e desarmada. E então?

O trator avançou pesadamente, mas agora um Charlie desesperado viu sua oportunidade. À frente, uma pequena trilha saía da estrada para um campo fechado. Era apenas uma pequena faixa de lama sulcada, mas por alguns metros alargaria a estrada. Acionando o motor, Charlie esperou e esperou, então de repente correu para a frente, disparando para a direita do veículo largo e passando rápido de volta para a estrada. Ela fez isso por um centímetro, borrifando o fazendeiro assustado com lama e pedras, enquanto acelerava pela estrada.

Charlie estava convencido de que ela o tinha ouvido xingar tanto ela ao dirigir quanto a seu gênero, mas ela não se importou. Ela estava finalmente livre - e correndo em direção a Helen.

120

20,54

'Eu não estou brincando. Eu farei -'

Daisy apontou a arma para o rosto dela. Mas Helen não piscou, seus olhos fixos nos de Daisy. Havia uma estranha calma sobre ela agora.

- Ótimo - respondeu ela. 'Eu quero que você.'

'Isso é treta. Você não quer que eu te mate-'

'Sim eu quero.'

'Caia na real -'

'Você acha que estou blefando, mas . . você *não* tem *ideia de* como tem sido minha vida . . '

A voz de Helen tremia enquanto ela falava. Daisy olhou para ela, enervada com essa repentina demonstração de emoção.

'. . e talvez você não se importe. Mas minha vida está levando a este momento. Me levando até você. '

'Você está louco? Você nem mesmo sabe . .

- Já vi coisas que você nem pode imaginar. Eu fiz coisas que deixariam sua alma negra. E isso me deixou doente, Daisy. Doente da cabeça. Doente na alma. Então, por favor, me faça um favor. Puxe o gatilho.'

Daisy lançou um olhar para a mãe e depois de volta para Helen. Lentamente, ela deslizou o dedo em torno do gatilho.

'Eu mereço. Eu mereço ser punida pelo que fiz ', Helen continuou rapidamente. - E

mais, eu quero ser. Eu tive o suficiente. Não suporto mais me olhar no espelho, preciso de um pouco de . . paz. Portanto, não estou perguntando a você, Daisy. Eu estou te *implorando* . '

- É o seu funeral - sibilou ela.

- É minha *escolha* - Helen respondeu baixinho. 'Então faça.'

Os olhos de Daisy se estreitaram e ela começou a apertar o gatilho.

'Faça!' Helen rugiu.

121

20,56

Charlie dobrou a esquina a oitenta quilômetros por hora, o carro derrapando para o lado errado da estrada, antes que ela o puxasse de volta ao curso. A casa de Karen Anderson ficava logo à frente e ela pisou fundo nos últimos cem metros, parando bruscamente no final do caminho.

Abrindo a porta, ela saltou e começou a andar em direção à casa. Helen estava sem rádio há algum tempo e, ao se aproximar da casa, Charlie percebeu que a porta da frente estava aberta.

Instintivamente, Charlie sabia que algo estava muito errado e saiu correndo. Mas, ao fazer isso, ela ouviu um som que a parou de repente.

Um único tiro disparando.

122

20,57

A explosão encheu a sala, ricocheteando nas paredes. Mas agora um novo som podia ser ouvido - um grito longo, lento e agonizante. Karen Anderson estava cambaleando para trás, agarrando-se às paredes para se apoiar. Ela estava apavorada, em estado de choque e coberta por uma espessa camada de sangue, que grudou

em seu rosto e corpo. Ela bateu em uma cômoda e se agarrou a ela para salvar sua vida, incapaz de compreender a cena horrível à sua frente.

Helen estava no chão a menos de um metro dela. Seu rosto estava contorcido, ela estava coberta de sangue e suas mãos estavam presas a um enorme buraco no pescoço de Daisy. O tempo parecia ter parado quando seu captor apertou o gatilho, Helen se preparando para o impacto. Mas, no último momento, Daisy puxou os barris para longe e para cima, cravando-os na carne macia sob seu queixo. Helen se lançou em sua direção, desesperada para salvar a jovem, mas ela estava um segundo atrasada. A arma explodiu e Daisy caiu no chão.

Por um momento, Helen ficou desorientada e tonta, a força e o volume da explosão a enviando cambaleando para trás. Mas se recuperando, ela correu para frente, jogando-se no chão pela mulher ferida. O sangue escorria da ferida de impacto, a carne rasgada carbonizada com a explosão da queimadura, e Helen pressionou as mãos sobre o ferimento em uma tentativa desesperada de estancar o sangramento.

Mas quando viu o corpo brutalizado à sua frente, seus olhos pousaram no terrível ferimento de saída no topo da cabeça de Daisy. Metade de seu crânio e uma boa parte de seu cérebro tinham se soltado, catapultado para o outro lado da sala.

Helen continuou a pressionar, sem vontade de desistir, embora fosse claramente inútil. A jovem mulher não podia mais salvar - na verdade, ela provavelmente estava morta antes de cair no chão.

Freqüentemente, em seus diários, Daisy falara sobre seu desejo de autoimolação, sua necessidade de encerrar sua existência dolorosa e sem amor. Agora ela tinha conseguido o que queria.

123

21,02

Helen se afastou de casa. A modesta unidade estava cheia de policiais e paramédicos e eles correram para ajudá-la. Seus ouvidos ainda estavam zumbindo, sua cabeça latejava e ela sabia que parecia uma visão, mas Helen os repeliu. Charlie não a convenceu a fazer um exame, então eles provavelmente não a convenceriam.

Helen não queria ficar um segundo a mais do que o necessário. Ela cumpriria seu dever, falaria com os oficiais presentes, mas seu trabalho aqui estava feito. Karen Anderson estava sendo tratada por choque, os meninos estavam sendo reunidos com seu pai e Charlie poderia lidar com a operação de limpeza. Helen não queria demorar - ela queria se limpar, lavar o sangue de Daisy dela, embora soubesse que a mancha desta noite duraria muitos anos.

Ela salvou Karen Anderson, mas não conseguiu impedir Daisy de levar sua vida curta e difícil a um fim calamitoso. Daisy estava além da redenção, além da ajuda?

Helen não acreditava nisso e queria dar a Daisy uma chance de expiar, talvez até de curar. Mas, naquela fração de segundo, Daisy tomou uma decisão, optando pela aniquilação em vez da prisão. E, ao fazer isso, ela poupou Helen.

Helen quis dizer o que disse a Daisy? Naquele momento, as palavras pareceram vir tão facilmente para ela e certamente *pareceram* certas. Enquanto ela falava, Helen estava de volta em um espaço diferente - transportada para uma época há alguns anos, quando outra pessoa apontou uma arma para sua cabeça - e desta vez ela esperava um resultado diferente. Ela certamente tinha acreditado que Daisy ia atirar e olhou para os canos, severa com desafio e determinação, mas ela realmente queria que ela puxasse o gatilho?

Talvez fosse uma pergunta impossível de responder. Talvez ela nunca soubesse.

Tudo o que estava claro era que Daisy havia tomado a decisão por ela. E Helen teria que viver com as consequências.

124

10,02

Foi um dia muito frio. O outono se rendeu ao inverno - as folhas agora mortas e perdidas - e a temperatura havia caído. Parada na esquina da rua, exposta e com frio, Helen puxou a saia, constrangida. Ela sempre usava calças, mas um terno de trabalho não era apropriado hoje, então ela abriu uma exceção, apesar de suas preocupações sobre a aparência que isso fazia. Ela estava ainda mais preocupada com sua maquiagem e puxou um pó compacto de sua bolsa, verificando seu rosto no pequeno espelho. Duas semanas se passaram desde aquele dia terrível e a maioria dos solavancos e arranhões de Helen havia diminuído. O hematoma em seu rosto era mais difícil de esconder, apesar de seus melhores esforços, e Helen observou seu reflexo com

resignação. Ela esperava estar um pouco melhor para o funeral de Joanne.

Era um dia que ela sabia que estava chegando, mas mesmo assim era terrível. Ela estava ansiosa para voltar ao trabalho imediatamente, para ajudar na investigação de acompanhamento. Mas o Superintendente Chefe interveio, ordenando que Helen tirasse algumas semanas de folga. Como resultado, Helen mal tinha visto a equipe desde a morte de Joanne e não teve chance de avaliar sua reação aos eventos traumáticos daquele dia. Charlie, claro, tinha sido um visitante regular nesse ínterim e garantiu a ela que a equipe estava abalada, mas desafiadora, decidida a continuar seu bom trabalho em nome de Joanne. Helen tinha ficado

muito grata pelo apoio de Charlie, assim como ela estava agora ao vê-la parar no meio-fio. Ela decidiu dar uma pausa no ciclismo por um tempo e pediu a sua velha amiga para buscá-la.

- Você está linda - anunciou Charlie, enquanto Helen se sentava ao lado dela.

- Não precisa mentir, Charlie. Eu pareço um boxeador de saia. '

'Um boxeador muito bem-vestido,' Charlie rebateu bem-humorado, enquanto ela se afastava.

Eles conversaram no caminho para a igreja, Charlie interrogando Helen sobre sua recuperação e sendo gentilmente interrogado sobre o estado da investigação.

Helen ouviu suas respostas, mas não conseguiu absorvê-las totalmente, sua mente já se voltava para o que estava por vir. Ela concordou sem hesitar em falar no

funeral, mas agora se perguntava se essa teria sido a escolha certa. Ela era a superiora de Joanne, por isso era esperado dela, mas como seu elogio soaria para a família, amigos e colegas de Joanne, muitos dos quais sabiam das recentes dificuldades entre eles? Eles pensariam que ela tinha duas caras? Insincero? Não poderia haver dúvida de recuar - isso seria além de terrível -, mas Helen se perguntou por que ela não pediu a Charlie para fazer isso em vez disso. Charlie conhecia Joanne muito melhor do que ela.

A conversa caiu em silêncio enquanto eles se aproximavam da igreja. As pessoas estavam de pé na calçada, ansiosas para prestar seus respeitos enquanto o caixão passava. Helen reconheceu alguns dos rostos - funcionários administrativos e de apoio de Southampton Central - mas muitos outros eram simplesmente cidadãos comuns que acabaram homenageando um oficial falecido. Foi uma visão humilhante e Helen sentiu que estava afetando Charlie tanto quanto ela.

Estacionando em um estacionamento próximo, o par caminhou decididamente em direção à igreja. A experiência ensinou a Helen que as situações desconfortáveis eram melhor enfrentadas de frente, então ela manteve um ritmo acelerado até chegarem aos degraus da igreja. Agora eles diminuíram a velocidade e quando Charlie colocou uma mão de apoio no braço de Helen, ela se afastou para permitir seu espaço superior para prosseguir. Atendendo a uma ordem de serviço, Helen entrou no impressionante interior gótico da igreja.

A antipatia de Helen pela religião era bem conhecida, mas até ela se surpreendeu com a beleza da igreja esta manhã. As roupas dos enlutados eram coloridas (conforme solicitado pela família), as velas abundantes e

lírios rosa e brancos estavam por toda parte. Eram as flores favoritas de Joanne e o perfume e a beleza que proporcionavam exerceram um efeito calmante em Helen. E agora, enquanto caminhava em direção ao seu lugar na frente da igreja, ela ficou surpresa ao ver vários rostos amigáveis se virando para ela. Quase todo o Southampton Central estava presente, assim como o prefeito e outros dignitários locais. Ela até avistou Emilia Garanita, que parecia sombria e respeitosa em seu terno escuro, sem dúvida meditando sobre o quão perto *ela* esteve da morte.

Para a surpresa de Helen, as massas reunidas olharam para ela não com hostilidade, mas com alívio, até mesmo felicidade. Eles pareciam satisfeitos por ela estar se recuperando dos ferimentos e por estar preparada para liderar as homenagens a seu colega caído. Essa boa vontade estendeu-se até mesmo à família de Joanne - seu pai acenando com a cabeça para Helen, de maneira amigável, enquanto ela ocupava seu lugar na segunda fila. Helen ficou mais comovida do que ela poderia dizer, sorrindo brevemente, antes de se enterrar na ordem do serviço.

Foram inúmeras leituras espalhadas entre os hinos e orações tradicionais, muitos dos amigos, colegas e parentes de Joanne ansiosos para celebrar uma vida vivida com paixão, propósito e determinação. Enquanto Helen percebia isso, ao se virar para olhar filas e filas de enlutados tristes, mas decididos, atrás dela, ela não pôde deixar de refletir sobre o amor e a afeição que Joanne inspirava. Em seus momentos mais sombrios, Helen ocasionalmente especulava sobre como seria seu próprio funeral. Se ela conseguisse comandar até a metade do número de pranteadores que Joanne tinha, ela ficaria profundamente satisfeita, pois não havia mais nem

mesmo lugar para ficar em pé na igreja lotada. Então aqui estava a evidência, se necessário, da incrível contribuição que Joanne deu em sua vida relativamente curta. Esta era uma mulher que viveu, amou, lutou e resistiu sem nunca perder seu senso de propósito.

Esta era uma mulher que fez a diferença.

125

10,48

O enlutado solitário estava ao lado do túmulo, olhando para os caixões abaixo. O

cemitério de Botley Parish ficava a poucos metros da fazenda onde Daisy e Michael viveram e atendia aos propósitos de todos, sendo pequeno, discreto e fora do caminho. O vigário inicialmente se refreou com a ideia de enterrar um assassino em massa com uma de suas vítimas, mas os apelos apaixonados de Karen Anderson acabaram conquistando-o. Não havia dúvida de perdoar Daisy ou tolerar seus crimes, mas Karen havia argumentado energicamente que a pequena quantidade de amor Daisy *tinha* recebido em sua perturbada vida tinha vindo quase exclusivamente de seu pai e que era justo que eles devem ser estabelecidas para descansar juntos . Ela havia ignorado qualquer reclamação que Jason Swift pudesse fazer para sua filha - ela nem queria *pensar* sobre ele. Para ela, ele era problema de outra pessoa.

Os gêmeos estavam na escola, sem saber do compromisso de hoje. Eles sabiam pouco sobre Daisy - haviam ficado sabendo mais sobre a meia-irmã nos jornais do que durante os oito anos anteriores - e, além disso, Karen não queria audiência para esse dever

particular. Ela sabia que muitas pessoas a odiavam, sentia que toda a tragédia era sua culpa. Em grande medida, ela concordou com eles e sentiu-se tentada a se esquivar de seu dever, dolorosamente ciente da hipocrisia de bancar a esposa e mãe amorosa *após* o acontecimento. Mas, no final, era por isso que ela *tinha* que estar aqui - seu pecado de omissão, sua ausência da casa da família tinha sido o catalisador para esses eventos terríveis, então era sua responsabilidade honrar aqueles que perderam suas vidas, Daisy incluída.

Ela optou por uma lápide conjunta, para desencorajar as pessoas de vandalizá-la, apenas com seus nomes e datas nela. Nenhuma citação das escrituras, nenhuma mensagem, apenas um simples registro de duas pessoas que viveram e morreram.

A cerimônia foi curta ao ponto da franqueza, mas o vigário não foi antipático.

Karen ficou especialmente grata por sua discrição sobre quando e onde o culto

seria realizado e por sua firmeza ao lidar com o punhado de repórteres que compareceram ao processo de penetração. Eles estavam esperando por ela, do lado de fora dos portões, e Karen sabia que teria que enfrentá-los em breve. Mas eles podiam esperar um pouco mais.

Por enquanto, ela era necessária aqui, para oferecer orações por um marido e uma filha que mereciam algo melhor.

126

11,16

'DS Joanne Sanderson deu sua vida para salvar outras pessoas.'

Helen manteve a voz firme e clara, ciente dos muitos rostos que se voltaram para ela. Ela havia começado seu discurso com uma mensagem pessoal para a família de Joanne, mas agora mantinha o olhar fixo no fundo da igreja, enquanto se encaminhava para a conclusão.

'Isso não foi feito para glória pessoal, mas porque era seu dever. Joanne tinha ambição - qual de nós pode reivindicar isso? - mas ela nunca foi impulsionada por ele. Para ela, o importante era fazer o seu trabalho. Ela estava determinada a não ser considerada deficiente, a encarar todas as crises e perigos sem vacilar, a preservar a vida e a liberdade daqueles que ela estava encarregada de proteger.

Ela nunca se esquivou de seu dever, nunca colocou seus próprios interesses em primeiro lugar - ela era altruísta, corajosa e comprometida. Ela representou o que há de melhor em cada um de nós e, embora sentimos muita falta dela, ela continua a nos inspirar, lembrando aos que seguem que nossa primeira responsabilidade na vida é sempre para com os *outros*, nunca para nós mesmos. '

Helen ponderou essas palavras ao se juntar à congregação ao lado do túmulo de Joanne pouco depois. Os últimos meses foram os mais sombrios de sua vida e em algum momento ao longo da linha ela se tornou desconfiada, desconfiada e zangada. Como resultado, ela falhou com Joanne, talvez custando-lhe a vida.

Ninguém mais viu dessa forma, mas para Helen Joanne o legado pessoal era claro.

Se ela quisesse continuar a cumprir *seu* dever, como policial e como ser humano, Helen teria que aprender a confiar novamente. Só assim ela poderia se tornar uma verdadeira líder mais uma vez.

Era hora de se afastar das trevas em direção à luz, para abraçar tudo o que havia de bom nos outros e *em si* mesma. Qualquer outra coisa seria a maior traição de todas, por isso Helen resolveu tornar-se uma pessoa melhor, comprometer-se novamente no serviço aos outros, no combate ao bom combate.

Ela continuaria a caminhar em direção ao fogo.

O INÍCIO

Deixe a conversa começar . .

Siga o Penguin [Twitter.com@penguinUKbooks](https://twitter.com/penguinUKbooks)

Mantenha-se atualizado com todas as nossas histórias

[YouTube.com/penguinbooks](https://www.youtube.com/penguinbooks)

Fixar 'Penguin Books' em seu [Pinterest](https://www.pinterest.com/penguinbooks)

Curta 'Penguin Books' em [Facebook.com/penguinbooks](https://www.facebook.com/penguinbooks)

Ouçã Penguin em [SoundCloud.com/penguin-books](https://www.soundcloud.com/penguin-books)

Saiba mais sobre o autor e

descubra mais histórias como esta em [Penguin.co.uk](https://www.penguin.co.uk)

MICHAEL JOSEPH

UK | USA | Canadá | Ireland | Australia India | Nova Zelândia | África do Sul Michael Joseph faz parte do grupo

de empresas Penguin Random House, cujos endereços podem ser encontrados em

global.penguinrandomhouse.com.

Publicado pela primeira vez em 2017

Copyright © MJ Arlidge, 2017

O direito moral do autor foi afirmado. Imagens da capa © Alamy e © Shutterstock ISBN: 978-1-405-92564-8